UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

UM BARCO QUE VELEJE NESSE (IN)FORMAR:

A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL EM CAMPINA GRANDE (2009-2020)

CAMPINA GRANDE – PB
2020

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

UM BARCO QUE VELEJE NESSE (IN)FORMAR:
A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL EM CAMPINA GRANDE (2009-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.
Linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade

CAMPINA GRANDE – PB
2020

R219b Raposo, Thiago Acácio.

Um barco que veleje nesse (in)formar : a história pública digital em Campina Grande (2009-2020) / Thiago Acácio Raposo. - Campina Grande, 2020.

200 f. il. : color.

Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2020.

"Orientação: Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade.

Referências.

1. Retalhos Históricos de Campina Grande. 2. SESI Museu Digital. 3. História Digital de Campina Grande. I. Andrade, Vivian Galdino de. II. Título.

CDU 94(813.3)(43)

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELO BIBLIOTECÁRIO GUSTAVO DINIZ DO NASCIMENTO CRB-15/515

THIAGO ACÁCIO RAPOSO

***UM BARCO QUE VELEJE NESSE (IN)FORMAR*:**

A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL EM CAMPINA GRANDE (2009-2020)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção do título de Mestre em História.
Linha de pesquisa: História Cultural das Práticas Educativas

Orientadora: Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade

Aprovada em: 27/08/2020.

BANCA EXAMINADORA

Vivian Galdino de Andrade
SIAPE 18187770
DE/CCHSA/UFPB

Profa. Dra. Vivian Galdino de Andrade
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Orientadora

Prof. Dr. Carlos Adriano Ferreira de Lima
Universidade Estadual da Paraíba - UEPB
Examinador Externo

Azemar dos Santos Soares Júnior

Prof. Dr. Azemar dos Santos Soares Júnior
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – PPGEd/UFRN
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Examinador Interno

Profa. Dra. Rita Cristiana Barbosa
Universidade Federal da Paraíba - UFPB
Suplente Externa

Prof. Dr. Iranilson Buriti de Oliveira
Universidade Federal de Campina Grande – PPGH/UFCG
Suplente Interno

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ÀS 8:30 horas do dia 27 de agosto de 2020 (dois mil e vinte), realizada por videoconferência, a Comissão Examinadora da Dissertação de Mestrado apresentada pelo aluno **Thiago Acácio Raposo** , intitulada: **UM BARCO QUE VELEJE NESSE (IN)FORMAR: A HISTÓRIA PÚBLICA DIGITAL EM CAMPINA GRANDE (2009-2020)** para obtenção do grau de Mestre, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso decidiu conceder ao mesmo o conceito APROVADO, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Vivian Galdino de Andrade (Orientadora-PPGH/UFCG), Azemar dos Santos Soares Júnior (Examinador Interno), Carlos Adriano Ferreira de Lima (Examinador externo). Assinam a presente Ata os membros da Comissão Examinadora, o Coordenador José Otávio Aguiar e o Secretário do PPGH/UFCG Yaggo Fernando Xavier de Aquino, para os devidos efeitos legais.

Parecer: O trabalho dissertativo atende aos rigores técnicos e metodológicos exigidos pelo PPGH. Ressaltamos ainda a importância de tema e a indicação imediata para publicação.

Lista de Presença

Orientador(a)	Vivian Galdino de Andrade	
Examinador(a) interno(a)	Azemar dos Santos Soares Júnior	
Examinador(a) externo(a)	Carlos Adriano Ferreira de Lima	
Coordenador(a)	José Otávio Aguiar	
Secretário	Yaggo Fernando Xavier de Aquino	

Campina Grande-PB, 27 de agosto de 2020.

Prof. Dr. José Otávio Aguiar
Unidade Acadêmica de História
Universidade Federal de Campina Grande
SIAPE 1350982

Vivian Galdino de Andrade
SIAPE 18187770
DE/CCHSA/UFPB

Dedico este trabalho a todos aqueles que, assim como eu, precisam enfrentar a árdua tarefa de conciliar estudos e o trabalho. Já dizia o tio Nietzsche: “o que não me mata, me torna mais forte”. Nunca desista de seus sonhos!

Agradecimentos

Confesso que terei que me esforçar para não fazer destes agradecimentos a maior parte de minha dissertação. Tenho muito o que agradecer. Sem apoio de pessoas queridas, eu não teria conseguido chegar até aqui, por isso, sinto a necessidade de deixar claro que as páginas que se seguem não foram escritas apenas por mim, mas também por familiares, professores, amigos e alunos, que me inspiraram no decorrer de minha trajetória acadêmica.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande (PPGH-UFCG), pela constante luta e aperfeiçoamento do programa, com o intuito manter viva a pesquisa histórica na cidade. Sendo importante mencionar o papel desenvolvido por essa instituição na formação de profissionais que atuam desde o ensino básico até a graduação, reafirmando a importância social da educação pública de nosso país, responsável por mudar a vida de inúmeras pessoas.

Nesse sentido, também vale a pena citar o papel desempenhado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) na concessão de bolsas, pois, mesmo não sendo um aluno bolsista, reconheço a importância desse agente financiador no desenvolvimento das pesquisas no Brasil. Fui bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) durante a graduação e por isso sei bem o quanto essa ajuda financeira incentiva a continuidade dos estudos e do aperfeiçoamento profissional.

Durante a graduação, fui orientado pela professora Maria do Socorro Cipriano, tanto em projetos de iniciação científica, quanto no próprio Trabalho de Conclusão de Curso. Sendo uma profissional exemplar e que foi capaz de identificar em mim, um aluno de turmas noturnas – normalmente desprezadas, por ter que conciliar estudo e trabalho – como um potencial pesquisador e profissional, atuando como uma figura central no meu desenvolvimento acadêmico e pessoal.

No mestrado tive a sorte de ser orientado por uma pessoa tão maravilhosa quanto Cipriano. Eu poderia escrever umas cem páginas elucidando os motivos pelos quais sou grato a Vivian Galdino de Andrade, figura central no meu desenvolvimento intelectual e acadêmico. Não apenas orientadora, mas também amiga e psicóloga, que muitas vezes me segurou quando eu não suportava o peso das pressões acadêmicas e profissionais, sempre me conduzindo a

enfrentar meus obstáculos e a transformar as minhas dores em combustível para a vitória. A esse exemplo de ser humano e profissional, meus eternos agradecimentos.

Dentro desse contexto de apoio, não poderia deixar de falar de Nathalya Carvalho, cuja beleza coloca a Vênus de Botticelli no bolso. Esposa, companheira e melhor amiga. Foi aquela que mais me incentivou a superar meus desafios, sempre puxando minha orelha quando queria desistir, me inspirando a continuar e a nunca baixar a cabeça. Eu te amo com todas as forças de meu coração e por isso gostaria de deixar registrado esse sentimento nesse texto que também representa uma parcela de mim. Obrigado!

A minha família eu devo não só um breve agradecimento, mas a minha eterna gratidão por terem sido a base de minha vida. Quando minha mãe Maria partira, acerca de 19 anos atrás, fui acolhido por Acildo (cunhado/pai), Micheline (irmã/mãe) e Berenice (tia/mãe), figuras responsáveis pela minha formação moral e pela garantia de acesso a uma educação escolar de qualidade. Infelizmente, minha tia Berenice não está aqui para presenciar mais um passo de meu crescimento, mas reforço o papel dessa mulher na minha trajetória de vida. Família essa completada por minhas sobrinhas/irmãs Abgail e Maria Emanuely. A única coisa que poderia dizer é: amo muito vocês!

Quando encontrei minha companheira de vida, acabei ganhando também uma outra família. Sebastião (sogro), Luciene (sogra) e Emelly (cunhada) me acolheram como um membro da família, cuidando de mim e me dando muito carinho. Vocês também influenciaram aquilo que sou hoje. Por isso, obrigado.

Não poderia deixar de mencionar o quanto sou grato a Thuca Kércia e a Bruno Gaudêncio, meus compadres e colegas de profissão, que muito me ajudaram com informações relativas a história de Campina Grande e ao *SESI Museu Digital*. Peço perdão pelas mensagens enviadas pelo *Whatsapp* após às 00h, mas era o único momento disponível para escrever. Vocês estão inscritos em minha vida, são pessoas das quais sinto muito carinho. Obrigado por tudo!

Agradeço a Emmanuel Sousa – administrador do *Retalhos Históricos de Campina Grande* – e a equipe do *SESI Museu Digital* pela receptividade e disposição em oferecer informações a respeito de seus respectivos espaços. Sem vocês, não teria sido possível a execução dessa pesquisa.

Retornando para a UFCG, não poderia deixar de agradecer ao professor Azemar dos Santos, figura fundamental no amadurecimento de minha pesquisa e também no quesito profissional, representando não apenas um professor, mas um irmão mais velho que encontrei, no qual "aperriei" bastante durante esses dois anos. Sem dúvida, suas aulas ao lado da professora Vivian foram as que mais contribuíram para mim, não só em termos de conteúdo,

mas também de leveza, provocando diversas gargalhadas sinceras e tornando o dia mais dinâmico e divertido.

Agradeço de igual modo ao professor Iranilson Buriti, primeiro professor da pós-graduação a qual tive contato, ainda como aluno especial da disciplina de Metodologia da Escrita em 2017, ajudando na construção do meu primeiro Projeto de Pesquisa. Além disso, tive a experiência de estágio supervisionado pelo professor Iranilson na disciplina de Complementação da Prática de Ensino, enriquecendo minha prática pedagógica.

De igual modo, não poderia deixar de agradecer ao professor Carlos Adriano, responsável pela avaliação externa do meu trabalho, pontuando caminhos e orientações de maneira bastante agradável, tornando a tão temida qualificação um debate entre profissionais da História. Me valendo desse espaço para também agradecer a professora Rita Cristiana Barbosa, que aceitou ser a suplente da avaliação externa desse trabalho. Meus mais sinceros agradecimentos!

Pontuo minha gratidão a todos os funcionários, professores e alunos do PPGH/ UFCG, em especial aqueles que pertencem a linha III – a qual faço parte –, onde conheci pessoas maravilhosas e estreitei laços com outros que já conhecia. Meus mais sinceros agradecimentos a: Rafael Nobrega, Eulina Souto, Josélia Ramos, Dulce Edite, Eduardo Sebastião, Fabiano Melo, entre outros, cujos nomes a memória escondeu no momento da produção desses agradecimentos. Obrigado por tornar a experiência do mestrado mais agradável.

Agradeço também a minha turma de graduação, em especial a Érika Herculano, Bruna Cristina, Aline Almeida e Welington Sousa. Meus primeiros passos acadêmicos foram muito prazerosos graças a companhia de vocês.

Não poderia deixar de mencionar também a contribuição de dezenas de professores e milhares de alunos aos quais entrei em contato durante minha vida, fortalecendo o papel da minha escolha e incentivando a busca por uma educação mais justa e igualitária para o país, além de influir diretamente nas minhas escolhas.

SCAN ME

Resumo

A popularização das novas tecnologias digitais, no final do século XX, provocou uma série de alterações no modo como a humanidade lida com o mundo ao seu redor, conduzindo a novas formas de sentir e pensar. Essas manifestações também interferem na maneira como esses indivíduos se relacionam com o tempo e com a história, reconfigurando suas percepções a respeito do passado e interferindo diretamente na produção e no consumo de narrativas. Neste certame, nos questionamos sobre que tipo de história anda sendo produzida e compartilhada pelos suportes digitais em Campina Grande, cidade do interior paraibano, entre 2009 e 2020. Foi por meio do SESI Museu Digital e do museu virtual Retalhos Históricos de Campina Grande que identificamos as principais iniciativas de uma "história" digital sobre esse município. Nesse movimento, dialogamos com diversos pesquisadores que estudam a relação entre a sociedade e a internet, como François Dosse, Serge Noiret e Anita Lucchesi, bem como o sociólogo Manuel Castells e os filósofos Pierre Levy e Jorge Larrosa, para discutir a sociedade em rede, o ciberespaço e a experiência sensível provocada/vivenciada nestes ambientes. Em termos metodológicos, trabalhamos com a análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin, para sistematização dos dados coletados nas redes sociais, assim como a História Comparada, balizada pelas considerações de José d'Assunção Barros, que nos permitiu o cruzamento de informações entre as propostas apresentadas pelos conteúdos históricos dos museus. A História Pública Digital, aliada a História Cultural, nos ofereceu subsídios para caminharmos teoricamente pelas fontes, entre elas vídeos, fotografias, hipertextos, entrevistas, reportagens, postagens e etc., que permitiram a constatação de que esses dois espaços digitais atuam como lugares de memória, tal qual pensara Pierre Nora. Esses canais de divulgação atrelam uma determinada orientação historiográfica para narrar uma cidade dita "moderna" e em constante desenvolvimento. Eles dão novas roupagens aos discursos ditos tradicionais, frutos de uma história que estabelece o passado da cidade a partir de uma ótica progressista e harmoniosa.

Palavras-chave: Retalhos Históricos de Campina Grande; SESI Museu Digital; História Digital de Campina Grande.

Abstract

The popularization of the new technologies, in the end of the 20th Century, caused a series of modifications in the way humanity deals with the world around it, conducting to new ways of feeling and thinking. These expressions also interfere in the way how these individuals relate to the time and history, reconfiguring their perceptions about the past and directly interfering in the production and the consumption of narratives. In this event, we wonder about what kind of history is being produced and shared by the digital in Campina Grande, inland city of Paraíba, between 2009 and 2020. It was through the Digital Museum of SESI and the virtual museum Retalhos Históricos de Campina Grande that the main initiatives of a digital "history" of this County were identified. In this movement, we dialogued with many researchers that study the relationship between the society and the internet, as François Dosse, Serge Noiret, Anita Lucchesi, as well as the sociologist Manuel Castells and the philosophers Pierre Levy and Jorge Larrosa, to discuss the network society, the cyberspace and the sensitive experience provoked or experienced in these environments. In methodological terms, we worked with content analysis proposed by Laurence Bardin, for systematization of the collected data in the social networks, as well as the Compared History, marked out by the considerations of José d'Assunção Barros, that allowed the cross-check between the submitted proposals by the historical contents of museums. The Digital Public History, combined with the Cultural History, offered us subsidies to make a theoretical walk through the fonts, in between videos, photographies, hypertexts, interviews, posts etc., that allowed the finding that these two digital spaces act as memory places, such as Pierre Nora thought. These dissemination channels harness a particular historiographical orientation to narrate a so-called modern city in a constant development. They give new models to the so-called traditional speeches, results of a history that set the city past from a progressist and harmonious point of view.

Keywords: Retalhos Históricos de Campina Grande, Digital Museum of SESI, Campina Grande Digital History

Lista de Ilustrações

Figura 1 – Página inicial do *Orkut* 47
Figura 2 – Sítio eletrônico do *SESI Museu Digital* 83
Figura 3 – Fachada do *SESI Museu Digital* 86
Figura 4 – Monumentos e Museus no largo do Açude Velho 89
Figura 5 – Monumento Os Tropeiros da Borborema 90
Figura 6 – Planta do *SESI Museu Digital* 93
Figura 7 – Vista panorâmica do Tropel 95
Figura 8 – Descanso dos Tropeiros 98
Figura 9 – Os Ciclos Econômicos 101
Figura 10 – Uso da tecnologia de Realidade Virtual 103
Figura 11 – Mapa Digital 106
Figura 12 – Postagens sore o Açude Velho 107
Figura 13 – Matéria sore o Açude Novo 109
Figura 14 – Publicação sobre o Parque da Criança 110
Figura 15 – Postagem sobre o Parque do Povo 111
Figura 16 – Matéria sobre o Museu do algodão 114
Figura 17 – Postagem sobre o prédio da FURNE 115
Figura 18 – Praça Clementino Procópio 117
Figura 19 – Memória fotográfica da rua João Pessoa 118
Figura 20 – Rua Maciel Pinheiro 119
Figura 21 – Estrangeiros que fizeram da cidade sua morada 120
Figura 22 – *Selfie* 123
Figura 23 – *Karaokê* 124
Figura 24 – Cidade Industrial 127
Figura 25 – Signos do Moderno 128
Figura 26 – Cidade da Cultura 132
Figura 27 – Cidade da Grandeza 134
Figura 28 – Topo da página do *blog Retalhos Históricos de Campina Grande* 140
Figura 29 – *Homepage do Retalhos Históricos de Campina Grande* no *Youtube* .. 147

Figura 30 – *Homepage do Retalhos Históricos de Campina Grande* no *Facebook*..... 148
Figura 31 – *Homepage do Retalhos Históricos de Campina Grande* no *Instagram* 149
Figura 32 – *Homepage do Retalhos Históricos de Campina Grande* no *Twitter*... 151
Figura 33 – Divulgação do *blog História esperancense* no *RHCG*..... 154
Figura 34 – *Blog História Esperancense* divulga o *RHCG*..... 155
Figura 35 – Postagem destacando o descaso estatal..... 162
Figura 36 – O "bonito" prédio dos Correios 164
Figura 37 – Entrevista com Josué Silvestre 168
Figura 38 – Registros de si no *RHCG* 170
Figura 39 – Entrevista com Gilberto Gil 172
Figura 40 – Cine-Theatro Apollo na década de 1920 Cine-Theatro Apollo na década de 1920 174
Figura 41 – Corrida de *kart* em Campina Grande 175
Figura 42 – Relembrando a Boate Skina 177
Figura 43 – Primeira Igreja protestante de Campina Grande 180

Lista de Quadros

Quadro 1 – Pontos elencados pelo Mapa Digital 106

Quadro 2 – Lista de personagens homenageados pela seção Campina Grande Acolhedora 121

Quadro 3 – Músicas disponíveis no *Karaokê* do *Museu Digital*..... 125

Quadro 4 – Eixos temáticas no *RHCG*..... 159

Lista de Gráficos

Gráfico 1 – Distribuições das publicações no *blog Retalhos Históricos de Campina Grande* 157

Lista de Abreviaturas e siglas

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
CG	Campina Grande
CHESF	Companhia Hidrelétrica do São Francisco
CNI	Confederação Nacional das Industrias
CSS	*Cascading Style Sheets*
DJ	*Disc jockey*
FIEPB	Federação das Indústrias do Estado da Paraíba
FURNE	Fundação Universitária de Apoio ao Ensino, Pesquisa e Extensão
HD	*Hard Disk*
IHCG	Instituto Histórico de Campina Grande
IHGB	Instituto Histórico e Geográfico Paraibano
IHGP	Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro
IP	*Internet Protocol anddress*
MAAC	Museu de Artes Assis Chateaubriand
MAC	Museu de Arte Contemporânea
MACG	Museu do Algodão de Campina Grande
MUVA	Museu Virtual de Artes
PB	Paraíba
RHCG	Retalhos Históricos de Campina Grande
SENAI	Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
SESI	Serviço Social da Indústria
TV	Televisão
UDN	União Democrática Nacional
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
URNe	Universidade Regional do Nordeste
HTML	*HyperText Markup Language*

Sumário

INTRODUÇÃO 18

Velejadores: os sujeitos que transitam pelo mundo digital 23

Das rotas a serem navegadas: Retalhos Históricos de Campina Grande e o SESI Museu Digital 26

CAPÍTULO I - AS HISTÓRIAS DE CAMPINA GRANDE EM TEMPOS DIGITAIS 32

1.1 Metamorfose humana: relações entre os sujeitos e as tecnologias digitais 36

1.2 Os desafios epistemológicos da História na Era Ciber 42

1.2.1 #Fonteshistóricas: a construção de arquivos virtuais e os desafios da conservação... 46

1.2.2 #Hipertexto #Hipermídia #Ciberlinguagem: a escrita da história na Era Ciber 52

1.2.3 #Históriadigital: escritas colaborativas e a atuação da História Pública Digital 55

1.3 Estabelecendo rotas, reunindo ferramentas: manifestações da história de Campina Grande 61

1.3.1 Nossa bússola metodológica: uma história comparada de ilhas digitais 62

1.3.2 Navegando pela historiografia campinense: olhares sobre o passado de Campina Grande 66

1.3.2.1 #Primeira_Geração: relatos memorialísticos e a elaboração de uma história dita "oficial" para Campina Grande 68

1.3.2.2 #Segunda_Geração: escritas acadêmicas sobre o passado campinense 76

CAPÍTULO II - NO TROTE DO PASSADO DIGITAL: AS HISTÓRIAS DE CAMPINA GRANDE NAS TRAMAS DO SESI MUSEU DIGITAL 82

2.1 Museus na Era da Informação: o caso do SESI Museu Digital 84

2.2 Desbravando Campina Grande pelo Museu Digital 92

CAPÍTULO III - FRAGMENTOS DE VIDAS E REPRESENTAÇÕES DO PASSADO CAMPINENSE NO RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE 137

3.1 A emersão do RHCG: notas sobre um projeto colaborativo 139

3.2 Formatos e conexões: os contornos do museu virtual 146

3.3 História "pública" no RHCG 158

3.3.1 Narrativas digitais do passado campinense no RHCG 163

CONSIDERAÇÕES FINAIS? 183

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 186

APÊNDICE A – PERSONAGENS DO CAMPINA GRANDE ACOLHEDORA.....197
APÊNDICE B – TEMAS PRESENTES NO BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE 198
ANEXO A – RECONHECIMENTO DO SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA.....200

Introdução

Içando velas: a História e o mundo digital

A história aqui contada situar-se-á em um passado próximo, cujos fragmentos ainda podem ser encontrados diante de nossos olhos ou entre nossos ouvidos. Um passado inscrito e transcrito em outro mundo, o digital, cujos vestígios de nossa existência passam a habitar. Diferente do espaço físico, onde podemos encontrar terra firme, os terrenos digitais se escondem em meio a um gigantesco oceano que nos rouba a vista. Essas águas não são constituídas por uma fórmula química, mas por um conjunto de *bytes*[1] que armazenam diversas informações.

Mas, não nos enganemos. Essas águas não são tranquilas. Elas apresentam tormentas capazes de levar aqueles que a exploram para ilhas paradisíacas ou tenebrosas, mas não à terra firme. Chamemos de ilha todo endereço virtual (*sites, blogs*[2]*, redes sociais, etc.)*, pequeno local banhado por águas digitais por todas as direções. Diferente das ínsulas do mundo físico, que são isoladas, as ilhas digitais se conectam a outras, formando uma verdadeira teia digital. Estas ilhas são temporárias, encontradas no momento que alguém decide desembarcar nela. Nesse processo, trazem consigo parte daquilo (dados) que estava disponível nas profundezas oceânicas. Submergem, ao passo que a âncora do navio é recolhida, preparando-se (atualizando-se) para o próximo visitante. O único espaço chamado de ilha neste trabalho e que não se enquadra nessa perspectiva é o *SESI Museu Digital*[3] que, conforme veremos, possui outras formas de conectar sua história digital com outros espaços e pessoas, não utilizando apenas a *internet* para isso.

Incluso nesse debate digital, não poderia deixar de tentar tornar meu texto o mais próximo do ambiente que analiso. Sinalizo para o leitor que a experiência da leitura digital desta dissertação apresentará elementos inacessíveis aqueles que pretendem fazê-la com seu formato

---

[1] O byte é um dos tipos de unidades utilizados para especificar a quantidade de armazenamento e de memória disposta por um equipamento computacional. Ele é uma sequência de 8 bits. Um bit, ou dígito binário, é a unidade básica e mínima que os computadores e sistemas digitais utilizam para trabalhar. Ele pode assumir apenas dois valores, 0 ou 1. Disponível em: <http://producao.virtual.ufpb.br/books/camyle/introducao-a-computacao-livro/livro/livro.chunked/ch02s01.html>. Acesso em 29 jun. 2019.

[2] O *blog* é um sítio eletrônico de estrutura simples e, por isso, de fácil utilização. Novos artigos (conteúdos) são enviados para o endereço em periodicidade variante, podendo ser diário, semanal, quinzenal, mensal ou de maneira aleatória, agradando aos interesses do público alvo ou do administrador da mesma. Emergem como uma possibilidade de endereço virtual para pessoas que desejam compartilhar com outras suas ideias, experiências e/ou negócios.

[3] Durante nossa investigação utilizaremos os termos *SESI Museu Digital* e *Museu Digital* de Campina Grande de maneira análoga, seguindo um posicionamento compartilhado pela comunidade e imprensa campinense.

impresso. No corpo dessa narrativa ele encontrará diversos *hiperlinks*, tal qual uma página virtual, que apresentam outras possibilidades e indicações de leitura complementares dispostas em endereços digitais, em especial ao *Retalhos Históricos de Campina Grande (RHCG*) (que compõe, juntamente com o *SESI Museu Digital*, os espaços analisados por essa pesquisa). O conteúdo apresentado por elas conta uma parte da história de Campina Grande, cidade do interior paraibano com 155 anos de emancipação política.

A utilização do formato hipertextual já é empregado em artigos disponíveis na plataforma *Scielo*, apontando que talvez esse movimento simbolize o futuro da produção científica no país e no mundo, realidade a qual a Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT) ainda precisa se adaptar.

Diante disso, gostaria de convidar aquele que aqui se debruça sobre este texto para uma viagem por águas imateriais. Os preparativos para esta visita foram feitos em uma doca − a Universidade Federal de Campina Grande − onde encontrei as ferramentas e os companheiros necessários para navegar em direção ao nosso destino. Navegaremos rumo ao *SESI Museu Digital* e ao *Retalhos Históricos de Campina Grande,* em uma perspectiva comparativa de narrativas do passado apresentadas por cada uma, a fim de encontrar as tessituras da História Pública Digital da cidade.

Antes disso, é preciso assinalar que no meio do percurso tive o auxílio de professores, que como faróis nortearam minhas escolhas e caminhos. O mastro da embarcação, base necessária para içar as velas, nos foi oferecido pela História Comparada (BARROS, 2007) – método historiográfico empregado em pesquisas que desejam comparar dois ou mais objetos, identificando similitudes e contrapontos –, nos quais encontramos a base metodológica para nossa pesquisa, empregado aqui com o objetivo de comparar os dois lugares citados no parágrafo anterior. A essa percepção, soma-se a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977), permitindo a sistematização e análise qualitativa de dados quantitativos.

Teoricamente, nos embasamos na História Cultural das Práticas Educativas[4] (PESAVENTO, 2013; LARROSA, 2002). Esse campo se apresenta para nós como um lugar dentro da própria História Cultural – corrente historiográfica que se debruça sobre as manifestações diversas experiências culturais humanas. Observar essas práticas educativas sob a perspectiva cultural permite ao pesquisador identificar suas manifestações no campo das

[4] Também representa o posicionamento teórico da Linha de Pesquisa III – História Cultural das Práticas Educativas – do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Campina Grande, a qual fazemos parte. As pesquisas desenvolvidas por essa Linha analisam as múltiplas formas de aprendizagem humana em um contexto histórico/cultural, oferecendo um olhar mais sensível sobre essas experiências.

sensibilidades, frutos da interação dos sujeitos com os outros, com os objetos, com a história e consigo. Esse campo oferece a nossa investigação perspectivas que permitem a análise das práticas educativas realizadas por uma/pela História Pública Digital campinense.

Essa História Pública Digital (NOIRET, 2015) – campo historiográfico também atrelado a História Cultural –, investiga o modo como a história é concebida no ciberespaço, em suas múltiplas facetas. Um passado que se torna público mediante a participação de parte da comunidade no processo de construção da mesma, possibilitando formas mais democráticas de produção da história. No capítulo que se segue, esses debates serão aprofundados. Por isso, continuemos com a apresentação de nossa proposta.

Venho de terras digitais. Desde que me lembro, os aparelhos digitais estiveram presentes em minha vida. Seja o videogame, com gráficos distantes da realidade, se comparados com os de hoje, ou o telefone celular que, inicialmente, de tão grande podia ser utilizado como encosto de porta. Esse lugar de nascimento e pertencimento marca a minha existência e aponta as escolhas que definiram os caminhos a serem trilhados aqui. Sou um membro da geração y[5], cuja formação superior pauta-se em investigar um dado, anteriormente tecido e costurado por meio de fontes históricas impressas, advindas de fundos documentais dispersos e fragmentados. Sou um velejador que navega em águas do passado e do presente, mas que molha os pés em mares digitais.

Aportei na UFCG em 2017, ainda durante a tão temida seleção de mestrado que provocara arrepios até nos mais tranquilos dos seres. Minha proposta inicial não se assemelha a atual em quase nada, pretendia investigar a utilização de memes[6] nas aulas de história. Mas logo os faróis deixaram claro o quão difícil seria estabelecer um trajeto para uma temática tão ampla e subjetiva. O maior desses faróis – Vivian Galdino de Andrade – começou a apontar outras possibilidades de viagem, bem mais relevantes em termos acadêmicos e de maior fôlego investigativo. A luz apontava para as já citadas ilhas digitais. O objeto de estudo mudou, mas a proposta de investigar a história virtual foi mantida.

[5] Segundo Palfrey e Gasser (2011), a Geração Y é formada pelos "nativos digitais", ou seja, sujeitos que nasceram no início dos anos 1990 quando as novas tecnologias entraram nas sociedades com muita intensidade. Mais à frente discutiremos tal conceito, empregado inicialmente pelo educador Prensky (2001) e que acredita que o mundo pode ser dividido em dois grupos: os nativos digitas, nascidos e criados no universo informatizado; e os imigrantes digitais, nascidos na era analógica, mas que migraram para o mundo informatizado no decorrer de sua vida.

[6] Meme é a mistura de imagens de personagens conhecidos, ou não, com frases engraçadas ou irônicas, compartilhadas massivamente nas redes sociais digitais. É um humor bastante crítico, inteligente e que leva o consumidor a pensar sobre seus significados. Para compreender este tipo de produção artística é preciso conhecer o contexto histórico por trás de sua produção, identificando o posicionamento político, social e cultural de seu criador (RAPOSO, 2017).

A internet, a qual temos acesso hoje (2020) – levando em consideração sua forma, velocidade, meios e protocolos – não é a mesma dos anos 1990, muito menos aquela utilizada durante o período da Guerra Fria (1947-1991). Ela já passou e ainda passa por diversas transformações, compreendidas pelos estudiosos (GUTIÉRREZ, 2012; SILVA, B. 2016; DA SILVA, E. 2016) como fases, de modo que é possível, assim como tudo o que é humano, identificar uma historicidade própria, confeccionada pelo ciberespaço. O mundo virtual reflete as inquietações de seus usuários, sempre ávidos por novidades, ao passo que também provoca mudanças nestes. O filósofo francês Lévy (1999) observa que o virtual também faz parte da realidade, um real semântico que existe e interfere na realidade concreta, concebido fora da rede. Em suas palavras:

> A virtualização não é uma desrealização (a transformação de uma entidade num conjunto de possíveis), mas uma mutação de identidade, um deslocamento do centro de gravidade ontológico do objeto considerado: em vez de se definir principalmente por sua atualidade (uma 'solução'), a entidade passa a encontrar sua consistência essencial num campo problemático (LÉVY, 2011, p. 17-18).

De acordo com o autor, que também é um dos maiores estudiosos do mundo digital, o conceito de virtualidade está associado ao campo da significação, com a qual a humanidade convive desde seus primórdios. O que os aparelhos eletrônicos fazem é justamente estabelecer uma ponte entre esse mundo abstrato e o nosso, tornando possível, mesmo que de maneira limitada, essa conexão.

Não me deterei na produção de uma narrativa que reconta histórias sobre a chegada da internet e seus "avanços" técnicos, outros trabalhos já trataram essas e tantas outras questões (CASTELLS, 1999; LÉVY, 1999)[7]. Meu objetivo consiste em investigar como a História Pública Digital (NOIRET, 2015) de Campina Grande, cidade do interior paraibano, é produzida e difundida na rede e fora dela. Essa História Pública Digital sobre Campina Grande representa um grande arquipélago, onde encontramos diversas ilhas ou nós, tomando de empréstimo a expressão de Deleuze e Guattari (1995). Esses autores compreendem o conhecimento sob a forma do *rizoma*, terminologia pertencente a botânica, onde o saber não possui início, meio ou

[7] O sociólogo Manoel Castells (1999) investiga as relações estabelecidas em rede, buscando identificar os sinais que configurariam uma sociedade neste ambiente. Observa de que modo a tecnologia modificou a história e o ser humano, denominando o advento do universo virtual como uma verdadeira revolução. Ele não se debruça sobre a história da internet, mas sob sua influência na vida dos homens. Seu olhar está atento para as relações estabelecidas entre o *ciber* e o universo capitalista, marcado pelo informacionalismo, pela globalização e pelo surgimento de uma nova economia. A percepção sobre as alterações do comportamento humano proporcionadas pelo desenvolvimento desses novos signos de modernidade permite a identificação da imersão de uma cibercultura, conectando o pensamento deste autor ao de Lévy (1999).

fim, apenas nós que correspondem aos encontros. Esse debate será retomado e ampliado no Capítulo I.

Nesse trabalho, tomarei como enfoque a atuação do museu virtual *Retalhos Históricos de Campina Grande* e do *SESI Museu Digital*. Essas ilhas não são as únicas a tratar do passado campinense fazendo uso de recursos ou meios tecnológicos, todavia elas se destacam perante as demais[8] por conta do alcance, da interação com o público, da quantidade e qualidade dos documentos disponibilizados e por ela serem reconhecidas oficialmente pela Prefeitura Municipal de Campina Grande, evidenciando sua importância social.

O *Museu Digital* está localizado as margens do Açude Velho, em prédio que também simboliza o monumento em homenagem aos 150 anos de emancipação política da cidade, representando interesses da iniciativa privada que se articulam com as elites políticas locais, apresentando uma história oficial da cidade sob o formato digital. As representações pensadas por esse espaço se esforçam para apresentar uma cidade moderna, tecnológica, industrial e que está sempre à frente de seu tempo. Vale mencionar, porém, que o acesso a esse conteúdo só pode ser feito no prédio onde a exposição está instalada.

O *RHCG* assume uma posição mais ampla ao se apresentar como expressão colaborativa da memória campinense, abrindo espaço para a divulgação de textos e registros documentais de qualquer pessoa. Esse museu virtual possui como endereço principal um *blog*, assumindo, todavia, outros formatos – *Facebook*, *Instagram*, *Youtube*, *Twitter* – para ampliar o acesso, a qualidade e a quantidade das informações reunidas pelo projeto. Essa extensão a outras redes também representa uma tentativa de se reinventar perante as constantes transformações características do ciberespaço. Nesse espaço, encontramos diversos documentos que foram enviados pela comunidade campinense e que representam um acréscimo significativo ao acesso de fontes sobre o passado da cidade, trazendo à tona diversos registros familiares, em especial fotografias – que correspondem a maior parte do acervo desse museu virtual. Normalmente, esse material apresenta consigo algumas representações do passado campinense que em muito se assemelham aquelas encontradas no *SESI Museu Digital*.

Ambos os espaços, como veremos, se articulam por meio de narrativas que parecem se complementar, reforçando expressões de uma história tradicional (REIS, 1996) da cidade, onde heróis são glorificados e as fontes parecem falar por si só a "verdade" sobre outros tempos. Minha investigação começa em 2009, ano de criação do *Retalhos Históricos de Campina*

[8]A termo de exemplo, podemos citar a *História da Educação Paraibana*, a *Memória Campinense*, *Campina Grande memória: fotos, patrimônio e cultura*, a *Memória Fotográfica de Campina Grande*, o *IHCG – Instituto Histórico de Campina Grande*, a *Memória do Futebol Amador de Campina Grande*, entre outros.

Grande, e se encerra nos dias atuais (2020), levando em consideração que ambos os espaços continuam em atividade. Sendo assim, vale a pena mencionar que este trabalho se insere nos debate em torno da História do Tempo Presente (DOSSE, 2012), ao passo que se debruça sobre as reminiscências do passado no presente, na contemporaneidade do que já não é mais contemporâneo. Nas linhas que se seguem, estarei desenvolvendo algumas discussões que visam a contextualização sobre a relação entre o homem e as tecnologias digitais, fortalecendo esse debate em torno da história em *bytes*.

Velejadores: os sujeitos que transitam pelo mundo digital

Com a popularização das tecnologias digitais, uma série de mudanças[9] começaram a ser gestadas em todas as esferas da vida humana, provocando alterações no modo como esses sujeitos lidam com o tempo, com os outros, com o mundo e consigo mesmo. Esse processo acaba transformando esses homens – em variadas intensidades – em navegadores de um oceano, que tem como premissa o rompimento de todas as fronteiras existentes no mundo físico – inclusive a linguística. Esse rompimento, todavia, é incapaz de sobrepor por completo as manifestações culturais locais. Nesse sentido, presenciamos a formação de uma cultura cada vez mais glocalizada, que mescla elementos locais e globais (NOIRET, 2015).

Dentro desse contexto, encontramos os sujeitos que habitam nossa pesquisa. Esses são perpassados por essa por essa cultura compartilhada pelo/no ciberespaço e pelo uso de equipamentos digitais no dia a dia, influenciando suas decisões, gostos e pontos de vista, influindo, inclusive, no modo como o passado é concedido. Prensky (2001) acredita que esse mundo digital é navegado por dois grupos: os *nativos digitas*, nascidos e criados no universo informatizado; e os *imigrantes digitais*, nascidos na era analógica, mas que migraram para o mundo informatizado no decorrer de sua vida.

[9] No caso da *internet*, encontramos algumas fases: **Web 1.0** surgiu por volta dos anos 1980, sendo conhecida como a primeira geração da internet, caracterizando-se pela presença de princípios estáticos, aonde os usuários poderiam encontrar informações. No começo dos anos 2000, surge a segunda geração da internet, conhecida como **Web 2.0**, aonde passou a ser possível a produção de informações pelos usuários (não apenas o acesso, como na Web 1.0) e a interação entre estes indivíduos por meio das redes sociais e dos *blogs*. A **Web 3.0** diz respeito a um avanço no campo semântico, aonde os conteúdos e informações passam a ser organizadas de maneira inteligente, permitindo aos usuários a apresentação de perguntas aos programas, que são capazes de identificar por meio de palavras-chaves a intenção dos usuários, fornecendo materiais mais adequados. A **Web 4.0** diz respeito a surgimento um sistema operacional universal, caracterizado por uma inteligência artificial intrinsecamente interligado ao usuário, onde o sujeito está sempre ligado, e a qual nós estamos inseridos. Observa-se que estas fases da web são complementares, evoluindo em decorrência do avanço científico e das inquietações humanas. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/7-coisas-que-o-classico-cyberpunk-neuromancer-previu/https://www.idealmarketing.com.br/blog/web-4-0/>. Acesso em 14 fev. 2019.

Kirschner e Bruckere (2017) publicaram um estudo intitulado *The myths of the digital native and the multitasker* (Os mitos do nativo digital e do multitarefa) com o objetivo de contrapor o pensamento de Prensky e de denunciar o uso dos conceitos desenvolvidos por ele sem a devida criticidade. Entre os argumentos apresentados, os autores afirmam que o educador estadunidense acaba desenvolvendo um trabalho que parte de mera subjetividade, sem o devido aprofundamento teórico e rigor metodológico, atribuindo funções e talentos inatos a todos aqueles que nascem "*nativos digitais"* e desqualificando aqueles que nasceram "*imigrantes"*, condenados a viver em um mundo no qual jamais se encaixariam por completo, restando sempre o "sotaque" do mundo analógico. Os autores criticam também o fato de que, para Prensky, os nativos teriam a capacidade inata de executar multitarefas, enquanto os imigrantes dificilmente conseguiriam. Eles afirmam que tal crença vai contra a maioria dos estudos da área de psicologia sobre o tema, que trazem à tona a percepção de que o ser humano só consegue executar duas tarefas caso uma delas aconteça de maneira automatizada, desconstruindo o argumento proposto pelo educador estadunidense.

Selwyn (2009) segue a mesma linha crítica dos dois pensadores citados ao questionar o determinismo tecnológico proposto por Prensky. O autor australiano parte da perspectiva crítica construtiva do espaço virtual, apontando para a necessidade de pesquisas empíricas a respeito da relação entre a educação e as tecnologias, desmistificando as utopias criadas em torno desse processo e difundidas por jornais e por "gurus da educação". O autor identifica o uso acrítico das ideias de Prensky, o que acabou por dificultar os debates acerca da relação entre os sujeitos e as tecnologias digitais.

Diante desse quadro acalorado de discussões em torno da população virtual, se torna pertinente perceber como essa nova forma de vida – a on-line – acaba por provocar o surgimento de novos hábitos e comportamentos característicos dos navegantes de *bytes*, inseridos naquilo que o Lévy (1999) chama de cibercultura. Assim como os traços culturais existentes no ambiente físico, no mundo virtual a humanidade configura e reconfigura diariamente características de conduta próprias, como, por exemplo, uma linguagem específica (PRENSKY, 2001), modos diferentes de lidar com a música (PALFREY; GASSER, 2011) e uma sensibilidade distinta da era analógica (DE BRITO, 2008). Essa nova forma de vida acaba produzindo diferentes vestígios que, como veremos, tornam mais complexa a operação historiográfica (CERTEAU, 1988).

As águas avançam, permitindo a seus navegadores irem cada vez mais longe. Estes viajam de maneira ativa, já que a maior parte de suas escolhas nascem de sua própria subjetividade. Cada um passa a ser capitão de seu próprio navio, escolhendo as direções e os

ventos a serem seguidos. Nessa viagem, o canto das sereias (algoritmos[10]) seduzem alguns, conduzindo-os para uma "apatia" virtual, apontando os caminhos a serem seguidos. Esse estado enfraquece a sensibilidade emocional do navegante, guiando-o a uma experiência mais fugaz. Mas até mesmo a passividade humana é uma questão de escolha subjetiva, tal qual observara Sartre (1997), acreditando que a escolha seja a única determinação que cabe ao ser humano perante a liberdade total.

Esses sujeitos também assumem a tarefa de escrever sobre suas experiências em seu diário de bordo, muitas vezes metamorfoseado em suas páginas pessoais nas redes sociais digitais – *blogs,* canais no *Youtube*, *Facebook, Instagram*, entre outros –. Todavia, o modo como essa viagem acontece, depende das ferramentas conhecidas e utilizadas por cada navegador. Daí emerge a importância de sermos alfabetizados digitalmente (MARCUSCHI, 2004), para que sejamos capazes de utilizar melhor as ferramentas disponíveis e para que tenhamos uma viagem mais "segura".

O mundo digital pode democratizar os espaços de fala, permitindo que os sujeitos sejam os protagonistas/autores de sua própria história, ao passo que também permitem uma posição mais atuante destes no processo de escrita do passado. Os escritos produzidos pelos profissionais da história passam, com a popularização da internet, a serem observados pelos usuários do ciberespaço[11], que questionam qualquer narrativa que eles não se identifiquem. De igual modo, esses sujeitos também contribuem para a construção do passado, ao passo que comentam textos e apresentam novas fontes, produzindo uma história a várias mãos, parafraseando Chartier (2014).

Assim como as formas de escrita mudaram com as tecnologias digitais, com a leitura não podia ser diferente. Chartier (2010) já nos alertava que a mudança de suporte pode provocar transformações nas práticas de leitura. A hipertextualidade, linguagem característica desse mundo digital, acabou ampliando as possibilidades de leituras não-lineares e que permitem ao

[10] Algoritmo é um elemento de linguagem matemática amplamente utilizado no mundo virtual, no qual sites e programas acabam identificando as preferências de uma pessoa ou de um conjunto de pessoas, com o intuito de aperfeiçoar seu desempenho. A termo de exemplo, posso citar a ferramenta de busca *Google*, que aperfeiçoa seu desempenho a partir do arquivamento de pesquisas e conteúdos selecionados pelo usuário, com a finalidade de sempre conduzir este ao caminho "mais apropriado", levando em consideração o banco de dados armazenado. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/03/30/tecnologia/1522424604_741609.html>. Acesso em 13 dez. 2019.

[11] O termo *cyberespaço*, de sentido análogo a versão portuguesa, ao que parece, foi utilizada pela primeira vez pelo romance distópico *cyberpunk* "Neuromancer". Todavia, nessa obra o *cyberespaço* era concebido quase que de maneira física. A obra também inseriu conceitos de *inteligência artificial avançada*, uma *rede de matrix*, *hackers, etc.* dando destaque para o gênero *cyberpunk* e influenciando as obras posteriores sobre a temática do avanço tecnológico. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/turma-do-fundao/7-coisas-que-o-classico-cyberpunk-neuromancer-previu/>. Acesso em 13 jan. 2020.

leitor escolher por qual caminho percorrer. A sociedade da informação passa a exigir para si uma organização textual mais objetiva, que apresente em um curto espaço de tempo as informações que desejo adquirir (CASTELLS, 1999), estimulando preferências por leituras mais curtas, que acabam por gestar hábitos de leitura fragmentadas, conduzindo muitas vezes o leitor ao erro interpretativo (CHARTIER, 2010) e a aceleração da história, que condena o presente à memória (NORA, 1993).

Seguindo a mesma lógica, nesse espaço virtual, as relações temporais também sofrem alterações. Muitas vezes, presente e passado se misturam, provocando relações temporais mais voláteis, onde o presente rapidamente vira passado e este, por sua vez, acaba por ser desvalorizado ou esquecido. Sendo assim, os historiadores assumem um papel de intervenção na produção de escritas sobre o passado por aqueles que não o são, transformando a memória em história.

Dentro desse contexto mais democratizante, há-se a popularização dos blogs que, assim como as páginas de redes sociais, simbolizam uma transformação nas águas do universo virtual (DE ALMEIDA, 2011). Estas ilhas se configuram como espaços de compartilhamento de informações, verdadeiros diários on-line, onde os sujeitos se inscrevem e são inscritos, compartilhando ideias, acontecimentos, sugestões etc. Os historiadores do século XXI tem diante de si uma imensa quantidade de fontes de (ego)histórias[12], apontando para novas possibilidade de lidar com o passado, com a memória e com a própria história. Diante dessa infinidade de informações que permeiam o mundo digital, torna-se importante apontar quais foram os caminhos percorridos no decorrer desse texto.

Das rotas a serem navegadas: *Retalhos Históricos de Campina Grande* e o *SESI Museu Digital*

Com o avanço das águas digitais, que transformam tudo aquilo que tocam, a forma como a humanidade lida com o seu passado e com o presente sofre profundas transformações. A História Pública Digital surge, nesse contexto, como uma corrente historiográfica que apresenta a possibilidade de construção coletiva do conhecimento, onde o espaço público se transforma em um campo de pesquisa, elaboração e exposição dos resultados, apontando outras

[12] A ego-história é uma categoria caracterizada pela análise da própria história de um sujeito por meio da aplicação de metodologias próprias que permitem tentar aplicar um olhar investigativo sobre si mesmo, tantas vezes lançado sobre outros. Alguns historiadores que propuseram esse movimento foram George Duby, Pierre Chaunu e Pierre Nora.

possibilidades de construção do passado na rede e fora dela (NOIRET, 2015). Essa interação só se torna possível graças ao advento da *internet*, pois consegue conectar várias memórias individuais em torno de iniciativas de preservação dos registros de interesse comum.

Ao lidar com a história digital, o historiador se olha diante do espelho e não vê seu reflexo, como antes o fazia, já que as águas virtuais permeiam (em variadas proporções) os corpos daqueles que com/por ela se relacionam, reconfigurando sua própria existência. Com o advento das tecnologias digitais, ele precisa passar utilizar a câmera do seu *smartphone* para ser capaz de capturar, mesmo que por pouco tempo, sua imagem refletida no espelho. Os aparelhos eletrônicos acabam reconfigurando nossos sentidos, intermediando as relações inter e intrapessoais, sendo impossível ao historiador desconsiderar seus efeitos sob o modo como a humanidade lida com o seu passado.

Emerge-se a possibilidade de construção de uma história mais democrática, que conta com a intensa participação do público, seja para acrescentar ou para questionar algum comentário. A escrita da história ganha a possibilidade de romper as fronteiras acadêmicas e se instalar na internet. Fluida e escorregadia, confunde aqueles que estão acostumados a lidar com um passado "imóvel" e distante. A atuação do profissional da história na intermediação desse processo possibilita uma "reconstrução" do passado balizada pela aplicação de metodologias de validação da escrita colaborativa. Os historiadores públicos digitais possuem como perfil essa profunda interação com o ambiente virtual, atuando de maneira crítica e ativa diante dessa sociedade digital.

A termo de exemplo, posso citar o endereço eletrônico *Slave Voyages* que funciona como um banco de dados digital sobre o Tráfico de Escravos Transatlântico. O *site* é resultado de uma pesquisa colaborativa entre vários pesquisadores e instituições espalhadas pelo mundo, reunindo, analisando e disponibilizando em um único lugar, grande parte dos dados encontrados sobre o tráfico negreiro intercontinental. A nível local, posso citar o projeto cooperativo Registros Históricos da Paraíba, que representa uma iniciativa, sem vínculos com entidades ou empresas, que objetiva a catalogação e indexação de registros históricos da Paraíba dos séculos XVIII e XIX, favorecendo as pesquisas genealógicas e afins.

Me é interessante, aqui, investigar a relação entre a história pública digital e a produção do conhecimento historiográfico sobre Campina Grande, no qual destacam-se os já citados *Retalhos históricos de Campina Grande* e *SESI Museu Digital*. A primeira vez que o *RHCG* veio a superfície foi em agosto de 2009, marcando o ponto de partida de nossa investigação que se estenderá até os dias atuais (2020), visto que a página continua em atividade. Quando o *blog* – primeira manifestação desse museu virtual - foi criado, podemos supor, podia ser vista como

atrativa por apresentar o uso da linguagem hipermidiática, além de reunir um conhecimento de interesse comum. Todavia, atualmente (2020) ela ainda faz uso da mesma forma de organização espaço-virtual, não passando por atualizações estéticas e de suporte ao conteúdo, de modo que parte do material se encontra inacessível ou obsoleta.

O outro espaço a ser visitado, como já mencionado, é o *Museu Digital de Campina Grande* (como também é conhecido). Ele abriu suas portas ao público em novembro de 2017, oferecendo uma história digital da cidade, por meio de instalações tecnológicas que narram o processo de "evolução" de Campina Grande, elucidando personagens e eventos que contribuíram para a transformação espacial e econômica do município e que também reforçam a premissa de modernidade almejada por ela.

Todavia, outros nortes se desdobram e também são apontados pela bússola que orienta minha pesquisa, como o de: analisar de que maneira esse saber é produzido na rede e de que forma ele é representado, observando de que maneira a História Pública Digital de Campina Grande se apresenta perante os usuários da *internet* e também fora dela.

O que encontraremos nessa viagem? Ilhas paradisíacas? Monstros e armadilhas? Investigar a história digital produzida em/sobre Campina Grande abre um leque de discussões até então incomuns[13]. Estaria então aqui sua maior riqueza? Talvez. Quais são os discursos que povoam as narrativas sobre o passado campinense? Como as novas formas de produzir e pesquisar a história na/da rede estão se constituindo? Buscaremos perseguir reflexões que se voltem a dar respostas possíveis a estas e outras questões no decorrer deste texto. A certeza se apresenta diante de nós como inalcançável, por conta do próprio hibridismo do meu objeto, que se modifica e se reconfigura perante a fugacidade das informações, cujo excesso é, sem dúvida, uma das maiores marcas. Talvez tenha sido esse caos que tenha provocado as minhas inquietações iniciais a respeito do universo digital.

Entre vastos oceanos, velejaremos... sem saber ao certo aonde chegaremos. Mas a rota foi traçada, então vamos navegar! Nosso corpo e nossa alma, perpassados pela virtualidade de um mundo imaterial, reescrevem nossa existência a partir de novas experiências. Nossa história também se reinventa. Mas, que história não se (re)inventa[14]? O que temos são algumas narrativas discursivas (impressas/digitais/virtuais) que almejam se aproximar daquilo que um dia aconteceu e que, de certa maneira, habita aquele que escreve, pois só escrevemos sobre aquilo que sentimos, mesmo que não admitamos isso para nós mesmos. A história se reinventa

[13] Fora localizado apenas um artigo de conclusão de curso (SILVA, E. 2016).
[14] Albuquerque Júnior (2007) compreende a invenção do passado como um processo de criação histórica. A reinvenção seria então um processo duplo, ao inventar algo que já fora inventado.

a partir das indagações do tempo presente. Fluida, escorrega por entre os dedos daqueles que tentam segurá-la entre as mãos.

Ao refletir sobre o conto *O Jardim das Veredas que se Bifurcam* de Borges (1999), Foucault questiona a premissa do autor em pensar a possibilidade de um livro feito a muitas mãos e ao mesmo tempo por nenhuma, onde o discurso renasceria a cada leitura. Nas palavras do filósofo francês, tudo não passava de um "sonho lírico de um discurso que renasce em cada um de seus pontos, absolutamente novo e inocente, e reaparece sem cessar, em todo frescor, a partir das coisas, dos sentimentos, dos pensamentos" (FOUCAULT, 2012, p. 12).

Concordo com a observação de Foucault, por entender que as linhas discursivas atuam de maneira profunda nos sujeitos, (re)escrevendo suas existências a partir dos procedimentos discursivos a que estes são expostos. Todavia, a ideia de um texto escrito a várias mãos acabou ganhando ainda mais força com o avanço das águas digitais. Nesse espaço, não se há um discurso novo ou inocente, tal qual imaginara Borges, mas um discurso híbrido, plástico, cujo rosto se torna difícil ou impossível de ser definido. Isso se apresenta perante nós como um problema e, ao mesmo tempo, um desafio.

Apontando tais percepções para nossas ilhas, devemos ter como questão norteadora a observação de que as escritas do/sobre o passado campinense na *internet* e fora dela possuem uma série de discursos que reproduzem os modos de ver o passado compartilhados por sua comunidade. Esse debate me permitiu as seguintes indagações: os textos publicados pelos *Retalhos Históricos de Campina Grande* priorizam algum segmento social ou político? Que tipo de história o *SESI Museu Digital* busca perpetuar? Que tipo de discurso histórico é compartilhado por essas ilhas? Apresentam como característica uma releitura da tradicional história dos heróis? Ou priorizam as histórias de pessoas comuns? Ou mais ainda: misturam ambas? Estas e tantas outras questões surgem diante de mim como inquietações capazes de apontar caminhos a serem percorridos. Tentarei respondê-las nos capítulos que se seguem.

O primeiro capítulo, intitulado *As histórias de Campina Grande nos tempos digitais: apontamentos para uma História Cultural*, tem como objetivo discutir a relação entre a história e o universo digital, refletindo sobre o processo de transformação dos sujeitos perante o contato com o virtual, o modo como essas mudanças influenciam a maneira como o passado é concebido pelo público e como isso influencia o *métier* historiográfico. Os campos que embasam e perpassam os estudos sobre a história na internet - História Pública Digital (NOIRET, 2015) e a História do Tempo Presente (DOSSE, 2012) – são discutidas e articuladas com a História Cultural (PESAVENTO, 2013; LARROSA, 2002), base teórica que torna possível a investigação histórica da/na cibercultura. Desse contato, emerge a inquieta

preposição de se pensar a atuação dessas ilhas como lugares de guarda, produção e difusão de memórias. Trata-se de um capítulo mais conceitual e que objetiva a fundamentação da pesquisa.

No capítulo seguinte, intitulado *No trote do passado digital: as histórias de Campina Grande nas tramas do SESI Museu Digital*. Nesse ponto, ofereço uma visita guiada pela escrita e pelos recursos hipertextuais a esse espaço de memória da cidade, analisando como as histórias de Campina Grande são concebidas e reproduzidas por essa instituição museal. Esse processo leva em consideração as estratégias empregadas pelo espaço, onde estão dispostos diversos equipamentos tecnológicos que envolvem o visitante por meio de técnicas imersivas (MURRAY, 2003). Esse processo almeja seduzir os visitantes pelo projeto de história local pensado para o lugar, desempenhando trajetos em prol de uma educação dos sentidos (PESAVENTO, 2013; LARROSA, 2002).

Por fim, o terceiro capítulo, intitulado *Fragmentos de vidas e representações do passado campinense no Retalhos Históricos de Campina Grande*, objetiva uma análise sobre o conteúdo publicado no museu virtual, identificando suas correlações com a história tradicional da cidade. Neste tópico também discuto as relações estabelecidas entre os conteúdos e os visitantes do blog, vistos como consumidores, mas também como colaboradores e produtores de narrativas sobre o passado, fabricantes de uma história glocal (NOIRET, 2015). Para tanto, foram utilizados dados recolhidos no próprio *RHCG* em seus múltiplos formatos – *Blog, Instagram, Facebook, Twitter* e *Youtube* –, com destaque para as publicações que contaram com uma maior participação do público (seja em sua elaboração ou na discussão em torno do tema). Esses dados foram convertidos em uma catalogação temática disposta para análise.

As águas da história analógica se encontram com as dos mares digitais. Nessa junção, grandes ondas surgem, verdadeiros tsunamis, e acabam por transformar o modo de fazer história, seja na pesquisa, produção ou consumo. É preciso refletir sobre esse presente fundado em bases digitais e desenvolver pesquisas que busquem analisar as práticas educativas realizadas no ambiente digital, sejam elas produzidas por uma instituição ou autônomas. Trata-se de um campo de pesquisa pouco explorado na Paraíba e que oferece ao pesquisador inúmeras possibilidades de reflexão sobre o homem na contemporaneidade e sua relação com o passado histórico produzido e/ou representado na rede.

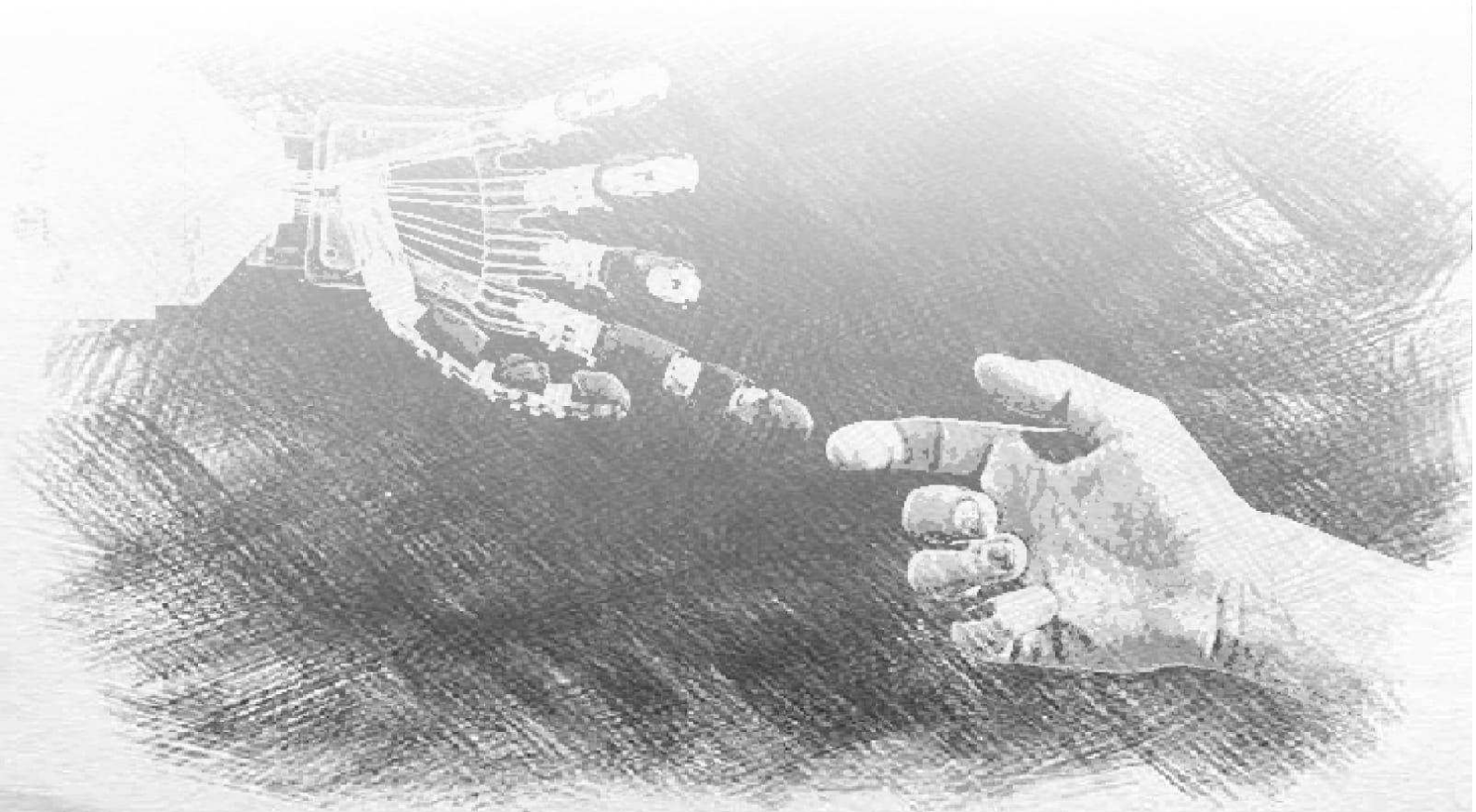
A partir de agora, tomarei para meu texto uma linguagem que engloba não apenas minha pessoalidade, mas a do conjunto de pesquisadores que corroboram de algum modo para minha pesquisa. O “eu” será substituído pelo “nós”, e neste "nós" o leitor também será incluso, pois compreendo que o sentido de um texto só é desenvolvido se contar com a participação do sujeito que o lê, onde, mesmo não concordando com as propostas apresentadas, participa ativamente

desse projeto dialógico e subjetivo. Assumo a partir de agora um papel de guia ou de, nas palavras de Nora (1993), um embarcador do tempo, conduzindo esta viagem pelas águas e ilhas desse oceano digital. Mas não nos prolonguemos. Venha leitor, suba a bordo. Segure-se bem e aprecie a viagem.

Capítulo 1

As histórias de Campina Grande em tempos digitais

SCAN ME



Pode parecer estranho, mas gostaríamos de começar este capítulo a partir da narrativa mítica judaico-cristã em torno de um Dilúvio[15], onde é relatado um acontecimento em que, pela vontade divina, o mundo teria chegado ao seu fim, para, em seguida, recomeçar. Em todo o globo, uma grande chuva teria caído por 40 dias e 40 noites, inundando toda a terra e ceifando a vida de todos os seres que viviam na terra ou no ar, com exceção dos escolhidos que estavam dentro de uma arca construída por Noé. Nesta embarcação, também estariam presentes um casal de cada animal existente na terra, garantindo a sobrevivência da mesma após a catástrofe apocalíptica. O dilúvio teria caído como um castigo divino contra as ambições e corrupções humanas. Passado o período determinado pela tal divindade, as águas recuaram e o mundo pôde então se reconstruir.

Metaforicamente afirmamos: estamos diante do Segundo Dilúvio proposto por Ascott e citado por Lévy (1999). Ele não é fruto de um castigo divino, mas do contínuo avanço do conhecimento humano. Seu tempo de duração é imprevisível. Suas águas não vieram para destruir esse mundo, mas, para remodelar suas fronteiras. Para transitarmos diante dele, será preciso construir algumas embarcações, reunir alguns instrumentos e convocar experientes marinheiros. Leitores, contemplemos! As águas avançam, o mundo se transforma. Metáforas aquáticas de um mundo tão complexo e misterioso quanto os oceanos físicos, que ainda hoje, depois de séculos de conhecimento acumulado, guardam segredos sobre sua força indomável. Seríamos capazes de desbravar as profundezas desses mares digitais? Sem os devidos cuidados, nos perderíamos na infinidade de informações e seríamos engolidos pelos constantes *tsunamis* de dados. É preciso apropriar-se de instrumentos e conhecimentos criados por outros navegadores mais experientes, para que nossa aventura seja mais segura e para que os riscos de falha sejam reduzidos.

O *Segundo Dilúvio* metaforiza bem a intensidade de informações que são despejadas pelo globo com o advento da *internet*. Lévy (1999) analisa tal premissa, percebendo que a emergência desse espaço virtual não significa que tudo pode ser acessado, mas que o todo é inalcançável. O autor escreve tais percepções no final do século XX, quando ainda se idealizava

[15] Tal evento é narrado por diversas culturas e sociedades em momentos históricos distintos e sob formas singulares. Destas uma das mais antigas é a Epopeia de Gilgamesh, antigo poema mesopotâmico escrito em linguagem suméria e que narra a trajetória de Gilgamesh em busca da imortalidade. Em um diálogo com os deuses, o protagonista toma conhecimento de um dilúvio que no passado destruíra toda a vida na terra, com exceção de um casal de cada espécie de animais que foram colocados em um barco. O casal de humanos teria se tornado imortal ao comer um fruto sagrado e apenas eles seriam capazes de ajudar na busca de Gilgamesh. Também podemos citar a *Epopeia de Atrahasis* (mesopotâmico), a narrativa grega em torna da história de *Deucalião e Pirra,* o mito hindu de *Matsya*, o *Uno Pachacuti* na mitologia Inca, entre tantos outros. Disponível em: <https://ensinarhistoriajoelza.com.br/diluvios-mitologicos/>. Acesso em 13 dez. 2019.

as mudanças provocadas pelo advento da Web 3.0, conhecida como "web semântica"[16]. Nesse contexto, hábitos são criados estritamente interligados ao ambiente virtual, que como uma segunda pele habita o corpo daquele que o navega. Linguagens, gêneros, crimes, condutas que desembocam em uma sociedade agora precedida pelo prefixo "ciber", constituída por dados, métricas, linguagens binárias e tudo mais que caracteriza esse oceano digital. Essas águas perpassam os corpos dos sujeitos e provocam ressignificações, levando-os a construir híbridas identidades e subjetividades sob a influência desse mundo líquido. Não se trata, apenas, da liquidez proposta por Bauman[17] (2011), onde tudo que era sólido se desmanchou[18] perante a fragilidade das relações entre os sujeitos, mas sim da multiplicidade de informações produzidas e reinventadas dentro de um espaço próprio e de uma cultura específica, a do ciberespaço e da cibercultura.

De acordo com Lévy (1999), estas águas virtuais são também conhecidas como ciberespaço, local onde um universo de informações se localiza. Esses mares nascem de mentes humanas e são também alimentadas por estas. Os comportamentos, as práticas e o cotidiano advindos desta imersão na rede passaram a ser definidos como cibercultura, marcadas também pelo surgimento e aprimoramento de suportes físicos que estabelecem pontes que ligam os mundos digital e físico e que, cada vez mais, parecem romper as distâncias que separam esses espaços, provocando a sensação de que ambos habitam o mesmo lugar, sem divisões visíveis. Nas palavras do autor:

> O ciberespaço (que também chamarei de "rede") é o novo meio de comunicação que surge da interconexão mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infraestrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ela abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo "cibercultura", especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço (LÉVY, 1999, p. 16-17).

Novos modos de sentir e pensar acabam por reconfigurar hábitos culturais, compartilhados entre os navegadores destas águas. Se uma nova cultura surge em meio a esse

---

[16] Tal característica está associada ao desenvolvimento da linguagem informacional, cujas métricas passam a estabelecer diversas formas de inteligência artificial, capazes de compreender os anseios de seus usuários, indo além das buscas por meras palavras-chave.

[17] O filósofo desenvolve uma análise sobre a sociedade contemporânea, caracterizada, segundo ele, pelo individualismo, pela efemeridade das relações e pela fluidez. Deste último, podemos retirar a grande marca de sua linha de raciocínio: amizade líquida, amor líquido, vida líquida, medo líquido, etc. Para ele, todos os aspectos da vida humana, na atualidade, são marcados pela imprevisibilidade e pela constante transformação. As certezas são diluídas, escorrendo por entre os dedos daqueles que a buscam. Nada permanece como antes, tudo muda muito rápido.

[18] Parafraseando também a frase proferida por Marx e Engels (2015) no *Manifesto Comunista* em 1848: “tudo o que era sólido se desmancha no ar”.

oceano que conecta todo o globo e que é capaz de fazer alguém viajar milhares de quilômetros em milésimos de segundos, esse fenômeno precisa ser estudado. Noiret (2015) nos chama a atenção para o fato de que a pesquisa histórica não pode deixar de perceber essa íntima relação produzida entre os sujeitos e o mundo digital. Essa observação corrobora com a premissa de Certeau (1988) a respeito de que a história é fruto de um contexto sociocultural. Outras áreas das humanidades não se eximem desse debate, configurando aquilo que fora denominado de Humanidades Digitais. Segundo Kirschenbaum (2010, p. 56, tradução nossa):

> As humanidades digitais, também conhecidas como computação em humanidades, são um campo de estudo, pesquisa, ensino e invenção relacionado à interseção da computação e as disciplinas das ciências humanas. É metodológico por natureza e interdisciplinar em escopo. Envolve investigação, análise, síntese e apresentação de informações em formato eletrônico. Estuda como essas mídias afetam as disciplinas em que são usadas.

Esse campo de estudo reúne uma série de ferramentas que tornam possível o desenvolvimento de pesquisas que avaliam a relação estabelecida entre as tecnologias digitais e os seres humanos. Em formato transdisciplinar, esse movimento busca analisar as transformações impulsionadas por essa nova realidade no campo da história, psicologia, filosofia, sociologia, entre outras áreas que possuem o ser humano como objeto de análise.

Na cibercultura, criaram-se novos costumes que ressignificaram as compreensões de estar e de ver o mundo. Os sujeitos inscreveram suas existências perante um mundo hiperconectado, fazendo da História Digital[19] uma possibilidade de produção, divulgação e aprendizagem de suas experiências. As águas da história se encontram com as digitais, possibilitando novas relações com o passado diante de um presente em constante transformação, cuja escrita passa a ser perpassada, em algum momento de sua existência, pela experiência digital. Há uma amplificação das investigações históricas, potencializada pelas novas formas de acesso à informação e pelas chances mais democráticas de divulgação dos resultados obtidos em uma pesquisa.

Mas gostaríamos de frisar que a questão central deste capítulo reside na discussão em torno da relação entre a história e o homem no ciberespaço, refletindo sobre os múltiplos processos relacionais que caracterizam esse oceano virtual e que interferem nos processos de produção da História no ciberespaço e na relação desse saber com o historiador e com seu público, ao passo que direcionamos tais observações ao nosso objeto de análise: a História

[19] Trata-se de um campo historiográfico que se debruça sobre a análise da experiência humana em relação com o universo digital, compreendendo as metamorfoses da pesquisa e escrita histórica, assim como também a sobre as concepções de compartilhada no ciberespaço (NOIRET, 2015).

Pública Digital sobre Campina Grande, compreendida em nossas metáforas como um arquipélago presente, mas não somente, no mundo digital. Mais à frente, retomaremos essa discussão para apontar os caminhos a serem percorridos em nossa viagem. Antes de partirmos em direção ao mar, é preciso reunir uma bagagem teórica e metodológica para que sejamos capazes de desbravar esse espaço (des)conhecido.

1.1 Metamorfose humana: relações entre os sujeitos e as tecnologias digitais

O filósofo Larrosa (2002) observa que a velocidade com que as informações são produzidas e transmitidas promovem um distanciamento entre o sujeito e a experiência, indagando a respeito da possibilidade tocar a alma e habitar o corpo por meio da informação. Seus questionamentos são direcionados a contemporaneidade, marcada pela era da informação, cuja velocidade e quantitatividade são suas maiores características. Isso nos remete ao saber frio, que produzido na rede, parece estar alheio a sensibilidade humana. Habita nessa reflexão a importância de considerar a experiência no trato da pesquisa histórica, buscando identificar de que modo os sujeitos lidam com as informações e quais são as sensações provocadas pelo contato com estas, ao mesmo passo que também permite ao historiador percebê-la dentro do contexto digital. Como encontrar o calor da experiência, definida pelo autor, em meio a essa correnteza de *bits* que surgem sem medidas no cotidiano digital? Como descobrir a paixão, se esta é suprimida pela celeridade da vida que nos rouba os sentidos e nos transforma em homens-máquinas, seres-dígitos?

Tantas questões, quantas incertezas, que nos deslocam e nos viram do avesso, nos põem em cheque e nos levam a novas possibilidades de expressão, de ser sujeitos. Sujeitos automatizados. T. Da Silva (2009) afirma que somos transformados em ciborgues pela tecnologia que "progride" a cada dia que passa. Ela funciona como uma substituição de algum membro ou, até mesmo, como extensão de nosso corpo. Memória e sentidos reconfigurados em equipamentos tecnológicos: memória interna, *HD*, *pendrive*, nuvem. Recursos de uma tecnologia que diz incorporar sentidos - a web 3.0. Se o homem criou o universo virtual, o que seria esse espaço se não a projeção de seu criador? O que seria desses mares sem o calor de um corpo que o habita, a partir dos portais que conectam os mundos, também chamados de aparelhos eletrônicos? Um imenso silêncio, já que é a presença humana é responsável por habitar com vida o ciberespaço.

A escrita da história nesse novo século faz uso de equipamentos e ferramentas digitais, reconfigurando as noções de memória pensadas durante séculos. Se a memória já era violentada pelo próprio fazer historiográfico (NORA, 1993), imaginemos por essa história sistematizada eletronicamente, que acaba sendo apropriada pelos mais diversos grupos, com diferentes propósitos. As relações entre o sujeito e a memória se transformam, já que é possível "guardar tudo" na nuvem. Uma memória que pode ser acessada com poucos cliques, na mesma maneira que também pode ser apagada sem o menor esforço[20]. Essa proximidade com o ocorrido, registrado e guardado em aparelhos digitais, provocariam uma espécie de presente contínuo capaz, inclusive, de provocar o cancelamento da história, onde há-se uma mistura de elementos históricos e configuração de uma dimensão anti-histórica, observa Ginzburg (2010). Provavelmente o leitor gostaria de saber um pouco mais sobre o posicionamento do autor, mas pedimos um pouco de calma, a discussão será retomada mais à frente. Nesse momento, gostaríamos de focar nossa narrativa na relação entre o sujeito e aquilo que é produzido e consumido historicamente no mundo digital.

O consumo de informações diárias é demasiadamente intenso, muito nos chega e pouco nos fica. Somos instigados a nos posicionar sobre tudo, impossibilitando o tempo de reflexão da experiência, no teor em que cita Larrosa. Para ele,

> a experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço (LARROSA, 2002, p. 24).

A velocidade proporcionada pela Era da Informação precisa ser desacelerada. O pesquisador precisa domar seus impulsos para que seja possível acomodar e produzir o conhecimento. Em meio a tempestade do Segundo Dilúvio, proposto por Ascott e citado por Lévy (1999), o historiador se tranca em uma sala no interior de sua embarcação, onde nenhum tipo de ruído pode ser escutado. Em silêncio, ele pensa, analisa suas fontes e indícios e escreve sobre algo que ele jamais será capaz de apreender em sua completude.

---

[20] Dentro desse debate que relaciona memória e esquecimento na *web*, vale a pena citar o direito ao esquecimento como algo assegurado juridicamente pela Constituição Nacional. Todavia, para que este direito seja assegurado, é preciso a intervenção direta de um juiz, responsável por avaliar a relação entre intimidade e liberdade de imprensa. Para mais informações, consultar Branco (2017).

Nesta Era Ciber as representações do tempo ganham remodelações. Se a História já concebeu o tempo por meio de uma linha cronológica, formato de espiral e demais abordagens cíclicas, atualmente, nesse paradigma emergente, Deleuze e Guatarri (1995) retomam as linhas e nós de um rizoma para (re)apresentar o conhecimento e, por sua vez, o próprio tempo. De acordo com os autores, "o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso" (DELEUZE e GUATTARI, 1995, p. 32-33).

Tal conceito permite pensar a história como um labirinto que não possui início ou fim, apenas meio, distanciando-se da lógica científica cartesiana. Ela é articulada por múltiplos caminhos que a constroem, não havendo uma hierarquia que a defina ou centralize. Não há raízes. Ela se esconde, confunde, foge, corta caminhos. Se configura por essas multiplicidades de caminhos que não levam a um fim, mas a encontros. É na articulação do dito e do não-dito com o que ainda há para ser dito que a história surge. Essa visão dialoga perfeitamente com a multiplicidade característica do ciberespaço, também rizomático, vista por Rushdie (2018) como uma "virtualização" do conto do escritor argentino Jorge Luís Borges *O jardim de veredas que se bifurcam*. No texto de Borges, como já fora citado na introdução deste trabalho, apresenta infinitas possibilidades de leitura, diluindo a visão de unidade temporal e espacial ao propor múltiplos universos que se encontram e se distanciam a partir da escolha de seus leitores e personagens, atribuindo uma vontade própria a estes sujeitos. De acordo com o Doutor Stephen Albert, personagem do conto:

> [...] O jardim de veredas que se bifurcam é uma enorme charada, ou parábola, cujo tema é o tempo; essa causa recôndita proíbe-lhe a menção de seu nome. Omitir sempre uma palavra, recorrer a metáforas ineptas e a perífrases evidentes, é quiçá o modo mais enfático de indicá-la. E o modo tortuoso que preferiu, em cada um dos meandros de seu infatigável romance, o oblíquo Ts'ui Pen. Confrontei centenas de manuscritos, corrigi os erros que a negligência dos copistas introduziu, conjeturei o plano desse caos, restabeleci, acreditei restabelecer, a ordem primordial, traduzi a obra toda: consta-me que não usa uma única vez a palavra tempo. A explicação é óbvia: O jardim de veredas que se bifurcam é uma imagem incompleta, mas não falsa, do universo tal como o concebia Ts'ui Pen. Diferentemente de Newton e de Schopenhauer, seu antepassado não acreditava num tempo uniforme, absoluto. Acreditava em infinitas séries de tempos, numa rede crescente e vertiginosa de tempos divergentes, convergentes e paralelos. **Essa trama de tempos que se aproximam, se bifurcam, se cortam ou que secularmente se ignoram, abrange todas as possibilidades.** Não existimos na maioria desses tempos; em alguns existe o senhor e não eu; em outros, eu, não o senhor; em outros, os dois. Neste, em que me deparo com favorável acaso, o senhor chegou à minha moradia; em outro, o senhor, ao atravessar o jardim, encontrou-me morto; em outro, digo estas mesmas palavras, mas sou um erro, um fantasma (BORGES, 1999, p. 49-50, grifo nosso).

A narrativa apresenta múltiplas possibilidades de existência e de relação com o ser, cujo tempo se inventa e reinventa a cada segundo, afastando-se ou se aproximando, abarcando diversas e múltiplas possibilidades. O livro escrito dentro do conto, seria o próprio labirinto, cabendo ao leitor as escolhas dos caminhos a serem seguidos. De acordo com Rushdie (2018), esse texto do Borges se apresenta como uma das primeiras experiências hipertextuais, metaforizando bem o universo digital, cujas possibilidades de experiência são múltiplas.

Em meio a essa cultura virtual, a velocidade do cotidiano acaba por provocar o automatismo citado por Larrosa (2002), enfraquecendo os laços e tornando as relações humanas cada vez mais fluidas. De acordo com Bauman (2011), as tecnologias assumem, no século XXI, um papel fundamental na construção da liquidez das relações humanas[21], sendo essas cada vez mais frágeis, desaparecendo com a mesma velocidade que surgem. Vale a pena observar, todavia, que esse posicionamento toma por base um argumento baseado em certa nostalgia, onde um passado idealizado parece guardar a correta forma de se relacionar com o outro. Será mesmo que o universo virtual não poderia oferecer o calor da experiência, a paixão e a solidez das relações? Seria mesmo possível separar o homem da tecnologia na atual conjuntura?

Palfrey e Gasser (2011) nos apresentam um ponto de vista distinto ao ponto de vista de Bauman. Para eles, as relações estabelecidas no ambiente virtual não seriam menos importantes ou mais frágeis que aquelas construídas apenas no espaço físico. Os autores acreditam em um diálogo estabelecido entre esses ambientes de convívio, pensando nos "nativos digitais" como seres autônomos e em constante transformação, capazes de recriar diariamente os sentidos atribuídos as relações interpessoais, repensando as formas de sentir, amar, sofrer, enfim viver.

Diante dessas transformações provocadas pelo mundo informatizado, a História Pública Digital (NOIRET, 2015) permite a construção de narrativas que contemplem essa multiplicidade existencial. Esse campo historiográfico se debruça sobre a interação estabelecida entre o historiador profissional e o público nas formas de produção e concepção do passado no ciberespaço, ampliando a participação da comunidade no processo de construção de sua própria história. Essa pós-modernidade rizomática quebra os paradigmas hierarquizados, incluindo os sujeitos da história em sua produção, ampliando, nesse sentido, as possibilidades de difusão do saber.

---

[21] Em sua quarta carta, ele analise a vida *on-line* e *off-line,* buscando refletir de que maneira as pessoas se distanciam umas das outras no espaço físico, ao passo que vestem outras roupagens no on-line. Em sua sexta carta, ele analisa as práticas sexuais virtuais, dando ênfase para a perda do calor humano, aonde o corpo do indivíduo seria transformado em uma espécie de mercadoria a ser oferecida em um determinado *site* de relacionamentos para adultos.

Atrelado a essa concepção de história pública na rede, encontramos outro campo investigativo: a Nova História Cultural. Essa corrente historiográfica começa a ganhar forma a partir da década de 1970, com a chamada "virada linguística", onde as humanidades passaram a reconhecer o papel fundamental desempenhado pela linguagem nos processos socioculturais (CHARTIER, 1990). O passado passa a ser analisados sob uma ótica que reconhece em todas as manifestações humanas, comportamentos culturais de um determinado tempo e espaço, as quais nem a própria produção histórica se abstém, observa Certeau (1988). Foi graças ao desenvolvimento dos estudos culturais no campo da história que se tornou possível a elaboração outros campos teóricos, a exemplo da própria História Pública Digital, permitindo uma análise mais aprofundada sobre as formas de sentir e representar o passado no ciberespaço. É preciso notar a intima relação estabelecida entre esses campos do saber, que se entrelaçam, oferecendo subsídios para a análise cultural do universo digital.

Nesse contexto, torna-se necessário para os pesquisadores das humanidades digitais perceber que nessas águas é difícil encontrar terra firme, já que quase tudo está submerso. É preciso admitir essa realidade e aprender aquilo que o Marcuschi (2004) chama de *letramento digital*, ou seja, a capacidade de o sujeito apropriar-se das tecnologias digitais em seu cotidiano de forma crítica e de atribuir um sentido às informações presentes nesse espaço. Palfrey e Gasser (2011) denominam esse processo como *alfabetização digital*, observando que não basta utilizar os recursos digitais, sendo preciso aprender os códigos e os sinais dessa linguagem que se atualiza a todo momento, adquirindo "novas" características e formas. Pretto (2017) enriquece esse debate ao adicionar a dimensão da educação sob a ótica *hacker*[22], onde os agentes envolvidos devem agir de forma colaborativa, solidária, aberta e propositiva, ou seja, para o historiador, qualquer pessoa pode ser o hacker de sua profissão, atuando de maneira ativa perante a era digital.

Ao analisar as relações estabelecidas entre os homens e o mar digital, Simão Neto (2005, p. 2) destaca algumas técnicas empregadas pelos sujeitos que se aventuram por esse universo. O primeiro deles é o *surfar*, que "sugere um passeio pela superfície, quando nos deixamos conduzir por uma força que nos carrega numa direção pré-determinada - como quando seguimos links e clicamos em botões que nos levam a outras páginas, por caminhos previamente preparados para nós". É um movimento sem compromisso, sem pressão, basta entrar na onda e

[22] *Hacker* é um indivíduo responsável pela criação e modificação de *softwares* e *hardwares*, desenvolvendo novas funcionalidades, corrigindo falhas de segurança e funcionamento. O *cracker* corresponde ao sujeito que pratica a quebra de um sistema de segurança, roubando dados e praticando crimes cibernéticos. Disponível em: <https://seguranca.uol.com.br/antivirus/dicas/curiosidades/hackers_crackers_qual_a_diferenca_entre_eles.html#rmcl>. Acesso em 02 jun. 2020.

curtir o seu impulso, até que ela perca sua força e uma nova onda surja. Surfamos guiados pelo interesse momentâneo, despertados pela curiosidade descompromissada.

O segundo é a *navegação*. Nos remete aos exploradores, que, em alguns casos, partiam de um porto sem saber ao certo onde chegariam. "Navegar é ousar, investigar, seguir um caminho sobre uma superfície fluida e mutável" (SIMÃO NETO, 2005, p. 2). Na internet navegamos para ilhas que se conectam através dos *hiperlinks*[23], compondo fios de dados que constroem a superfície de cada uma dessas.

Por fim, a terceira técnica é o *mergulho*. Mergulhar é aprofundar nosso ângulo de visão, mudando nossa posição relativa à superfície e descendo a níveis que não estavam aparentes enquanto surfávamos ou navegávamos. É preciso tomar muito cuidado para não ser sufocado pela pressão da profundidade informacional a que o mergulhador é exposto, muito menos para não se perder no infinito labirinto subaquático.

Orientados por esta discussão, nesta pesquisa tentaremos utilizar as duas últimas técnicas - a da navegação e a do mergulho –, onde a viagem é orientada, com vistas a mapear sinais de subjetividades. Em nosso trabalho, torna-se mais importante refletir sobre a construção de histórias que narram o local, unindo documentos esquecidos e empoeirados, guardados a sete chaves dentro de acervos pessoais, à produção de narrativas históricas na rede e fora dela, mas que se configuram sob o formato digital.

Aquele que pretende velejar por águas passadas precisa estar atento para as formas comunicativas de seu tempo, já que as perguntas que são lançadas a seu objeto recebem influência direta dos questionamentos do presente do historiador, como já observara Gondra (2000). Estamos inseridos em comunidades cada vez mais digitalizadas, onde aqueles que não nasceram em meio a esse oceano cibernético acabam por migrar para este no decorrer de sua vida. Não há como impedir que o mundo transforme aquilo que nós somos. Acabamos por mergulhar cada vez mais nesses mares, mas isso não quer dizer, necessariamente, que nosso âmago tenha se transformado em algo robótico ou objetivo. Pelo contrário, os sujeitos acabam por construir seus '*eus*' a partir das múltiplas experiências oferecidas pelas tecnologias digitais. A cibercultura está dentro de nós e nós estamos dentro dela.

[23] Ferramenta de redirecionamento da web, aonde o usuário, se desejar, é encaminhado para outro *site*.

1.2 Os desafios epistemológicos da História na Era Ciber

O historiador francês Bloch disse certa vez que: "[...]o bom historiador se parece com o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça (BLOCH, 2001, p.20). Jamais compararíamos nossos tão singelos escritos a esta tão bela metáfora, mas nos valhamos dela para afirmar que o historiador do século XXI precisa aprender também a navegar por esses mares supracitados, coletando informações e descartando as que inspiram dúvidas. A função social do historiador rompe as fronteiras da materialidade e adentra esse oceano virtual, como uma forma de garantir a sobrevivência do conhecimento histórico e do seu oficio. É necessário a presença de um historiador (profissional habilitado) para organizar e transformar em História aquilo que é produzido por todos, assim observa Lucchesi (2012a). Para a autora,

> A problemática em torno da noção de autoridade na rede é apenas mais um dos aspectos a nos colocar a necessidade de se realizar um exercício crítico e uma operação de seleção ainda mais atenta e rigorosa ao se lidar com o passado, por assim dizer, diluído na rede. A História em migalhas de bytes para lembrar a expressão de François Dosse (LUCCHESI, 2012a, p. 2).

Sem dúvida, a chegada do universo digital apresentou outros rumos a produção, divulgação e pesquisa histórica. Um público muito mais amplo passou a ter acesso aquilo que é produzido pelos acadêmicos, ao mesmo passo que a própria pesquisa foi facilitada pela possibilidade de acesso a acervos antes indisponíveis fisicamente, seja pela destruição do acervo original ou pela distância que separa o pesquisador do arquivo. A comodidade do acesso via *internet* também é um elemento chave, permitindo ao historiador navegar até outros países e cidades sem sair de casa, rompendo as barreiras do tempo e espaço. Em milésimos de segundos, é possível acessar um site europeu e encontrar documentos do Brasil Colonial, situação fundamental para a construção de uma pesquisa democrática e sustentável.

Mas quais seriam os sabores proporcionados por esses arquivos e que tipo de sensações são proporcionadas pela pesquisa nesses espaços? Diferentemente dos arquivos físicos, suas manifestações no ambiente virtual[24] não podem oferecer (ainda) a experiência olfativa ou tática. Segundo Farge, os arquivos

> são singulares e complexos, na razão direta em que são saboreados. É preciso desvendá-los em sua materialidade como um mar no qual se mergulha e onde o afogamento pode ocorrer. A definição científica de "fundos de arquivos" felizmente não esgota nem seus mistérios nem sua profundeza (2009, p. 12).

[24] Arquivos públicos, privados, institucionais e hemerotecas são alguns dos espaços digitais destinados a conservação e disponibilização de fontes e documentos históricos.

A autora utiliza sua imaginação histórica[25], uma ficção controlada pelas fontes e pelo método – tal qual apontara Veyne (2008) –, para refletir sobre o ato da pesquisa, observando as características subjetivas que marcam a atividade investigativa nos arquivos físicos. Todos os elementos do processo são levados em consideração, a exemplo das sensações provocadas pelo contato com o ambiente, com os documentos, com os arquivistas, com as vidas inscritas naqueles registros etc., evidenciando que estas sensações podem seduzir o historiador a ponto de lhe conduzir ao erro interpretativo. É sabido que estas experiências influenciam a subjetividade do pesquisador, levando a seguir determinados caminhos teórico-metodológicos, a optar por um enfoque e a valorizar alguns vestígios em detrimento de outros. A interação dos sentidos possibilita uma influência, normalmente, imperceptível, mas real, conforme observa Albuquerque Júnior (2018). Ao passo que pesquisamos, algo passa a nos habitar, a nos transformar.

Essas delimitações do espaço virtual provocam, a nosso ver, um aguçamento dos sentidos visuais e auditivos, gerando experiências diferentes. Os pesquisadores passam a estimular ainda mais sua imaginação, auxiliada pelos recursos disponíveis e pela dinamicidade proporcionada pela ciberlinguagem, produzindo narrativas históricas que só se tornaram possíveis graças a essas vivências. A *experiência* de Larrosa (2002) novamente entra em cena, impelindo ao historiador o desenvolvimento de sua capacidade sensitiva para conseguir imaginar as sensações transmitidas por aquelas fontes. "Nossas experiências, ou seja, permitir que algo nos aconteça, nos toque, nos afete, requer atenção, delicadeza na hora de ler, de imaginar e escrever" (SOARES JÚNIOR; ANDRADE, 2019, p. 13). O historiador deve parar para sentir, para pensar, para silenciar; aprendendo a conviver com angústias que caracterizam a própria existência humana, para que seus sentidos não sejam limitados. Ele deve romper o automatismo da atividade investigativa, para se perceber enquanto ser sensível capaz de sentir, mesmo que por meio da imaginação, aquilo que outros viveram.

A escrita e a pesquisa histórica sofrem transformações a todo momento, sendo a tecnologia um dos elementos que provocam essas mudanças. As indagações propostas pelo investigador partem de questionamentos surgidos no seio da sociedade em que ele está inserido, já que "toda interpretação histórica depende de um sistema de referência" (CERTEAU, 1988, p. 19). Desse modo, torna-se possível perceber que existe uma historicidade em toda produção

[25] Sandra Pesavento (2013) afirma que a imaginação exerce um papel fundamental na elaboração da narrativa histórica, aonde sendo impossível a apreensão total do acontecimento em sua realidade, parte-se da premissa de imaginar como este teria acontecido. A autora observa uma aproximação entre história e literatura, deixando evidente que o caráter ficcional da história é controlado pelas fontes e pela metodologia histórica.

historiográfica. Em nosso objeto de estudo – a História Pública Digital de Campina Grande – vale a pena observar que as representações do passado campinense na rede e fora dela se inserem em um campo de referência intimamente interligado as manifestações políticas, sociais e culturais de sua comunidade local, sendo importante mencionar que essas formas de conceber o passado passam por constantes transformações em decorrência da velocidade oferecida pelas tecnologias digitais.

Atualmente, ao que nos parece, o sistema de referência gira em torno de uma relação mais democrática no que concerne a elaboração de versões sobre o passado. O *Retalhos Históricos de Campina Grande* é um exemplo de produção colaborativa, uma vez que conta com a participação do usuário para cada postagem publicada. Por exemplo, uma fotografia é enviada por alguém e é publicada pelo canal. Tornada pública, os sujeitos passam a comentar – corrigindo, concordando ou acrescentando alguma informação –, compartilhando suas experiências individuais em rede e construindo uma narrativa em torno de uma memória coletiva, cujo eixo central está sempre direcionado para a história de Campina Grande. Contudo, devemos estar atentos para o fato de que

> Um passado que se torna público cria, para quem faz da história sua profissão, o perigo de ver os especialistas, depositários do método histórico crítico e das formas da consciência histórica, não dominar mais as "mutações" digitais suficientemente, e de ver diminuir a complexidade da pesquisa heurística diante de uma seleção de documentos já conhecidos ou, de qualquer modo, desprovidos de um valor inovador para assim denominada "alta" pesquisa (NOIRET, 2015, p. 36).

Cabe aos historiadores a busca pelo conhecimento sobre os mecanismos sociais de funcionamento e segurança na rede, para garantir a atuação desses no processo de produção do conhecimento histórico. Sem isso, certamente estaríamos cercados por narrativas do passado elaboradas sem a devida criticidade e distanciamento, como sugere a operação historiográfica (CERTEAU, 1988). As memórias individuais compartilhadas em rede e transformadas em relato sem as necessárias preocupações historiográficas acabam por transformar os passados individuais em algo próximo e carente de contextualização, se tornando uma emoção em um presente contínuo, onde os tempos históricos passam a ser nivelados pela atualidade (NOIRET, 2015). Esse comportamento é visível em diversas postagens disponíveis no *RHCG*, onde colaboradores enviam, por exemplo, fotografias seguidas de relatos ligados as suas experiências no passado, sendo narradas como representações reais do vivido, como se o passado fosse capturado pelas letras que descrevem a história. Esse debate será mais aprofundado nos capítulos que se seguem.

Nesse contexto, Dosse (2012, p. 6) levanta a seguinte questão: "não estaríamos entrando em um novo regime de historicidade caracterizada, entre outros, pelo presentismo?". Aqui, um valioso diálogo pode ser estabelecido entre a História Pública Digital e a História Do Tempo Presente. Esta última surge, marginalmente, como uma tentativa de investigar as reminiscências do passado no presente, analisando de que maneira o presente é construído no tempo. O autor defende a ideia de uma "noção da história do tempo presente que reside na contemporaneidade do não contemporâneo, na espessura temporal do 'espaço de experiência' e no presente do passado incorporado" (2012, p. 6), de um passado ainda "vivo" no presente.

O presente da rede, assim como no mundo físico, torna-se passado rapidamente. De maneira análoga, o inverso também pode acontecer, sendo o passado revivificado a cada acesso, provocando a sensação de presente contínuo. A Era da Informação potencializou essa fugacidade do tempo. Como observara Dosse (2012), o presente acaba se tornando o tempo que nos marca com maior profundidade, de modo que muitas vezes sentimos a falsa sensação de um presente eterno, relegando passado e futuro à segundo plano. A humanidade preocupa-se demasiadamente com o agora. Mas o tempo passa e o presente acaba se tornando poeira, seja de dados ou não, restando apenas marcas da passagem humana. Importante perceber como a noção de presente é construído historicamente por cada sociedade, influenciando o modo como nós lidamos com o tempo e com o próprio mundo.

Na rede, tudo passa com mais velocidade[26]. O excesso e a agilidade de informações podem ser considerados potencializadores desse processo. Curioso perceber que quando paramos para ler uma notícia em um *site*, antes mesmo de concluirmos essa leitura, tantas outras notícias são publicadas, provocando a sensação de celeridade, de um presente que se torna passado mais rapidamente. Além disso, torna-se importante perceber a existência de pontos de anuência entre o universo digital e o concreto, que muitas vezes se confundem, formando um passado transpassado por experiências de ambos os mundos, indissociáveis e indizíveis. Residindo nesta observação um dos tantos desafios para a história do tempo presente na rede.

Esse passado para a habitar o universo digital por meio de registros que rompem as barreiras da materialidade, assumindo novos formatos e que carregam consigo marcas das novas experiências humanas. As fontes, antes impressas e/ou imagéticas, passam a assumir um

[26] Inclusive, vale a pena salientar que esse é um dos 5 *V's* da *Big Data* (termo que descreve o grande volume de dados). Os demais são: *volume*, fazendo referência a grande quantidade de dados produzidas; a *variedade*, referindo-se à variação de fontes; *veracidade*, no que diz respeito a confiabilidade dos dados; e *valor*, para se referir ao valor obtido com os dados. Disponível em: <https://www.sas.com/pt_br/insights/big-data/what-is-big-data.html> . Acesso em 23 dez. 2019.

formato digital ou digitalizado. No tópico que se segue, nos debruçaremos sobre esses aspectos técnicos que caracterizam as fontes analisadas por esse trabalho.

1.2.1 #Fonteshistóricas: a construção de arquivos virtuais e os desafios da conservação

A possibilidade de uma democratização do saber graças ao advento da internet impõe ao historiador uma série de desafios. O primeiro deles corresponde a mudança de uma cultura analógica, caracterizada pela "escassez" de fontes documentais, para uma cultura digital, onde há abundância de vestígios. Poderíamos supor que essa escassez da era analógica, corresponderia a uma mera questão de descuido e descarte documental. Mas seríamos simplistas. É fato que, com o advento do mundo digital, a humanidade passou a produzir mais e mais registros. A virtualidade permitiu isso.

Torna-se importante, diante dessa nova realidade, definir quais são os critérios de seleção e crítica documental das fontes digitais, atualizando as metodologias históricas desenvolvidas nos séculos passados, para que sejamos capazes de responder a complexidade desse novo mundo que emerge na virtualidade. Devemos questionar as bases teóricas e metodológicas da pesquisa, validando a necessidade de fazer um *update* na operação histórica.

Certeau (1988, p. 28) observara que "cada sociedade se pensa 'historicamente' com os instrumentos que lhe são próprios", onde a interpretação – elemento chave da produção histórica – é mediada pela técnica. Ao passo que o conhecimento científico ganha novos contornos, a técnica se transforma, oferecendo suporte para análise desses novos dados. A operação histórica se atualiza com o intuito de garantir a sobrevivência desse saber, já que existe um dever ético que conduz o historiador a buscar respostas para o presente a qual ele está inserido, evidenciando que em todo passado há também o presente, remetendo as imbricações da História do Tempo Presente (DOSSE, 2012) já mencionas. "Por estar incluso neste lugar social, sua subjetividade é transpassada pelos anseios de sua época, de modo que toda história é fruto de seu tempo e 'produto de um lugar'" (CERTEAU, 1988, p. 24).

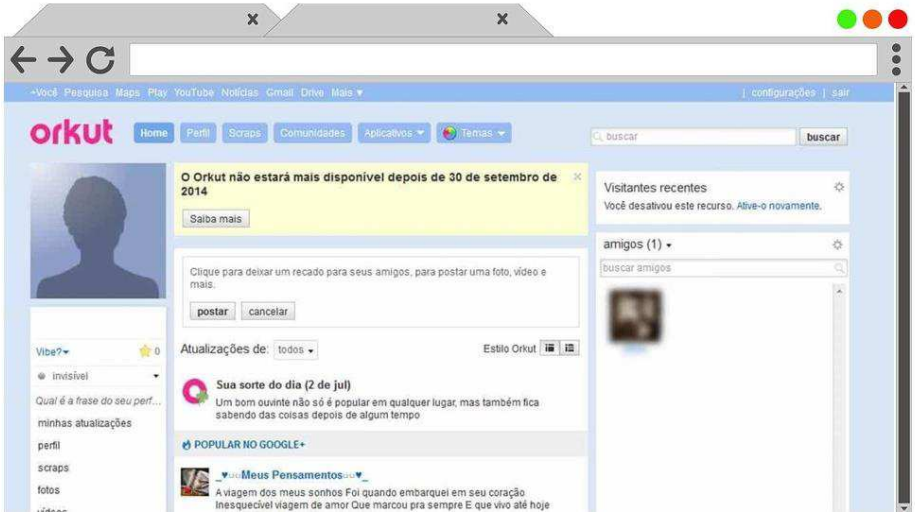
Partindo de tais percepções, pode-se observar que o historiador desse novo século precisa estar atento para a composição das "novas" fontes, surgidas digitalmente ou transplantadas para esse espaço posteriormente, aprendendo a lidar com essa abundância de maneira crítica. Em lugar de relíquias, temos uma riqueza atordoante de fontes (MAYNARD, 2016, p. 108), disseminada em diversos formatos e extensões. No Brasil, ao que parece, as

primeiras orientações metodológicas para lidar com os arquivos digitais foram delineadas por Dollar (1994, p. 13-21) – avaliação, organização e descrição, referência e preservação –, todavia, com o surgimento de novos *softwares, hardwares* e formatos de arquivo, nosso olhar precisa ser constantemente atualizado. Essa discussão se faz necessária quando olhamos para nossas fontes e nos deparamos com essa multiplicidade de narrativas produzidas durante o período de análise.

É preciso aprender a navegar, identificar as direções dos ventos, lendo os sinais, muitas vezes codificados, dos monstros do revisionismo e do negacionismo[27] que habitam o oceano digital, afinal eles seriam capazes de afundar o navio. Reconhecendo tais indícios, o historiador pode transformar esse mar inóspito em um lugar adequado para a coleta de informações e aguçamentos de sentidos sensíveis.

Desde a emersão da *Web* 2.0, os usuários da rede mundial de computadores alavancaram o processo de produção documental. As escritas de si, antes restritas aos diários de papel, são transportadas para o mundo digital por meio de blogs e redes sociais. Uma das primeiras redes sociais de sucesso foi o *Orkut*[28] (RECUERO, 2004), exposta pela imagem a seguir. Nele, era possível publicar fotos, conhecer pessoas, mandar recados para seus "amigos", escrever depoimentos, jogar, entre outras funcionalidades.

Figura 1- Pagina inicial do *Orkut*



Fonte: Portal Notícias ao Minuto, 2017 (adaptado). Acesso em 17 mai. 2019.

[27] Para mais informações relativas a tal processo, indicamos a leitura de Santana e Maynard (2017).

[28] *Orkut* foi uma rede social filiada ao *Google*, criada em 2004 e desativada em 2014. Nesta, era possível adicionar amigos, enviar mensagens para sua caixa de recados, jogar, enviar depoimentos (mensagens expostas na página inicial do perfil), participar de comunidades, entre outras funcionalidades. Alguns trabalhos que utilizaram essa rede social como fonte de pesquisa foram: Barbosa (2009), Ramos (2012), Lisboa e Coutinho (2010) e Bezerra e Araújo (2011).

Em meio a essa vida virtual, os sujeitos acabaram por produzir inúmeros registros sobre sua existência (BEZERRA; ARAÚJO, 2011). Aquilo que eles eram, ou pelo menos o que tentavam parecer, ficavam registrados naquela ilha. Um espaço onde tantos relacionamentos surgiram, assim como tantos se desfizeram conta dele. Ao mesmo passo que diversas propostas de emprego foram possibilitadas ou barradas. Era um caminho sem volta, os homens não conseguiriam mais se livrar dessa segunda forma de vida (a *on-line*) e ela se transformaria em um dos principais veículos de interação social - para alguns, o único.

Todos os registros produzidos no decorrer dos dez anos de funcionamento dessa ilha virtual (2004-2014) foram deletados definitivamente. O descarte documental já praticado nos séculos anteriores tomou proporções grandiosas ao conferir a um simples clique o poder de destruir uma quantidade absurda de arquivos. Comparamos esse clique a um grande incêndio, capaz de extinguir tudo o que ali está, com a diferença da velocidade, muito mais rápida. Tudo o que havia sido documentado, todas as interações humanas nessa rede social se perderam, evidenciando para o mundo todo um problema já anunciado nos anos noventa pelo arquivista Dollar (1994), que indagava sobre quem seria o responsável pela preservação do registro histórico na era digital.

Existem algumas iniciativas no que concerne a construção de banco de dados digitais, preservando algumas páginas de internet. Um exemplo disso é o trabalho desenvolvido pelo site *WaybackMachine*, que atualmente conta com um total de 451 bilhões de páginas da web salvas. Esse arquivo digital foi criado em 1996 pela *Internet Archive*, uma organização sem fins lucrativos que proporciona o acesso gratuito a versões arquivadas de algumas páginas eletrônicas. Para aqueles que desejarem os dados impressos e com autenticação de veracidade existe a possibilidade de pagar por esse serviço.

O que aconteceu com o *Orkut*[29] é um exemplo que reflete as práticas de comunidades influenciadas pelo constante avanço tecnológico, onde os sujeitos são instigados a pensar o "velho" como ultrapassado e por isso descartável. Tal prática evidencia uma relação de desprezo e/ou indiferença pelo passado. Da mesma maneira que *sites* obsoletos são abandonados e posteriormente deletados, o mesmo acontece com os suportes responsáveis pelo contato entre o mundo físico e o oceano digital.

Gondra (2000) defende a ideia de uma boa convivência entre o universo documental material e aquele mantido na virtualidade. Esse historiador dança com os *bits* ao propor que o

[29] Assim como aconteceu com as redes sociais *Myspace* e *Google Plus,* com o motor de busca *Alta Vista*.

pesquisador não pode criar polarizações entre os suportes, apontando a riqueza que o universo digital possibilita para o âmbito da pesquisa e da preservação. Ele defende com veemência a necessidade de conservação dos documentos originais, onde uma versão digitalizada serviria a pesquisa ao passo que qualquer um poderia acessar a fonte de qualquer lugar do mundo, por meio de um aparelho eletrônico, e também a conservação devido ao fato que os originais seriam preservados do desgaste natural e da manipulação da atividade investigativa. Manter o original constituiria um dever ético com a história de um determinado tempo ao mesmo passo que se resguarda da perda de material provocada pelo avanço dos softwares e dos aparelhos tecnológicos.

Durante muito tempo, guardou-se arquivos em disquetes[30]. Mesmo que esses dispositivos de memória tenham sido preservados, não seria fácil encontrar um computador munido com um leitor de disquetes. Encontrado um aparelho com tal leitor, dificilmente ele possuiria os programas necessários para a abertura dos arquivos. É um problema grave, cujas únicas possibilidades de solução parecem partir da preservação dos *softwares*[31]e *hardwares*[32] responsáveis pela leitura desses dados e/ou da constante atualização dos formatos dos documentos. Todavia, a atualização deve ser vista com cautela, já que esta modifica o formato original do arquivo, podendo provocar alterações em ralação ao seu contexto e sentido.

O processo de crítica interna e externa ao documento renova-se metodologicamente para dar suporte a essa nova realidade, onde a falsificação documental ganha caráter profissional com o advento dos programas de edição de fotos e vídeos. Como resposta, surgem uma série de iniciativas, principalmente de órgãos públicos, com o intuito de desenvolver as metodologias de análise documental. A termo de exemplo, Pinheiro (2016) cita os esforços do setor judiciário brasileiro em encontrar um caminho, por meio de aplicativos e programas, de verificação da autenticidade dos arquivos digitais, rastreando possíveis marcas de adulteração dos dados apresentados.

---

[30] Disquete funcionava como um suporte de armazenamento removível, onde era possível salvar arquivos digitais em seu disco magnético. As capacidades de armazenamento variavam de acordo com o tipo e a versão do dispositivo, porém, o mais comum possuía 1,44 *Megabits*.

[31] Metaforicamente, podemos afirmar que o *software* equivale ao cérebro de um aparelho eletrônico, sendo classificado como um conjunto de instruções escritas em linguagem binária para executar tarefas específicas em um aparelho eletrônico. Corresponde a todos os programas e aplicativos que comandam o funcionamento de um computador ou *smartphone*, por exemplo.

[32] Corresponde a parte física de um aparelho, ou seja, ao corpo. Tudo aquilo que pode ser papável e que seja fundamental para o funcionamento do aparelho.

Os lugares de memória[33] digitais acabam por desenvolver um processo semelhante, separando e organizando aquilo que apresenta "confiabilidade", favorecendo o trabalho do historiador. Esse profissional, por sua vez, já deve ter em mente que todo registro humano é forjado e, por isso, passível de crítica. Esses espaços são povoados por dois tipos de documentos: os *digitais* e os *digitalizados.* O primeiro, pode ser um hipertexto, uma fotografia, um jogo, um vídeo, caracterizados enquanto um documento *digital*, nascidos e mantidos na virtualidade (DE ALMEIDA, 2011); os documentos *digitalizados*, por sua vez, comportam arquivos nascidos na materialidade e que foram transportados para esse universo através de algum processo de digitalização. Ambos compõem o acervo de intuições e endereços virtuais que almejam a salvaguarda dos registros do passado de uma comunidade.

Historicamente, tudo o que é humano ou que com ele se relaciona, vive em um processo constante de transformação. Os lugares de memória, observados por Nora (1993), não estão alheios a esse processo, ganhando novos contornos e aderindo as ferramentas necessárias para a manutenção do seu papel social durante o passar do tempo. Com a popularização do acesso à internet e a emergência de diversos aparelhos eletrônicos, marcados pela existência de uma linguagem virtualizada, diversos museus iniciaram um processo de apropriação desses recursos.

Ainda nos anos 1990, temos os esforços de algumas instituições a exemplo do Louvre, do Prado e da Pinacoteca do Vaticano, que disponibilizaram por meio de seus endereços eletrônicos o contato com parte de seus acervos físicos (CASTELLARY, 2010). Essas iniciativas ampliaram as visitas a suas instituições, ao passo que também permitiram o acesso remoto a todos que possuíssem um dispositivo com conexão via *internet*. Hoje, graças ao aperfeiçoamento das ferramentas, esses *sites* podem oferecer experiências de realidade virtual e até jogos imersivos, ampliando as possibilidades de consumo do conteúdo. Os museus se reinventaram, utilizando a seu favor elementos que a priori não eram destinados a esse espaço.

Castellary (2010) observa três formas de composição e organização dos museus digitais. A primeira, a exemplo do *SESI Museu Digital*, corresponde a criação e a utilização de endereços disponíveis na *web* com finalidade informativa, divulgando e apresentando o conteúdo disponível em um endereço físico. A segunda diz respeito a já mencionada prática de

[33] Parafraseando Nora, que se refere aos lugares físicos ou não aos quais são destinados a preservação da memória coletiva. Nas palavras do autor: "Mesmo um lugar de aparência puramente material, como um depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como um manual de aula, um testamento, uma associação de antigos combatentes, só entra na categoria se for objeto de um ritual. Mesmo um minuto de silêncio, que parece o extremo de uma significação simbólica, é, ao mesmo tempo, um corte material de uma unidade temporal e serve, periodicamente, a um lembrete concentrado de lembrar". (NORA, 1993, p. 21).

compartilhamento virtual do acervo ou do próprio museu em endereços virtuais, permitindo o acesso à distância, como é o caso do Museu do Louvre. Por fim, o autor observa que alguns museus nasceram ou se reinventaram com o uso de dispositivos eletrônicos no próprio espaço da exposição, permitindo maior interatividade com o público. Adicionaríamos um quarto grupo, que corresponde aos museus que só existem no campo da virtualidade, a exemplo do Museu Virtual de Artes (MUVA), chamados de *cibermuseus* por Oliveira (2012).

Seja qual for a característica assumida por um *museu digital*, ele passa a executar uma forma de construção e divulgação do conhecimento histórico, artístico e/ou cultural de um determinado povo ou grupo social. Para nossa pesquisa, contudo, vale a pena observar a sua manifestação no campo da história, analisando seu papel na construção do passado na esfera digital, atentos para a relação que este estabelece com o seu público. A história pública acaba assumindo no campo digital manifestações que possibilitam uma maior interatividade com o público, por meio da interação de historiadores com os sujeitos da história.

O *SESI Museu Digital* se apresenta como uma instituição digital por transmitir a história de Campina Grande por meio de recursos tecnológicos, não havendo registros materiais em seu acervo. Toda exposição se encontra no campo da virtualidade, mas seu acesso, como mencionado na introdução, não pode ser feito pela *internet*, sendo realizado apenas pelos dispositivos presentes no espaço. Fragmentos do passado campinense, registrados em fotografias e vídeos, foram selecionados para compor o acervo do espaço.

Inserido nesse debate museal, compreenderemos o *Retalhos Históricos de Campina Grande* como uma forma de museu virtual. Mesmo que ele não eleja para si essa premissa ou se enquadre em todos os requisitos que caracterizam um museu – levando em consideração o Estatuto de Museus (2009), documento oficial que regulamenta a estruturação dessas instituições –, observamos que o papel exercido por esse junto à comunidade se assemelha a proposta do Museu da Pessoa. Esse espaço possui uma estrutura física localizado em São Paulo, onde funciona esporadicamente com alguma exposição específica. Seu formato ampliado se encontra apenas no campo virtual. Em seu *site,* reúne as histórias de milhares de pessoas por meio de registros audiovisuais, onde qualquer pessoa pode fazer parte do acervo, bastando enviar o relato por meio do *site* institucional. Nessa ilha virtual, também é possível acessar as histórias de vida ao visitar seu acervo virtual, abrindo um leque de possibilidades para os historiadores públicos digitais.

Retomando para o *RHCG*, identificamos que essa ilha digital, assim como o Museu da Pessoa, possui um acervo constituído basicamente de contribuições de pessoas que moram na

cidade ou que possuem algum vínculo afetivo com a mesma. Esses ego-documentos possuem como característica principal a presença de elementos da personalidade do autor (BRITTO; CORRADI, 2018). A presença do "eu" nos documentos é mais visível nos arquivos familiares, já que representam uma tentativa de arquivar a própria vida (ARTIÈRES, 1998). Desse modo, as formas colaborativas de escritas do passado também abrem um leque de possibilidades a viabilizar o acesso a esses documentos, configurando esse lugar como espaço de guarda de memórias para a cidade, reunindo fontes dispersas sem nenhuma forma hierarquizante ou ordem cronológica.

Esses registros digitais acabam transformando o modo como as pessoas veem o passado, interferindo diretamente no *métier* do historiador. Com as fontes em mãos, o profissional da história olha para seu reflexo no espelho e pergunta: como escrever a história na era digital?

1.2.2 #Hipertexto #Hipermídia #Ciberlinguagem: a escrita da história na Era Ciber

O surgimento do modo da vida *on-line* reconfigura as relações humanas, bem como as diversas facetas da pesquisa e da escrita. Nesses oceanos, há a predominância do texto *linkado* - ou Hipertexto - uma forma textual caracterizada pela fluidez de sua narrativa e por uma leitura não-linear, marcada pela presença de *links* que, no decorrer do texto, levam o leitor a acessar outros documentos, sejam páginas virtuais, caixas de textos, como também vídeos, fotografias, bibliotecas ou jogos. Vale a pena mencionar, que o hipertexto não depende dos aparatos técnicos que dão suporte ao texto, mas dos mecanismos empregados pelos autores para ampliar as potencialidades narrativas de um texto (NEITZEL, 2002). A escrita digital acaba se apropriando de diversos elementos visuais, sonoros e audiovisuais, remodelando os sentidos dos sujeitos que se aventuram por esses mares. Tudo isso provoca uma reconfiguração nas práticas de leitura, apropriando-se da concepção de Chartier (2010), ao oferecer um verdadeiro labirinto cujos caminhos se desdobram de maneira infinita e rizomática, remontando a metáfora borgiana já citada.

Uma rede de conexões é estabelecida entre os *sites*, que endossam a ideia de vivenciar uma multiplicidade de experiências sensitivas, sejam escritas ou visuais, que inferem na produção coletiva e criativa de um saber colaborativo, também chamado de ciberconteúdo. De Mesquita (et al.) considera como ciberconteúdo

> Os materiais educacionais digitais, criados por múltiplos autores de forma colaborativa em rede, sendo nela também disponibilizados. A colaboração, nesta situação, se efetiva contado com ações de grupo que busca atingir um objetivo comum. Os integrantes do grupo atuam e instigam uns aos outros, decidem sobre os

> procedimentos a serem realizados, impulsionam mudanças com o propósito de conquistar propósitos definidos por todos (2017, p. 47).

Esse tipo de produção é inscrito sob a forma de ciberlinguagem, podendo confundir aqueles que resistem ao avanço da tecnologia, que se colocam como estrangeiros que não compreendem ou reconhecem completamente os códigos e os sinais que transitam no dialeto teclado/ falado dessa tribo digital. Por meio desta linguagem, o universo digital possibilita inúmeras experiências aos seus navegantes, onde a hipertextualidade e a hipermidialidade acabam oferecendo possibilidades de leitura e construção textual não-lineares, rizomáticas, onde não é possível identificar um início ou seu desfecho nos trajetos percorridos pelas galerias cibernéticas. A clássica divisão textual - em início, meio e fim - secularmente predominante, acaba por encontrar seu mais poderoso rival. De acordo com Lévy,

> Hipertexto é um texto em formato digital, reconfigurável e fluído. Ele é composto por blocos elementares ligados por links que podem ser explorados em tempo real na tela. A noção de hiperdocumento generaliza, para todas as categorias de signos (imagens, animações, sons etc.), o princípio da mensagem em rede móvel que caracteriza o hipertexto (1999, p. 27).

Chartier (2010) reconhece que a potencialidade democratizante da internet possibilita a qualquer pessoa o acesso a textos diversos, ao passo em que também oferece o contato com as fontes, modificando a experiência da leitura. Mas observa que isso não necessariamente significa uma melhora de caráter qualitativo, já que essa leitura fragmentada pode não ser capaz de levar o sujeito a conceber um sentido. Em simples consultas ao *google*[34], o leitor consegue viajar pelo caminho desenhado pelo autor de um texto, permitindo a identificação de equívocos e até mesmo plágios. O historiador observa que "o leitor já não é mais obrigado a acreditar no autor; pode, por sua vez, se tiver vontade e tempo, refazer total ou parcialmente o percurso da pesquisa" (CHARTIER, 2010, p. 60). Segundo ele,

> A única competência dos historiadores, que são profetas pobres de coisas por vir, é recordar que, dentro da longa duração da cultura escrita, toda mudança (o aparecimento do códice, a invenção da prensa, revoluções em práticas de leitura) produziu uma coexistência original de ações do passado com técnicas novas. Toda vez que tal mudança ocorreu, a cultura escrita conferiu novos papéis a velhos objetos e práticas [...]. **É exatamente uma tal reorganização da cultura escrita que a revolução digital requer** (CHARTIER, 2014, p. 126, grifo nosso).

O historiador francês observa ainda que os três dispositivos clássicos da "prova" da história (a nota, a referência e a citação) sofrem profundas alterações com o texto digital, já que

[34] Além do *Google*, existem vários outros *sites* de busca, a exemplo do *Bing*, *Uol Busca*, o *Yahoo!*, *Msn*, entre outros.

com o advento da hipertextualidade esses mecanismos acabam sendo substituídos por *links*, por caixas de texto e pela própria exposição das fontes, reconfigurando as noções de prova. O leitor digital é caracterizado pela possibilidade de autonomia, enquanto o historiador acaba por ter o seu lugar de suposto saber questionado por conta da ampliação dos poderes desse leitor, emergindo a necessidade de transformação dos mecanismos que validem sua fala perante os internautas.

Como temos percebido, o segundo dilúvio provocou mudanças significativas nas fronteiras de atuação profissional do historiador. Antes, esse sujeito produzia apenas para seus pares. Agora ele se vê frente a um público mais amplo, com acesso a infinitas possibilidades de informação e sedento pelo conhecimento transmitido de maneira mais dinâmica e atrativa. Além disso, podemos observar uma ampliação das possibilidades de exposição das pesquisas históricas. Revistas eletrônicas, anais de eventos, *blogs*, *e-books* são algumas das possibilidades de divulgação de textos e pesquisas.

Nesse meio termo surgem inúmeras ilhas digitais[35] com conteúdo histórico produzido por diletantes que utilizam da linguagem hipertextual como elemento de sua linha argumentativa. Esses sujeitos, em sua maioria, não constroem seus textos levando em consideração as concepções teórico-metodológicas que norteiam a operação histórica, construindo narrativas em torno da memória. O *blog Retalhos Históricos de Campina Grande* – alvo de nossa investigação – se insere nesse contexto, por ser uma proposta de produção colaborativa onde qualquer um pode enviar textos, fotografias e vídeos, passando a compor o acervo da página virtual. A ausência de uma análise historiográfica acaba por possibilitar a construção de narrativas cívicas, marcadas pelo ufanismo e pela hipervalorização de eventos pátrios. Essas manifestações possuem traços que caracterizam

> "[...] o mito das origens, a designação dos pais fundadores, o panteão dos heróis, os feitos memoráveis, as datas a lembrar, os sítios emblemáticos de culto. Todos eles se constituem como lugares de memória ou espaços de ancoragem no tempo, que, dispersos, serão depois codificados" (PESAVENTO, 2004, p. 226).

O ufanismo, esse vetor de sensibilidade (PESAVENTO, 2004), cria modelos de referência imaginária perante a comunidade a qual suas ideias são compartilhadas, constituindo narrativas que fortalecem os discursos oficiais da história. Esses discursos circulam sob as mais

[35] A termo de exemplo, podemos citar a *História da Educação Paraibana*, a *Memória Campinense*, *Campina Grande memória: fotos, patrimônio e cultura*, a *Memória Fotográfica de Campina Grande*, o *IHCG – Instituto Histórico de Campina Grande*, a *Memória do Futebol Amador de Campina Grande*, entre outros.

variadas formas na rede e fora dela, influenciando o modo como as pessoas veem o passado e o presente.

Alguns historiadores enfrentam essa realidade ao aderir as novas possibilidades de escrita da história[36], conseguindo atrair um público muito mais amplo, além de oferecer novas possibilidades de interpretação e de construção do conhecimento histórico. Para Chartier,

> A versão eletrônica oferece ao leitor o que o impresso não pode lhe dar: uma cartografia dinâmica dos lugares onde são cantadas as canções, os informes da polícia que recolhem as letras subversivas, o *corpus* de canções e, graças à gravação feita por Hélène Delavauçt, a escuta dos textos tal como os ouviram os contemporâneos. **Assim se estabelece uma relação nova, mais comprometida com os vestígios do passado e, possivelmente, mais crítica com respeito à interpretação do historiador** (2010, p. 61, grifo nosso).

Nesse contexto, a própria concepção de autoria se desmonta, ganhando novos contornos e formatos. As escritas colaborativas e sem autoria definida, praticadas durante toda história da cultura alfabética, ganham maiores proporções com as múltiplas possibilidades de escrita do ciberespaço. Nesse sentido, vale a pena observar que esse processo de avanço das águas digitais acabou proporcionando diversas alterações no campo da História, interferindo diretamente nos processos de autoria, produção e leitura, conforme observa Chartier (2010).

Se a interpretação histórica parte de um lugar, tal qual observara Certeau[37] (1988), a escrita não segue um caminho diferente. Seríamos incapazes de mensurar, no atual contexto, as transformações epistemológicas sobre a escrita da história a partir da adesão de historiadores à *ciberlinguagem*. Para além do que fora apresentado, não sabemos ao certo as proporções de tais transformações. Nossa pesquisa visa contribuir com essa discussão, ainda tão pouco abordada no Brasil.

1.2.3 #Históriadigital: escritas colaborativas e a atuação da História Pública Digital

Diante das profundas mudanças vivenciadas após a popularização dos meios digitais de comunicação, a História Pública Digital se apresenta como uma proposta de análise e intermédio da produção historiográfica na rede, como já fora mencionado. Ampliando esse debate, podemos observar que, no âmbito nacional, se destaca a atuação de Anita Lucchesi e Bruno Carvalho, no corresponde ao desenvolvimento de estudos e ações com o propósito de

---

[36] Podemos tomar como exemplo algumas plataformas que se propõem a divulgar o saber histórico científico, como exemplos de uma História Pública Digital: *Café História*, *História Viva*, *História Blog*, *Só História* e *História do Mundo*.

[37] O historiador francês desenvolveu uma série de trabalhos analisando e refletindo sobre a operação histórica, observando a influência que o presente exerce sobre os historiadores e a incapacidade de apreensão real do passado.

relacionar as formas públicas de produção do passado na rede com a atuação dos historiadores de oficio. Essa intervenção seria responsável pela operacionalização do conhecimento histórico construído pelo, para e com o público no ciberespaço. Esses historiadores estão entre os principais responsáveis pela popularização dessa corrente historiográfica no Brasil, influenciando inclusive a realização desse trabalho.

Em termos internacionais, um dos principais autores dessa corrente é o Serge Noiret, responsável pela delimitação e conceitualização desse campo de estudo. Segundo esse autor (2015), o advento da internet dissolveu a visível distinção entre história acadêmica e as práticas públicas em relação ao passado, oferecendo o acesso à documentação histórica e a comunicação nas formas de "ego-narrações" referentes ao passado. A ego história[38] – análise histórica de si mesmo como se fosse outrem, identificando a relação entre a história pessoal e aquela que aquela à qual o sujeito é produto (AGULHON et al., 1989) – acaba sendo potencializada pela multiplicidade de possibilidades disponíveis no ciberespaço, sendo necessário, contudo, observar que o grande público não domina essas técnicas de análise e escrita do passado, produzindo narrativas que estariam mais próximas da memória do que da história propriamente dita. Para Noiret,

> A "história digital" (*digital history*), que disciplina a relação entre as tecnologias de rede e a disciplina história, por meio das plataformas sociais e das mídias sociais, contribuiu, assim, para abrir a um público maior, e também de forma participativa, à "alta cultura" e, nos melhores casos, com a mediação de historiadores profissionais, os historiadores públicos (2014, p. 34).

A partir desta segunda geração (Web 2.0), devemos observar a história como algo mais "vivo" e "público", compreendendo que os integrantes desses mares participam de forma autônoma e colaborativa. Esse contexto abre um leque de possibilidades até então restritas a experiências mais pontuais, elaborando narrativas em torno do vivido por meio da interação e conexão entre os sujeitos e as diversas manifestações da tecnologia digital.

Em torno do que se convencionou chamar de uma historiografia digital, Lucchesi (2014) desenvolveu em seu trabalho dissertativo – *Digital History e Storiografia Digitale: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011)* – uma pesquisa comparativa entre a história digital estadunidense e a italiana, buscando identificar as semelhanças e as diferenças entre as correntes de pensamento historiográficas que se debruçam

[38] Relacionado a essa perspectiva, também podemos observar um aumento relativo ao compartilhamento de ego-documentos e que possuem como característica principal a presença de elementos da personalidade do autor (BRITTO; CORRADI, 2018). A presença do "eu" nos documentos é mais visível nos arquivos familiares, já que representam uma tentativa de arquivar a própria vida (ARTIÈRES, 1998). Desse modo, as formas colaborativas de escritas do passado também abrem um leque de possibilidades a viabilizar o acesso a esses documentos.

sobre a relação entre história e internet. Seu trabalho foi fundamental para abrir um leque de possibilidades e questionamentos para se pensar a importância dos historiadores na análise dos dados produzidos e/ou transportados pelos oceanos digitais, evidenciando a necessidade de reflexão sobre o papel exercido por esses sujeitos e a confecção da história na rede.

A autora localizou pontos de anuência e discordância entre as correntes. Todavia, ambas percebem que a oficina histórica sofre profundas transformações na era digital. Nos EUA[39], as preocupações giram em torno da conservação e manipulação da documentação digital, dos aspectos metodológicos e estéticos ligados a escrita digital e do compartilhamento do conhecimento histórico na *web*. Já na Itália[40], discute-se questões ligadas a aceleração do tempo, ao estabelecimento de critérios de verificabilidade documental e a "desterritorialização" das narrativas históricas. Mesmo focando em questões diferentes, ambas as propostas se colocam frente as problemáticas surgidas no ambiente virtual. Aqui, assumiremos uma tentativa de conciliar ambas as propostas no processo de interpretação dos dados, elemento indispensável para a oficina da história. Lucchesi (2014), não assumiu essa posição conciliadora, mas apontou possibilidades ao evidenciar pontos de anuência, no que concerne a preocupação com a preservação e manutenção das fontes digitais e com as formas de escrita do passado na rede.

A realização desses estudos se amplia por todas as áreas das ciências humanas, a exemplo da investigação internacional realizada pelo grupo de pesquisa *Software Studies* e que tem como representantes no Brasil o grupo Estudos Culturais do *Software*[41], da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tal proposta investigativa propõe analisar, no campo semântico, as transformações que a cultura digital provocou na sociedade contemporânea, levando em consideração todos os aspectos de significação aos quais os sujeitos produzem e são frutos.

Ginzburg (2010), historiador italiano, apresenta um olhar mais crítico em relação ao período em que estamos vivendo, chamado por ele de Era Google. Esse recorte também pode ser descrito como Era Ciber, de uma: *ciber*sociedade, *ciber*cidadania, *ciber*linguagem, *ciber*crime, *ciber*conteúdo, *ciber*doenças, etc. De acordo com o historiador, o Google, e

---

[39] Temos como principais representantes dessa corrente: Roy Rosenzweig e Daniel Cohen, desenvolveram trabalhos no sentido de sistematizar as formas de interpretação do passado que se valessem de fontes e ferramentas digitais, refletindo sobre as vantagens e desvantagens da era digital; Edward L. Ayers e Darnton, que discute, desde 1999, as implicações da escrita histórica hipertextual; Steve F. Anderson, que defende a ideia de que o hipertexto provocou o advento de uma nova forma de escrita da história; entre outros.

[40] Temos como pesquisadores mais atuantes da *Storiografia Digitale* são: o historiador Dario Ragazzini, que trata do uso das fontes históricas naquilo que ele convencionalmente chamou de era da reprodutibilidade técnica; Serge Noiret, que desenvolve pesquisas relacionadas a noção de história pública digital e escrita da história na era digital; Antonino Criscione, que toma como ponto de reflexão as transformações acerca das fontes históricas na era digital; Stefano Vitali, analisa a fragilidade da memória na web e as noções conservação e preservação desta; entre outros.

[41] Disponível em: <http://www.ufjf.br/sws/2015/03/30/inicial/>. Acesso em 14 ago. 2019.

consequentemente a internet, funciona como um poderoso instrumento de pesquisa histórica, mas também de cancelamento dela, ao passo que o mundo virtual provoca uma dimensão anti-histórica à vida humana, dissolvendo o passado e fragilizando os conceitos de presente e futuro.

O ponto apresentado pelo historiador italiano tem certo sentido, mas precisa ser visto com cautela. Afirmar que o digital dissolve a relação com o tempo é negar a própria existência do tempo na rede, ao passo que também reduz a capacidade de reinvenção do ser humano, agarrando-se em verdades preestabelecidas que determinam a maneira exata do sujeito lidar com o *chronos*. Desde o surgimento da humanidade a noção de tempo vem sofrendo transformações. O Rizoma estabelece novas relações entre os sujeitos e os saberes, cuja fluidez e multiplicidade soam estranhos aos olhos daqueles, cuja visão de mundo prevalece o arbóreo (linear e centralizado) (DELEUZE; GUITTARI, 1995). O modo como as pessoas sentem varia em decorrência da visão de mundo. Esta, por sua vez, vinculada a fatores sociais, culturais, econômicos, políticos etc. Por tanto, é válido a percepção de que esse oceano virtual acaba por transformar os sujeitos que nele mergulham, todavia, isto não provocaria o fim da história, apenas a transformação dos sentidos sobre ela.

Esse pesquisador observa que o hábito de não preservação dos dados virtuais contribuiria para um processo de apagamento da história. Mas, em qual momento da história não houve o processo de destruição documental? Tal preocupação permeia, como já fora abordado, o discurso de praticamente todos os historiadores que trabalham com o universo digital, a exemplo de Ginzburg (2010) e Chartier (2010). É um problema real, para qual não obtivemos ainda uma solução.

No que corresponde a cultura material, diante da situação imaginária de preservação de tudo, sabemos da impossibilidade de guardar tudo, sendo o descarte uma atividade humana socialmente compartilha e praticada (ARTIÈRES, 1998). No universo virtual a situação não é tão diferente. A grandiosidade desse oceano provoca a falsa percepção de infinidade, prejudicando a noção espacial da maioria dos sujeitos que veem a internet como uma bolsa mágica onde é possível guardar tudo, sem nunca transbordar. É preciso estabelecer critérios de preservação, como apontou Gondra (2000), garantindo a sobrevivência de uma parte da documentação e determinando aquilo que deve ser guardado. Esse processo ofereceria os recursos necessários para a continuidade dos estudos sobre o passado, permitindo a manutenção do conhecimento histórico.

Nesse contexto, uma história sem historiadores toma conta das redes sociais, dos sites, *blogs*, enfim, da *internet* (LUCCHESI, 2012b). Há um processo de descrença e desaprovação

do ofício do historiador, assim como uma tentativa de apagar o passado, ou pelo menos parte dele. Tais acontecimentos põe em evidência a necessidade de atuação do historiador como um intermediador do processo de construção do conhecimento histórico no oceano digital. Seu ofício precisa ser respeitado também nos espaços virtuais. Ao historiador desse novo século, o uso da *ciberlinguagem* pode ser uma ferramenta importante para debater sobre essa onda de conservadorismo e de negacionismo que circunda nossa sociedade. Para enfrentar esse inimigo é preciso fazer uso das mesmas ferramentas, distanciando-se no que concerne a ausência de criticidade documental. É preciso seduzir os usuários por meio de uma história de base acadêmica, mas que também se organiza por meio de hipertextos, possuindo uma linguagem que atinja todos os públicos, ao passo que também dialoga com o presente do historiador.

Exemplo dessa apropriação, o *Café História* se configura, ao que nos parece, como uma das maiores expressões de História Pública Digital do país. Seu objetivo central é o estabelecimento de um diálogo entre a comunidade acadêmica e o grande público, oferecendo um conteúdo dinâmico, atrativo e interconectado. O hipertexto e a hipermídia prevalecem, em um jogo visual que distribui os vários *hiperlinks* de maneira inteligente, atraindo o clique dos visitantes, historiadores ou não. A existência de endereços virtuais com propostas semelhantes ao *Café História*, colocam em evidência a preocupação dos historiadores perante as novas demandas, fortalecendo, desse modo, a identidade desses sujeitos e o seu oficio.

Como já fora discutido, a hipertextualidade provoca uma série de mudanças na maneira de investigar, ler e sentir as experiências do passado, que respiram no presente por meio da interação de um público participativo na construção da narrativa. O ambiente virtual acaba por provocar alterações sensoriais na relação do homem com o tempo, processo que implica a necessidade da presença do historiador público com o objetivo de garantir que o grande público não padeça perante o presentismo ou ao anacronismo.

Estudar o tempo presente é perceber que esse espaço está inserido entre o passado e o acontecimento recente. Ao construir uma história sobre as antigas civilizações ocidentais, o historiador não deixa de lado a contemporaneidade, mesmo que inconscientemente, uma vez que lança mão do olhar do presente, de suas indagações, motivações e ferramentas, para escrever o passado. “ O homem não se lembra do passado, ele o reconstrói sempre... Ele parte do presente – e é por intermédio dele, sempre, que ele conhece, que ele interpreta o passado” (FEBVRE *apud* DOSSE, 2012, p. 8). O tempo presente é um conceito

> [...] que remete em sua acepção extensiva ao que é do passado e nos é ainda contemporâneo, ou ainda, apresenta um sentido para nós do contemporâneo não contemporâneo. A noção de “tempo presente” se torna nesse contexto um meio de

> revisitação do passado e de suas possíveis certezas, como também as possíveis incertezas. A distância temporal que nos separa do passado se transforma, porque até então considerada uma desvantagem, ela se transforma em uma sedimentação de camadas sucessivas de sentido que expandem o seu alcance graças a maior profundidade (DOSSE, 2012, p. 11-12).

Um dos grandes desafios dos historiadores públicos digitais e do tempo presente gira em torno dos formatos de arquivos recentes, sejam eles digitais ou digitalizados, que ainda não foram hierarquizados e sistematizados. A poeira dos arquivos físicos não corresponde à realidade do mundo virtual, inflacionado pelo gigantesco oceano de informações e por um público presente na construção desses espaços de memória.

Dentro desse debate acerca das produções colaborativas sobre o passado, Santhiago (2016) observa a existência de quatro formas de manifestação da história pública, no qual estaremos adaptando para a realidade digital. A primeira corresponde a uma história feita **com** o público, no qual a um processo de intermediação desenvolvido pelo historiador público na construção de narrativas sobre um determinado passado. Na esfera digital, podemos observar esse tipo de manifestação na pesquisa de doutorado de Lucchesi intitulado Memorecord, onde aponta uma nova perspectiva sobre a história da migração no Luxemburgo.

Outra manifestação, de acordo com autor, seria a história feita **para** o público, onde uma instituição e/ou um profissional da história assumiriam a tarefa de elaborar um conteúdo para o grande público, estabelecendo uma ponte entre o conhecimento acadêmico com os demais segmentos da sociedade. Praticamente todas as instituições que lidam de algum modo com a memória acabam executando esse procedimento, mas podemos citar no ambiente virtual o caso do já mencionado Café História, que busca facilitar o acesso da comunidade ao conhecimento histórico produzido nas academias.

A história feita **pelo** público seria a terceira possibilidade de composição desses saberes. Nessa ocorrência, não existe a intervenção de um profissional da história na produção de narrativas sobre um determinado espaço. Trata-se de uma manifestação historiográfica intimamente ligada a memória, valorizando a escrita e o olhar individual dos sujeitos, e que não seguem as operações historiográficas definidas pelo trato profissional, acabando muitas vezes por reproduzir estereótipos compartilhados pela sociedade a qual os autores estão inclusos. Um exemplo desse tipo de produção pode ser encontrado no já citado *RHCG*, no qual diversos colaboradores apresentam conteúdos que buscam representar o passado da cidade de Campina Grande.

O último formato possível faz referência a relação entre história **e** público. Esse processo apresenta as diversas pesquisas historiográficas a respeito da relação público/história como uma

manifestação da própria história pública, observando como esses estudos acabam colaborando para o desenvolvimento de novas experiências. Trata-se de sua expressão no campo teórico, investigando as múltiplas possiblidades de análise e de produção do saber, elencando ferramentas e aperfeiçoando a própria operação historiográfica desse campo.

Diante das transformações culturais possibilitadas pelo rápido avanço tecnológico e de suas implicações ao modo do ser humano lidar com o tempo, faz-se necessário o surgimento de uma nova geração de historiadores, os "historiadores públicos digitais", a exemplo dos já mencionados Noiret e de Lucchesi. Esses profissionais assumem a tarefa de organizar o trabalho de coleta de dados e a gestão de novos tipos de documentos digitais, catalogando, filtrando, organizando e interpretando dados do passado e de suas memórias. O historiador público digital deve, nesse formato, oferecer-se como intermediário nas relações entre o grande público, a memória e a história na rede. Segundo Noiret,

> O historiador público deve poder fazer mediação com as formas públicas de conhecimento do passado que a rede oferece, contribuindo na primeira pessoa à narrativa do passado em meios virtuais. Construir uma história pública digital que seja capaz de fazer frente e de mediar de modo critico a manifestação incessante das memórias privadas – e das memórias embalsamadas – é certamente um papel profissional destinado ao trabalho do "*publichistorian"* (NOIRET, 2015, p. 40).

A Era Ciber possibilita a construção de saberes baseados na participação dos diversos sujeitos sociais, contribuindo para um conhecimento mais democrático. A informação é produzida pelo público e para o público, necessitando de um direcionamento oferecido por aqueles que possuem uma base acadêmica. A criticidade documental representa, para o campo da história, uma guinada para o aperfeiçoamento do conhecimento público, dando vozes a memórias e histórias individuais que estavam destinadas ao silêncio do desconhecimento. Parte-se de um rigor metodológico que atende as especificidades de uma história construída a várias mãos (literalmente).

1.3 Estabelecendo rotas, reunindo ferramentas: manifestações da história de Campina Grande

Partindo das informações apresentadas, almejando a contextualização do nosso objeto investigativo, torna-se necessário apontar as ferramentas a serem utilizadas para balizar nossa viagem investigativa e expor alguns contornos que configuram os espaços a serem analisados.

As ferramentas educarão o nosso olhar, oferecendo a base necessária para preparar o mastro metodológico de nossa embarcação, o qual lançará as velas teóricas da História Cultural e da História Pública Digital. A definição das rotas (a história pública digital sobre Campina Grande) se faz por meio da apresentação e discussão das manifestações historiográficas mais recorrentes na cidade: a História Memorialista e a História Acadêmica. Esse debate ganha novos contornos com o advento do universo digital, adaptando-se e se reinventando para atender as demandas do tempo presente. Essas e outras questões serão levantadas nas linhas que se seguem.

1.3.1 Nossa bússola metodológica: uma história comparada de ilhas digitais

Toda escrita histórica carrega consigo, variando em intensidade, o hábito de comparar, mesmo que inconscientemente. Trata-se de uma prática que acompanha a própria manifestação investigativa, de maneira espontânea. Todavia, a História Comparada se distingue desse movimento ao passo que reúne uma série de procedimentos e conceitos que organizam um campo metodológico próprio, propondo a busca por semelhanças e diferenças entre dois ou mais manifestações culturais, com o objetivo de investigar um determinado fenômeno (BLOCH, 1998). Esse método elenca e analisa elementos escolhidos pelo historiador, ao passo que lança as mesmas perguntas para objetos distintos.

A maior parte das pesquisas históricas que tomam por base essa metodologia se debruçam sobre escalas em âmbito global ou nacional, mesmo não existindo definições que restrinjam essa metodologia a esses recortes. Essa proposta compara objetos separados espacialmente ou temporalmente, expondo similitudes e diferenciações e atribuindo visibilidade a características próprias desses. Esse processo apresenta uma proposição bastante ousada ao estabelecer diferentes eixos analíticos que ampliam as possibilidades da pesquisa histórica.

Todavia, tal premissa historiográfica possui, assim como todas as outras, alguns problemas estruturais que requerem um olhar atento daqueles que desejam utilizá-la. Cardoso e Brignoli (1983) afirmam que o maior risco apresentado pela História Comparada residiria na elaboração de anacronismos, produzidos no momento da comparação entre tempos distintos, deslocando o sentido atribuído em um momento histórico para outro. Burke (2002) considera que tal proposta poderia provocar a sensação de evolucionismo, ao passo que também gestaria o etnocentrismo, conduzindo a comparações errôneas e que privilegiariam uma manifestação cultural em detrimento de outra.

Diante dessas questões, Barros (2007) apresenta uma série de procedimentos que buscariam minimizar a margem de erro dessa proposta metodológica, e é sobre estas sinalizações que aqui navegaremos, adaptando tal proposta para a realidade das terras digitais. De acordo com o autor, seria preciso seguir cinco passos: 1) **escolher dois ou mais campos de análise**; 2) **definir a escala de observação** (nacional, regional, local, grupal, etc.); 3) **complementar com outras abordagens interacionais** (História Cruzada, História Entrelaçada, História Transnacional ou História Interconectada); 4) **unir a História comparada com outros campos historiográficos** (História Cultural, História Política, História Social, entre outros), de acordo com a proposta da pesquisa; por fim, 5) **estabelecer uma perspectiva** (individualizadora, universalizante, diferenciadora ou globalizante). Esse percurso estabelece os elementos necessários para uma "Iluminação Recíproca", definida pelo autor como o processo

> [...] que se dispõe a confrontar dois objetos ou realidades ainda não conhecidos de modo a que os traços fundamentais de um ponham em relevo os aspectos do outro, dando a perceber as ausências de elementos em um e outro, as variações de intensidade relativas à mútua presença de algum elemento em comum (BARROS, 2007, p.4).

Alicerçado nesses procedimentos elencados, nossa pesquisa se debruça sobre a história pública digital de Campina Grande, presente em dois espaços distintos: no *Blog Retalhos Históricos de Campina Grande (RHCG)* e no *SESI Museu Digital*. A escolha desses espaços não se deu à toa. O *RHCG* representa a primeira manifestação em prol da construção de um espaço de memória virtual sobre a cidade na *internet*, ou pelo menos o primeiro de sucesso, ganhando prêmios[42] e reconhecimento da prefeitura[43] de Campina Grande. O outro espaço investigado é o primeiro museu digital da Paraíba, apresentando uma proposta institucional de história digital que atende as demandas das elites locais, funcionando em um prédio público localizado em um dos principais pontos turísticos da cidade – o Açude Velho.

Nossa investida não será fácil, pois estaremos comparando espaços que possuem uma série de características próprias, tais como: forma, estrutura, organização e objetivos. Mas, vale a pena observar, que ambos compartilham a proposta de preservar e difundir uma história dessa cidade por meio da utilização de recursos digitais. Aqui reside o eixo que permite a conexão entre ambos os espaços e sua consequente comparação.

[42] Estando entre os 100 primeiros colocados do Top Blog 2010 e entre os três primeiros no Top Blog 2012.
[43] Tornado Serviço de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 5096/2011 de 24 de novembro de 2011.

Seguindo com o protocolo apresentado por Barros (2007), faz-se necessário definir a escala utilizada em nossa viagem digital por esses espaços. Observando o comportamento e a estrutura apresentada pelos objetos de análise, utilizaremos duas propostas de escala. No caso do *SESI Museu Digital*, prevalecerá as discussões em torno da História Local (SILVA, F. 1999), enquanto que o *RHCG* será observado por meio da perspectiva da História Glocal (NOIRET, 2015). A opção pelas escalas citadas se dá em decorrência do alcance de seu conteúdo, enquanto que o acervo do museu só pode ser acessado em seu prédio físico, configurando uma forma de manifestação local, o *blog* é capaz de romper as fronteiras espaciais do mundo físico, podendo ser acessado de qualquer lugar do mundo, uma expressão local em intenso contato com o global, configurando a proposta glocal. Nos capítulos se seguem, esse debate será retomado, sendo mencionada aqui com o objetivo de definir o grau de nosso olhar.

A História Comparada está inserida no rol das correntes historiográficas que são definidas como procedimentos relacionais, por ter como foco a interação entre manifestações culturais distintas. Barros (2019) afirma que essas correntes metodológicas não são opostas e que, apesar de suas características próprias, elas se completam. Nesse sentido, estaremos complementando as orientações da História Comparada com as propostas da História Interconectada. O próprio nome da corrente já aponta uma possibilidade de relação com o nosso objeto de estudo, já que a conexão é uma das marcas do universo digital.

Mergulhando na compreensão do autor sobre a História Interconectada (BARROS, 2014), percebemos que esta permite ao historiador conduzir seu tema de maneira criativa, rompendo com padrões estipulados por outras metodologias, cabendo ao investigador escolher por onde vai se deslocar, seja por tempos, espaços ou culturas diferentes. Essa relação entre as duas correntes acaba ampliando o leque de possibilidades investigativas e corrigindo parte dos riscos existentes em cada uma das propostas. Em relação a sua aplicabilidade no ambiente virtual, o autor pontua que

> As redes sociais, por exemplo, os transcendem; as nacionalidades continuam a existir aqui como fenômenos de identidade, marcadores dos usuários, elementos instituidores de exclusão ou inclusão, mas o ambiente virtual já não conhece fronteiras, a não ser, eventualmente, a língua. O não-lugar instituído pela rede mundial de computadores através das redes sociais é apenas um exemplo (BARROS, 2019, p. 8).

Observemos que seu olhar pontua a interseção entre as marcas locais e as globais, notando que nesse universo digital as fronteiras físicas são rompidas ao passo que algumas características de sua identidade são mantidas, corroborando para a premissa exposta anteriormente sobre a ideia de glocalidade. Esse arriscado jogo comparativo busca construir

histórias conectadas sem nenhuma forma de hierarquia, focando na constituição da comunicação estabelecida entre ambas e nas características próprias de cada uma. Desse modo, podemos compreender essa interconexão metodológica como uma perspectiva multifacetada. Nas palavras do autor: "a história – ou "as" histórias – só podem ser, rigorosamente falando, múltiplas e diversificadas (ainda que interconectadas), e não constituem em absoluto uma única e grande história, homogênea, linear, conduzida em uma única direção" (BARROS, 2019, p. 10). Sendo importante observar que a História Comparada e a História Interconectada passam a ocupar em nossa pesquisa o papel metodológico, servindo de suporte para a aplicação de nossas premissas teóricas endereçadas, principalmente, por Certeau (1988).

Observemos que nossa discussão está inclusa num campo teórico multifacetado, que associa os debates historiográficos acerca da História Cultural, História do Tempo Presente e da História Pública Digital. Esse diálogo conecta as perspectivas historiográficas de maneira rizomática, permitindo a amplitude de nossa proposta investigativa. Observemos que nossos objetos de análise se encontram inseridos no presente digital, compartilhando perspectivas sobre o passado campinense, muitas vezes motivadas pelos contextos atuais e, alguns casos, feitos a muitas mãos. Essa relação entre os tempos é uma característica presente na própria concepção de história na rede, que interliga uma multiplicidade de tempos e espaços.

A História Cultural perpassa toda pesquisa, oferecendo subsídios para o trato das fontes e objetos, ao passo que estabelece eixos normativos que balizam o fazer historiográfico. É por meio dessa manifestação historiográfica que analisamos a cibercultura, concepção esta que perpassa os hábitos e relações humanas, inclusive o própria ato de fazer/sentir a história. Albuquerque Júnior (2018) observa que nós não aprendemos apenas a história, mas também a experimentamos e a sentimos por meio dos cinco sentidos humanos, aos quais – diante do contexto aqui analisado – são constantemente atualizados, ganhando novos formatos e sabores, ao passo que a tecnologia e o seu uso continuam a se transformar.

Cabe ainda mencionar que tomamos de empréstimo a proposta metodológica empregada por Lucchesi (2014) em sua dissertação de mestrado, balizando a proposta comparativa com os mecanismos sistematizados por Ricoeur (2007) sobre a operação historiográfica[44] (documental, explicativa/compreensiva e representativa), inspirado em Certeau (1988) . Essa conexão tem como objetivo identificar distâncias e aproximações entre as narrativas sobre o passado

[44] O autor toma por base as informações elencadas por Michel de Certeau, apontando três etapas necessárias para a consolidação da pesquisa histórica que acontecem de forma imbricada. A *fase documental* corresponde ao estabelecimento das fontes; na *fase explicativa/compreensiva* o historiador responde as indagações que motivaram a sua pesquisa; enquanto que na *fase representativa* o profissional da história traduz suas conclusões sob o formato textual.

campinense, produzidas e compartilhadas pelo *Retalhos Históricos de Campina Grande* e pelo *SESI Museu Digital*. Esse olhar comparativo busca, por meio da identificação de singularidades e semelhanças, atribuir destaque para suas características comuns, referida por Barros (2007) como uma perspectiva individualizadora. Munida das ferramentas teóricas e metodológicas apresentadas, nossa viagem se torna mais segura, sendo possível enfrentar os desafios lançados diante de nós.

Também tomaremos por empréstimo a análise documental pensada por Bardin (1977, p.45-46) onde "o propósito a atingir é o armazenamento sob uma forma variável e a facilitação do acesso ao observador, de tal forma que este obtenha o máximo de informação (aspecto quantitativo), com o máximo de pertinência (aspecto qualitativo) ". Essa percepção dialogará com as informações supracitadas, permitindo a análise de um volume considerável de dados – em especial no *RHCG* –, focando nos aspectos qualitativos dessa história pública digital campinense.

Nossas velas estão apontadas em direção ao passado digital de Campina Grande. Mas antes de seguir viagem é necessário conhecermos alguns pensadores que influenciam a definição dos contornos históricos que são projetados sobre a cidade no ciberespaço e fora dele. É certo que esses discursos não são uniformes e que dividem espaço com tantas outras narrativas, mas buscaremos esboçar os principais representantes da historiografia tradicional campinense – progressista e ufanista (PESAVENTO, 2004) –, assim como também iremos elencar algumas contribuições contemporâneas que apresentam um olhar crítico para essas propostas históricas, oferecendo subsídios para as análises desenvolvidas em nossa proposta investigativa.

1.3.2 Navegando pela historiografia campinense: olhares sobre o passado de Campina Grande

Antes de nos debruçarmos sobre as principais narrativas acerca do passado campinense, torna-se importante mencionar a existência de narrativas que (re)produzem discursos que compreendem essa cidade sob o aspecto da grandeza e da modernidade, compartilhado durante todo o século XX, e que se reinventa perante o mundo informatizado, passando também a reivindicar para si o título de "cidade digital"[45]. Essas mutações sobre o presente também interferem no trato que a cidade lança sobre seu passado, emergindo diversas narrativas sobre

[45] O título faz referência a um projeto federal de desenvolvimento tecnológico e comunicacional de cidades brasileiras. Campina Grande faz parte das cidades escolhidas para esse processo de modernização do serviço público e de melhoria da comunicação da população. Para mais informações acessar: <https://www.e-gestaopublica.com.br/cidade-digital/>. Acesso em 21 jun. 2020.

a cidade que se aproximam e se distanciam. Entre essas propostas, como já mencionados, destacam-se o *blog Retalhos Históricos de Campina Grande* e o *SESI Museu Digital*, que se apresentam como nós rizomáticos, ao confluir diversas narrativas sobre o passado da cidade. Esses espaços serão visitados e comparados por nossa pesquisa, buscando compreender suas semelhanças e diferenças no trato e na produção de narrativas históricas sobre a cidade, para que seja possível a iluminação recíproca pensada por Barros (2007).

Dentro desse contexto, estaremos dividindo as narrativas sobre o passado campinense em dois grupos, com o intuito de facilitar a compreensão do leitor e também a própria construção de nossa narrativa. O primeiro grupo será aqui representado como a **Primeira Geração**, reunindo desde personagens que atuaram na cidade por meio da elaboração de ciclos intelectuais e com produção de relatos memorialísticos, a exemplo de Cristino Pimentel e Hortênsio Ribeiro, até Elpídio de Almeida – figura responsável pela elaboração de uma história oficial da cidade aos moldes de uma historiografia metódica.

A **Segunda Geração** compreende as atuais pesquisas desenvolvidas pelos historiadores acadêmicos – que tomam por base, principalmente, a História Cultural e a História Social Inglesa –, apresentando olhares em contraposição à geração anterior, mesmo reconhecendo a importância desempenada por ela para a sistematização de fontes e informações sobre o passado da cidade. Esse segundo movimento se inicia durante a década de 1970, com a criação dos cursos de História na Universidade Regional do Nordeste (URNe) e na Universidade Federal da Paraíba (UFPB) Campus II - Campina Grande[46]. Porém, ganha força e visibilidade apenas a partir dos anos 2000, com o desenvolvimento de pesquisas de doutoramento de muitos professores e ex-alunos dessas instituições, impulsionadas provavelmente pelo crescente processo de acesso a informação possibilitado com a *internet*. Entre esses autores podemos mencionar, a termo de exemplo, o Gervácio Aranha e Cabral Filho.

Vale salientar, todavia, que não objetivamos esgotar os debates acerca do tema, tornando-se impossível no curto espaço disponível elencar todos os autores atuantes no processo de construção do passado campinense. Alguns serão mencionados nas linhas que se seguem, outros aparecem no escopo do trabalho. Ao que nos parece, nenhum pesquisador estabeleceu essa diferenciação de maneira explicita, cabendo a nós toda e qualquer responsabilidade por alguma incongruência possa ser praticada.

[46] A URNe corresponde a atual Universidade Estadual da Paraíba (1987), enquanto que a UFPB – Campina Grande – passou a ser a Universidade Federal de Campina Grande (2002).

1.3.2.1 #Primeira_Geração: relatos memorialísticos e a elaboração de uma história dita "oficial" para Campina Grande

Diversos sujeitos se debruçaram diante da tarefa de registrar a história campinense, mas apenas alguns ganharam destaque perante a sociedade. Um desses nomes é Epaminondas Câmara, responsável pela produção de textos que se dedicavam a tratar dos "principais fatos" da história paraibana, em especial aos que tratam do passado campinense. Seus textos foram publicados inicialmente em folhetins e jornais da cidade, alcançando públicos de camadas sociais diversas ao apresentar um conteúdo de interesse coletivo, mas que também era de desconhecimento da maior parte da população. Seus registros se apresentavam sobre a forma de crônica e do relato memorialístico factual, havendo pouca preocupação com relação a busca e utilização de documentos e fontes.

Em *Os Alicerces de Campina Grande*, publicada pela primeira vez em 1943, o autor apresenta uma síntese histórica da região desde suas "origens", com a colonização portuguesa sobre a população indígena no século XVII, até o século XIX, quando a vila ali instalada é elevada à categoria de cidade. As informações apresentadas por Câmara (2006) contemplam temáticas variadas, desde religiosidade, economia e sociedade até a vida política do espaço. Após a descrição de uma "síntese histórica", o autor se debruça sobre as transformações sociais e urbanas sofridas pela região após sua municipalização, atribuindo destaque para elementos relativos a educação e a metamorfose dos costumes e das relações. Em diversos momentos do texto, atribui-se importância as famílias Oliveira Ledo, Nunes Viana e Alves Viana, destacadas como as mais importantes do processo de formação dos "alicerces" da cidade. Essa obra continua sendo utilizada por diversos autores, sejam eles historiadores ou diletantes, estando presente de maneira implícita e explicita na elaboração da história compartilhada na rede e fora dela (caso o autor se sentir curioso, poderá encontrar um exemplo dessa utilização aqui).

As informações apresentadas pelo autor são ampliadas em *Datas Campinenses*, lançada em 1947. Câmara (1998) divide a história da cidade em três fases: a povoação (1697 - 1790), a vila (1790 – 1863) e a cidade (1864 – 1947). Sua narrativa, assim como a obra mencionada anteriormente, prossegue um percurso evolutivo e progressista, apontando os principais eventos e personagens da história da cidade, e que vão acompanhar a visão de história compartilhada pela cidade até os dias de hoje, presentes em seus lugares de memória oficiais. Todavia, sua narrativa não deixa de conter uma série de críticas aos comportamentos políticos da cidade,

como podemos observar no excerto a seguir onde discute as fases de desenvolvimento apontadas por ele:

> Da mesma maneira que, na primeira fase (1864 a 1889), o campinense tem inveja das outras cidades e cada partido local, sem olhar sua própria inatividade, atira a culpa no adversário, açulando discórdias e revoltas; que na segunda (1890 a 1900) desenvolvem-se o refinamento da capangagem e o protecionismo político a certos malfeitores e criminosos; e que na terceira (1901 a 1907) tais sintomas de exaltação se degeneram no preconceito da valentia quase generalizada e no gosto – que passou à moda da época – pelos insultos pessoais; da mesma maneira no atual período assistimos na quarta fase (1908 a 1918) à sofreguidão pelas construções de afogadilho, como se fosse um acampamento; na quita (1919 a 1930) às iniciativas de pequeno vulto, visando apenas lucros rendosos, na sexta (1931 a 1940) à confiança na inversão de capitais em empresas de fins imediatamente econômicos e na atual, felizmente, às tendências para a compreensão mais justa das necessidades ambientes e para os empreendimentos de fins mais amplos, duradouros e eficientes (CÂMARA, 1998, p. 51-52).

Os questionamentos apontados por Câmara também revelam seu posicionamento de oposição aos grupos que transitavam pelo poder, criticando em diversos momentos a ausência de preocupação com as manifestações artísticas e culturais da cidade, contraposta ao desenvolvimento econômico. O autor de *Datas Campinenses* não conseguiu um espaço de destaque em vida, levando-o a se envolver em diversos conflitos com intelectuais e políticos de sua época, como observa Gaudêncio (2019). Todavia, esse posicionamento não impediu a utilização desse como base para a construção de narrativas sobre a cidade, sendo amplamente utilizado como forma de representar um relato verídico sobre algum acontecimento, seja no *RHCG* (conforme pode ser observado aqui) ou no *Museu Digital*.

Vale salientar, todavia, que seus escritos são responsáveis por elencar diversas informações valiosas para o estudo do período, mencionando a data exata de muitos acontecimentos, a exemplo da mudança de nomes de praças, do falecimento de moradores "ilustres" e da inauguração de prédios públicos. Foi um dos primeiros diletantes a elaborar uma coletânea de textos sobre a história da cidade. Mesmo se envolvendo em conflitos com grande parte dos intelectuais da época, vivia em constante convivência com estes, compartilhando ideias e experiências e influenciando a pesquisa de outros.

Outro nome que se destaca no seio intelectual campinense é Cristino Pimentel, autor de diversas crônicas publicadas em jornais, revistas e livros que relatam acontecimentos do passado campinense. Diferente de Câmara, o autor possui um recorte temporal mais curto registrando eventos e personagens com os quais ele vivera e conhecera, configurando seu trabalho mais como uma produção memorialista. A *Fruteira de Cristino Pimentel*[47] reunia

[47] Com o tempo, passou a funcionar também como um bar.

diversas pessoas da cidade, sendo palco da formação de diversos grupos intelectuais e se destacando no cenário municipal entre 1940 e 1950, conforme pontua Gaudêncio (2019). Esses encontros eram sempre regrados ao consumo de bebidas alcoólicas, a declamação de poesias e a discussão de ideais, onde eram travados diversos debates intelectuais, influenciando muitos dos textos publicados em jornais e livros.

O estabelecimento comercial de Pimentel possuía como característica a presença de diversos grupos sociais, não havendo qualquer forma de distinção. Esse espaço era visto por seu dono como um lugar de luz, onde o conhecimento era compartilhado por e para todos, anunciando sua clara associação com o pensamento iluminista[48]. Atrelado a essa percepção, temos também a premissa do bar com um lugar sagrado (do saber), mas também profano (dos debates banais e do consumo etílico), formando um paradoxo que é utilizado pelo cronista para valorizar a importância do bar para a sociedade campinense.

Sua relação com Câmara era saudável, como podemos observar no terceiro capítulo de *Mais um mergulho na história campinense*, onde o autor apresenta uma biografia póstuma do historiador campinense, exaltando suas qualidades e seu papel no desenvolvimento da vida intelectual da cidade, em suas palavras: "[...] Seu coração era penetrável; através das suas arestas, deixava coar-se a paz interior, que nele tinha guarida. Foi um homem integro" (PIMENTEL, 2001, p. 37-38); e complementa: "[...] Decorrido poucos anos, no seio do dever e do haver, Epaminondas Câmara, o escrito, o acadêmico, o historiador, o pesquisador incansável, adoeceu e morreu" (idem, p. 40). O cronista não economiza nos adjetivos para engradecer a importância de Câmara para a cidade, representado como um homem integro e um intelectual ativo e responsável.

Pimentel e Câmara se encontravam por meio das letras, em discursos que exaltavam as premissas de progresso, civilização e mudança, ao passo que também apontavam as transformações do espaço urbano e social de sua contemporaneidade. Pimentel era mais sútil com as críticas, destacando em seus textos a necessidade das mudanças para que a cidade entrasse em sintonia com a modernidade, mas isso não quer dizer que tivesse um posicionamento menos crítico. Segundo F. Sousa (2005), os escritos de Pimentel são um dos exemplos mais fortes do desejo que as elites tinham de modernizar a cidade em todos os seus aspectos. Entre seus escritos, encontramos narrativas que apresentam alguns personagens e eventos da cidade que foram registrados pela sua memória, sendo amplamente requisitado para

[48] O Iluminismo foi um movimento cultural/intelectual que floresceu na Europa entre os séculos XVII e XVIII, postulado em ideais de liberdade e igualdade estimulados pela ascendente classe burguesa do período, com vistas a modernização política, econômica e social das nações.

embasar as diversas manifestações de escrita da história campinense na contemporaneidade (veja um exemplo aqui).

Os questionamentos do cronista são lançados com mais ênfase no que se refere ao descrédito dado pela cidade ao papel desempenhando pela cultura e pela educação, vias necessárias, segundo ele, para o completo desenvolvimento da civilização. Em suas palavras: "[...] O progresso, como a vida humana, tem altos e baixos. Ás vezes é lento, ás vezes desesperado. O nosso progresso material tem sido desesperado. Parece que a nossa cidade só tem entranhas. Coisas de se lamentar, porque não é o lugar da consciência" (PIMENTEL, 2011, 142). Ele lamenta o fato da cidade se preocupar em demasia com o desenvolvimento econômico e dar pouco crédito ao intelectual, ideia também presente nos textos de Câmara, como já mencionado.

De maneira semelhante a Pimentel, o advogado e jornalista Hortênsio de Sousa Ribeiro também assumiu um papel de líder intelectual na cidade. Ele escreveu diversas crônicas que retratavam personagens da elite paraibana, cuja maioria pertencia ao seu ciclo de amizade. Seus escritos constituem um valoroso registro histórico do período, pois narram a vida e morte de pessoas que marcaram a trajetória da cidade nas esferas político-econômica, registrando também a utilização dos nomes destes sujeitos em espaços públicos. Todavia, assim como Pimentel, a principal influência historiográfica de Ribeiro reside justamente na formação e liderança de grupos intelectuais. Vale mencionar que seus escritos foram publicados em jornais em revistas, transpostos para o formato de livro apenas após a sua morte, sendo utilizado também por aqueles que se debruçam pela história da cidade (como pode ser observado aqui).

Na década de 1930, o jornalista acabou formando em seu escritório de advocacia um grupo de debates intelectuais que ficou conhecido como *Caldo de Cana do Hortênsio*, reunindo uma quantidade significativa de pessoas que se reuniam ali para discutir ideias e compartilhar leituras. A importância desse espaço cresceu de igual modo que, em 1938 o círculo fora transformado em *Centro Campinense de Cultura*, recebendo amplo aval do estado, justamente por apoiar o Estado Novo[49] varguista (SOUSA, F. 2005). Entre os objetivos elencados para o espaço, destaca-se a proposta de "cultivar a memória sobre os homens extraordinários", compartilhando com a cidade os grandes nomes da história brasileira. Esse processo educativo mais amplo era realizado por meio de palestras, debates e conferências, oferecidas ao público em geral.

[49] Estado Novo (1937-1945) corresponde a terceira fase do primeiro governo de Getúlio Vargas, possuindo características antidemocráticas e autoritárias, como o controle da informação e a perseguição de opositores, que o enquadram como uma manifestação ditatorial.

A construção desse grupo teria como responsabilidade elevar o grau civilizatório da cidade, ao passo que ofereceria as bases para a própria concepção de história almejada por ela. De acordo com o cronista, era necessário a elaboração "de um centro de cultura e estudos que tenha por desiderato soerguer o nosso nível espiritual, nosso sentimento estético e o nosso espírito histórico" (RIBEIRO, 1937, p.1). Uma história dos grandes nomes e eventos, que dignificasse o passado da cidade ao passo que também justificasse o presente, eis o ideal de história almejado pelo grupo. Como veremos nos capítulos subsequentes, essa forma de pensar e produzir a história da cidade sobreviverá as mudanças político-culturais as quais ela foi submetida, sendo reapresentada com uma nova roupagem digital, reafirmando também os discursos de modernidade elencados pelos cronistas e pala sociedade a qual eles estavam inseridos.

Sobre ele, Pimentel (2001) escreve: "todos os campinenses sabem quem era o dr. Hortênsio Ribeiro: um armário de conhecimentos onde guardava tudo e a cultura fazia morada sem aparatos" (p.77), deixando claro sua relação de amizade e admiração com o jornalista, destacando a importância desse sujeito para o desenvolvimento cultural da cidade. Em outro trecho, afirma que "o dr. Hortênsio Ribeiro escrevia sobre a marcha ascendente da cidade cuja evolução e crescimento acompanhou e sentiu" (idem, p.79).

Inserido nesse contexto intelectual campinense, o médico e ex-prefeito Elpídio de Almeida lança em 1962 o livro *História de Campina Grande*[50] com o objetivo de celebrar o centenário de emancipação política de Campina Grande, comemorado em 1964. A publicação desse livro simbolizou um marco para a cidade, já que até então sua história era apresentada apenas por crônicas e relatos pessoais em jornais e revistas, copilando os "principais" fatos e eventos que marcaram a trajetória da região, utilizando como aporte uma série de fontes reunidas por ele e pelo Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba (IHGP), entidade a qual ele fazia parte.

De maneira breve, seria enriquecedor ao nosso debate traçar um perfil para o IHGP, grupo responsável pelo estabelecimento da história oficial paraibana. Inicialmente, vale mencionar que esse movimento estava intimamente ligado as iniciativas do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), que desenvolvera o processo de elaboração e difusão de narrativas oficiais sobre o passado brasileiro, com objetivo de evidenciar a homogeneidade e de legitimar o Estado (DIAS, 1996). Esse processo é incorporado pelos estados, que passam a

[50] Temos em mãos a segunda edição do livro, publicada em 1978 pela Editora Universitária da Universidade Federal da Paraíba.

fundar institutos almejando a elaboração de narrativas sobre a história local, sempre em consenso com a proposta nacional. No caso da Paraíba, essa entidade é fundada em 1905, propondo uma história da Paraíba feita pelos próprios paraibanos.

Desde o primeiro dia, o IHGP esteve intimamente ligado ao Estado, tendo como tarefa a legitimação do regime vigente, através da elaboração de heróis e mártires paraibanos e assim construindo uma identidade local. Havia uma consciência das elites paraibanas sobre a importância de se elaborar e "contar" uma história da Paraíba e, para isso, era necessária a catalogação dos vestígios que servissem para glorificar o passado desta terra, movimento que propunha o mapeamento dos "fatos que mereciam ser lembrados". O principal objetivo do Instituto Paraibano, de acordo com Dias (1996), era a construção de uma "paraibaneidade", ou seja, a construção de uma identidade local distinta do restante do país. Sob essa ótica, foram construídas algumas visões que transformavam o povo paraibano em único, pois estes eram: pacíficos, civilizados, patriotas, valentes, independentes de Pernambuco e republicanos ("modernos").

Campina Grande estava perto de completar seus 100 anos de emancipação, mas ainda não possuía um documento que reunisse seus "fatos principais". Desse modo, Elpídio de Almeida, representante do instituto na cidade, acaba assumindo a tarefa de escrever a história da cidade. Nas palavras do autor:

> Impunha-se a elaboração dêste trabalho, sem mira a prêmio ou ajuda oficial, como contribuição espontânea às festividades do 1º centenário da cidade, a comemorarse em 11 de outubro de 1964. Como realizá-las com afeição e ufania sem um caderno descritivo de seu passado? Sem um depoimento exato sôbre os homens que a fundaram? Sem uma narrativa dos principais sucessos ocorridos em seu território, desde o tempo da fundação da aldeia, velha de três séculos? Aparece esta publicação área evitar a falha (ALMEIDA, 1978, p. 11).

Observemos que o intuito do historiador é apresentar um documento que destacasse a exata descrição dos fatos do passado campinense, trazendo à tona a verdade sobre os fatos. Esse olhar representa a postura teórica e metodológica que embasa o IHGP e o IHGB, pautando-se nas perspectivas da escola metódica que propunha a construção de uma história factual, progressista e neutra, tomando por base a documentação oficial sobre o período estudado (DIAS, 1996).

Almeida (1978) traça um perfil de glória para a cidade, destacando nos 32 capítulos de seu livro a trajetória de um espaço que estava fadado ao sucesso desde seu início. O livro compreende um recorte que se inicia com as "origens" da povoação do espaço até 1930. O recorte escolhido é justificado pelo autor a partir dos seguintes argumentos:

> Esbarrei em 1930. Para escrever a história dos últimos trinta anos, fase de maior progresso de Campina Grande, teria que falar de pessoas vivas, falar de mim também, dirigente que fui do município em dois quadriênios, o que e seria incômodo e vexativo. Outros que o façam mais tarde, imparcialmente, dispondo do farto e variado material que está ai à mão. (ALMEIDA, 1078, p. 12).

Observemos que o autor se isenta da análise dos "últimos trinta anos", porque ele teria que falar de pessoas "vivas", incluindo ele mesmo. A premissa de distanciamento do objeto estudado é justificada perante sua atuação política campinense, almejando a tão expirada neutralidade da narrativa histórica creditada pelo IHGP. Elpídio de Almeida se esforça para construir uma narrativa história monumentalizada, feita para ser contemplada, mas não criticada. Ele esboça os anseios da elite[51] local na elaboração de uma história gloriosa e que incluísse a cidade nos trilhos da "civilização".

Sua obra crítica movimentos populares, a exemplo do Quebra-Quilos, caracterizados como desordeiros, pois estes eram responsáveis por atrapalhar a ordem evolutiva da cidade visando apenas o benefício próprio. Esse olhar transparece o ponto de vista das elites paraibanas, que contrapunha qualquer proposta de mudança, já que isto colocava em risco a própria manutenção do poder e a permanência desses grupos na dianteira da vida pública. Diante da necessidade de endossar a atuação das elites na história da cidade, Almeida, sempre que possível, baseia sua argumentação nos mitos de origem, atribuindo importância fundamental a atuação do tropeiro[52] Teodósio de Oliveira Ledo. Nas palavras do autor:

> Não foi difícil a Teodósio dar desenvolvimento ao núcleo iniciado com o grupo dos Ariús. Dadas as condições favoráveis do sítio, a amenidade do clima, a existência de matas, a natureza do solo e, principalmente, a sua localização, ponto de passagem preferido nas comunicações entre o sertão e o litoral, cedo conseguiu atrair parentes, colonos brancos, índios mansos, com o que assegurou a prosperidade do lugar (ALMEIDA, 1978, p. 37-38).

Sua narrativa fabrica um passado glorioso para atender aos interesses do presente de sua produção – a comemoração do centenário da cidade -, sendo permeado por um discurso heroico que atribui a Oliveira Ledo a responsabilidade de dar início ao povoamento de um território que tinha um sucesso garantido desde suas origens. Segundo Almeida (1978), a fundação da Vila

---

[51] Nesse trabalho, tomaremos esse termo para nos referir aos grupos dominantes das esferas política e econômica, levando em consideração a indissociabilidade dessas. Tais grupos assumem, desde as primeiras configurações urbanas, o exercício do poder, dominando os demais segmentos sociais e controlando as principais manifestações econômicas.

[52] Essas personagens se tornaram importantes para a história da cidade, pois desempenharam um papel essencial na consolidação e desenvolvimento de Campina Grande. No segundo capítulo, apresentaremos os diversos elementos que circundam os discursos sobre essas figuras históricas.

Nova da Rainha garantiu a presença de um valoroso entreposto comercial entre o litoral e o sertão, permitindo a expansão do comércio realizado pelos tropeiros.

Observemos que a atribuição de fundador conferida a Oliveira Ledo já era elucidada por outros intelectuais campinenses, a exemplo do já citado Epaminondas Câmara. Todavia, o formato do texto de Elpídio de Almeida, aliado ao seu lugar social como membro do Instituto Histórico e Geográfico Paraibano conferiam a sua narrativa confiabilidade perante a sociedade. De modo que os escritos elencados pelo ex-prefeito assumiram a posição de história oficial da cidade, fortalecendo os discursos de progresso e modernidade compartilhados por ela e sobre ela. Observemos, a termo de exemplo, um texto publicado no Jornal da Paraíba em 1989 com o título *Sinopse de uma cidade-exemplo*:

> Nascida, providencialmente, no Planalto da Borborema, mercê da saga, do arrojo e da visualização de uma leva de abnegados, sob o comando do desbravador dos sertões, Teodósio de Oliveira Lêdo. Transmudou-se a condição de vilarejo, com o sugestivo nome de Vila Nova da Rainha, para em seguida, guindar-se, meritoriamente, à condição de cidade, com o pomposo nome de Campina Grande – qualitativo este inspirado, segundo eméritos historiadores, na vegetação dadivosa e abundante que verdejava os campos serranos, nativos e virginais, ainda isentos da funesta depredação operada pelo homem (CAMILLO, 1989, p. 4).

Nesse trecho, podemos notar as permanências narrativas que caracterizam a tropa fundante da cidade como um povo desbravador, de características altruístas e que foram fundamentais para a produção de um espírito heroico para a cidade. Essa perspectiva acaba perpassando não apenas o discurso compartilhado em jornais e revistas, assumindo um papel institucionalizado com o estabelecimento de músicas, monumentos, museus e nomes de praças e ruas que homenageiam os feitos e os nomes dos "ilustres" personagens elencados por Almeida ou por aqueles que seguiram sua proposta de história de/para Campina Grande, influenciando a sua concepção na rede e também fora dela.

Outro personagem que se insere nessa geração é o jornalista Josué Sylvestre, autor de três obras[53] que representam a história política da cidade entre os anos de 1930 e 1964. Mesmo publicando suas obras muitos anos depois dos autores supracitados, seu olhar ainda pertence a essa primeira fase memorialista e diletante, justamente por ter como princípio a legitimação de discursos sobre a modernidade campinense. Seus escritos almejam "real descrição dos fatos", representando o cenário político da cidade sob o formato de uma batalha entre o novo – representado pelo movimento nacionalista – contra o velho – manifesto nas reminiscências das

[53] Da Revolução de 1930 à queda do Estado Novo: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba (1993); Lutas de vida e de morte: fatos e personagens da história de Campina Grande – 1945/1953 (1982); e Nacionalismo & Coronelismo: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba 1954 - 1964 (1988).

práticas coronelistas e paternalistas da Primeira República (1989-1930) brasileira (DOS SANTOS, Fabrício, 2014). A influência desse autor fica em evidência apenas no *Retalhos Históricos de Campina Grande*, por isso, estaremos deixando para aprofundar sua discussão apenas no Terceiro Capítulo. Sendo importante frisar, que seu pensamento a respeito da premissa de modernidade entra em consenso com os demais escritores do período, se diferenciando, todavia, por fazer dos seus textos um mecanismo discursivo para legitimação de sua visão política.

Evolução, progresso e modernidade, eis os termos que são sempre mencionados pelos personagens citados, expondo as linhas que entrecruzam o pensamento dos grupos intelectuais da cidade. As pesquisas desenvolvidas por Epaminondas Câmara, atreladas a atuação dos diversos grupos[54] intelectuais da cidade, a exemplo dos "liderados" por Cristino Pimentel e por Hortênsio Ribeiro, foram os responsáveis pela elaboração das bases historiográficas da cidade na primeira metade do século XX, sendo extremamente importantes para as pesquisas subsequentes. Esses intelectuais compartilhavam entre si ideais e crenças, debatendo, concordando e muitas vezes brigando, mas quase sempre terminando entre sorrisos acompanhados de um copo de caldo de cana ou da própria aguardente. Emergia-se diante das elites intelectuais campinenses, cada vez mais, a necessidade de valorizar a cultura da cidade e de registrar os grandes nomes de seu passado, movimento este que não cessa, atualizando-se diante das novas realidades sociais e se apresentando no começo do século XXI sob o formato de um museu digital.

Vale a pena observar como as escritas oficiais foram responsáveis pela localização e catalogação de parte da documentação sobre a história da cidade, ao passo que também ofereceram diversos registros memorialísticos. Essas narrativas, como fora apresentado, se tornaram fundamentais para o fortalecimento dos discursos que compreendiam Campina Grande como um espaço destinado ao progresso e a modernização. Tais processos não passaram despercebidos ao olhar da historiografia campinense. Diversas pesquisas se debruçaram sobre o processo de fabricação histórica de uma cidade "moderna", "civilizada", "grande" e que agora também reclama para si o título de "digital" – movimento investigativo feito por essa pesquisa.

1.3.2.2 #Segunda_Geração: escritas acadêmicas sobre o passado campinense

[54] Para um maior aprofundamento sobre as elites intelectuais campinenses, indicamos a leitura da obra *Da Academia ao bar: círculos intelectuais e cultura impressa em Campina Grande – PB (1913-1953)* de autoria do historiador Bruno Gaudêncio (2019). Os dados desta obra estarão disponíveis em nossas referências bibliográficas.

Como já fora mencionado no começo desse tópico, a criação dos cursos de História nas universidades campinenses deu início a um processo de produção de narrativas que se contrapunham a forma com o passado da cidade era apresentado até então. Esses pesquisadores foram influenciados pelas correntes historiográficas predominantes em cada período e em cada instituição. Durante os anos da Ditadura Militar (1964-1985), a principal linha teórica a influenciar a produção dessas narrativas era o Marxismo, destacando aspectos relacionados a luta de classes e a críticas ao capitalismo. Todavia, a maior parte dos textos produzidos ficavam restritos aos muros dessas instituições, sendo desconhecidos para o grande público. Nos anos subsequentes outras óticas historiográficas se instalaram na cidade – História Social Inglesa e a História Cultural –, atribuindo considerável destaque para as experiências culturais e para outras formas de sentir, pensar e produzir a história. O desenvolvimento de pesquisas de maior densidade investigativa (nos anos 2000) possibilitou uma maior visibilidade do papel desempenhado pelos profissionais da história no município.

Um desses historiadores pertencentes a essa segunda etapa da historiografia campinense é o Gervácio Aranha (2001). Esse pesquisador desenvolve em sua tese de doutorado, intitulado *Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925),* uma série de investigações que analisam o processo de modernização da Paraíba e região, ocorridas entre os anos 1880 e 1925. Sua pesquisa se dedica a observar a chegada de alguns itens que mudaram a forma como a região era vista e como ela própria se via. Em diversos pontos, o autor menciona as transformações vivenciadas por Campina Grande durante o final do século XIX e início do século XX, atribuindo pretensioso destaque a chegada do trem na cidade. Josemir Camilo de Melo (2000), em sua tese *Modernização e Mudanças: O Trem Inglês nos Canaviais do Nordeste (1852-1902),* é outro pesquisador que se debruça sobre as questões ligadas a instalação das linhas férreas na cidade e os impactos provocados por este em todos os aspectos da vida do cotidiana.

O trem aparece como um dos itens que correspondem as maquinarias de conforto (BEGUIN, 1991), compreendidas como elementos necessários para a consolidação da modernização de um espaço. O conceito de modernidade empregado por Aranha (2001) corresponde as transformações provocadas pela implantação de mecanismos que facilitavam a vida das pessoas, tornando as tarefas mais cômodas. Também se enquadram no conceito mencionado a luz elétrica, o telégrafo, os automóveis, a telefonia residencial, entre outros.

Os autores mencionados (ARANHA, 2001; MELO, 2000) observam que a instalação da estação ferroviária de Campina Grande em 1907 é fundamental para o fortalecendo o

comércio algodoeiro da cidade, permitindo seu amplo desenvolvimento. Todavia, esses autores pontuam que os debates em torno do trem de ferro jamais se encerrariam no campo econômico, sendo fruto de intensas batalhas políticas visando seu controle, assim como também responsável pelo florescer de novas atividades sociais, sejam elas ligadas ao campo do trabalho – com as novas profissões exigidas pela presença do trem – ou aquelas associadas ao lazer – com o transporte de passageiros para outras cidades da região.

Fabio Gutemberg Sousa (2001) – também em tese, sob o título *Cartografias e Imagens da Cidade: Campina Grande – 1920-1945* – corrobora com esse debate ao analisar as metamorfoses urbanas vivenciadas por Campina Grande entre 1920 e 1945. O autor se debruça sobre um período em que a cidade vivencia uma série de transformações em sua organização social e espacial, possibilitadas e impulsionadas pela pujança econômica advinda do *ouro branco*[55]. A chegada da luz elétrica (1920) no município é observada como um marco importante, sendo apropriada pelas elites intelectuais e políticas como um símbolo de diferenciação em relação aos demais municípios da região. Esse mecanismo iluminava as vias, permitindo um prolongamento das atividades comerciais e sociais durante o período noturno, mesmo que contando com diversas limitações, conforme observa Brandão (2013).

F. Sousa (2001) também analisa as reformas implementadas pelo prefeito Vergniaud Wanderley entre os anos de 1935 e 1945, responsáveis pelo remodelamento espacial de diversos espaços da cidade, com o alargamento de ruas, destruição de casarões, pavimentação de vias, abastecimento d'água, saneamento das partes centrais da cidade, adesão do estilo arquitetônico Art Déco[56], entre outras. Essas transformações foram vistas pelos cronistas, citados anteriormente, como manifestações de uma cidade que se preparava para o futuro, que caminhava em direção ao progresso e a civilização. O historiador registra essas observações, percebendo os impactos positivos e negativos dessas remodelações para a vida e para as pessoas da cidade.

Observemos que esse processo não modificava apenas a paisagem da cidade, mas também exercitava ampla influência nos comportamentos cotidianos da população, considerados arcaicos e arraigados na tradição rural, conforme pontua Araújo (2010). Os discursos que almejavam a construção da higiene estética da cidade contribuíram para transformar o modo de vida nela, interferindo nas formas de usar o espaço urbano, uma vez que

[55] O termo faz referência a riqueza gerada pelo comercio algodoeiro em Campina Grande entre 1900 a 1950, sendo responsável por inúmeras transformações sociais, espaciais e culturais (AFONSO e CARVALHO, 2015).
[56] Art Decó é um estilo de artes visuais surgido na Europa durante a década de 1920, presente em pinturas, esculturas, móveis, joias, na arquitetura etc., difundindo-se pelo mundo durante os anos 1920 e 1930 e entrando em decadência nas décadas que se seguem.

essas permearam as práticas cotidianas, com o pressuposto de construir uma cidade moderna e que fizesse jus a grandeza que carregaria em seu nome.

Severino Cabral Filho (2007) é outro historiador que se debruça – em sua tese *A cidade através de suas imagens: uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950)* – sobre essas transformações vivenciadas por Campina Grande entre as décadas de 1930 e 1950. Seu olhar se lança sobre os registros fotográficos do período, observando as minúcias que se escondem entre os rostos e espaços capturados. Com isso, o pesquisador consegue ampliar as possibilidades de análise do processo, estimulando a imaginação histórica e permitindo um olhar mais sensível. O historiador não encerra o debate no âmbito arquitetônico, analisando aspectos culturais e sociais que permeiam os sujeitos da cidade.

A modernidade discutida pelos autores foi, como será possível observar no capítulo seguinte, apropriada pelo *Museu Digital* como mecanismo de reforço das narrativas sobre o "destino progressista" da cidade, excluindo-se ou suavizando o posicionamento crítico dos autores sobre o efeito dessas transformações e adicionando, na contemporaneidade, o fator digital como elemento de continuidade do progresso.

Nas décadas de 1950 e 1960, Campina Grande era (re)inventada pelas práticas discursivas de suas elites, que buscavam construir a imagem de uma cidade moderna e que estava preparada para tomar a dianteira, na região Nordeste, do projeto de desenvolvimento implantado pelo presidente Juscelino Kubitschek (SANTOS, 2016). Para tal investida, apropriaram-se do sucesso econômico das décadas anteriores, associadas ao desenvolvimento industrial e urbano possibilitado pelo Ouro Branco.

Essas narrativas sofreram diversas transformações mediante o contato com a população e com novas realidades sociais, culturais e econômicas, que se projetaram nos anos seguintes. Diante de tal realidade, como observa Wagner dos Santos (2016) – em sua dissertação *Enredando Campina Grande nas teias da cultura: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade (1965-2002)* –, tinha-se uma cidade estagnada ao término da Ditadura Militar (1964-1985) e que precisava encontrar novas formas de (re)afirmar sua grandeza. Nesse contexto, as elites políticas – representadas principalmente pela família Cunha Lima, pela Ribeiro e pela do Rego, que revezavam o poder na cidade –apoiadas por aqueles que controlavam a economia do espaço, lançam a proposta de transformar Campina Grande em um polo de turismo cultural.

A frente da prefeitura de Campina Grande, Ronaldo Cunha Lima[57] e Cássio Cunha Lima[58] (filho e sucessor de Ronaldo) assumem a tarefa de planejar e elaborar festividades que conseguissem reincluir a cidade nos trilhos da modernidade. Nesse contexto, em 1983 fora inaugurado o Parque do Povo, espaço destinado a realização das comemorações juninas, transformando as manifestações culturais da região em um evento grandes de proporções. Nesse espaço, apresentam-se o Maior São João do Mundo e a Micarande, reforçando a premissa de grandiosidade da cidade, ao passo que, no caso especifico do São João, também envolve elementos de sua história na reconstrução de uma festa tradicional, atraindo pessoas do mundo todo e impulsionando os discursos sobre Campina Grande como GRANDE.

Alinhados a esse processo cultural, temos o fortalecimento do turismo religioso, que passam a representar a cidade durante as comuns celebrações carnavalescas. Enquanto outras cidades aproveitam o Carnaval para cair na folia, Campina Grande abre espaço para eventos religiosos e espirituais, são eles: o Movimento de Integração Espírita da Paraíba (1973), a Nova Consciência (1991), o Crescer – Encontro da Família Católica (1999) e a Consciência Cristã (1999). As festividades carnavalescas são transferidas para o período da Micarande, realizada durante o mês de abril, representando a primeira micareta realizada fora do estado da Bahia.

Esse elemento festivo, em especial o São João, aliado aos discursos sobre modernidade, povoam grande parte da história pública digital de Campina Grande, reforçando argumentos que fabricam a imagem de uma cidade fadada ao sucesso e que evolui a cada dia que passa. Mesmo com todos os debates e contribuições da Segunda Geração de historiadores a respeito do passado de Campina Grande, perpetua-se, como poderá ser visto mais à frente, uma visão elitista que influi o modo como a cidade vê e sente seu passado. Permeados por discursos ufanistas (PESAVENTO, 2004), essas narrativas deixam de fora as contradições do processo "modernizante", silenciando grupos sociais e privilegiando narrativas que defende uma transição histórica harmoniosa para o município. Compreender esse contexto de elaboração e perpetuação dos discursos sobre uma Campina GRANDE se torna fundamental para que a operação historiográfica aconteça, permitindo uma ampliação de nosso olhar investigativo. Venha leitor, suba a bordo, já estamos com as ferramentas e instruções necessárias para desbravar estas águas digitais. Nossa âncora já está sendo recolhida. Nós já possuímos os

[57] Ronaldo Cunha Lima (1936-2012) foi um poeta, advogado, professor e político paraibano. Foi prefeito de Campina Grande por duas vezes (1969-1969 e 1983-1988) e governador da Paraíba (1991-1994), tendo exercido diversos outros cargos políticos e ocupado a cadeira 14 da Academia Paraibana de Letras.

[58] Cássio Rodrigues da Cunha Lima (1963) é um advogado e político campinense. Exerceu o cargo de prefeito da cidade por três vezes (1989-1993, 1997-2000 e 2000-2002) e governador da Paraíba por dois mandatos (2002-2006 e 2008), ocupando diversos outros cargos públicos em sua trajetória.

conhecimentos necessários para navegar e para transitar pelas ilhas do passado campinense. Marinheiros, soltem as velas, girem o leme a bombordo. Partamos para nosso primeiro destino!

Capítulo II

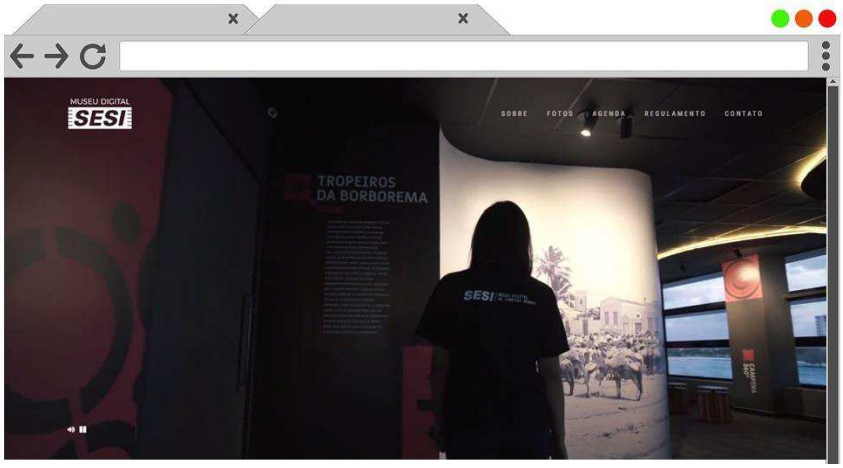
No trote do passado digital: as histórias de Campina Grande nas tramas do SESI Museu Digital

SCAN ME

Terra à vista! Lá está a primeira ilha a ser visitada por nós. Agora só precisamos atravessar um portal imaginário capaz de conduzir nossa embarcação em direção ao mundo físico, onde tocaremos as águas do Açude Velho e navegaremos em direção ao *SESI Museu Digital*. Essa conexão só é possível graças aos oceanos virtuais que são responsáveis pela difusão da história pública digital campinense. Nesse caminho, poderemos encontrar armadilhas, por isso é preciso que estejamos sempre próximos de nosso guia, atentos para todas as recomendações inferidas.

O navio acaba de atracar. Desçamos os botes e partamos em direção a nossa aventura. Certifique-se de que nada ficou para trás, pois precisaremos de todas as instruções oferecidas pelos experientes investigadores que conhecemos no capítulo anterior, a respeito das características do universo digital e dos contornos da história sobre Campina Grande presentes nesse espaço. Essa ilha se diferencia das demais por ser puxada por velhos burros, que são conduzidos por um dos personagens da história da cidade: o Tropeiro. Um lugar que se oferece para a cidade como guardião de suas memórias e que se identifica como uma joia tecnológica pertencente a esta, conforme encontramos no vídeo institucional do espaço disponível em sua página na *web*, a qual podemos observar na imagem que se segue:

Figura 2 - Sítio eletrônico do *SESI Museu Digital*



Fonte: *SESI Museu Digital*, 2020 (adaptado). Acesso em 10 jan. 2020.

O endereço do museu no ciberespaço recepciona o visitante com um vídeo que apresenta brevemente parte dos equipamentos tecnológicos disponíveis em sua localização fixa, assim como também apresenta recortes da fala de Francisco Gadelha – idealizador do museu – na inauguração do espaço, onde são destacados os objetivos da instituição. Descendo a página, o visitante pode observar um breve resumo dos atrativos disponíveis, complementados pelo depoimento de "duas visitantes" desconhecidas. Uma delas seria de Campina Grande,

proferindo o seguinte olhar: “eu achei ótimo”; enquanto que a segunda residiria em Recife – Pernambuco, no qual afirma que: “de fato um excelente atrativo para Campina Grande: todos deveriam visitar esse museu que, além de apresentar fatos históricos, apresenta também muita tecnologia em um ambiente aconchegante. Parabéns ao SESI! Parabéns, Campina Grande”. Supõe-se que esses relatos tenham sido coletados por meio da caixa de diálogo “deixar depoimento” disponível no *site*, mas a presença de apenas dois comentários nos provoca estranhamento já que é um ambiente muito frequentado. A página inicial é completada com a exposição de seis fotos, acompanhada de um botão digital nomeado “ver mais fotos” e finalizada com o item “fale conosco”, no qual é possível ao visitante estabelecer um elo comunicativo com a equipe do museu.

Além desse material, temos cinco seções que subdividem o conteúdo disponível no endereço virtual. *Sobre* é o primeiro item, apresentando informações relativas ao público alvo, valor do ingresso, mecanismos de contato para agendamento, além de trazer uma breve apresentação da instituição. Também encontramos nesse espaço uma planta do museu, a mesma que é distribuída pelos monitores na hora da visitação. A outra seção em destaque possui o nome *Fotos*, contendo 15 registros visuais do exterior e interior do *SESI Museu Digital*. O item *Agenda* apresenta o conteúdo que não pertence ao acervo físico do espaço e que está programado a acontecer. *Regulamento* apresenta as regras de visitação do espaço, seja para públicos pequenos ou para grupos maiores. *Contato* traz a já mencionada caixa “fale conosco”, acompanhada de informações relativas ao horário de funcionamento e a formas alternativas de contato. Mais à frente estaremos revisitando essas questões para um maior aprofundamento.

Contudo, vale a pena destacar que esse endereço virtual é destinado a apresentação de informações sobre a instalação, mas não possibilita o acesso remoto a seu acervo. Para isso, é preciso que visitemos o lugar onde ele ocupa no mundo físico. Lá encontraremos os recursos necessários para que sejamos capazes de acessar as narrativas em torno da história da cidade apresentada por ele. Acreditamos que seria interessante aproveitar o tempo que nosso bote levará para alcançar a ilha para conhecer um pouco mais as configurações que definem esse lugar. Fiquemos atentos a fala de nosso guia!

2.1 Museus na Era da Informação: o caso do *SESI Museu Digital*

O *Museu Digital de Campina Grande* configura sua proposta em torno de uma história pública digital feita **para** o público, conforme observara Santhiago (2016). Esse espaço

estimula a constante participação do visitante, que interage com a exposição produzindo sentidos e experiências. O público não atua na elaboração e escolha da história ali compartilhada, mas atua ativamente no processo de produção de sentido sobre a mesma, sendo importante observar como essa instituição se apropriou daquilo que foi elencado pela historiografia tradicional da cidade e transformou em conteúdo interativo, por meio da utilização de diversos aparelhos eletrônicos que estimulam a interatividade com o público. Nesse contexto, Noiret observa que:

> Atualmente, a autoridade científica oferecida pelos historiadores públicos aos museus, arquivos e bibliotecas, estendida à rede com uma oferta de percursos multimidiáticos, enriqueceu de forma notável a experiência museal, interagindo com ela e colhendo a participação direta do público (NOIRET, 2015, p.45).

O autor assinala como as instituições museólogas passam a adotar cada vez mais a interação entre a exposição e o público, ampliando as possibilidades de consumo do material exposto (até mesmo daquelas exposições que não possuem acesso à rede) pelo enriquecimento da interatividade, expressa pelo processo autônomo ofertado aos visitantes. Esse comportamento põe em evidência a fluidez conceitual que caracteriza as manifestações da História Pública Digital. No caso do *Museu Digital*, o acesso à internet não está interligado as atividades oferecidas – excluindo-se apenas o trecho denominado *Selfie*, onde o visitante pode mandar uma foto tirada no lugar para seu e-mail pessoal –, porém isso não impede que muitas pessoas o façam de maneira espontânea.

Nesse lugar de memória, podemos encontrar uma mistura de tradição e modernidade ao trazer, "sob o lombo de velhos burros"[59] (Figura 3), parte da história da cidade sob o formato digital. O prédio foi construído como monumento em homenagem ao sesquicentenário de emancipação política da cidade, porém só fora concluído um ano após essa data, em 2015, quando a cidade já tinha completado seus 151 anos. Após a conclusão do mesmo, a Prefeitura Municipal não possuía nenhuma proposta sobre o que seria instalado no interior do monumento, o que já demonstra certo desinteresse das instituições públicas com a manutenção de seus espaços de memória, apesar de enaltecer a história. A ociosidade levou ao repasse do prédio para Federação das Indústrias do Estado da Paraíba (FIEPB) [60] que, em parceria com Serviço Social da Industria (SESI) [61], transformou o espaço no primeiro museu digital da Paraíba,

[59] Referência ao monumento que busca representar o trabalho desempenhado pelos Tropeiros da Borborema.
[60] De acordo com o site institucional: a Federação das Indústrias do Estado da Paraíba foi constituída em 1949, e filiada à Confederação Nacional da Indústria (CNI) em 1957, sendo considerada como entidade de grau superior de representatividade industrial do Estado da Paraíba.
[61] Criado em 1946, o SESI atende indústrias e trabalhadores em gestão da Segurança e Saúde no Trabalho (SST) e na promoção da saúde e educação dos trabalhadores, seus dependentes e comunidade.

inaugurado em novembro de 2017. Não obtivemos acesso a documentação que estabelece o repasse do museu e ao projeto desenvolvido pela FIEPB, nem a prefeitura nem a Federação apresentaram sinal positivo quanto ao acesso dos mesmos[62].

Figura 3 – Fachada do *SESI Museu Digital*

Fonte: *SESI Museu Digital*, 2020.

Sabe-se, por meio de conversas informais com os monitores do *Museu Digital* de Campina Grande, que fora um projeto coordenado por Katarina Leite, Superintendente de Relações Institucionais da FIEPB. Orientada pelas proposituras elencadas pelo SESI, que garante a destinação de recursos e projetos com vistas ao desenvolvimento da educação e da cultura da comunidade, a superintendência encontrou no museu um espaço para endossar esta política. Nele, a superintendente é apontada como uma espécie de gestora do espaço, que responde legalmente por ele em seu gabinete.

O Plano Museológico [63]do espaço foi pensado e executado por um emaranhado de empresas e personagens que foram contratados pela FIEPB. O grupo de consultoria se estruturava em três eixos, compostos por Bruno Gaudêncio (Consultor Histórico), Carlos Mosca (Consultor Artístico) e Reinaldo Toscano (Consultor Tecnológico). Esses profissionais foram responsáveis pela construção do material disponível para a exposição, atendendo, evidentemente, aos anseios de seu grupo idealizador. Foram produzidos e reunidos diversos tipos de materiais digitais, a exemplo de vídeos e fotografias, sendo importante mencionar que

[62] Nossa pesquisa entrou em contato com a Procuradoria Geral do Município de Campina Grande, assim como também visitou sua plataforma de consulta *on-line* no Sistema de Consulta de Leis, com o propósito de analisar o projeto do monumento, todavia não obtivemos acesso.
[63] Não obtivemos acesso ao documento do *Museu Digital*.

as informações técnicas ligadas a autoria e ano não estão disponíveis em todas as obras, evidenciando uma falha na referencialidade do conteúdo disposto no espaço.

Durante a cerimônia de inauguração realizada no dia 7 de novembro de 2017 e que contou com a presença de políticos, artistas, empresários e da imprensa, o presidente da FIEPB Francisco Benevides Gadelha afirmou em seu discurso que

> Campina Grande mais uma vez sai na frente, com esse museu que tem uma tecnologia pioneira. Aqui, o visitante vai poder fazer uma viagem no tempo, através da tecnologia, conhecendo a história da cidade, monumentos, prédios e pessoas que fizeram história aqui. Nós ficamos felizes em fazer parte disso (Canal da FIEPB, 2017).

Em sua fala, assim como na própria visão historiográfica do museu, é possível observar a utilização de argumentos que se esforçam para elencar a Campina Grande uma trajetória de sucesso e pioneirismo, que a colocam como uma cidade que está à frente de seu tempo, discurso recorrente na historiografia campinense e que está em consonância com o olhar da Primeira Geração historiográfica da cidade. A tecnologia assume, segundo Gadelha, o papel de conduzir o presente e futuro em direção ao passado, conectando tempos e pessoas. Os discursos responsáveis por inscrever a cidade como um ambiente de sucesso e de contínua evolução são revestidos de uma roupagem tecnológica, muito mais sedutora, explorando os sentidos auditivos, visuais e táticos; e possibilitando múltiplas experiências – retomando a premissa de Larrosa (2002) – e significações sobre o passado campinense.

Outros trechos de sua fala, na mesma ocasião, fazem parte de um vídeo institucional utilizado pelo *site* do museu como porta de entrada para apresentação do espaço/projeto. Francisco Gadelha utiliza um trecho de autoria de Miguel de Cervantes[64] para estabelecer a visão de história que norteia a proposta da instituição, onde "a história é a guardiã dos fatos. É o testemunho do passado, é o exemplo do presente e a advertência do futuro" (GADELHA, 2017). Trata-se de uma visão que atribui a história uma tarefa utilitarista e que se constrói de maneira linear e evolutiva, atribuindo ao museu o dever de guardar os fatos que representam a história de Campina Grande. O presidente da FIEPB continua seu discurso afirmando que "nós (*o museu*) seremos obrigados a apanhar as fotografias, as páginas dos cartórios e transformar em vídeo, porque essa é a missão do *Museu Digital*" (GADELHA, 2017, *os termos em destaque são nossos*). Nesse sentido, a instituição agrega a tarefa de guardar fatos, a obrigação de coletar

[64] A frase proferida por Francisco Gadelha é uma paráfrase da encontrada na obra Dom Quixote: "[...] deverem ser os historiadores muito pontuais, verdadeiros, e nada apaixonados, sem que nem interesse, nem temor, nem ódio, nem afeição, os desviem do caminho direito da verdade, que é a filha legítima de quem história, êmula do tempo, depósito dos feitos, testemunha do passado, exemplo e conselho do presente, e ensino do futuro" (CERVANTES, 2005, p. 59).

dados e de oferecê-los por meio de um suporte tecnológico, estabelecendo uma ponte entre passado e futuro, entre os visitantes do museu e a história da cidade. Trata-se de uma história factual, que procura narrar os eventos tal qual ocorreram e apresentar para o público a verdadeira história da cidade, características de uma visão histórica metódica (REIS, 1996), não se diferenciando daquela encontrada no ciberespaço.

Nesse mesmo evento, o princípio educativo é evocado pelo presidente da Confederação Nacional das Indústrias (CNI), Robson Braga de Andrade, como uma das funções a serem desempenhadas pelo *SESI Museu Digital.* Segundo ele,

> [...] o que a Federação das Indústrias da Paraíba, por meio do SESI, fez aqui (*no museu*) foi exatamente proporcionar a população de toda a Campina Grande e seus visitantes, a oportunidade de conhecerem uma escola rica em cultura, arte, educação, trabalho e de sucesso. Este museu é extremamente importante e vai contribuir muito para que crianças, jovens e as pessoas, em geral, que estão iniciando a sua vida escolar e ainda não conhecem a história da cidade, a terem acesso aos fatos históricos principais deste município. Isso aqui é, realmente, uma inovação do Sistema Indústria e, com certeza, servirá de modelo para uma série de outros que podem surgir em outros estados brasileiros (ANDRADE, 2017, *os termos em destaque são nossos*).

O líder empresarial argumenta como a experiência empreendida pelo *Museu Digital* pode acabar influenciando outros estados brasileiros, colocando essa cidade na dianteira de um processo de modernização dos espaços de memória. O museu é compreendido como um espaço de práticas educativas que complementam as experiências das instituições de ensino ao possibilitar o acesso dos estudantes a uma versão da história da cidade. Observemos que a presença dessa autoridade do ramo industrial brasileiro reforça o grau de visibilidade destacada para o espaço inaugurado. Podemos identificar um claro esforço em reforçar a importância que as instituições ligadas a indústria desempenharam no papel inovador de construir um espaço destinado a educação da população campinense. A premissa da "cidade industrial" reaparece no interior do recinto sob o formato de textos, fotografias, vídeos e jogos, conforme veremos mais adiante. A construção desse lugar de memória (NORA, 1993) é vislumbrada pelo presidente da CNI como um exemplo a ser seguido por outros estados, justamente por compreender a importância desse tipo de instituição para o fortalecimento do setor a qual ele e a FIEPB representam – os grandes empresários do setor industrial.

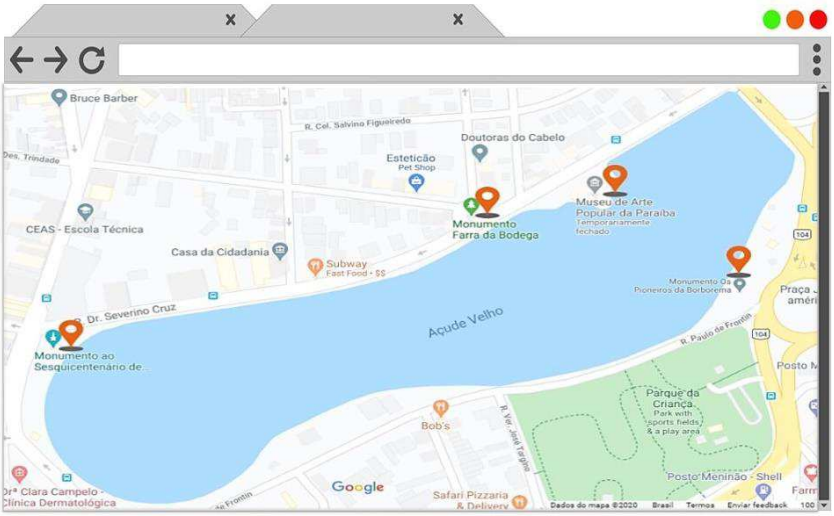
Mesmo havendo destaque para estudantes, o endereço eletrônico do museu o classifica como um "equipamento cultural direcionado a todos os públicos e faixas etárias", ou seja, compreendendo como um espaço educacional destinado a toda a comunidade[65]. Todavia, diante

[65] O espaço funciona de terça a sexta-feira das 9h às 18h e nos sábados das 9h às 13h, no qual o atendimento às instituições educacionais é feito por meio de agendamento prévio[65], estando as escolas públicas a possuir entrada franca e as privadas precisam pagar o valor de R$ 5,00 por estudante. No caso dos demais públicos, excluindo-se

da realidade socioeconômica que caracteriza Campina Grande, vale a pena destacar que, mesmo se tratando de um prédio público e que, sob a gestão da iniciativa privada, propõe-se a oferecer cultura para toda a comunidade, torna-se inacessível a grande parte da população da cidade por conta do valor cobrado em sua entrada e por não estar sempre aberto à visitação.

Localizado as margens do Açude Velho – um dos principais pontos turísticos da cidade, mas que também funciona com um privilegiado espaço de sociabilidade e de práticas poliesportivas –, o prédio acaba chamando a atenção dos transeuntes, se tornando um dos principais pontos de lazer e cultura na região. Nesse espaço também encontramos a presença do Museu de Arte Popular da Paraíba, mais conhecido como Museu dos três pandeiros, ocupando um lastro deixado a parte do Açude Velho para ambientes e espaços de sociabilidade e intelectualidade, conforme podemos observar na imagem a seguir:

Figura 4 - Monumentos e museus no largo do Açude Velho



Fonte: Google Maps, 2020 (adaptado). Acesso em 24 mai. 2020.

Retornando para o museu, conforme é possível observar na Figura 3 , o próprio designer arquitetônico do prédio contribui para a noção de modernidade onde os burros, guiados por um tropeiro, parecem sair da sacada, provocando uma sensação de dinamismo e movimento. A escultura é de autoria do artista plástico e arquiteto paraibano Alexandre Azedo e o projeto foi desenvolvido pelo Escritório Argemiro Brito, orçado em 1,4 milhão de reais, mas com custo final superior aos 3 milhões. Essa moderna estrutura arquitetônica reúne elementos do passado e futuro, contribuindo para a própria proposta de diálogo entre diversos tempos, elencado pela

visitas em grupo, não é necessário o agendamento. O valor unitário por pessoa é de R$ 10,00, exceto para crianças menores de 07 anos e idosos acima de 65 anos, que possuem isenção. Professores e guias turísticos, que acompanham grupos de visitantes, também garantem direito à gratuidade da entrada.

fala do presidente da FIEPB como possibilidade de “viagem no tempo”. Essa proposta expõe as características almejadas pela instituição no que corresponde ao trato sobre o tempo em sua proposta de história pública digital. Um tempo utilitarista e sem rupturas bruscas, onde os eventos parecem se conectar de maneira harmoniosa, fortalecendo a perspectiva evolucionista pensada pela historiografia tradicional da cidade e reproduzida por meio da tecnologia digital.

Esse não é o primeiro monumento que traz a figura dos tropeiros como elemento de destaque e referência da história campinense. Em 1964, o centenário de emancipação da cidade recebeu como comemoração o monumento “Os Pioneiros da Borborema”, também localizado no Açude Velho, onde são apresentadas três esculturas representando os principais grupos responsáveis pela fundação e desenvolvimento da cidade, são eles: o indígena, o tropeiro e a catadora de algodão.

Figura 5 - Monumento Os Prioneiros da Borborema

Fonte: Paraíba Criativa, 2015. Acesso em 22 mai. 2020.

O indígena, primeira estátua a esquerda, simboliza os primeiros habitantes da região. A catadora, centralizada no meio da imagem, representa a era de ouro do algodão, quando Campina Grande se tornou a segunda maior produtora do gênero no mundo, estando atrás apenas de Liverpool – Inglaterra, sendo responsável pelo amplo desenvolvimento econômico da cidade. Enquanto o terceiro, o tropeiro, simboliza o surgimento da cidade, sob a forma de rota comercial. A construção desse monumento servia aos anseios de seus grupos dirigentes e de sua elite econômica que buscavam elencar para a cidade símbolos de origem gloriosa. Sobre esse espaço uma publicação do *Retalhos Históricos de Campina Grande* sobre o monumento erroneamente informa que se trata de uma homenagem aos indígenas, aos tropeiros e **aos**

jesuítas, apontando a fragilidade e o desconhecimento dos discursos históricos compartilhados no ciberespaço.

No caso específico dos tropeiros, vale destacar que eles são elencados como os responsáveis pelo desenvolvimento econômico da região e como um dos principais agentes que provocaram o crescimento demográfico daquilo que se transformaria em Campina Grande. Esse elemento econômico parece compor o princípio motivacional que designa a escolha desse personagem como principal símbolo da "cidade do trabalho"[66], colocando em segundo plano os demais grupos formadores.

Elpídio de Almeida, como citamos, é um personagem da tradicional historiografia campinense. Ele analisa as diversas etapas da história da cidade e remete um papel fundamental a atuação dos tropeiros no processo de transformação espacial da região da Borborema. De acordo com o autor,

> Campina Grande não era simplesmente um pouso, um lugar de descanso para os animais e tropeiros. Mas a estalagem, a parada obrigatória, o ponto terminal da longa caminhada. Aqui operavam-se as permutas, as trocas comerciais. Vendiam-se produtos do sertão, principalmente algodão, couro e queijos, e compravam-se mercadorias para o abastecimento da zona da seca, em maior quantidade gêneros alimentícios, de preferência rapaduras e farinha de mandioca (ALMEIDA, 1978, p. 107).

Campina Grande funcionava, de acordo com o autor, como um entreposto comercial entre o sertão e o litoral, favorecido pela existência do Açude Velho que garantia o abastecimento não só da população, mas também daqueles que passavam pela cidade. A localização do monumento do Sesquicentenário é estratégica no sentido de homenagear aqueles mesmos personagens que utilizaram o espaço no passado para fins de abastecimento, antes de seguir viagem, conforme pode ser observado no canto esquerdo da Figura 4 .

Nesse sentido, vale a pena observar que o Açude Velho funciona também como um lugar de memória, contando com a presença de diversos monumentos - tais como o Monumento ao Sesquicentenário de Campina Grande, Os Pioneiros da Borborema e a Farra da Bodega[67] - e museus – *SESI Museu Digital* e o Museu de Arte Popular da Paraíba A presença de tantos itens deixa em evidência que se trata de um território marcado pelas batalhas discursivas em torno da memória da cidade – nos tramites observados por Nora (1993) a respeito dos lugares

[66] Termo presente no próprio hino da cidade, conforme podemos observar no trecho a seguir: "Eterno poema/ De amor à beleza, / Ó recanto abençoado do Brasil! / Onde o Cruzeiro do Sul resplandece. / **Capital do trabalho** e da paz! " (Grifo nosso). De melodia de Antônio Guimarães e letra de Fernando Silveira, o hino foi escolhido em meio a um concurso realizado pelo prefeito Evaldo Cruz, nos anos 1974 e 1975.

[67] Trata-se de uma obra esculpida por Joas Pereira Passos em 2003, onde são homenageados Jackson do Padeiro e Luiz Gonzaga, servindo com um dos principais pontos turísticos da cidade.

de memória - ao mesmo passo que identifica o espaço como um lugar de sociabilidade e intelectualidade. A construção do monumento sesquicentenário escreve/inscreve virtualmente a história de Campina Grande não só os personagens homenageados por ele, mas também aqueles que foram responsáveis pela sua execução. Não serão lembrados os nomes dos operários que assentaram os tijolos da instalação, mas dos políticos e empresários envolvidos em sua construção e utilização, expostos na placa inaugural do espaço.

Sendo assim, se torna possível entender porque o repasse do prédio/monumento do sesquicentenário para a FIEPB/SESI atendia aos interesses das elites locais, já que esses grupos sentiam a necessidade de elaborar um espaço capaz de educar a população no que concerne ao trato com o passado da cidade, valorizando os personagens e fatos considerados importantes pela historiografia tradicional de Campina Grande. Esse processo também englobaria os turistas que visitam a cidade. Tais práticas educativas seriam responsáveis pelo compartilhamento dos discursos em torno da história local, de modo que as narrativas oficiais seriam capazes de tocar públicos cada vez mais amplos.

2.2 Desbravando Campina Grande pelo *Museu Digital*

Venha leitor, nosso bote acabou de tocar as margens da ilha. Agora que já recebemos as coordenadas e informações necessárias, poderemos lançar nossa âncora e nos encaminharmos para a visitação. Ela será feita não apenas por uma visita guiada pela escrita, mas também por diversos elementos visuais e auditivos que estão "linkados" ao nosso percurso narrativo, permitindo uma exploração de outros sentidos e oferecendo caminhos pouco convencionais para uma análise historiográfica. Apropriando-se da premissa de Larrosa (2002), a experiência proposta aqui objetiva não só uma investigação, mas também um estímulo a educação dos sentidos históricos, possibilitando reconhecer a presença humana entre os *bytes* fixados nos aparelhos do museu, colocando em prática a imaginação história pensada por Pesavento (2013).

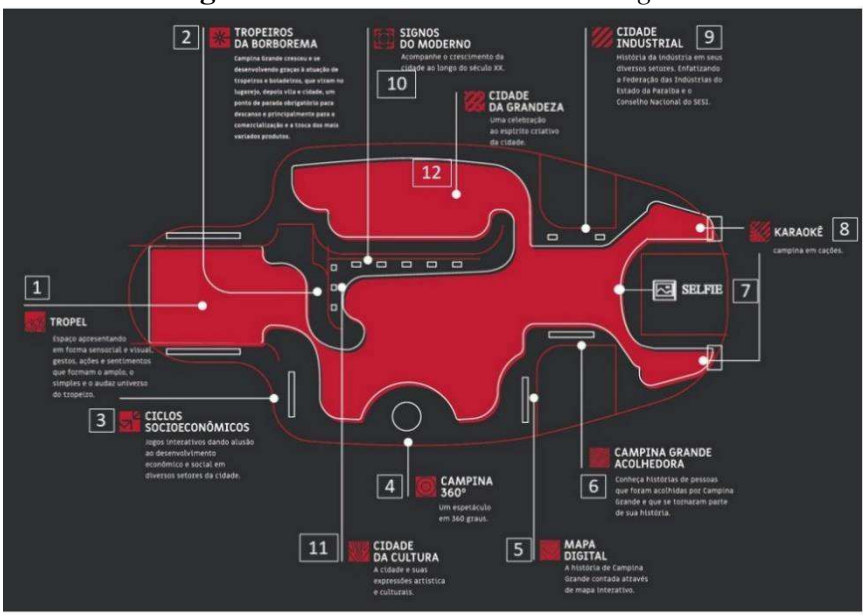
Chegando ao *SESI Museu Digital*, somos recebidos pelo vigilante, que também é funcionário responsável pela coleta das entradas. Nessa narrativa conduziremos o leitor a desbravar esse ilustre lugarejo por meio de uma visita guiada, sem pagar nada. Observe que, diferente da maioria dos museus, este não possui um livro de visitações. Essa ausência pode nos provocar algumas inquietações. Mas aguardemos, talvez encontremos em seu interior uma outra forma de registrar a nossa presença.

Para acessar a área de exposição, precisaremos pegar uma escada ou subir pelo elevador. Deixamos a sua escolha qual caminho tomaremos. Mas aconselhamos seguir pelo elevador, já que nosso passeio pelas ilhas da história campinense ainda requisitará longas caminhadas. Sigamos, uma simpática monitora nos aguarda na porta de entrada. Ela irá nós acompanhar durante todo o passeio, apresentando inclusive informações mais aprofundadas sobre a exposição, complementando os apontamentos de nosso guia. Segundo nos é dito, a visitação por todo espaço dura em média duas horas.

Contando com os personagens já citados, o museu possui duas técnicas administrativas, responsáveis por todas as questões internas e relativas ao agendamento para grandes grupos; dois monitores, que acompanham, explicam e respondem as dúvidas dos visitantes; quatro vigilantes que, além garantir a segurança, também assumem a tarefa de coletar o pedágio daqueles que desejam adentrar a ilha; e uma pessoa na limpeza, garantindo a higienização do espaço. O Estatuto de Museus não apresenta regulamentações acerca do formato da equipe desses espaços, mas aponta, contudo, a necessidade de que o formato assumido pela instituição deve garantir a preservação do acervo e o bom funcionamento do lugar. Nascimento Júnior e Chagas (2009, p.22) reforçam essa premissa ao argumentar que cada museu "deve contar com um número de trabalhadores suficiente para o desempenho das ações definidas em seu Plano Museológico (cada caso deve ser examinado em particular) ".

Enquanto conversávamos sobre aqueles que cuidam desta ilha, a monitora trouxe para nós um mapa que apresenta as diversas áreas do museu, assim como a sequência a ser seguida por nossa investigação. Observemos a imagem a seguir:

Figura 6 - Planta do *SESI Museu Digital*



Fonte: *SESI Museu Digital* (Adaptado). Acesso em 24 jan. 2020.

Nessa primeira parada, também chamada de **Tropel** (1), temos uma apresentação sensorial que abarca a nossa visão e audição, por meio da utilização da tecnologia *vídeo wall*[68], explorando a imaginação do público. A imaginação museal

> [...]configura-se como a capacidade singular e efetiva de determinados sujeitos articularem no espaço [...] a narrativa poética das coisas. Essa capacidade imaginativa não implica a eliminação da dimensão política dos museus, mas, ao contrário, pode servir para iluminá-la. Essa capacidade imaginativa, - é importante frisar – também não é privilégio de alguns, mas, para acionar o dispositivo que a põe em movimento, é necessária uma aliança com as musas, é preciso ter interesse na **mediação entre mundos e tempos diferentes**, [...] esta imaginação não é prerrogativa sequer de um grupo profissional, como o dos museólogos, ainda que sejam treinados para o seu desenvolvimento (CHAGAS, 2009, p. 58, grifo nosso).

Essa educação dos sentidos no campo da história acaba abrindo um leque de possibilidades sobre o modo como os visitantes do espaço lidam com o passado público de sua comunidade (PESAVENTO, 2013), possibilitando experiências mais intensas, à medida que a imaginação pode romper as barreiras de sua forma de significação tradicional (estática e distante). Observemos como o próprio nome da primeira seção já requisita a nossa imaginação, onde palavra "tropel" faz referência ao grande número de pessoas ou animais que se movem desordenadamente, estabelecendo sentido direto com os milhares de grupos de tropeiros que vieram a Campina Grande para comprar e vender produtos, conduzindo o público a interligar essa perspectiva com o vídeo em exposição. Essa única palavra resume uma atividade tão intensa que marcou a trajetória da cidade.

Estamos diante de uma exibição fílmica com cerca de 18 minutos e que mescla elementos tradicionais e modernos, objetivando, por meio do campo audiovisual, expor os gestos e ações que marcaram o universo dos tropeiros. O vídeo é apresentado em duas telas, como podemos observar na imagem a seguir, proporcionando angulações diferentes sobre a mesma cena e muitas vezes focando em elementos simbólicos, ao exemplo de um pedaço de algodão caído pelo caminho e que rouba a cena por alguns segundos. Ele busca representar as experiências vivenciadas pelos tropeiros, desde a colocação dos produtos nos fardos e o seu transporte até as dificuldades da viagem e a sua chegada em Campina Grande. Essa narrativa em muito se assemelha a visão compartilhada pelo *Retalhos Históricos de Campina Grande*, onde os tropeiros são vistos como "grandes seres humanos", homens fortes, corajosos e

[68] Trata-se da junção de duas ou mais telas que articuladas provocam a sensação de que estamos diante de uma única tela grande. Disponível em: <https://www.4yousee.com.br/entenda-o-que-e-video-wall/>. Acesso em 25 mai. 2020.

responsáveis pelo desenvolvimento econômico da cidade nos séculos XIX e começo do XX. A seguir, podemos observar a estrutura da seção disponível no museu:

Figura 7 - Vista panorâmica do Tropel

Fonte: Acervo do autor, 2020.

Sem a ajuda da equipe do museu, tornar-se-ia difícil identificar o início da apresentação, já que ela fora pensada como trilha sonora para toda a visita – mesmo saindo da seção, ela continua nos acompanhando por meio do campo auditivo – e que, por isso, não deveria deixar marcas de início ou fim. Os trotes dos burros acompanham os visitantes por toda a exposição, complementando as demais seções e contribuindo para a performance de uma história digital carregada nos lombos de velhos burros e puxada por experientes tropeiros. Essa experiência perpassa os corpos dos sujeitos, educando seus sentidos e direcionando possibilidades de aprendizagem que fortalecem a perspectiva de História Pública (SANTHIAGO, 2016) do espaço.

Essa ausência de marcas também abarca o campo visual, pois o visitante pode se deslumbrar sobre a exibição em qualquer momento, sem que o sentido seja perdido. Podemos identificar também uma intensa apropriação dos detalhes desde o "início"[69] do vídeo, onde, por meio de uma tela dividida verticalmente em quatro espaços iguais, presenciamos o despejo de *feijão, farinha, couro e algodão*, representando os principais produtos vendidos pelos tropeiros. A impressão é de que eles estariam sendo colocados em sacos, para serem transportados. O som e a imagem de tal ato roubam nossa atenção, provocando reações sensoriais que variam de acordo com a relação que eles têm com cada pessoa, variando entre a nostalgia, a assimilação, a imaginação ou a indiferença. O tamanho das telas é outra estratégia empregada pelo espaço para chamar a atenção, praticamente nos conduzindo ao interior daquela realidade expressa. Mesmo não havendo outros itens no espaço que completem essa experiência, ela é capaz de nos

[69] Indicado pela monitora do espaço.

provocar a imaginação, podendo despertar, para quem é nordestino e campinense, o sentimento de pertencimento, onde o suporte tecnológico atua como uma ferramenta de compartilhamento de emoções, tal qual fora pensada por Lemos (1997) ao analisar as características da Cibercultura. Esse trecho dura cerca de 40 segundos e é o único momento onde não se pode ouvir os trotes dos burros.

Após essa cena, temos a apresentação em formato do vídeo do cenário: a Caatinga[70]. Ambiente inóspito, marcado pela seca e que carrega consigo o estigma da morte. Nas imagens, notamos uma forte presença do estereótipo em relação ao bioma da caatinga, que se esforça por ocultar as várias formas de vida que afloram nesse espaço, destacando apenas a seca. Tal ótica foi amplamente difundida durante o processo de invenção do Nordeste, analisado por Albuquerque Júnior (1999), onde a região, graças a diversos fatores sociais, políticos e econômicos, passou a ser vista sob o estereótipo da pobreza, da miséria e da morte.

Na película, o sol escaldante desse lugar parece habitar a pele rachada dos tropeiros como se fosse uma tatuagem, acompanhadas das cicatrizes e das feridas provocadas pela vegetação ou pelo ataque de animais silvestres. Em um trecho, o filme foca na pele rasgada e ensanguentada do tropeiro e do burro que o carrega. A empatia provoca em alguns uma série de reflexões sobre a dureza da vida desses homens, assim como também dos animais, evidenciando o afloramento de práticas educativas em torno dos sentidos que são a todo momento requisitados, ampliando as experiências do visitante do espaço. Em alguns momentos da caminhada dos tropeiros, observamos a presença de animais mortos pelo caminho, onde as referências a seca se destacam, retomando os elementos discutidos por Albuquerque Júnior (1999).

Cansado, ferido e longe de casa, vez por outra, o olhar do tropeiro parece substituir a própria câmera, elencando discursos que exigem para si o princípio de veracidade. Ao anoitecer, o bando de tropeiros prepara, no meio do nada, um acampamento. Uma das telas foca na fogueira enquanto a outra observa os comportamentos individuais dos sujeitos. Um prepara o feijão tropeiro, outro monta sua rede, um terceiro é visto perto de uma santa, referenciando as práticas religiosas desse grupo. Juntamente com o nascer do sol, o bando retoma seu caminho.

Aproximando-se de Campina Grande, são ultrapassados por um caminhão, que destoa da narrativa até então apresentada, por misturar elementos rurais e urbanos, assim como por estabelecer um elo sincrônico entre o passado e o presente, provocando estranhamento no

[70] Caatinga é um bioma brasileiro de clima semiárido localizado na região Nordeste, onde há predominância de vegetação xerófita – adaptadas a regiões secas e com escassez de água. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/caatinga/>. Acesso em 25 mai. 2020.

observador. Em seguida, saem da estrada de terra e passam a caminhar por ruas calçadas, onde podemos identificar a presença de postes de luz elétrica. A câmera ganha altitude e podemos ver a cidade do "presente", "moderna". Por fim, há-se um retorno para o bando, que parece se dividir em várias direções por meio de uma série de duplicações dos caminhos, que acabam por formar o desenho de uma rosa dos ventos. O vídeo retorna para o despejo dos produtos, sem evidenciar qualquer marca de corte.

A narrativa apresenta trajetos que levam seus observadores a relacionar uma viagem do passado em direção ao futuro/presente, do tradicional para o moderno, sempre mantendo a linearidade temporal, caracterizando a própria dinâmica cronológica pensada pelo museu em sua proposta historiográfica. Quando os tropeiros são ultrapassados pelo caminhão, podemos identificar claramente a relação de que o trabalho desenvolvido por aqueles homens pôde ser substituído por algo com mais agilidade e segurança – um automóvel –, marcando uma espécie de marcha em direção ao progresso. O discurso operacionalizado toma a tradição como base para a modernização, como se fosse um processo natural e necessário. Passado e futuro parecem se encontrar para falar sobre a cidade, do que lhe é comum e daquilo que a simboliza.

Assim como o canto da sereia[71], o filme nos seduz. Ele nos apresenta uma narrativa sensível sobre a vida desses homens, em imagens e experiências, nos conduzindo a gerar conclusões sobre o que ele deseja que o visitante compreenda a respeito do universo dos representados. Na mitologia grega, os Argonautas[72] escaparam das sereias graças a música tocada por Orfeu. Talvez seja preciso tocar algo semelhante para que nossa tripulação não seja seduzida pela exibição que, apesar do suporte ser considerado "moderno", apresenta uma história tecida sobre elementos recorrentes e que podem provocar generalizações sobre o dia a dia dos tropeiros. Vale a pena observar que tal narrativa também pode causar anacronismos caso não haja as devidas explicações, levando o observador a concluir, por exemplo, que ainda hoje exista na Paraíba a atuação de tropeiros aos moldes tradicionais do começo do século XX. De modo semelhante, pode também provocar a impressão de que o interior do estado está "parado no tempo", atrasado frente a moderna Campina Grande.

---

[71] Na mitologia grega, correspondem a seres metade peixe e metade mulher, que, por meio de seu canto, seduziam os marinheiros provocando o naufrágio dos navios. Disponível: <https://www.infoescola.com/mitologia-grega/sereias/>. Acesso em 25 mai. 2020.

[72] Argonautas correspondem a tripulação do navio construído pelo herói da mitologia grega Argos, que acompanharam o herói Jasão em sua jornada até Cólquida para resgatar a lã de ouro do carneiro Alado Crisómalo. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/quem-foram-os-argonautas/>. Acesso em 25 mai. 2020.

A experiência audiovisual proposta pelo "Tropel" é complementada por uma fotografia (1930-1940)[73] que remete a presença dos tropeiros "nas proximidades da esquina das atuais Ruas Cardoso Vieira e Barão do Abiaí" e que exercem uma função referencial, atribuindo cunho de prova ao discurso compartilhado sobre o universo tropeiro no vídeo, reforçando ainda mais os elementos textuais destacados na película. De acordo com Kossoy, "a fotografia é capaz de carregar em si mesma um fragmento congelado da cena passada materializado iconograficamente" (2001, p. 44), de modo que o registo fotográfico seria responsável pela criação de uma outra realidade, uma segunda. Um novo discurso passa a ser elaborado pela fotografia, na tentativa de capturar a realidade, de congelar o passado e o já vivido. Esses registros comportam, todavia, fragmentos de outros tempos, marcas de historicidade que ecoam pelas imagens capturadas.

Tais percepções permitem ampliar nossa compreensão sobre os possíveis efeitos gestados pela fotografia dos tropeiros apresentada aos visitantes do museu. Esse registro compreende o segundo lugar a ser visitado dessa ilha, denominado **Tropeiros da Borborema** (2), onde é possível exercitarmos com maior profundidade a imaginação histórica, elemento indispensável para qualquer análise, que nos acompanha durante toda essa viagem por mares e por terras digitais. A seguir podemos observar a imagem em destaque[74]:

Figura 8 - Descanso dos tropeiros

Fonte: VASCONCELOS, 2014, p. 12.

[73] Não existem informações que apontem a data exata da fotografia, permitindo apenas que nós tracemos um período aproximado de sua feitura.

[74] Torna-se importante mencionar que essa imagem pertence ao acervo pessoal de Edson Vasconcelos (2014), não estando disponível no domínio público. No *Museu Digital* não existe a exposição das referências da imagem, possuindo apenas uma legenda explicativa.

Ao olharmos para a cena, podemos imaginar como poderia ter sido aquele dia de trabalho registrado pela fotografia, guardando rostos de desconhecidos homens, tatuados pelo sol e pelas feridas de uma dura vida. Podemos observar a presença de vários tropeiros, feirantes, animais e fardos de algodão. No canto esquerdo da imagem, destaca-se a figura de um barbeiro de feira, elemento destacado na fala da monitora que acompanha a visita. A curiosidade apresentada deixa subentendida a precariedade da vida daqueles homens comuns, que mal tinha tempo/condições de cuidar de sua higiene pessoal. Essa imaginação estimulada por nossa análise compreende uma perspectiva heterodoxa, abarcando percepções que estão intimamente interligadas as experiências sensitivas de nosso leitor, movimento esse destacado por Albuquerque Júnior (2018), ao incentivar uma escrita da história mais viva e que visa uma educação dos sentidos capaz de perceber as minúcias das experiências cotidianas, desprezadas ou invisíveis diante do olhar da maior parte dos pesquisadores.

O ambiente registrado pela fotografia é rude, composto em sua esmagadora maioria por homens. Trata-se de um espaço de sociabilidade, de encontros e desencontros, onde amizades foram construídas, mas também desfeitas. Lugar de descanso, para matar a fome e a sede e para "aprumar o espinhaço"[75] antes de seguir viagem em retorno. Gestos, ações e sentimentos que englobam uma forma de vida adaptada a uma realidade onde a desigualdade social obrigava vários homens a abandonar seus lares e cavalgar vários quilômetros em direção aos grandes centros para vender seus produtos ou os produtos de terceiros.

Observando a imagem, também podemos imaginar os odores que circulavam naquele ambiente. O cheiro carregado por homens que estavam a vários dias na estrada, distantes de casa. Cansados e com saudades, preparados para repassar a mercadoria e refazer o caminho de casa. A presença de uma grande quantidade de animais também aponta para a presença de suas fezes, carregadas com o mau cheiro característico de seus excrementos. O sol em pico parece reforçar ainda mais esses odores, que marcam as cidades que utilizam animais como meio de transporte. Esse cenário representado na fotografia dialoga com a proposta do *Tropel*, conferindo-lhe confiabilidade e reforçando sua construção histórica ao mesmo passo que exibe uma cidade de traços rurais. Nesse ponto, a dinâmica da história cultural nos oferece possibilidades de análise dessas experiências sensíveis, que são capazes de estimular a imaginação histórica, parafraseando a premissa de Pesavento (2013), daqueles que consomem

[75] Expressão comum, constantemente pronunciada por nordestinos. Faz referência a se alongar-se, posição que recoloca a postura no lugar.

a imagem em exposição, fortalecendo as teias que conectam o visitante com o projeto de história compartilhado pelo espaço.

Mas continuemos, nosso guia já está se dirigindo com a monitora para o próximo ponto turístico dessa bela ilha. Ela nos apresenta um espaço denominado **Ciclos Socioeconômicos** (3) e que corresponde a terceira seção da exposição. Trata-se de uma tela sensível ao toque, onde podemos encontrar a presença de três jogos digitais que podem ser delimitados no interior do gênero narratológico associado ao ludológico, escolhidos de acordo com o interesse de quem deseja jogar. O som dessa seção é direcionado para o usuário por meio de uma cúpula que encaminha as ondas sonoras, diminuindo a sua dispersão. Tal recurso didático busca o envolvimento de todos, porém sua linguagem e formato acabam atraindo principalmente o público infanto-juvenil que visita o espaço. Habitando aqui um elemento de rico potencial educativo que acaba oferecendo formas mais dinâmicas de apreensão do conhecimento, estimuladas a certo tempo em instituições escolares como forma complementar ao processo de ensino e aprendizagem. Segundo Johan Huizinga, o jogo

> [...] é uma atividade ou ocupação voluntária, exercida dentro de certos e determinados limites de tempo e espaço, segundo regras livremente consentidas, mas absolutamente obrigatórias, dotado de um fim em si mesmo, acompanhado de um sentimento de tensão e alegria e de uma consciência de ser diferente da vida cotidiana (HUIZINGA, 2007, p. 33).

Nesse sentido, podemos observar como essa seção pode provocar outras sensações nos sujeitos, como o próprio desligamento com o universo exterior, mesmo que por poucos segundos. Esse processo acaba se conectando com a própria premissa de interação, presentes na proposta de história digital pensada pelo museu **para** seu público. A seguir podemos observar o registro fotográfico do mesmo:

Figura 9 - Os Ciclos Econômicos

Fonte: Autor, 2020.

"Caminhando pela história" é o primeiro jogo disponível. Nele, a figura de um tropeiro segue por um caminho e o jogador direciona seus movimentos por meio de um mouse digital. O personagem encontra diversos obstáculos, apresentados sobre a forma de questionamentos, que indagam sobre a ocupação humana de Campina Grande no decorrer da história. As perguntas iniciais são direcionadas ao processo de ocupação da cidade e de atuação dos tropeiros, finalizando com as festividades – São João e Micarande – e com a inauguração do *Museu Digital*. Nesse sentido, a exposição lança perante o visitante a proposição de que o espaço marca a trajetória da cidade, ao passo em que conta a história da mesma de maneira inovadora. Segue-se a mesma linha de raciocínio do *Tropel* ao apresentar a história de Campina Grande de maneira linear e progressista, marcando o pensamento tradicional que habita as entrelinhas dos discursos que embasam tal instituição e representam o ponto de vista compartilhado pelas elites socioeconômicas locais. Utiliza-se de recursos interativos, sedutores e inovadores para transmitir a "velha história", promovendo o encantamento do público com o conteúdo apresentado, inventando tradições – remetendo a premissa de Hobsbawn (2008) sobre a invenção historiográfica de um passado europeu idealizado – que glorificam um passado que é presentificado por meio discurso. O velho discurso se veste com uma nova roupa e se reapresenta para todos como algo inovador.

O segundo jogo, “Acertando os pontos”, apresenta uma narrativa mais simples e, por isso, menos atrativa. Os recursos visuais não são tão explorados e o jogo pode acabar entediando a maioria das pessoas. Trata-se da apresentação de um texto pela máquina. Ao passo que o jogo cita um espaço, o usuário deve direcionar uma caixa flutuante com a resposta correta em direção ao local indicado. Aqui também são apresentados os três ciclos econômicos que marcaram a história da cidade: o do couro, a do algodão e a do turismo cultural. Segue-se, desse modo, as linhas de pensamento observadas por Wagner dos Santos (2016), a respeito da hipervalorização dos aspectos econômicos da cidade.

A “Colheita do algodão” corresponde ao terceiro jogo, pensado e direcionado ao público infantil. É caracterizado pela escassez de textos e informações, focando na jogabilidade do usuário que participa de uma “corrida” para colher os algodões brancos evitando os obstáculos – algodões negros - que provocam a derrota do jogador. Tal proposta foi pensada para ser jogada em duplas, um contra o outro.

Nesse espaço, o museu utiliza os jogos digitais como estratégia didática para nos ensinar sobre as diversas etapas da história econômica de Campina Grande. É sabido que a utilização destes recursos é explorada por outros museus do mundo, a exemplo do já citado Museu do Prado, almejando, principalmente, o engajamento da público infanto-juvenil.

O autor observa como o ato de jogar é uma característica que acompanha a humanidade desde seus primórdios, oferecendo experiências que muitas vezes só podem ser feitas por meio dele. Ao passo que jogamos, mergulhamos em outra realidade, cuja profundidade dependerá do grau de interação dessa experiência e de sua relação com o indivíduo que dela participa. Essa proposta interativa será melhor abordada em nosso próximo ponto de visita, conforme nos explica a monitora do lugar.

O próximo espaço apresentado pela guardiã do local se chama **Campina Grande 360º** (4). Ela nos informa que seremos submetidos a uma experiência sensorial imersiva. Trata-se de uma atividade desenvolvida por uma série de museus ao redor do mundo, com o objetivo de levar seus visitantes a sentirem as exposições de maneira mais ativa, explorando tecnologias que possibilitam um desligamento com o mundo exterior e que conduzem seus visitantes a se concentrarem nas informações transmitidas pela instituição. A imagem a seguir apesenta a seção em questão:

Figura 10 - Uso da tecnologia de Realidade Virtual

Fonte: FIEPB, 2019. Acesso em 15 abr. 2020.

Segundo Murray (2003), a intensidade da imersão em uma experiência sensorial depende muito do conteúdo, da forma como ele é apresentado e do envolvimento do público com este. Como observado, os equipamentos disponíveis nessa seção acabam oferecendo experiências que permitem o deslocamento sensitivo de seus usuários, por meio de uma simulação virtual de realidade, onde se projeta, segundo Borba (2014), um quase-lugar, um quase-objeto e um quase-corpo. Murray aprofunda essa discussão, ao observar que

> Buscamos de uma experiência psicologamente imersiva a mesma impressão que obtemos num mergulho no oceano ou numa piscina: a sensação de estarmos envolvidos por uma realidade completamente estranha, tão diferente quanto a água e o ar, que se apodera de toda nossa atenção, de todo nosso sistema sensorial (MURRAY, 2003, p. 103).

A autora afirma que as experiências imersivas quebram as fronteiras que separam o virtual e o real, ao lançar perante o indivíduo a capacidade de criar outras realidades diferentes da sua, se deslocar imaginariamente para outros espaços, outros campos do sentir e pensar. Ela observa que esse "mergulho" pode ser feito pelo próprio poder da mente ou auxiliado pela tecnologia, atribuindo ao indivíduo um poder único e intransferível, gestados pela sua capacidade subjetiva. Ela observa que "a grande vantagem de ambientes participativos na criação da imersão é sua capacidade de induzir comportamentos que dão vida a objetos imaginários" (MURRAY, 2003, p. 113), expandindo a compreensão humana sobre a noção de realidade. Por assim dizer, vale reforçar que o virtual se coloca diante de nós como a manifestação no campo semântico daquilo que é elaborado no espaço real, tal qual observara Lévy (2011). Nesses termos, podemos compreender que aquilo que é provocado pelas experiências imersivas – no campo da virtualidade – encontra-se inserido também no próprio

mundo real, como uma hiper-realidade (LEMOS, 1997). Essas manifestações apresentam experiências também comuns ao campo da história pública, que investe justamente na constante troca de experiências entre diversos sujeitos, conforme observa Santhiago (2016).

Entre os museus que se destacam com essa proposta, podemos citar o *Digital Art Museum*, localizado em Tóquio. O espaço possui mais de 50 instalações tecnológicas que comportam pinturas em múltiplas dimensões e diversas instalações, proporcionando uma multiplicidade de experiências sensoriais por meio da interação entre o público e as obras. Os visitantes do museu são conduzidos a uma viagem pela imaginação, por meio da utilização de diversos efeitos audiovisuais, rompendo as fronteiras da racionalidade ao incentivar o público a tocar, seguir, interromper ou iniciar dispositivos.

No Brasil, o Museu da Língua Portuguesa também apresentava uma proposta de interatividade com experiências de realidade virtual e de intervenção nos dispositivos digitais. Entre o conteúdo disponível na exposição, podemos citar a existência de um mapa interativo que apresentava exemplos de variação linguística no país e um piso luminoso que projetava poemas de grandes intelectuais da língua portuguesa e que variava conforme o público "pisava" nele. As técnicas imersivas não se encerram com esses dois espaços citados, elas estavam disponíveis em todo o espaço da instituição. Em 2015, o prédio que comportava o museu sofreu um incêndio de grandes proporções, mas o acervo sobreviveu por conta de seu formato majoritariamente digital. De acordo com o site oficial da instituição, o museu será aberto durante o ano de 2020.

Retornando para a seção do museu campinense, podemos observar que o título sugere algo que não é oferecido pela experiência durante a visita. Supõe-se, pelo convite, uma visita à cidade de Campina Grande em todos os ângulos possíveis, todavia, o que temos é um passeio pela Pirâmide do Parque do Povo[76]. Feita as devidas colocações, vale salientar que tal turismo virtual é acompanhado do uso de fones de ouvido, estimulando, juntamente com as imagens oferecidas pelos óculos de realidade virtual, a imaginação do usuário, que se vê em meio a uma apresentação de quadrilha junina. Tal experiência é auxiliada pela existência de um banco de madeira que executa o movimento giratório em 360º. Para onde olhamos, observamos músicos tocando forró e dançarinos executando os tradicionais passos da festividade realizada em homenagem a São João, evento esse que é responsável por levar o nome da cidade ao contexto internacional. A experiência proporciona a sensação é de que todos os personagens da projeção

[76] Corresponde a uma área coberta do Parque do Povo, cujo formato se assemelha a uma pirâmide, onde são realizadas durante o mês de junho apresentações de quadrilhas juninas e de trios de forró.

estão olhando para o usuário dos óculos, provocando a conhecida experiência humana de se sentir observado por alguém. O visitante é colocado como o centro de todas as atenções e isso enriquece a proposta do "mergulho".

A seção estimula os sentidos dos visitantes, levando-os a viver experiências novas ou até mesmo revisitar outras já vividas, estimulando a sensibilidade daqueles que são tocados pela exposição. "A sensibilidade é, pois, capacidade humana, que fundamenta a apreensão do real; é uma habilitação sensorial que marca a capacidade de ser afetada pelo mundo ou de reagir a estímulos físicos ou psíquicos por meio das sensações" (PESAVENTO, 2004, p. 224). Assim como não é possível entrar duas vezes no mesmo rio, tal qual observara o filosofo grego Heráclito (1996), é impossível não ser tocado por alguma parte da exposição. Em algum ponto ela nos toca, seja por nostalgia de algo que vivemos (ou não), admiração ou indiferença.

Experiências, na perspectiva de Larrosa (2002), podem ser gestadas ao colocar o equipamento do museu, onde o visitante se desliga momentaneamente do mundo físico e passa a viver uma outra realidade – a virtual – construindo significações que parte de suas subjetividades individuais. Mesmo apresentando um conteúdo simples e que não condiz com seu título, a seção acaba envolvendo o público por oferecer uma experiência que foge aos padrões dos espaços culturais paraibanos, como o Museu Histórico e Geográfico de Campina Grande e o Museu de História e Tecnologia do Algodão, onde o acervo é completamente material. Uma forma criativa e atrativa de compartilhar o conhecimento sobre a principal festividade da cidade, corroborando para a difusão dos discursos sobre a grandeza de suas festividades. Enquanto refletimos sobre esse processo, a monitora retira nossos aparelhos, nos fazendo retornar a superfície.

Em outra etapa, agora diante de um **Mapa digital** (5), são expostos os principais pontos histórico-culturais da cidade. O espaço funciona de maneira interativa, partindo de uma projeção no chão do museu que é associada a um sensor de presença, a qual temos a disposição nove espaços para a prática do turismo virtual. Para selecionar um ponto, nós devemos ficar em pé sobre ele, fazendo com que um vídeo seja iniciado, com quatro minutos de duração, contando a história desse espaço e falando de sua importância para o desenvolvimento de Campina Grande. O funcionamento da seção é apresentado na fotografia a seguir:

Figura 11 - Mapa Digital

Fonte: G1 Paraíba, 2017. Acesso em 29 abr. 2020.

Alguns espaços da cidade são apresentados, conforme Quadro 1, oferecendo representações sobre o passado campinense para a população e para os visitantes, normalmente atraídos pelas festividades juninas. Como fora mencionado, essa exposição ocorre por meio de vídeos que mesclam antigas fotografias em preto e branco com outras coloridas, articuladas por meio da apresentação de um narrador que nos conduz pelo turismo virtual. Cada espaço apresentado a seguir é representado no mapa e possui um vídeo próprio.

Quadro 1 – Pontos elencados pelo Mapa Digital

MAPA DIGITAL	
I	**Açude Velho**
II	**Açude Novo**
III	**Parque da Criança**
IV	**Parque do Povo**
V	**Museu do Algodão**
VI	**FURNE**
VII	**Praça Clementino Procópio**
VIII	**Rua João Pessoa**
IX	**Rua Maciel Pinheiro**

Fonte: Elaborada pelo autor, 2020.

Em diversos momentos no decorrer de nossa narrativa, já apresentamos diversos *hiperlinks* que permitem aos leitores o acesso a informações complementares. Nesta seção, gostaríamos de reforçar esse convite, pois seria muito enriquecedor para nosso debate se o leitor acessasse os links indicados pelo espaço, dialogando as informações apresentadas pelo museu sobre espaços da cidade – em formato de vídeo – com postagens do *blog do Retalhos Históricos*

de Campina Grande – em múltiplos formatos de arquivo. Dentro das limitações do formato textual disponível, estaremos tentando ampliar essas experiências no corpo de nossa própria narrativa, promovendo a comparação histórica proposta por Barros (2007). Acreditamos que tal experiência permita que nós esbocemos as conexões estabelecidas entre as ilhas que compõem o arquipélago da história pública digital campinense.

O primeiro ponto selecionado corresponde ao *Açude Velho* (I). Observemos que esse espaço já fora discutido por nós, onde diversos monumentos e instituições de memória foram instalados. No vídeo reproduzido, o açude é apresentado pelo museu como um espaço que sofrera diversas metamorfoses de sentido e de uso no decorrer de sua história. Espaço de paragem para tropeiros e de abastecimento. Economicamente, era tão importante na primeira metade do século XX a ponto de várias fábricas serem erguidas no seu entorno, a exemplo do Curtume São José, da SANBRA e da Anderson Clayton. Além disso, vale salientar que a Estação Ferroviária é instalada também nas proximidades desse espaço.

Ao pesquisar sobre esse lugarejo no *RHCG* encontramos, entre tantas outras narrativas, uma fotografia enviada pelo advogado Aldo Gaudêncio e publicada no *blog*. Supõe-se que se trate de um documento de 1938, período em que o açude ainda não possuía bordas e que corresponde a época do apogeu do comércio algodoeiro. No registro, podemos observar a presença de duas mulheres e duas crianças, ao fundo alguns homens e burros dividem o espaço, levantando indícios de que estes podem se tratar dos já tão mencionados tropeiros. Observemos que a narrativa apresentada pelo *Retalhos Históricos de Campina Grande* toca em outros pontos pouco explorados pelo museu, a exemplo das memórias familiares que podem ser acessadas ao passo que os indivíduos mencionados olham para o açude, assim como também dá visibilidade a história de pessoas pouco conhecidas.

Figura 12 - Postagem sobre o Açude Velho

Fonte: Retalhos Históricos de Campina Grande, 2015. Acesso em abr. 2020.

Retornando para o vídeo, percebe-se que ele apresenta o espaço como principal ponto turístico da cidade, reunindo museus e monumentos importantes. O açude deixa de ser um espaço ligado a indústria e passa a assumir a função de centro cultural, assim como também se apresenta como um dos principais espaços públicos de práticas poliesportivas e de passeio na cidade, como já fora mencionado anteriormente. Observemos o esforço da narrativa apresentada pelo museu em evidenciar essa importância e de construir para si uma narrativa progressista que marca a trajetória da cidade, tal qual a que fora pensada por Almeida (1978), Ribeiro (1937) e demais intelectuais do período, focando em elementos econômicos e mitigando as experiências sociais. Processo esse que, de certa forma, desumaniza o lugar.

A apresentação fílmica acabou e agora é preciso selecionar outro ponto. Observemos agora as narrativas em torno do *Açude Novo* (I). No vídeo é destacado que ele fora utilizado inicialmente para abastecimento da cidade, juntamente com o Açude Velho, mas que esse não deu conta da demanda e que, por isso, era utilizado mais como um ponto de diversão para a população que ia até lá para pescar ou tomar banho e, em períodos de seca, para jogar bola. O apontamento de tais curiosidades tem o propósito de roubar a atenção do visitante, levando-o a imaginar tais situações, novamente requisitando a educação dos sentidos.

Nos anos 1970, durante a gestão do prefeito Evaldo Cruz[77], o lugarejo é aterrado e em seu lugar construído um parque destinado ao lazer das famílias campinenses, onde era possível encontrar diversos brinquedos – gangorras, balanços, escorregos, etc. -, assim como a presença de uma fonte localizada próxima ao obelisco presente no centro do espaço. Após a morte do político, o espaço passa a se chamar Parque Evaldo Cruz, porém continua sendo conhecido pelo seu antigo nome. *Linkando* esta discussão a notícia publicada no *RHCG*, temos?

Temos como resultado da pesquisa uma publicação que gira em torno da discussão de uma fotografia enviada por Leonice Arruda Alcântara e que representaria o Açude Novo nos anos 1950. Pela quantidade de água que podemos observar na fotografia, podemos deduzir, tomando de empréstimo o olhar do historiador da Segunda Geração Cabral Filho (2007), que se trate de um momento de cheia e que talvez tenha motivado a ida dos jovens ao espaço e também a captura desse momento. Ao fundo da cena, observamos a presença de parte do Mosteiro das Clarissas.

[77] Evaldo Cavalcanti da Cruz (1931-1985) foi um advogado, jornalista, professor e político campinense. Ocupou diversos cargos públicos até o final de sua vida, marcando a trajetória política do município com obras de construção e reconstrução de espaços públicos, a exemplo da restauração do Teatro Municipal Severino Cabral e da construção do Calçadão da Cardoso Vieira (CABRAL FILHO, 2014).

Figura 13 – Matéria sobre o Açude Novo

Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2018. Acesso em abr. 2020.

A postagem do *blog* parece complementar a fala do museu, ao apresentar o lugar como um espaço de sociabilidade e diversão, como se o museu representasse uma materialização virtual daquilo de é apresentado pelo *RHCG*. Todavia, vale a pena destacar que o vídeo apresentado pelo mapa salienta, por meio das imagens dispostas, as transformações espaciais e de uso do açude, enquanto que o *RHCG* parece se preocupa mais com a presença humana e com a memória elaborada por esse, já que essa discussão é gerada pelo acesso ao ego-documento (BRITTO; CORRADI, 2018), remetendo a práticas da experiência privada. De maneira análoga, ambas apresentam narrativas que conduzem seus consumidores a eleger o discurso proferido como fontes de veracidade. Observemos também o cuidado tomado pela equipe do *blog* que elege o registro como "uma das maiores raridades já postadas", estabelecendo uma relação de respeito e atenção com a pessoa que enviou a fotografia.

O próximo espaço apresentado pelo mapa é o *Parque da Criança* (III). Nesse tópico, é exibida a história do Curtume São José (1924-1883) e sua importância para o desenvolvimento econômico da cidade, por empregar parte da população campinense e por oferecer couro utilizado na cidade. Tais elementos são apresentados com o objetivo de reforçar o papel da indústria no processo de transformação da cidade, evidenciando a influência desse segmento na elaboração e difusão da proposta de história elencada pelo Museu. O vídeo prossegue apontando para a metamorfose desse espaço, quando ele é transformado em um parque ao ar livre em 1993, na gestão do prefeito Felix Araújo Filho[78]. O lugar é apresentado como um importante ponto de lazer e de práticas esportivas na cidade. Cabe destacar que também funciona como um ambiente que reúne amigos, familiares e casais para realização de piqueniques e aniversários, ao passo que também promove eventos destinados à comunidade, a exemplo do Domingo no

[78] Felix Araújo Filho (1951) é um advogado, professor e político campinense, eleito prefeito de Campina Grande em 1992 e responsável pela construção do Parque da Criança em 1993.

Parque, iniciativa desenvolvida pela TV Paraíba, onde são oferecidos serviços ligados ao lazer, cidadania e bem-estar de crianças e adultos.

Quando pesquisamos sobre o parque no *Retalhos Históricos de Campina Grande*, encontramos um destaque atribuído ao Curtume São José, onde pouco se fala sobre o Parque da Criança. Uma das postagens apresenta um vídeo de uma matéria produzida pela TV Itararé, onde é discutido a história do Curtume, por meio do relato do filho de um dos donos da empresa e pela fala da historiadora Maria José Oliveira, que apontam para a importância histórica do Curtume. Ao final da matéria, demonstra-se que houve o repasse do espaço para a prefeitura, que o transformou em um lugar destinado ao lazer, mantendo alguns elementos da estrutura original da fábrica, como o portal principal e a chaminé. Ao nosso ver, o objetivo do vídeo era retratar a empresa, citando o parque apenas para explicar como o espaço se configura nos dias atuais. Não é tecido pelo *blog* algum tipo de análise do conteúdo apresentado, apenas dispondo o vídeo e explicando brevemente do que se trata. Desse modo, podemos observar, que há certa concordância das narrativas apresentadas pelo museu e a compartilhada pelo *blog*. Podemos supor que a história do espaço enquanto Parque da Criança talvez não atenda aos anseios dos grupos que elaboraram as narrativas citadas, por se tratar de um passado "recente".

Figura 14 - Publicação sobre o Parque da Criança

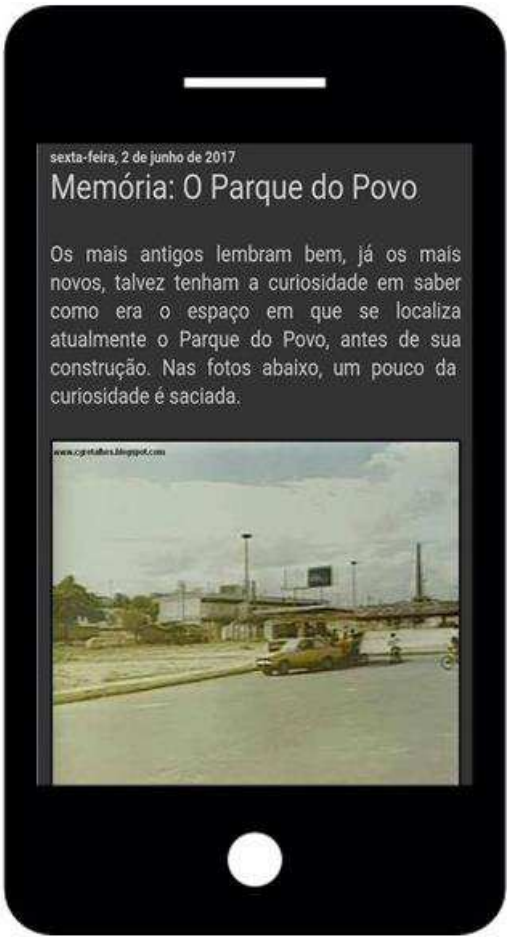
Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2010. Acesso em abr. 2020.

Finalizada a visita ao açude, outro ponto se anuncia, agora direcionado a um dos maiores símbolos da cidade, já que é nesse ambiente onde acontece o Maior São João do Mundo. O *Parque do Povo* (IV), como observou Santos (2016), assume um papel fundamental ao centralizar a maioria das atividades ligadas as festividades juninas. Construído em meio a proposta modernizante desenvolvida por Ronaldo Cunha Lima em 1986, o local passou a atrair pessoas de todas as partes do mundo, tornando-se uma referência para a cidade e, com o tempo, a transformando em um dos maiores polos de turismo cultural do Brasil. Observemos que esse

espaço também fora visitado por nossa investigação por meio da experiência imersiva do *Campina Grande 360º*, reforçando a história que o museu deseja perpetuar: o de uma cidade intimamente ligada à sua principal festividade.

A elaboração do parque atendia aos interesses das elites da época, que além do desenvolvimento econômico e da garantia de perpetuação de seus poderes, almejavam para a cidade um surto de progresso. O vídeo narra a construção do ambiente e seu desenvolvimento no decorrer do tempo, dialogando com o jogo "acertando os pontos" e com a seção "Campina Grande 360º". Ele reforça o vínculo temático entre as seções, ao mesmo tempo em que investe numa difusão discursiva sobre a cidade, que traria a grandeza não apenas em seu nome, mas em seu povo e em sua cultura. As imagens também permitem pensar na elaboração de um conhecimento histórico produzido por meio da interatividade. Tais procedimentos tocam os sujeitos ao direcionar linhas de pensamento sobre a atuação desse ponto turístico, ao passo que também requisita as memórias afetivas dos cidadãos campinenses, por meio de diversas experiências sensoriais, possibilitando experiências de aprendizagem mais aprazíveis.

Figura 15 – Postagem sobre o Parque do Povo



Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2017. Acesso em abr. 2020.

Ao visitarmos o *RHCG*, observamos que o Parque do Povo é um tema recorrente de suas publicações[79], onde são apresentados diversas informações – de antigas campanhas publicitárias da prefeitura municipal a memórias compartilhadas pelo visitantes do *blog*. Essa ampla cobertura histórica da festividade não é à toa, já que, conforme fora mencionado, o São João passa a ser utilizado no projeto de turismo cultural da cidade (SANTOS, 2016). A postagem escolhida por nós apresenta elementos que misturam grande parte dessas experiências. Ela inicia requisitando a memória dos "mais antigos", que provavelmente lembrariam de como era o espaço antes da construção do parque, e aponta para a possível curiosidade dos mais jovens em saber como era o lugar. Tal ferramenta

[79] Até a presente data, contabilizamos 49 publicações conforme apresentado pelo Apêndice B.

argumentativa estabelece linhas de sentido que podem conduzir seus leitores a acessar lembranças endereçadas as festividades realizadas no Parque do Povo. São apresentadas fotografias que retratam o espaço quando ele ainda era conhecido como os Coqueiros de Zé Rodrigues e explicito que lá eram realizadas, durante o São João, apresentações de quadrilha junina, fogueiras e degustação de comidas típicas, evidenciando que esses elementos impulsionaram o então prefeito da cidade a construir um espaço mais elaborado para a realização das festividades. Também são apresentados registros da construção da Pirâmide e da inauguração do parque, utilizando como elemento complementar dessa narrativa um trecho da cobertura realizada pelo jornal Diário da Borborema[80], dialogando com diversas fontes para elencar o espaço como uma grandiosa construção que lançou o Maior São João do mundo na lista das principais festas realizadas no Brasil.

Desse modo, podemos observar a existência de um discurso compartilhado entre o *RHCG* e o museu no que concerne ao trato de diversos eventos, espaços e personagens do passado campinense. Se na primeira geração historiográfica da cidade, temas como o tropeiros, o algodão e o trem eram considerados responsáveis por exaltar a grandeza da cidade. Nesse novo formato digital/virtual, a história do presente insere o Parque do Povo e as festividades juninas como lugar de destaque, atribuindo uma nova roupagem a representação ufanista de seu passado.

No que diz respeito ao Parque do Povo, ambos evocam os mesmos personagens históricos e a mesma sequência de ações para apresentar o espaço de maneira progressista, evolutiva e linear, elencando para tal lugar um papel fundamental no desenvolvimento da cidade. Neste, podemos observar que as narrativas elaboradas pelas elites mencionadas por Santos (2016) acabam perpassando também a história compartilhada pelos demais segmentos da sociedade. Feitas as devidas assertivas sobre o espaço, sigamos para o próximo ponto elencado.

O *Museu do algodão* (V) é apontado pelo Mapa Digital como um dos principais pontos históricos da cidade. A seção discute a importância histórica do prédio, remontando a sua fundação sob a forma da Primeira Estação de Trem de Campina Grande[81], que funcionava como um entreposto entre o sertão e o litoral, mas também entre a Paraíba, o Ceará, o Rio Grande do

[80] Retirada do jornal publicado no dia 03 de junho de 1986, não havendo, todavia, a apresentação do autor da matéria.
[81] Fundada em 1907, a estação atuou com o transporte de passageiros até os anos 1980, quando foi desativada, voltando a funcionar apenas no mês de junho, onde o Trem Ferroviário parte em direção ao distrito de Galante, como parte integrante das festividades do Maior São João do Mundo.

Norte e o porto do Recife. O ciclo de desenvolvimento do algodão possibilitou a chegada dos trilhos a Campina Grande, favorecendo a circulação de pessoas e produtos.

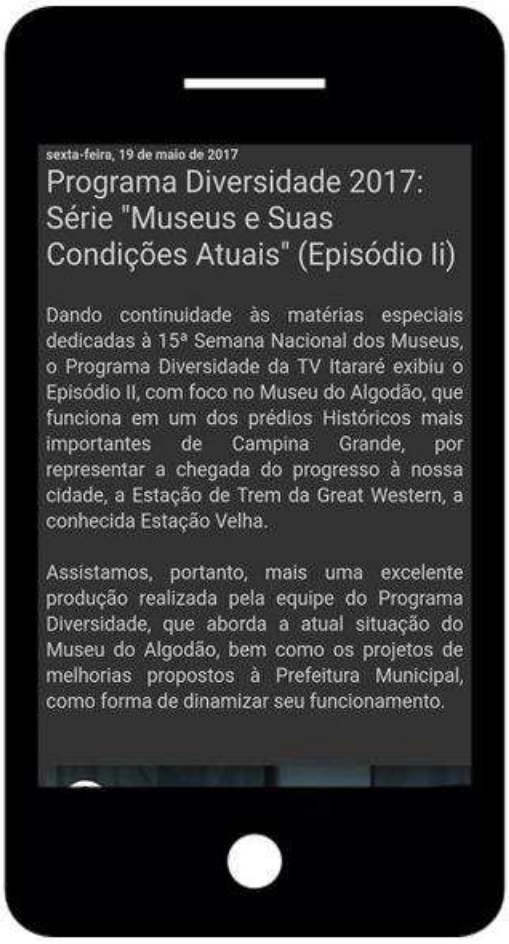
A construção da Estação Velha, como também é conhecido o prédio do atual Museu do Algodão, representou, de acordo com o vídeo apresentado, um elemento essencial para o processo de modernização da cidade. Tal observação entra em consenso com a pesquisa desenvolvida pelo historiador Gervácio Aranha (2001), que observa os processos culturais, econômicos e políticos em torno da chegada das linhas férreas em Campina Grande. Todavia, a proposta do espaço se distância dos estudos desse pensador ao inibir a contradições desse processo modernizante – a exemplo das desigualdades sociais impulsionadas pela chegada dessa maquinaria. Esse processo expõe o modo como o museu se apropria das narrativas produzidas pela Segunda Geração de historiadores, se valendo de elementos dessa pesquisa com vistas ao fortalecimento dos discursos em torno da história tradicional da cidade.

Na gestão do já citado prefeito Evaldo Cruz, em 1973, o prédio passou a reunir antigos maquinários, peças de artesanato em algodão e acervos fotográficos que registram o período de atuação do ciclo algodoeiro, assumindo o papel de museu. O vídeo não foca nos personagens, mas no processo de transformação do espaço e de seu impacto na transformação da cidade. Cabral Filho observa que

> Os organizadores do MACG, este espaço de preservação do passado da cidade, desejaram legar à Campina Grande um patrimônio capaz de alegorizar uma narrativa histórica para uma cidade afeita à tecnologia; trata-se de uma memória marcada ao mesmo tempo pelo trabalho e, paradoxalmente, por um desejo de neutralidade técnica e política cujos principais dispositivos são as máquinas e os equipamentos, testemunhos materiais de uma época auspiciosa. Trata-se ainda do desejo de perpetuar na memória coletiva campinense um fausto econômico que, a rigor, teve uma duração curta, mas que de tal modo cristalizou-se no imaginário das elites de Campina Grande que deveria ser parte constitutiva de sua epopeia (CABRAL FILHO, 2014, p. 3).

Assim como o *SESI Museu Digital* assume o papel de preservar o passado campinense no século XXI, o Museu do Algodão também o fizera nas últimas décadas do século XX. Ambos os espaços carregam consigo a marca da tecnologia, elemento que impulsiona o modo como a cidade se vê e como é vista.

Figura 16 - Matéria sobre o Museu do Algodão



Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2017. Acesso em abr. 2020.

Acessando o *RHCG* observamos uma escassez de registros relativos ao funcionamento do espaço enquanto Museu do Algodão. Localizamos apenas duas postagens, sendo uma a apresentação de uma fotografia da parte externa do espaço nos anos 1980, elucidando a ausência de registros desse período, enquanto que a segunda (Figura 16), traz o vídeo de uma matéria da TV Itararé, correspondente a uma série que abordava os museus campinenses[82]. A reportagem apresenta elementos que não são mencionados pelo vídeo exibido no Mapa Digital, tais como os problemas relacionados a preservação do espaço que, mesmo com a promessa de melhorias apresentadas pelos funcionários da prefeitura, não foram resolvidos. Tais observações, se fossem apresentadas pelo *SESI Museu Digital* como forma de conscientização da sociedade sobre o descaso dos poderes públicos com o patrimônio histórico e com a própria história da cidade provocariam embates entre os setores políticos e econômicos. Esse posicionamento ampliaria a reflexão em torno da memória e da própria história. Porém, as amarras e acordos políticos parecem tornar esse tipo de discussão uma mera utopia. Nossa visita ao espaço destinado ao algodão se encerra. Continuemos, o próximo local nos aguarda.

A sede da atual *Fundação de Apoio ao Ensino, à Pesquisa e à Extensão (FURNE)* (VI) é outro ponto destacado no espaço interativo. Ele é apresentado como um importante local de preservação da história educacional campinense, onde fora instalado em 1924 a primeira escola estadual da cidade, conhecido como Grupo Escolar Sólon de Lucena. Anos depois, o prédio foi transformado na reitoria da Universidade Regional do Nordeste (URNE) – futura Universidade Estadual da Paraíba –, funcionando como sede da FURNE ao passo que também se transformou no Museu de Artes Assis Chateaubriand em 1967.

[82] A série de reportagens engloba a apresentação de cinco museus da cidade, são eles: o Museu Histórico de Campina Grande, o Museu de História e Tecnologia do Algodão, o Museu de Arte Popular da Paraíba, o Museu de Arte Assis Chateaubriand e o Museu de Arte Contemporânea.

No *Retalhos Históricos de Campina Grande*, observamos a existência de diversas postagens relativas as múltiplas utilizações do prédio durante a história. Entre essas, escolhemos uma publicação motivada pela anunciação do fechamento do Museu Arte Contemporânea (MAC), administrado pela UEPB, em 2016. A postagem (Figura 17), nos rouba a atenção porque dispõe de uma rica quantidade de documentos relativos à inauguração do Museu de Arte Assis Chateaubriand (MAAC) em 1967, apresentando fotografias que registram a presença de políticos da esfera local e nacional, a exemplo do então deputado federal Tancredo Neves[83] e do então governador João Agripino[84]. Também são capturados pelas imagens membros da elite campinense, a exemplo de Hilton Mota[85] e do Consul Nonjahim Habib[86]. Essa riqueza de fontes, porém, não é apresentada com informações que permitam uma fácil referenciação, como dados relativos ao ano, mês e número da revista.

Figura 17 – Postagem sobre o prédio da FURNE

Fonte*:* *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2017. Acesso em abr. 2020.

Na postagem do *RHCG*, temos a disposição as imagens escaneadas da revista *O Cruzeiro*, que aponta as motivações para a criação do primeiro museu de arte da cidade e registra a presença das elites da cidade no evento inaugural. Após a apresentação dos documentos, os administradores do *blog* incluíram um texto da *Wikipédia* que afirmava que todo o acervo do MAAC estava no Museu de Arte Contemporânea, todavia, tratava-se de apenas uma parte do mesmo que havia sido emprestada, enquanto que a outra permanecia guardada na sede da FURNE. Após a sinalização de um leitor nos comentários, as devidas correções foram realizadas, evidenciando

[83] Tancredo de Almeida Neves (1910-1985) foi um político e advogado brasileiro, tendo ocupado diversos cargos públicos em sua trajetória política. Eleito presidente da república em 1985, faleceu antes de assumir o cargo.
[84] João Agripino de Vasconcelos Maia Filho (1914-1988) foi um político paraibano bastante atuante no cenário estadual, sendo favorecido pelo poder político de sua família.
[85] Hilton Carneiro Mota (1924-1992) foi um radialista pernambucano que fez sua morada em Campina Grande, participando da fundação e gestão de diversas emissoras de rádio na cidade.
[86] Joseph Noujaim Habib Nacad El-Khoury (data não encontada) foi um empresário libanês bastante atuante na vida econômica da cidade, responsável pelo estreitamento dos vínculos econômicos entre a região Nordeste e o Líbano

a fragilidade referencial das narrativas compartilhadas pelo *blog*. Atualmente, a maior parte do acervo artístico permanece guardado, inacessível ao público, provavelmente por questões ligadas ao financiamento público.

O Mapa Digital apresenta o espaço, mas não enfatiza as questões relacionadas a seu papel em quanto agente difusor de conhecimento, cultura e arte, resumindo suas caracterizações a poucos segundos, sendo importante mencionar aqui o papel exercido por esse lugar como uma fonte de lazer e entretenimento. Ele segue o mesmo princípio lógico dos demais, elencando os pontos de transformação e de importância histórica para o desenvolvimento da cidade. O prédio é destacado como componente da memória educacional campinense, mas também como símbolo da moderna arquitetura em *Art Déco*, já que sua fachada e parte do interior foram preservadas. A atuação do espaço como museu é minimizada, focando nos elementos que caracterizam o espaço enquanto símbolo de progresso – arquitetura.

A *Praça Clementino Procópio*[87] (VII) é outro espaço destacado no mapa interativo. Sua trajetória espacial é, assim como os demais pontos, focada nas transformações que gestaram novas feições para a cidade. O vídeo apresentado pelo mapa destaca que o lugar funcionou durante muito tempo como um dos principais espaços de sociabilidade, valorizada pela presença da Igreja do Rosário – demolida nos anos 1930 durante a reforma urbana do prefeito Vergniaud Wanderley – e pelo Cine Theatro Capitólio, inaugurado em 1930, representando uma das mais modernas instalações cinematográficas da região, comportando um público de até mil pessoas e servindo como uma das principais vias de entretenimento do período (CABRAL FILHO, 2010). Ambos eram responsáveis por reunir quantidades significativas de pessoas, seja para aguardar a hora do filme ou para "prosear" após a missa.

[87] Clementino Gomes Procópio (1855-1935) foi um professor, jornalista e político pernambucano bastante influente na trajetória educacional campinense. Quando se mudou para a cidade, criou uma escola nas imediações do atual 2º Batalhão da Polícia Militar da Paraíba, no bairro do São José, exercendo um papel fundamental na educação da elite campinense, tendo sido professor, por exemplo, do futuro governador da Paraíba Argemiro de Figueiredo. Após sua morte, diversas homenagens foram tecidas, como a atribuição de seu nome a lugares públicos.

O *Retalhos Históricos de Campina Grande* segue um caminho parecido ao apresentar uma fotografia da praça durante a década de 1930. Os administradores do *blog* utilizam o recurso da curiosidade para atrair os leitores ao apresentar espaços com contornos que só podem ser acessados por intermédio das fotografias de época. Além do documento em questão, a postagem também inclui a descrição dos prédios que podiam ser encontrados antes da reforma urbana. No canto esquerdo da Figura 18 ainda podemos identificar a presença da igreja mencionada pelo mapa.

Figura 18 - Praça Clementino Procópio

Fonte*: Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2009. Acesso em abr. 2020.

Retornando para o mapa, podemos observar que o filme apresentado se apropria de características socioculturais para estimular a imaginação do visitante, apresentando as formas de diversão e entretenimento das primeiras décadas do século XX e suas transformações com o passar do tempo. O recurso audiovisual enriquece a proposta ao apresentar fotografias antigas e ao narrar as manifestações que marcaram a trajetória da sociedade campinense. Em miúdos, ambas as ilhas utilizam os recursos a sua disposição para provocar o envolvimento de seu público com a história digital compartilhada por ela.

Os últimos dois lugares presentes no mapa fazem referência a *Rua João Pessoa* (VIII) e a *Rua Maciel Pinheiro* (IX), espaços marcantes na história econômica e social de cidade. A película designa apontamentos de relacionados a economia e cultura local, elencando as transformações sofridas pelo espaço e sua constituição na atualidade.

A Rua João Pessoa[88] teve diversas denominações, porém após a morte do político paraibano em 1930 ela ganhou a nomenclatura atual. Ela é apresentada pelo mapa como um

[88] João Pessoa Cavalcanti de Albuquerque (1878-1930) foi um político e advogado pernambucano bastante importante na história da Paraíba e do Brasil. Entre os anos de 1928 e 1930, esteve à frente da presidência da província da Paraíba, onde desenvolveu uma série de reformas políticas e se envolvendo e diversos conflitos de ordem política e pessoal. Participou como vice-presidente na chapa encabeçada por Getúlio Vargas nas eleições federais de 1930, derrotada pela chapa oficial da presidência. O assassinato de João Pessoa em agosto de 1930 foi

importante centro comercial para a cidade. Era nesse espaço onde os grandes produtores de algodão comercializam sua produção, confeccionando imagens de grandes fardos de algodão, que foram registradas em fotografias e reproduzidas no vídeo em questão. A rua era o símbolo da pujança econômica da Era do Algodão. Nos dias atuais, ela comporta grande parte das principais lojas da cidade, sem contar a ilustre presença de centenas de vendedores ambulantes – omitidos do vídeo - que dividem o espaço com os transeuntes. A exclusão do registro dos "camelôs" atende aos propósitos discursivos em prol da construção da imagem pujante de Campina Grande. As vozes que dão vida a rua são silenciadas por uma história oficial. Seu trabalho informal parece não se enquadrar naquilo que é ovacionado como característico da "capital do trabalho"[89].

Figura 19 - Memória fotográfica da Rua João Pessoa

Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2019.

No *RHCG* encontramos uma postagem que aponta uma curiosidade: foi nesse espaço onde ocorreu o primeiro contato do futebol com a população da cidade, por meio de um treino organizado por Antônio Fernandes Bióca – um dos fundadores do Treze Futebol Clube. De acordo com o site oficial do time, Bióca trouxe a primeira bola para a cidade em 1913, sendo o responsável pela inclusão do esporte na cidade. Buscamos outras fontes para confirmar a informação, mas todos os endereços virtuais parecem compartilhar da mesma narrativa, incluindo os pontos e as vírgulas.

Também é mencionado pelo *blog* o papel econômico desempenhando pela rua durante grande parte da história da cidade, onde esse assumiria o papel de entreposto comercial. Após tal menção, o blog apresenta diversas fotografias da atual composição urbana do espaço, todavia, os registros foram realizados em algum feriado ou final de semana, já que a rua está completamente vazia. Aqui notamos uma maior variedade temática ao lidar com o espaço, onde

utilizado como argumento favorável ao golpe executado pela "revolução de 1930", que levou Vargas ao cargo de presidente, encerrando o período posteriormente conhecido como República das Oligarquias.

[89] Denominação presente no Hino da cidade e amplamente utilizada em propagandas do governo local.

os números não parecem ocupar os espaços preenchidos por pessoas.

Ao olharmos para o vídeo sobre a Rua Maciel Pinheiro[90], podemos observar com maior profundidade as referências que marcam o discurso histórico elencado pelo museu. Era nesse espaço onde muitas das principais famílias campinenses viviam. A presença do Cine Theatro Apollo (1912) e do Cine Fox (1918) pareciam garantir o acesso a beleza da Sétima Arte para essas famílias. Durante os anos de 1940, o já citado prefeito Vergniaud Wanderley desempenha uma reforma urbanística sanitária e modifica todas as características arquitetônicas desse lugar. Ampliando vias, derrubando antigos casarões e determinando a transformação desses espaços para lançar Campina Grande em meios as cidades modernas, aderindo ao modelo *Art Déco.* Não por acaso, a rua Maciel Pinheiro acabou se tornando um dos maiores redutos dessa manifestação urbanística no país. A maior parte desses espaços fazia parte do dia a dia da Primeira Geração historiográfica campinense, aos quais remetiam constantes laços afetivos, estando presente nas escritas memorialistas de Câmara (1998), Ribeiro (1937) e Pimentel (1958), sendo analisadas posteriormente pelos historiadores da Segunda Geração, em especial F. Sousa (2001) e Cabral Filho (2007)

Figura 20 - Rua Maciel Pinheiro

Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2010. Acesso em abr. 2020.

O *blog* campinense apresenta um ensaio escrito pelo historiador Thomas Bruno Oliveira – e que, como veremos no capítulo que se segue, não é o único historiador a contribuir com o *RHCG* -, onde dança com as palavras ao conduzir um texto que mistura elementos históricos e literários. Ele caminha por entre as ruas do centro da cidade, não apenas percorrendo os caminhos (espacial), mas também a história (temporal). Nesse processo, encontra personagens e espaços de outrora, tais quais a Fruteira de Cristino Pimentel e o Bar Macaíba, que reuniam diversas personalidades a exemplo de Elpídio de Almeida e Félix Araújo[91]

[90] Luís Ferreira Maciel Pinheiro (1839- 1889) foi um advogado e jornalista paraibano muito influente no cenário nacional durante o século XIX

[91] Felix de Souza Araújo (1922-1953) foi um político, poeta e jornalista paraibano bastante atuante no cenário político e intelectual da cidade, sendo assassinado por um funcionário do então prefeito Plínio Lemos, adversário político do mesmo.

evocando experiências do sensível para conduzir o leitor a acompanhá-lo pelo passeio. Sua imaginação histórica oferece um sabor diferenciado as palavras consumidas, que se lançam diante de nós com muito mais profundidade do que a narrativa apresentada pelo *SESI Museu Digital*, justamente por apresentar diversos personagens conhecidos da cidade como se estes estivessem conversando com ele em um dos famosos antigos bares da rua.

Enquanto seguimos em direção ao próximo espaço a ser explorado nessa ilha, talvez seria interessante analisar a nossa experiência de diálogo com dois espaços distintos de produção e difusão do conhecimento histórico digital sobre Campina Grande. Apesar das diferenças de forma e formato, ambos acabam tocando em elementos que lhes são comuns, evidenciando os nós invisíveis que interligam ambas as ilhas mencionadas – para não citar as tantas outras que pertencem ao mesmo arquipélago. Mas, sigamos. Nosso guia avisa que ainda temos muito caminho pela frente. A monitora já está preparada para nos apresentar o próximo ponto da ilha. Na imagem a seguir, podemos observar os próximos três espaços a serem visitados por nós:

Figura 21- Estrangeiros que fizeram da cidade a sua morada

Fonte: Agência Viver Cultura, 2018. Acesso em 30 abr. 2020.

Após alguns passos dados, estamos diante do item **Campina Grande acolhedora** (6), onde podemos encontrar elementos que talvez esclareçam a perspectiva histórica adotada pela instituição. Aqui, são apresentadas treze pessoas "ilustres" que não nasceram na cidade, mas que fizeram dela sua morada. Cada personagem, quando selecionado, apresenta um vídeo em que este fala sobre sua relação com Campina Grande. Mesmo questionando os agentes do

espaço, não obtivemos respostas quanto aos critérios utilizados na seleção dos personagens, sabemos, entretanto, que estes foram escolhidos pelo grupo de consultoria do museu contratados pela FIEPB. Os escolhidos para compor tal espaço não são cidadãos comuns, mas pessoas que ocupam/ocupavam lugares privilegiados na sociedade campinense, culturalmente ou economicamente, como apresentamos a seguir:

Quadro 2 - Lista de personagens homenageados pela seção Campina Grande Acolhedora

CAMPINA GRANDE ACOLHEDORA	
Nome	***Profissão/cargo***
Francisco de Assis Benevides Gadelha	Presidente da FIEPB
Maria de Lourdes Nunes Ramalho	Professora, poeta, dramaturga e pesquisadora
Pedro Cancha	Artista de Rua
Laudiceia Aguiar	Advogada e Empresária
Tião Lima	Radialista e repentista
Lana Débora	Arquiteta
Roberto Moraes	Compositor
Genaldo Cardoso	Chefe de cozinha e professor de gastronomia
Adriana Melo	Médica
Flávio César Capitulino	Restaurador de arte
Johannes Derks	Professor universitário
Janeide Costa	Cabeleireira
Denise Belmiro	Jornalista

Fonte: Elaborada pelo Autor, 2020

Podemos identificar uma variedade de personagens e profissões citadas, buscando elencar alguns dos sujeitos "estrangeiros" que são/foram importantes na história contemporânea da cidade. Observemos que esse movimento não é novo, estando presente no próprio hino da cidade representada como a "Canaã de leis forasteiros". Todavia essa marca é bem anterior, ligada aos movimentos migratórios em períodos de seca e a questão dos tropeiros, conforme observa Silêde Cavalcanti (2000), historiadora inserida na segunda geração da historiografia campinense. A grande maioria dos escolhidos transitam pelos grupos sociais mais abastados, seja por fazer parte ou por conviver continuamente com as pessoas desses segmentos. Alguns personagens mais "populares" também foram elencados, a exemplo do artista de rua Pedro Cancha e do compositor de forró Roberto Moraes, provavelmente, com o objetivo de "representar" todos os setores sociais.

O *Retalhos Históricos de Campina Grande* atribui importância a alguns personagens homenageados pelo *Museu Digital*. A primeira figura mencionada é Pedro Cancha, no qual é apresentado como um "anônimo famoso", uma figura caricata que se inscreve no cenário da cidade por seu jeito diferente de se vestir e cantar. Lourdes Ramalho é mencionada em um

tópico que reúne as mulheres que "engrandeceram" a cidade, onde encontramos uma pequena biografia sobre a professora, dando destaque a importância dela no seio cultural da cidade. Flávio Capitulino é representado como um dos inúmeros paraibanos que fizeram sucesso mundo a fora. Para embasar tal premissa, o *blog* compartilha uma reportagem feita pelo fantástico no qual o restaurador é entrevistado. Nesse sentido, a certo consenso entre os espaços no que concerne a importância desses personagens para a história da cidade. Um quarto personagem é mencionado indiretamente. Francisco Gadelha é mencionado em uma postagem sobre a eleição para prefeito de 1882, no qual aparece ao lado de Ronaldo Cunha Lima, evidenciando o estreitamento dos laços entre as elites econômica e política de Campina Grande.

Retornando para o museu, podemos observar que as escolhas apontam para uma historiografia mais elitista, considerando como importantes para a história do tempo presente da cidade um grupo seleto de pessoas "famosas", movimento semelhante ao praticado pela história (dita) positivista, onde uma série de "personagens" eram elencados para compor a história de um determinado lugar (REIS, 1996). Não há figuras anônimas. Aos desconhecidos, cabe apenas o imenso silêncio. Uma história de "grandes nomes", não aquela desenvolvida pelos positivistas dos séculos XIX e XX, mas uma refeita e reformulada a partir de objetivos bem definidos, que buscam representar a cidade como uma urbe destinada ao sucesso, capaz de levar pessoas a abandonarem suas terras natais para fazer desta sua morada. Esses discursos parecem apresentar as figuras "ilustres" como uma espécie de tropeiros do século XXI – aqueles que vieram de fora para promover o desenvolvimento da cidade. Essa historiografia pública digital da cidade atende aos interesses daqueles que pretendem fortalecer a concepção de grandeza da cidade, traçando a ideia de que não foram quaisquer pessoas que decidiram adotar Campina Grande como sua terra, mas sim os tropeiros dos novos tempos.

Todos os personagens escolhidos nos provocam inúmeros questionamentos acerca dos motivos que levaram a sua seleção. A termo de exemplo, iremos analisar a presença do presidente da FIEPB nesse espaço, representado na Figura 17, buscando indícios que apontam para as justificativas que levaram a presença de seu nome nesse rol. Caso o leitor tenha interesse, poderá encontrar no Apêndice A uma série *links* que comportam informações adicionais sobre os demais sujeitos homenageados pela seção *Campina Grande Acolhedora*, já que as investigações não se esgotam na estrutura desse trabalho.

Francisco Gadelha é apresentado como um personagem de grande relevância na história econômica da cidade, seja enquanto empresário ou líder da federação industrial paraibana. Sabemos, que esse sujeito exerceu um papel fundamental na aquisição do Monumento do

Sesquicentenário e na implantação do *SESI Museu Digital*, assumindo a figura de idealizador do espaço. Seu nome está estampado na placa de inauguração do prédio, inscrevendo-o no tempo e no espaço. A escolha desse personagem parece reforçar ainda mais sua influência na trajetória de Campina Grande, apresentando para todos os visitantes um vídeo que narra parte de sua vida, ao passo que também apresenta os elementos que fizeram com que este adotasse Campina Grande como sua morada, registrando sua existência nesse espaço de memória digital. Lembremos também que suas palavras são apresentadas pelo vídeo de apresentação do museu no endereço virtual da instituição, encurtando os laços entre esse indivíduo e a própria instituição museológica.

Continuando nosso passeio investigativo, estamos agora diante da possibilidade de registrar a visita ao espaço por meio de uma seção que possui um dispositivo que é composto por uma câmera e uma tela sensível ao toque. Sob o título de **Selfie** (7), a seção se apropria da linguagem compartilhada no universo digital para provocar a familiarização dos indivíduos, levando-os a desejar registrar sua passagem e a se sentirem parte dessa história digital que acabou de ser vista/exposta. Talvez seja essa possibilidade de registro que fez com que o museu não adotasse um Livro de Visitas. A figura abaixo apresenta o funcionamento do dispositivo:

Figura 22 - Selfie

Fonte: Acervo do Autor, 2020.

Após a seleção, a tela apresenta a fotografia capturada e pede o e-mail do usuário para que esta seja enviada. Essa é única parte da visita em que a concepção digital compreende uma

forma de comunicação via *internet*. Nos chama a atenção a proposta de que o visitante acaba elaborando um registro histórico sobre sua visita, incluindo-o na própria trajetória do espaço. Fica evidente, todavia, que esse recurso é limitado e poderia ser enriquecido com uma tela que reproduzisse de maneira continua as fotografias capturadas pelos visitantes durante a trajetória da exposição. Desse modo, o público estaria inserido de maneira mais concreta na proposta de interatividade lançada pelo museu. Por falarmos em interação, a próxima seção nos convida a soltar a voz, cantando músicas que representam a história de Campina Grande, conforme exposto na fotografia a seguir:

Figura 23 - Karaokê

Fonte: Acervo do autor, 2020.

No **Karaokê** (8), identificamos uma tela sensível ao toque conectada a um fone e microfone e que oferece para nós a possibilidade de cantarmos algumas músicas disponíveis no painel. São dez músicas apresentadas, as quais podem ser classificadas como pertencentes ao gênero forró, baião e xaxado e onde Campina Grande é sempre representada como uma cidade única, progressista e que sempre está em transformação, reforçando os discursos oficiais sobre esse espaço. Selecionando uma dessas, podemos escutar a melodia pelos fones de ouvido, enquanto que a letra é apresentada pela tela. Nas músicas elencadas pelo museu, a cidade é sempre apresentada como temática principal, em alguns casos até mesmo ufanista. O Quadro 3 apresenta uma lista das músicas disponíveis no espaço:

Quadro 3 - Músicas disponíveis no Karaokê do *Museu Digital*

KARAOKÊ DO *SESI MUSEU DIGITAL*
Músicas
Campina Centenária
Princesa da Borborema
O Maior São João do Mundo
Forró de Zé Lagoa
Capital Mundial do Forró
Alô Alô minha Campina Grande
Bodocongó
Campina dos tropeiros e dos amores
Campina mais bonita
Campinense

Fonte: Elaborada pelo Autor, 2020

O Museu disponibiliza duas telas para o karaokê, separados pelo início da escultura dos tropeiros que, como sabemos, inicia no interior do prédio, aproveitando o espaço disponível de maneira inteligente. A seção estimula a participação do público, já que seu sentido só se torna completo se o visitante estiver envolvido com ele. Rompendo as barreiras de uma mera *playlist*, o espaço apresenta uma série de registros históricos interpretados por uma gama conhecida de artistas, a exemplo de Jackson do Pandeiro e Elba Ramalho, e que possuem em suas letras discursos sobre o passado campinense, novamente colocando em prática a já citada educação dos sentidos, transitando pelo campo visual e auditivo e, em alguns caso, até mesmo o corporal. De acordo com o espaço, a Campina de outros tempos está "mudada, muito bem organizada e cheia de cartaz", fazendo uso do trecho da música já citada de Jackson do Pandeiro e elucidando que tipo de passado essas narrativas musicais buscam construir.

As experiências imersivas (MURRAY, 2003) novamente se lançam diante de nós, desta vez, requisitando diversos músculos de nosso corpo, ao interagir com as letras que se distribuem sobre a tela. Dependendo do mergulho, não só a musculatura da face entra em movimento, mas também o corpo todo. Enquanto canta – e talvez dança – muitos sujeitos podem ser deslocados de sua realidade, sendo direcionados por experiências sensíveis que educam os sentidos sobre a história pública da cidade.

Vale mencionar, todavia que existem algumas fragilidades no que diz respeito a organização do conteúdo, tendo em vista que algumas músicas do karaokê são apresentadas com nomes diferentes dos presentes em suas composições, a exemplo de "Campina

Centenária", que na realidade se chama Campina Grande Centenária[92]. Essa pequena mudança pode atrapalhar a experiência de um visitante que busque informações complementares na internet, por exemplo. Outro ponto em questão é que não são informados dados relativos a composição das músicas, onde os anos e os nomes dos compositores são omitidos, tornando difícil a localização de algumas das obras presentes no espaço.

Mas, antes de prosseguirmos para o próximo espaço, talvez seja oportuno passearmos pelas letras de uma dessas músicas, permitindo uma ampliação de nossa compreensão a respeito dos propósitos de sua escolha. A termo de exemplo, selecionamos a já cidade música Campina Grande Centenária eternizada sob a voz de Marinês:

> No Nordeste brasileiro, na Paraíba do Norte,
> Existe um lugarejo: Vila Nova da Rainha!
> Logo se tornou cidade, ó Campina pequenina,
> Foi crescendo, foi crescendo, com muita prosperidade;
> Hoje é Campina Grande, um orgulho do Nordeste,
> Onde tem cabra da peste, plantador de algodão,
> Nos fios da tecelagem, da nossa combinação!
>
> Seus primeiros habitantes foram os índios Ariús,
> Vindos de Bodopitá, fazendo a povoação;
> E, os índios Cariris – Teodósio de Oliveira
> Foi quem trouxe pro lugar aumentando a habitação;
> Do pequeno lugarejo veio a emancipação!
>
> Campina foi crescendo, crescer sempre foi seu lema,
> E hoje é Campina Grande, "Rainha da Borborema"!
> **O teu progresso Campina destruiu a tradição**,
> E eu agora vou lembrando, quando canto este baião!
> Cadê a rua do meio, rua grande Ciridó,
> As ruas das Bolandeiras, da barrocas de fumo em pó.
>
> Bartolomeu de Almeida foi seu primeiro vigário!
> Capitão Camilo o primeiro mandatário
> E hoje merecem a glória do primeiro centenário!
> Salve Campina nas páginas do novo calendário!
> Salve Campina no ano do primeiro centenário!
>
> (Composição de Onildo Almeida e interpretação de Marinês, grifo nosso).

Observemos como a música em questão apresenta a cidade como um espaço de crescimento e prosperidade, iniciada com a ocupação indígena e a atuação do tropeiro Teodósio de Oliveira Ledo. Seguindo uma linearidade cronológica, a letra constrói uma narrativa que se

[92] A música foi gravada por Marinês no Compacto Duplo *Centenário de Campina Grande*, lançado pela gravadora RCA Victor em 1964. No lado A do disco temos duas músicas interpretadas por Marinês: *Campina Grande Centenária* (Onildo Almeida) e *Saudade de Campina Grande* (Rosil Cavalcanti); enquanto que o lado B também duas músicas, por sua vez interpretadas por Luiz Gonzaga: *Tropeiros da Borborema* (Rosil Cavalcanti) e *Queixas do Norte* (José Marcelino e Pantaleão). O material fonográfico pode ser encontrado no link a seguir: <https://www.youtube.com/watch?v=n67IHgGjjmo>. Acesso em 25 jun. 2020.

inicia no passado e que finaliza no presente de sua composição (as festividades do centenário da cidade), mas que não deixa de conter críticas ao descaso com a tradição, que teria sido destruída pelo progresso, consequência a qual a música parece buscar remediar (AGUIAR, 2014). Um passado de glória e crescimento é elencado como marcas para a cidade, senso utilizada pelo museu para fortalecer a concepção de história pública digital compartilhada por esse espaço, explorando um rico recurso interativo. O disco a qual o a música está presente também é citado no *Retalhos Históricos de Campina Grande*, que apresenta a capa da obra, informações básicas relativas a autoria e ano e uma caixa que permite ao visitante escutar as quatro músicas presentes no compacto duplo.

Na **Cidade Industrial** (9) temos um espaço destinado à FIEPB onde é contado a história das indústrias e a atuação da federação na cidade. Como bem sabemos, essa instituição é a responsável administração e manutenção do museu endossando os argumentos que atribuem a Campina Grande uma história perpassada pelo setor industrial. Nesse ponto, a exposição objetiva reforçar a premissa de modernidade que destaca essa cidade do interior perante as demais. É reforçado nesse trecho o fato de que Campina Grande é a única urbe do interior brasileiro que possui uma federação instalada, justificada pela importância econômica desempenhada no decorrer de sua história. A seguir, podemos observar o registro fotográfico do espaço:

Figura 24 - Cidade Industrial

Fonte: FIEPB, 2017 (adaptado).

Em termos estéticos e de conteúdo, é o trecho da visita menos interessante. O material, constituído de imagens e textos, disponível nos *tablets* não são organizados de maneira didática, estando a disposição apenas algumas versões digitais de revistas de circulação interna da

federação, com materiais e fotografias de eventos e pessoas que compõe a instituição. A seção também apresenta os vários segmentos industriais que atuam na cidade, a exemplo da indústria têxtil e a da construção civil, buscando reforçar o papel destes na geração de emprego e de desenvolvimento da região. A "cidade do trabalho" também seria uma "cidade industrial".

Seguindo em direção à próxima parada da ilha, observamos o item correspondente ao **Signos do Moderno** (10), onde notamos a influência das pesquisas de alguns nomes da historiografia campinense na elaboração do trecho, a exemplo de Fábio Gutemberg Sousa (2001), Gervácio Aranha (2001) e Severino Cabral Filho (2007), apresentados no capítulo I e que representam uma Segunda Geração da historiografia campinense. Os elementos apresentados e os conceitos dispostos na seção apontam para o fato de que o consultor histórico do museu utilizou os estudos dos pesquisadores supracitados, já que eles são os responsáveis por inserir nos debates historiográficos a discussão sobre os signos do moderno no contexto campinense, refletindo sobre o processo de transformação urbana e social do século XX, mediante o contato com novos meios de transporte, com novas formas de comunicação e de modernização da malha urbana, assim como também apresentando um olhar crítico sobre esse processo. Todavia, vale mencionar que esses estudos passam por uma revisão, que exclui elementos críticos, fortalecendo apenas as premissas positivas sobre esses processos, marcando um forte sentimento ufanista (PESAVENTO, 2004), reflexo dos interesses de seus idealizadores. Na imagem a seguir podemos observar o espaço destinado ao *Signos do moderno* e a *Cidade da cultural* – que será apresentada mais à frente:

Figura 25- Signos do Moderno

Fonte: *SESI Museu Digital*, 2017. *Acesso em abr. 2020.*

Como podemos observar na imagem, a seção responsável por expor os elementos que caracterizam o processo de modernização é dividida em cinco partes: comunicação (I), cinema (II), transporte (III), arquitetura (IV) e abastecimento (V). Cada parte possui um dispositivo de tela sensível ao toque, onde o conteúdo é apresentado de maneira didática, por meio da exposição de pequenos textos informativos eu tematizam sobre o conteúdo apresentado em cada tela, acompanhados de fotografias de época e de vídeos que discutem brevemente o assunto – cada um possuindo em média quatro minutos. Esse é o único trecho da exposição em que historiadores aparecem em alguns vídeos, como Gervácio Aranha, Antônio Clarindo e Luciano Aires.

No que se refere a comunicação (I), o material interativo conduz o visitante a observar o processo de transformação em torno dos meios comunicativos. O vídeo se inicia discutindo a chegada (1896) e o papel desempenhado pelo telégrafo na cidade, passando em seguida a falar sobre a telefonia, apresentando o processo de aceleração do processo comunicativo. Esse item também analisa o desenvolvimento dos jornais impressos[93], da radiodifusão e das emissoras televisivas. Todos eles são utilizados como forma de enaltecer o pioneirismo de Campina Grande frente ao processo de modernização na região Nordeste – pioneirismo esse que também cerca a própria construção de um museu digital, como vimos anteriormente. O material fílmico apresenta a informação de que a TV Borborema foi a primeira emissora da Paraíba, fundada em 1966 em Campina Grande, sendo uma das primeiras da região Nordeste. Tal informação é apresentada por meio da película presente no espaço e que traz, além das informações mencionadas, entrevistas com antigos funcionários e trechos de antigos programas oferecidos pela mesma. O trecho também cita a fundação de outras emissoras, a exemplo da TV Paraíba (1987) e da TV Itararé (2006), mas é a emissora fundada por Assis Chateaubriand[94] que ganha destaque, ao ser utilizado para fortalecer os discursos que colocam a cidade à frente de seu tempo.

O Cinema (II) é outro tema elencado como símbolo do moderno. Nele, assim como nos demais itens, temos pequenas caixas de texto que apresentam um resumo sobre a temática, sendo complementados com fotografias desses espaços e com um vídeo que discute a trajetória do cinema na cidade. Esse item se destaca, ao nosso ver, pela presença de alguns historiadores da cidade, entre eles Antonio Clarindo de Souza, por apresentar uma narrativa que se conecta

[93] A exemplo da Gazeta do Sertão (1888), O século (1928), O Rebate (1930) O Diário da Borborema (1947) e o Jornal da Paraíba (1971).
[94] Francisco de Assis Chateaubriand (1982-1968) foi um jornalista, político e empresário paraibano, responsável pela difusão de meios de comunicação do país, fundando jornais, rádios, emissoras televisivas, entre outras atividades executas.

com as produções historiográficas sobre a temática. Nesse filme, a cidade também se destaca frente a esse signo do moderno, pois 14 anos após a primeira exibição cinematográfica dos Irmãos Lumière, a cidade ganhara seu primeiro cinema, o Cinema Brasil fundado em março de 1909 (CÂMARA, 1998). O nome desse primeiro estabelecimento destinado as exibições não é citado, mas seu pioneirismo frente a maioria das cidades nordestinas é bastante destacado. Há, nesse sentido, um claro esforço narrativo em apresentar os motivos que tornaram Campina Grande a cidade da modernidade e do progresso, movimento que está em consenso com as propostas oficiais de história campinense.

A película aponta para a atuação de diversos cinemas na cidade, entre eles o Cine Babilônia e os já citados Cine-Theatro Apollo, o Cine-Theatro Fox e Cine Capitólio. Todos eles são apresentados como uma importante fonte de diversão e interação social. Seus registros impulsionam a imaginação dos visitantes, levando aqueles que nunca viveram aquela realidade a se imaginar perante aquelas situações ou até mesmo refletir sobre como era o modo de vida nos tempos de seus pais e/ou avós. Também pode acessar as memórias afetivas daqueles que viveram experiências semelhantes àquelas. A narrativa também conta com a entrevista de antigos profissionais dessa área, a exemplo de Carlos Antônio Silva - antigo maquinista do Cine Capitólio, explicando como funcionava o processo de funcionamento dos equipamentos e a rotina do cinema.

Entre esses signos, também encontramos o Transporte (III) como elemento de destaque. A seção discute como os meios de transporte da cidade se transformaram no decorrer de sua história, atribuindo um destaque peculiar ao serviço oferecido pelo trem. São apresentadas fotografias que registram a chegada desse meio locomotivo a cidade, ao passo que também reforçam o papel de desenvolvimento econômico possibilitado pelo seu advento, dialogando com outros espaços do museu que citam o ciclo do algodão. Também são apresentados para o público as mudanças no setor rodoviário e aéreo, com a construção do Terminal Rodoviário de Passageiros Argemiro de Figueiredo (1985) e do Aeroporto João Suassuna (1963), sempre fortalecendo a premissa de avanço e progresso.

A Arquitetura (IV) é outro elemento apresentado como equipamento de conforto e progresso. Nesse espaço são apresentadas diversas formas arquitetônicas presentes na cidade, das quais são mencionadas a neoclássica, a eclética, a moderna e a *Art Déco*, atribuindo destaque as reformas urbanas executadas pelo prefeito Vergniaud Wanderley, já citadas no corpo deste trabalho, vistas como medidas fundamentais para o desenvolvimento da cidade. Tal destaque segue a mesma linha discursiva apontada em diversos momentos do texto, reforçando

a finalidade educativa do museu que identifica essas transformações urbanas como um dos elementos responsáveis por colocar a cidade nos "trilhos do desenvolvimento".

Por fim, o espaço nos apresenta o Abastecimento (V) como outro dos signos de progresso. Seu material dispõe sobre a trajetória da chegada da luz elétrica na cidade, sempre destacando as mudanças no decorrer do tempo a partir de uma visão linear da história. De energia oferecida por geradores, que suportavam poucas horas de trabalho à chegada da energia oferecida pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) em 1956, o conteúdo conduz o visitante em direção ao passado e depois aos dias atuais.

Nesse espaço também é discutido a questão do abastecimento de água e sua relação com o saneamento básico, que provocaram uma série de mudanças no subsolo da cidade, relativas a coleta de esgoto e a modernização do sistema de encanamento, tornando as vias mais limpas com a inclusão da rede de esgotos. Também é citado o papel dos açudes e sua utilização no abastecimento da cidade, iniciando-se com o Açude Velho e encerrando com Açude Epitácio Pessoa, apresentado como o responsável pelo fim dos transtornos relacionados a escassez de água.

Antes de seguirmos em direção ao próximo espaço, seria interessante mencionar que que o conteúdo disposto nos *Signos do Moderno* busca fortalecer os discursos em prol de uma cidade que se moderniza a todo momento. Essa tradição inventada, novamente requisitando o pensamento de Hobsbawn (2008), exclui tudo aquilo que destoa desse projeto, compartilhando com os visitantes, por meio de técnicas imersivas e de educação dos sentidos, uma história gloriosa do passado campinense.

Para além desse olhar teórico, vale mencionar que identificamos algumas fotografias que estão dispostas na seção e que não correspondem a temática em discussão, estando fora de contexto temporal, espacial ou temático, podendo induzir o visitante ao erro ou a não-aprendizagem. Também encontramos algumas fotografias em baixa resolução, dificultando a experiência de análise do mesmo. Fora isso, podemos dizer que o espaço se apresenta de maneira didática e de fácil acesso para todos os públicos, utilizando uma linguagem simples e dispondo de recursos hipertextuais que entrecruzam textos, vídeos e fotografias.

Próximo a esse espaço encontramos também a **Cidade da Cultura (11)**, a qual podemos observar fotografia a seguir:

Figura 26 - Cidade da Cultura

Fonte: Autor, 2020.

Aqui encontramos dois *tablets* que dispõe o conteúdo sob o mesmo formato estético e textual apresentado pelos *Signos do Moderno*. Trata-se de um lugar destinado as diversas manifestações culturais existentes na cidade, reunindo em um mesmo espaço manifestações religiosas, festividades, cinema, teatro, dança e música. As festividades juninas, referidas em outros espaços, reaparecem deixando evidente o esforço da instituição em relacionar a cidade com seu principal evento.

Em uma das telas temos a temática *Cinema e Teatro*, onde novamente é apresentado a trajetória do cinema na cidade, compreendida não só como um "signo do moderno", mas também como "signo da cultura" da cidade, dialogando também com as informações apresentadas pelo Mapa Digital quando se refere a instalação dos cinemas na Rua Maciel Pinheiro. Também são apresentados os diversos espaços teatrais[95] existentes na cidade durante sua história, enfocando-se no Teatro Municipal Severino Cabral, por ser o principal espaço destinado a tais atividades. Os textos e fotografias encontrados no dispositivo reforçam a importância dessas instituições para o desenvolvimento da cultura campinense, mas de maneira muito breve, sem muito aprofundamento.

A seção também disponibiliza dois curtas-metragens produzidos por cineastas campinenses. O primeiro deles se chama "A alma das ruas" [entre 2000 e 2015], onde podemos encontrar uma narrativa poética que versa sobre as diversas formas de sociabilidade encontradas nas ruas da cidade de Campina Grande, focando em elementos populares – como um vendedor

[95] Inicialmente, os cinemas da cidade – já mencionados anteriormente – também serviam de palco para apresentações teatrais.

de espetinho –, atribuindo importância para as minúcias do espaço urbano ao focar em elementos que passam despercebidos ao olhar mecânico do dia a dia. Enquanto a cidade é apresentada sob suas mais diversas esferas, um narrador conduz o vídeo ao apresentar as entranhas da sociedade campinense, tocando em assuntos cotidianos e aqueles que versam sobre a desigualdade social. Trata-se de um conteúdo que se diferencia de tudo o que é apresentado até então pelo museu, por centrar na figura de pessoas simples e desconhecidas.

O segundo vídeo possui cerca de sete minutos e se chama "Jogo de olhares", onde passa a focar nas diversas reações oferecidas por torcedores campinenses durante uma partida de futebol. No lugar de expor a partida, o artista decide retratar as angústias e alegrias daqueles que acompanham o jogo, centrando no olhar produzido por estes. Trazendo elementos pouco explorados pelo museu, já que esta é a primeira menção ao futebol durante a visita a ilha.

No outro *tablet*, podemos observar uma série de narrativas e registros fotográficos e audiovisuais que buscam informar os visitantes do espaço sobre as *Festas e Eventos*. São apresentados o Festival de Inverno de Campina Grande, o Festival Internacional de Música de Campina Grande[96] e o São João. Os eventos religiosos[97] realizados durante o período do carnaval são apenas mencionados, mas sem qualquer tipo de registro visual ou auditivo, evidenciando certo silêncio em relação a temática. Sobre, os festivais o espaço nos apresenta alguns textos explicativos e fotografias que buscam apresentar brevemente os eventos por meio do registro de antigas edições. Mas o foco da seção é direcionado ao desenvolvimento do São João, contando com registros fotográficos, textos e um vídeo sobre o evento, corroborando com as narrativas lançadas pelo Mapa Digital e impulsionando os discursos que elegem Campina Grande como a portadora do Maior São João do Mundo, como fora observado por Santos (2016).

Venha, caro leitor, nossa monitora nos convida a adentrar uma sala à parte da exposição. Chegamos ao final de nossa visita, mas antes de ir em direção a nossa próxima ilha, seria interessante assistirmos ao vídeo **Campina Grande da Grandeza (12)**. O nome do espaço já se lança de diante de nós como uma expressão de sentimento de campinismo (espécie de ufanismo local), remetendo a forma como a história era concebida pela Primeira Geração historiográfica campinense, exaltando o pioneirismo da cidade, elemento esse também inserido em postagens do *RHCG*. Essas características narrativas reafirmam as percepções de Pesavento

[96] É um evento musical de proporções internacionais realizado em Campina Grande desde 2009, normalmente nos meses de julho.
[97] Encontro da Nova Consciência, Consciência Cristã, Encontro da Família Católica – Crescer, Movimento de Integração Espirita da Paraíba, entre outros.

(2004) no que concerne ao comportamento dos discursos ufanistas locais, utilizados para reforçar uma premissa de passado idealizado.

A sala possui projetores a laser, responsáveis por oferecer imagens em alta resolução. Aproveitaremos a análise desse filme para encerrar nossa visita ao *SESI Museu Digital*, pois ele reúne grande parte dos elementos expostos no decorrer da exposição. De autoria de Otto Cabral e com duração de quase cinco minutos, trata-se de um registro que apresenta Campina Grande do amanhecer ao anoitecer, sob seus diversos ângulos. Abaixo podemos observar o registro visual do espaço:

Figura 27 - Cidade da grandeza

Fonte: Autor, 2020.

O vídeo inicia no Aeroporto Presidente João Suassuna, onde um homem liga um monomotor em meio ao amanhecer. Após isso, temos imagens aéreas do Açude Velho, ao qual é capturado em diversos ângulos. A câmera apresenta uma cena do Centro da cidade, mas depois retorna para o *Museu Digital*. Em seguida, expõe prédios, praças e parques da cidade, rompendo as linhas de aproximação espacial. A figura de Biliu de Campina é visto cantando para algumas pessoas, representando os artistas da terra. O registro apresenta o prédio da FIEPB, para depois se dirigir ao interior da fábrica Coteminas, reforçando as narrativas sobre o papel desempenhado pela indústria na cidade. Observamos alguns jovens participando de uma aula de robótica, possivelmente desenvolvida no interior do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI).

As câmeras ganham altitude de maneira gradativa, onde percebemos o acender das luzes da cidade. De repente, estamos diante de um estádio lotado onde acontece uma partida de futebol entre o Treze e o Campinense, o foco da câmera não são os jogadores, como de costume,

mas na torcida. E num piscar de olhos nós estamos diante do Parque do Povo em meio as comemorações do Maior São João do Mundo, onde podemos observar a apresentação de uma quadrilha junina na Pirâmide e de um show de Elba Ramalho no Palco Principal. A câmera retorna para o Centro, registrando imagens da Rua Maciel Pinheiro e da Avenida Floriano Peixoto, encerrando a tour no Açude Velho.

Observemos que a apresentação fílmica propõe uma espécie de imersão, por meio do estimulo aos sentidos visuais e auditivos, assim como pela possível requisição de memórias afetivas sobre a cidade, produzindo assim sentidos sobre a história pública digital proposta pelo espaço. Ao que nos parece, o museu objetiva com essa experiência fazer com que o leitor/aprendiz se sinta familiarizado com Campina Grande e com os discursos que a descrevem e a simbolizam, atuando como uma forma de ensino sobre a história local.

Sem perceber, o visitante já se encontra envolvido pela exposição, que explora vários sentidos para persuadir e levar o visitante a acreditar nas informações compartilhadas por ela, provocando experiências (LARROSA, 2002) ao fazer esses indivíduos se deslocarem, mesmo que brevemente, de sua realidade para mergulhar diante de outra. Uma história tradicional, revestida com modernos aparelhos tecnológicos que conduzem aqueles que visitam esse espaço de memória de maneira sedutora e interativa, podendo provocar em diversos momentos o mergulho. As sereias cantam, persuadindo aqueles que não estão munidos das ferramentas e conhecimentos necessários, para impedir que eles sejam engolidos por essas tramas discursivas da História Pública Digital campinense.

Um passado talhado no mundo digital e virtual, compartilhando narrativas que projetam para a cidade elementos de grandeza e modernidade. Discursos que (re)apresentam uma urbe que se inscreve, constantemente nos mais diversos registros (jornais, músicas, fotos e etc), como à frente de seu tempo, reinventando seu passado por meios digitais. O Museu busca homenagear os velhos tropeiros do passado ao passo que apresenta os novos, atuais “responsáveis” pelo desenvolvimento da cidade.

Ao final de nossa visita a primeira ilha, podemos gerar algumas breves conclusões. O *Museu Digital* representa uma manifestação de história pública digital oficial no campo físico, visando a educação da população e dos turistas a respeito daquilo que fora elencado pela história “dita” oficial da cidade, valorizando as premissas de modernidade e progresso desenvolvidas pelos intelectuais da cidade e reproduzidas pelo poder público durante todo o século XX. Uma história que se reapresenta como ufanista (PESAVENTO, 2004), cronológica e evolucionista. E qual seria a melhor maneira de expor a história de uma cidade que se inscreve sobre a

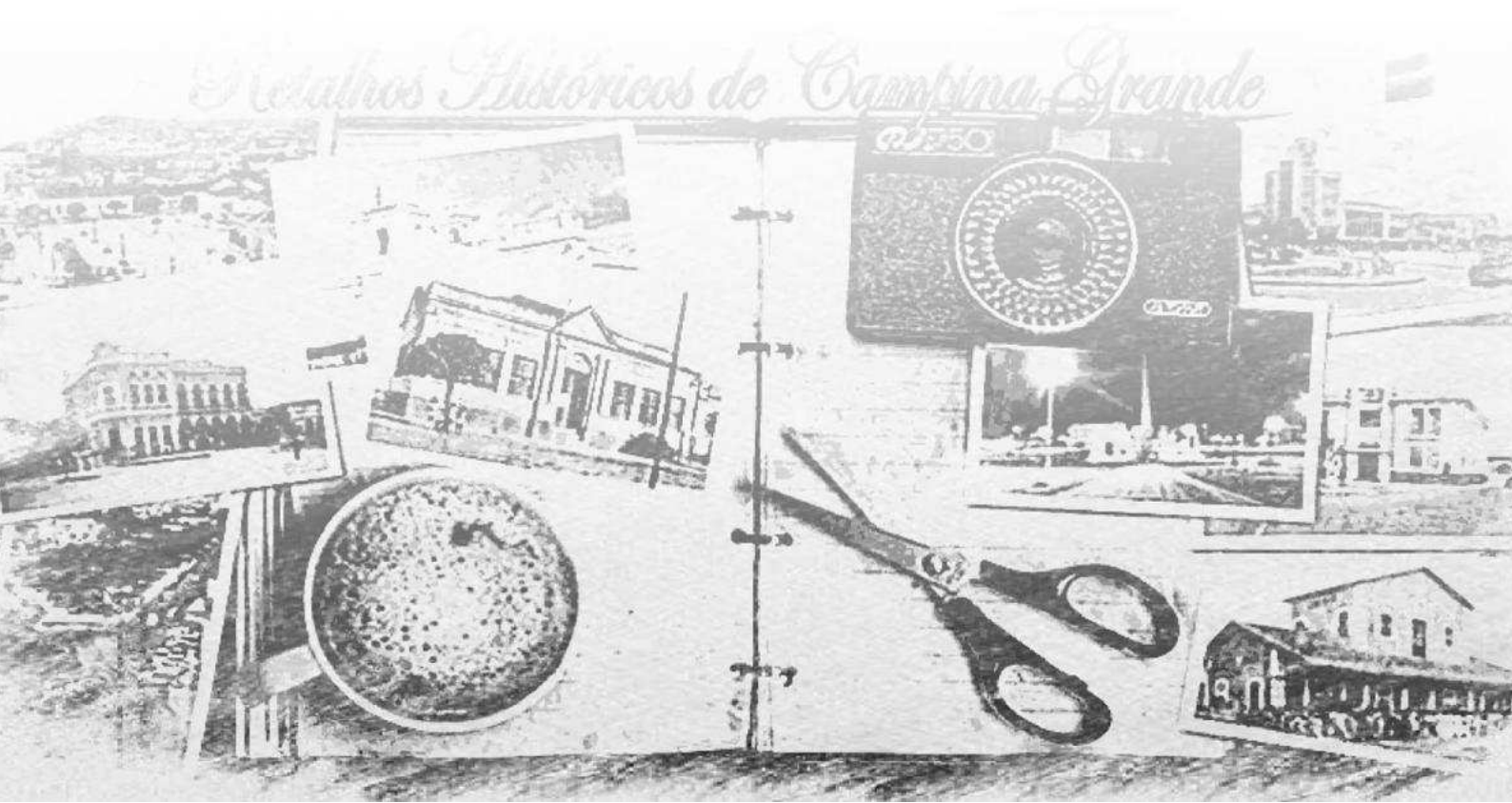
premissa de modernidade? Fazendo uso daquilo que representa essa premissa na atualidade: a tecnologia. Uma história imersiva, pública e cultural, que apesar de tradicional no trato do documento e do passado, se apresenta diante de nós de maneira interativa, permitindo experiências do sensível que ampliam a capacidade inventiva e compreensiva dos sujeitos.

Agora é o momento de seguir viagem em direção ao nosso próximo endereço. Retornemos para nossa embarcação. Por favor leitor, nos ajude a içar a âncora e soltar as velas. Nosso próximo destino não está tão distante, por isso aproveite esse curto espaço de tempo para se hidratar e arrumar sua mochila.

Capítulo III

Fragmentos de vidas e representações do passado campinense no Retalhos Históricos de Campina Grande

SCAN ME



O vento sopra, levando nosso barco a toda velocidade. Chegamos ao nosso segundo ponto. Lancemos a âncora! Mas tenhamos cuidado ao desembarcar, os perigos podem vir de onde menos esperamos. Sigamos as pegadas do condutor dessa viagem, ele nos conduzirá por um caminho conhecido. Mas isto não quer dizer que se trate de lugar seguro, já que esse se modifica a todo momento, tomando novas formas, formulando novos caminhos e fechando outros. Não há começo, nem fim. Tudo se transpassa. Espere um pouco! Chegou uma notificação em nossos *smartphones* indicando que as últimas atualizações já estão disponíveis e que precisamos fazer um *upgrade* no *app* que comporta nosso mapa. Expondo a velocidade e a constância com o que as mudanças acontecem nesse lugar.

Observem, a orla da praia está repleta de objetos deixados para trás. São esses os vestígios que indicam a presença de outros navegadores em nossa ilha. Diante desses indícios, algumas indagações podem ser lançadas: quem são esses que se aventuram por essa ilha? Quais são as sensações provocadas por esta visita? De que maneira a presença desses sujeitos alteram os contornos desta ilha? Estas e tantas outras questões se desdobram diante de nós como provocações. Tentaremos respondê-las ao passo que adentramos a ilha.

Diferentemente da ilha visitada anteriormente – *o SESI Museu Digital* -, o *RHCG* possui contornos e configurações mais fluídas, justamente por ser totalmente virtual, modificando-se com muito mais velocidade e frequência. Por isso, tenhamos atenção para não sermos engolidos pela areia movediça disposta sob alguns trechos desse espaço. Para tanto, precisamos efetuar alguns ajustes para que sejamos capazes de executar nossa proposta comparativa entre ambos os museus, percebendo que a interação com o público e a própria produção de narrativas se dão de maneira díspares ao lugar visitado anteriormente.

Caminhando pelo *RHCG*, colocamos sobre nossas mãos um pouco de sua areia. Enquanto ela escapa por entre nossos dedos, podemos observar uma quantidade inimaginável de *bytes* que transmitem fugazmente fragmentos do passado. Não se trata de um tempo capturado e mantido engessado pelos registros, mas de uma tentativa de reimaginar o já imaginado, de conferir sentido para aqueles que continuam a respirar, cujas vidas se conectam com esse passado em graus diferentes (PESAVENTO, 2005).

Essa ilha possui um território virtual – conteúdo produzido – muito mais amplo que o museu visitado nas páginas anteriores, impossibilitando um passeio completo por todos os seus espaços. Sendo necessário sinalizar ao leitor que o nosso objetivo consiste no desenvolvimento de uma metodologia analítica que permita expor as principais características desse lugar de memória, requisitando lembranças sobre os percursos trilhados no *Museu Digital*. Os elos

conectivos entre esses espaços evidenciam os projetos de história pública digital tecidos sobre Campina Grande. Esse movimento reforça a premissa elencada de que o a instituição museal apresentada no capítulo anterior representa, de certa forma, uma manifestação do *RHCG* no campo da materialidade digital. Mas não nos prolonguemos, adentremos a ilha. Nosso guia repassará as coordenadas iniciais, conduzindo o leitor a conhecer o espaço, os agentes responsáveis pela sua criação, assim como a própria perspectiva de história compartilhada por esses indivíduos.

3.1 A emersão do *RHCG*: notas sobre um projeto colaborativo

A criação desse endereço foi marcada pelo entusiasmo de dois[98] velhos amigos que se conheciam desde a escola: Emmanuel Sousa e Adriano Araújo. Ambos praticavam o hábito de colecionar itens antigos, desde livros e fotografias à recortes de jornais. Em 2009, uma constatação se lançava diante dos dois: não existia praticamente nada sobre a história de Campina Grande na internet. Para sujeitos preocupados com a guarda de memórias, isso soava, no mínimo, como uma provocação. Segundo Adriano, em entrevista ao Jornal da Paraíba:

> Há muito tempo já colecionávamos material tido como relíquias da nossa História, principalmente na área política. O Blog surgiu como uma solução viável aos nossos intentos, uma vez que dispúnhamos de material e tínhamos a imensa vontade de compartilhar com a comunidade local (JORNAL DA PARAÍBA, 25 de out. 2009).

Sendo assim, Adriano propôs ao Emmanuel a construção de algum endereço virtual capaz de sistematizar parte do passado campinense, facilitando o acesso ao conhecimento sobre a cidade do interior paraibano. Esse projeto conduziu os amigos a criarem um *Blog,* formato amplamente utilizado no período em 2009. A equipe também passou a contar com o apoio de Soahd Arruda[99], que passou a auxiliar na administração da página do *Retalhos Históricos de Campina Grande* no *Facebook* – a qual discutiremos mais à frente. Mesmo não sendo uma profissional da área de humanidades, vale a pena mencionar sua evidente preocupação com a questão da preservação da memória, característica essa que pode ser observada no documentário *Quando eu vestia meu terno de couro*, que foi produzido a partir de um roteiro seu.

---

[98] Emmanuel possui graduação em Administração e Contabilidade, enquanto que Adriano é graduado em Administração, Contabilidade e Direito.
[99] Professora do curso de Engenharia Agrícola na Universidade Federal de Campina Grande.

Analisando o endereço principal do *RHCG,* observa-se que, mesmo com o advento das múltiplas possibilidades hipertextuais, há um predomínio da escrita linear, caracterizada justamente pela clássica divisão início, meio e fim. Isso não se trata apenas de uma característica morfológica dos textos disponíveis no blog, mas também semântica. Os sentidos da escrita do passado passam por essa mesma lógica de pensamento, não percebendo (ou não usando) as várias possibilidades de organização do tempo e espaço (rizomático, cíclico, espiral). Observemos a seguir o topo da ilha investigada:

Figura 28 – Topo da página do *blog Retalhos Históricos De Campina Grande*

Fonte: *Blog Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2020. Acesso em 19 abr. 2020.

Trata-se de uma fotomontagem[100], no qual os administradores da página inseriram fotografias da cidade e o nome do *Blog*. Temos diante de nós uma imagem construida a partir de "retalhos", no qual associa-se a tradição (elementos do passado) ao novo (mundo digital). Vejamos o que um dos administradores nos diz ao ser indagado sobre a logomarca:

> A princípio aquilo ali tinha uma foto da cidade, uma foto que eu acho que era de autoria de Liedson ou era de Júlio, filho dele. Aí era muito simples, era uma foto do Açude Velho com aqueles prédios do entorno e só o nome escrito. Eu encontrei aquela foto que hoje está como logo. Ela não era naquele formato. Ela era um livro, uma tesoura e uma xícara. Aí eu aproveitei. Vi que dava para aproveitar, então eu mesmo complementei. Eu botei ali as fotos da cidade e aproveitei que ali tinha um recorte,

[100] A fotomontagem é o processo e/ou resultado de criar uma fotografia cortando, colando, rearranjando e sobrepondo duas ou mais imagens em uma nova figura. Disponível em: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3870/fotomontagem>. Acesso em 01 jan. 2020.

> tinha uma xícara de café, e tinha o livro. Então **juntando tudo aquilo ali, dava exatamente o conceito do blog.** Ali tinha as fotos do visual; tinha a tesoura que eram os recortes, quer dizer que nossos quadros ali estão sendo recortados e trazidos para a exposição; o livro, que demonstra o fato da leitura e o fato da informação; e o café que é um deleite. Então em todos os aspectos, aquela logo ali conversou bem com o propósito do blog (SOUSA, E. 2020, grifo nosso).

Para Emmanuel, todos os elementos dispostos sobre a logomarca resumiriam a proposta da página, conferindo-lhe um sentido. Sendo assim, cabe a nós refletirmos sobre a construção do discurso em torno do passado campinense no endereço virtual investigado, percebendo os elementos que corraboram para narrativas em torno de um passado que foi "capturado" pelas lentes de uma antiga *câmera fotográfica*. Não se trata do passado como um todo, mas de vestígios dele, que fora recortado por uma *tesoura* bem afiada. Tal atividade não se dá de maneira descompromissada, acrítica, mas por muito empenho e esforço, registrando em um velho *diário,* metaforizado pela própria função estebelecida para um blog. Tudo isso acompanhado de uma xícara de café, cujo sabor e aroma são capazes de ativar as memórias afetivas de muitos.

A imagem brinca com os cinco sentidos humanos, provocando sensações e experiências novas e produzindo significados sobre as relações dialógicas entre passado e presente (PESAVENTO, 2005; LARROSA, 2002). Tato, olfato, paladar, audição e visão são ativados por meio de estímulos virtuais que levam o navegador a vivenciar novas formas de sentir a vida e de relacionar esta com a sua história. Algo semelhante ao que fez Calvino – personagem da literatura italiana analisada por Albuquerque Júnior (2018) –, ao sentir as coisas de modo diferente das demais pessoas, conferindo sensibilidade aos elementos simples do cotidiano. As representações de passado oferecidas por meio das memórias compartilhadas no *RHCG*, acabam elaborando construções narrativas em torno da nostalgia de uma Campina Grande de outrora.

Com a internet, seria possível, para os autores da página, compartilhar com outras pessoas aquilo que eles tinham reunido durante muitos anos, o que consideravam valioso. Mas a proposta lançada pelos administradores não se restringia a publicizar suas pesquisas individuais, pelo contrário, o enfoque estava na participação de outros sujeitos: "a gente queria que o próprio campinense participasse da história e a gente conseguiu isso. Aos poucos a gente foi conseguindo a **participação** e a **colaboração** dos próprios leitores" (SOUSA, E. 2020, grifo nosso). Essa proposta está em consenso com a própria estruturação da rede, que estimula colaboração e interatividade. Desse modo, podemos perceber que os administradores seguem a onda cibernética, ao fomentar a participação da população no processo de (re)construção da

história campinense, uma narrativa feita por pessoas comuns, pessoas ordinárias (CERTEAU, 1994) . Sendo importante mencionar que, por não serem historiadores e por não seguirem os rigores da operação histórica, acabam criando crônicas, narrativas despreocupadas com os aspectos da escrita acadêmica (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2018). Noiret (2015, p. 35) observa que, "por intermédio das práticas de escrita participativa ou mesmo diretamente, qualquer pessoa pode se dedicar ao passado em rede", um público que escreve a sua própria história.

Narrativas e registros de um passado campinense produzidos pela comunidade e disponibilizados pelo *RHCG*, cujas representações se configuram enquanto discursos em torno do vivido. A proposta inclui a comunidade em uma posição de protagonismo na (re)elaboração desses discursos, reconfigurando as memórias individuais e coletivas e produzindo novas representações. "As experiências de produção alternativas de conteúdo sempre existiram muito antes do surgimento da Internet, porém com a rede de computadores elas são facilitadas e potencializadas, pelo baixo custo e a possibilidade de disponibilizar o conteúdo para toda a rede" (BARROS, 2007, p. 4).

Tais práticas colaborativas são estimuladas por outros endereços virtuais, dos quais podemos citar o *Overmundo* e a *Wikipédia*. Todavia, vale a pena ressaltar que o *Retalhos Históricos de Campina Grande* se diferencia desses pela existência de administradores/editores específicos que fazem a intervenção no processo de publicação do conteúdo produzido pela comunidade. Nos dois *sites* citados como exemplos não existe essa intermediação, por mais que existam filtros de conteúdo e de referencialidade, os navegantes criam um cadastro e passam a administrar suas próprias postagens, contribuindo também na edição de textos produzidos por terceiros. A plataforma *blogger* não disponibiliza tais recursos, impedindo que tal experiência pudesse acontecer no *RHCG*, até mesmo pela própria linguagem simples, característica dos blogs.

Quando questionado sobre a função social da página virtual, Emmanuel afirma que

> A intenção do blog era divulgar as informações da história de Campina Grande, coisa que, desde o início, a gente sabia que era do desconhecimento da população. Muita coisa que aconteceu ao longo da história de Campina Grande pouca gente sabe, porque o assunto "História de Campina Grande", pelo menos naquela época que a gente começou, era algo que você só ia procurar saber uma coisa ou outra na semana do aniversário da cidade, para fazer trabalho de escola. A própria imprensa era carente de informação, de dados, de fotos, de vídeos, de tudo isso. A nossa pretensão era condensar tudo isso num canto só e fazer uma facilitação do acesso (SOUSA, E. 2020).

A ilha, nesse sentido, emergira com um propósito bem definido: condensar em um só espaço os vários retalhos do passado campinense, facilitando a pesquisa da população e

rompendo uma cultura de abandono da história da cidade, praticada pela sociedade, mas também pelo Estado. Em 2009, a pauta da história local, como conteúdo curricular, parecia estar destinada a trabalhos escolares extraclasses, e a curiosos e interessados – por algum motivo – em descobrir a cidade. Esse argumento é reforçado pelo idealizador, ao passo que ele afirma que a própria impressa não teria acesso a esse passado, tendo em vista a dificuldade de acesso a acervos pessoais, já que a maior parte dos registros adquiridos pela página foram obtidos graças ao envio de colaboradores. A sua emergência assume, mesmo que não seja sua intenção, uma posição de denúncia sobre o descaso do poder público acerca da preservação da história campinense, assim como também a função de lugar de memória.

A *internet*, como já fora dito, potencializou a divulgação do conhecimento acadêmico, ao passo que também abriu as portas para o processo inverso: onde o conhecimento é produzido e divulgado pelos não acadêmicos. Essa emersão se coloca diante de nós com a possibilidade de fala de um outro, que durante muito tempo fora silenciado, destinado pelo lugar social ou pelas intencionalidades de sua produção ao esquecimento. Ego-documentos, registros de si mesmo sob a forma de escrita e fotografias (BRITTO; CORRADI, 2018), até então preservados em guarda-roupas ou em estantes e requisitados apenas em alguns momentos, passam a adentrar o universo digital, rompendo a tênue fronteira entre o público e o privado, sendo digitalizados e compartilhados pelos familiares e/ou *blogs* e canais que estimulam a troca desse tipo de material.

Esse movimento, como já fora mencionado no Capítulo I, está presente em iniciativas colaborativas como o Museu da Pessoa, onde qualquer um pode compor o acervo desse espaço virtual, dando visibilidade a histórias de vida e possibilitando a construção de um lugar de memória mais democrático. A ilha aqui investigada se comporta de maneira semelhante, recebendo contribuições de todos aqueles que desejam partilhar suas fotos, memórias e demais tipos de documentos.

No momento que esses documentos, elaborados por qualquer pessoa, adentram uma comunidade digital, passam a exercer uma função totalizadora e de reconhecimento, características do material produzido por homens ordinários, no sentindo proposto por Certeau (1994). Em suas palavras[...] o homem ordinário presta ao discurso o serviço de aí aparecer como **princípio de totalização** e como **princípio de reconhecimento**: permite-lhe dizer "é verdade a respeito de todos" e "é a realidade da história" (CERTEAU, 1994, p.62). Essas escritas ordinárias, astutas e inventivas, buscam retratar o mundo a partir de sua ótica, utilizando os registros como forma de referenciar a sua fala, burlando ou usando a seu favor os discursos

socialmente compartilhados. Santos (2014), ao analisar o conceito proposto por Certeau, reforça essa perspectiva ao afirmar que o homem ordinário é

> [...] uma espécie de soldado inventivo, astuto, caminhante entre as trincheiras cotidianas, que ousa utilizar o espaço do inimigo em proveito próprio, fazendo das trincheiras seus espaços, muito provisórios, de combate, abrindo assim espaços de movimentação, de ação e de luta. Então, homem ordinário é todo aquele (indivíduo, grupo etc.) que consegue fugir, escapar, burlar ou usar em seu proveito um olhar, um enquadramento, uma determinação, uma ação estratégica, um espaço totalizador ou um olhar universalizante através de movimentos e ações táticas, inventivas, astutas burlando, usando se desviando dos choques como "o poder", (re)inventando olhares, lugares e determinações em proveito de outros interesses e desejos. Inventando assim outros espaços, provisórios é certo, de movimentação e de ação, de visibilidade e dizibilidade e de combate. Enfim, o homem ordinário é cada um e ninguém, é uma personagem disseminada, caminhante inumerável, inclassificável (SANTOS, 2014, p.7).

Trata-se de um conceito complexo e com muitas possibilidades de trajeto, confluindo, porém, no que corresponde a percepção do caráter inventivo do homem, o rompimento com qualquer premissa de passividade. Nos valhamos dessa linguagem ordinária, na qual todos nós estamos submetidos, para refletir sobre a volátil manifestação da escrita humana – gráfica ou imagética – presente no *Retalhos Históricos de Campina Grande*. Atentos para a percepção de que os privilégios do perito – no caso, o historiador – se perdem no ordinário, colocando todos os sujeitos em um mesmo patamar perante essa rede de sociabilidade, cabendo ao espaço, nesse contexto, o armazenamento e compartilhamento dos ego-documentos produzidos por esses homens ordinários. Essas redes se configuram no ciberespaço, mas possuem como base relações estabelecidas fora dela, pois

> Nas redes de sociabilidade *on-line*, os membros são conhecidos pelas mesmas características costumeiramente utilizadas para a identificação dos indivíduos na vida *off-line*, a saber, sua fotografia, sua idade, seu gênero, sua atividade profissional, e assim por diante. O que os sites de redes sociais acrescentam de novidade a esses signos indicativos de identidade é a possibilidade de disponibilizar neles um sem número de outras informações e traços individuais que servem para consolidar as marcas identitárias dos participantes. Assim é que, visando a rede de amigos que se possui, todo tipo de informação ou comentário postado, todo tipo de bem cultural a que é oferecido acesso, concorre para aumentar a visibilidade do indivíduo e enriquece seus índices de identificação (DOS SANTOS, Francisco; CYPRIANO, 2014).

Nesse contexto, o *RHCG* constitui uma rede que articula diversas pessoas em torno dos debates acerca do passado de Campina Grande, elemento que unifica esse grupo em uma mesma comunidade emocional, ao passo que também acaba assumindo uma posição de guarda de memórias, de lugar de fala e produção de discursos. Um espaço onde todos podem se expressar. Todavia, vale a pena observar que, por mais que a pluralidade de pensamentos seja estimulada, há-se um predomínio de uma escrita factual, elitista e que se apoia em verdades que seriam

comprovadas por meio de documentos ou pela própria memória, características da história tradicional proposta pela Primeira Geração da historiografia campinense. Por ser uma narrativa, normalmente produzida sem a presença de historiadores, não é de se estranhar a predominância desse tipo de leitura do passado. A criticidade presente no senso comum da comunidade não necessariamente vai de encontro aquela compartilhada pelos profissionais da História. Emmanuel, ao ser questionado sobre o que ele entende por história, afirma que:

> História para gente é fazer com que as novas gerações, as atuais e as futuras, passem a entender melhor essa nossa situação. Como ela chegou até aqui, como se configurou e se constituiu no presente. A que futuro esse presente vai nos levar e com base em quê. Esse com base em quê, é justamente os fatos que a gente vai buscar na história e disponibiliza através desse canal de informação. Portanto, história para gente tem sentido: é você traçar um debate na atualidade, daquilo que aconteceu lá atrás, para entender o que é que está acontecendo hoje em dia e onde isso vai nos levar (SOUSA, E. 2020).

A noção de história expressa por ele nos conduz a premissa de um passado que serve para compreender o presente, mas também para projetar o futuro. Tal ponto de vista em muito se assemelha aquele apresentado por Gadelha no dia da inauguração do *SESI Museu Digital* e utilizada no *site* oficial daquela instituição. As fontes são consideradas fatos históricos e sua sistematização exerceria o papel de reconstrução e prova do já vivido. Desse modo, todos aqueles que enviam seus textos, fotografias, vídeos e comentários estariam contribuindo para preencher as lacunas, escrevendo a história de Campina Grande. Ao final do incerto, podemos observar que o discurso compartilhado por Emmanuel Sousa resume sua concepção de história como algo que parte das inquietações do presente. Tal noção pode ser constatada ao analisar o blog e perceber, por exemplo, que nos meses de junho a maior parte das postagens fazem referência as festividades juninas, inclusive repostando matérias já publicadas em outros anos. Tal artifício se vale de uma representatividade das festividades como uma das características mais marcantes da cidade, em consenso com o *Museu Digital*, reproduzindo os discursos apontados por Santos (2016) e já mencionadas no corpo deste trabalho, onde a cidade passa a ser vista como um polo do turismo cultural.

Os idealizadores dessa ilha são acadêmicos, mas não historiadores. O lugar social – no caso específico, a formação universitária – influi no modo como esses dois amigos concebem o tempo, a partir da própria concepção da Administração, que percebe "[...] a administração do tempo [...] de forma simples, como um plano de utilização e controle do recurso da forma mais eficiente e eficaz possível" (LIMA; JESUS, 2011, p. 125). Esse olhar capta o tempo a partir de uma premissa baseada na produtividade e na boa utilização do mesmo, compreendendo-o como algo mensurável e utilitarista.

Desse modo, pode-se imaginar que as narrativas ali produzidas não tenham caráter histórico aos moldes acadêmicos (no que tange a preocupação com os rigores teóricos e metodológicos, até porque não seria esse o objetivo da página). Como já fora mencionado, a proposta lançada por ela é a de reunir memórias sobre Campina Grande, montando uma verdadeira colcha de retalhos sobre o passado desta cidade e mantendo viva a identidade e a cultura desse lugar. Ela assume, inclusive, um caráter institucionalizado de um Serviço de Utilidade Pública, conforme podemos constatar por meio da Lei Municipal Nº 5096, de novembro de 2011, que evidencia e reconhece o lugar de fala das narrativas digitais publicadas.

Vale salientar que a maior parte do material publicado não é de autoria desses administradores, mas sim das contribuições[101] de usuários da *web*, entre eles historiadores, como já fora mencionado no capítulo anterior. A participação dos idealizadores, nesses casos, se resume ao recebimento, seleção e adaptação dos documentos ao formato do *blog*, publicando a maior parte do material recebido de maneira integral. Essa realidade evidencia, cada vez mais, a necessidade de atuação de historiadores públicos no ambiente digital campinense, intermediando as contribuições, filtrando os dados e oferecendo interpretações do passado para esse grande público. “Educadores e historiadores têm o dever de interpretar criticamente a narrativa falsamente ‘objetivante’” (NOIRET, 2015, p. 40) sobre o passado, oferecendo perspectivas que põem em evidência o caráter subjetivo e tal processo. Tal participação garantiria, ainda, a execução de práticas metodológicas e teóricas capazes de oferecer relatos históricos mais verossímeis, contrapondo visões ufanistas (PESAVENTO, 2004) e anacrônicas.

Torna-se importante perceber que esse lugar de memória se inscreve na cidade como um museu virtual, tomando para si o reconhecimento e a confiabilidade da comunidade, da imprensa e do poder público, atuando na preservação e compartilhamento dos retalhos de passado da cidade. Esse projeto empreendido por Adriano Araújo e Emmanuel Sousa acaba, no decorrer de sua trajetória, assumindo diversas composições, adaptando-se as constantes transformações informacionais características do ciberespaço, como poderemos observar nas linhas que se seguem.

3.2 Formatos e conexões: os contornos do museu virtual

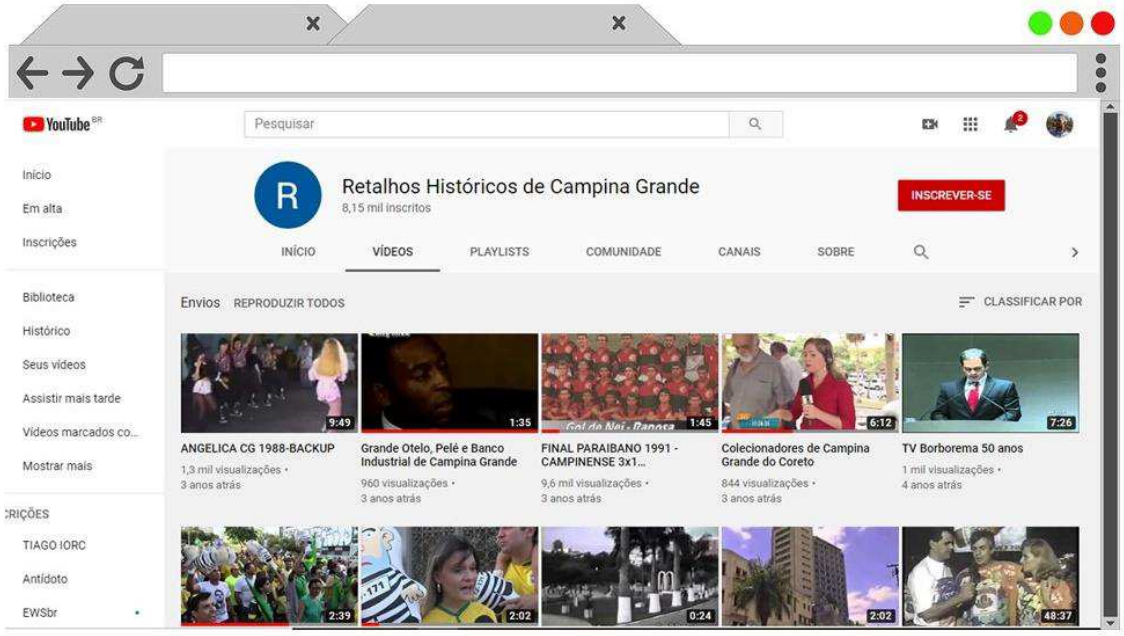
O *Retalhos Históricos de Campina Grande* não possui apenas um formato, configurando-se em outros espaços para atingir públicos mais amplos e também para se

[101] Esse contato é feito por meio do e-mail retalhoscg@hotmail.com.

atualizar perante as transformações do ciberespaço. Esses lugares funcionam como uma extensão da ilha principal – o *blog* –, divulgando informações publicadas, coletando dados e materiais, assim como também atuando como forma de armazenamento dessas informações. O conteúdo encontrado nessas extensões está sempre conectado a esse espaço central, complementando ou divulgando uma postagem, elemento que será retomando mais à frente. É importante observar que as conexões entre essas manifestações da ilha se dão por meio da linguagem hipertextual, possibilitando, apesar do formato linear da escrita, múltiplas possibilidades de trajetos.

A primeira extensão desse espaço pode ser encontrada sob o formato de um canal no *Youtube*, onde podemos encontrar a presença de 340 vídeos que tematizam sobre o passado de Campina Grande, publicados entre os anos de 2010 e 2017, e mais de 8 mil inscritos em julho de 2020. Os idealizadores do *RHCG* pararam de enviar vídeos para a plataforma, continuando, todavia, a compartilhar no *blog* esses documentos dispostos no canal. Esse acervo reúne: entrevistas, reportagens, documentários e registros visuais dispersos, enviados por colaboradores ou catalogado pelos idealizadores. A seguir, podemos observar uma captura de tela da página do *RHCG* na plataforma de vídeos:

Figura 29 - H*omepage* no *Youtube* do *Retalhos Históricos de Campina Grande*



Fonte: Canal do *youtube* do *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2020. Acesso em 20 jun. 2020.

Esse espaço reúne documentos de maneira dispersa e não sistemática, acessados a curiosidade daqueles que por ventura desejem se aventurar por ele livremente. Ao que nos parece, os administradores do blog não monetarizaram[102] seu canal na plataforma de vídeos, utilizando apenas como um mecanismo a mais de publicização de seus dados. Essa forma de armazenamento permite sua utilização em outros lugares do ciberespaço, sendo encontrados no corpo do texto de diversas postagens do *blog* (como podemos observar aqui). Essa interconexão entre os espaços expõe a própria dinamicidade do universo virtual ao passo que também estabelece relações com os sentidos daqueles que visitam essa ilha, que requisita o campo visual e auditivo provocando experiências e sensações mediante o contato com fragmentos do passado campinense.

Figura 30 - *homepage* no *Facebook* do *Retalhos Históricos de Campina Grande*

Fonte: *Facebook* do *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2020. Acesso em 20 jun. 2020.

No *Facebook*, a página possui uma das principais formas de interação com o público – justamente por ser uma das maiores redes sociais do mundo – compartilhando matérias do *blog* e recebendo contribuições de seus seguidores. Essa interatividade possibilita a constante interação almejada pelos idealizadores da ilha. Em julho de 2020, essa página contava com mais de 33 mil curtidas, expressão que simboliza uma pessoa que associou seu perfil pessoal ao ciclo social do *RHCG*. O estabelecimento dessa rede de sociabilidade no ciberespaço não é uma garantia de que todos os indivíduos presentes interajam com a página de maneira igual (RECUERO, 2009), mas que de alguma forma eles sejam conectados as informações ali dispostas, formulando assim um ambiente de compartilhamento de informações sobre um espaço e tempo bem definidos: o passado campinense.

[102] Ao passo que um canal do *youtube* é monetarizado, os administradores passam a receber algum valor financeiro em resposta a quantidade de visualizações de seus vídeos. Quanto mais visualizações, mais dinheiro os administradores recebem. A forma mais fácil de identificar a existência de monetarização em um canal é notando a existência de propagandas antes da reprodução do vídeo publicado pela página. Para mais informações: <https://www.techtudo.com.br/dicas-e-tutoriais/2018/02/como-monetizar-seu-canal-no-youtube.ghtml>. Acesso em 10 ago. 2019.

Nesse trecho da ilha, os administradores contam, conforme informações dispostas na página, com o apoio de Soahd Arruda, que ajuda na "administração" do espaço. Segundo Emmanuel de Sousa (2020), muitos dos compartilhamentos feitos nesse espaço, assim como a própria intermediação com o público, é feita de maneira voluntária por essa professora, movida por uma preocupação com a preservação da memória local. O *Facebook,* nesse caso, funciona como um dos principais veículos para captação de fontes visuais e de relatos memorialísticos, assim como um local onde se concentram parte das discussões em torno de uma fonte compartilhada. Trata-se de uma teia de conhecimentos produzidos e difundidos de maneira "espontânea", sendo movidos pelas questões lançadas e pelo interesse de manter viva a memória sobre o passado campinense.

Figura 31 - *Homepage* no *Instagram* do *Retalhos Históricos De Campina Grande*

Fonte: *Instagram do Retalhos históricos de Campina Grande*, 2020. Acesso em 20 jun. 2020.

A essas duas extensões se soma uma terceira: o *Instagram*. Nesse espaço, podemos identificar um enfoque maior no compartilhamento de fotografias e vídeos, acompanhados de curtos textos explicativos, adaptando-se ao perfil da rede social. O *RHCG* se estende até essa rede de sociabilidade na busca de se atualizar diante das novas demandas e formatos do ciberespaço, ao passo que verifica uma diminuição do número de visitas, contribuições e publicações no *blog*. A primeira postagem nessa rede social fora feita em abril de 2018, momento em que as publicações no endereço principal continuavam a cair drasticamente. Atualmente, a conta apresenta mais de 2 mil seguidores, apresentando uma constante interatividade com o público (percebidas pela reação "amei" e pelos comentários nas postagens).

Tal perspectiva lança mão das observações feitas por Lévy (1999) a respeito da fluidez inerente ao espaço digital, notando que as águas digitais correspondem a um lugar onde tudo se transforma com muita velocidade. Mediante a constante transformação desses espaços e da própria comunidade que a frequenta – sempre ávidos por novidades –, as redes sociais, *sites*, aplicativos e programas têm apenas uma saída: atualizar-se. Caso isso não aconteça, presenciamos a

substituição dessa ferramenta por outra mais sofisticada e "moderna". Sendo assim, quem possui uma página virtual em uma plataforma que está ficando "obsoleta", "atrasada" ou algo do tipo, precisa migrar para outros formatos para garantir a sobrevivência desse vínculo digital.

Trafegar nesses espaços requer dos navegantes a constante tarefa de não só atualizar os *apps* de seu *smartphone*, como também a sua própria participação na vida on-line. Essa outra forma de vida se inscreve no corpo dos sujeitos, complementando ou atribuindo sentido as experiências realizadas no dia a dia e, por esse motivo, é importante nesse meio estar sempre presente nas redes sociais que estão "na moda" (RECUERO, 2009). Esse seria um dos motivos que teria levado o museu virtual a migrar para o *Instagram.*

Diante dessa constatação de que a plataforma *Blogger* – espaço no qual o endereço principal do *RHCG* está situado – estava deixando de ser acessado, Emmanuel propôs um processo de reinvenção do *blog*. Em suas palavras:

> [...] no Instagram praticamente sou eu sozinho – foi uma novidade da gente pegar tudo o que já está postado no blog e rememorar através do Instagram e deu muito certo. **A gente está atingindo um público bem mais novo do que aquele que a gente tinha na época do blog**. Até **porque blog hoje em dia praticamente ninguém acessa mais, não é mais o conteúdo de leitura diária como era antigamente**. E por conta dos smartphones, o Instagram ele trouxe mais essa dinâmica. Então que eu tenho feito: indo buscar aquilo que já foi publicado em mais de 2100 postagens, algumas fotos das mais curiosas e que tem a ver com a disponibilização no Instagram, e colocando lá (SOUSA, E. 2020, grifo nosso).

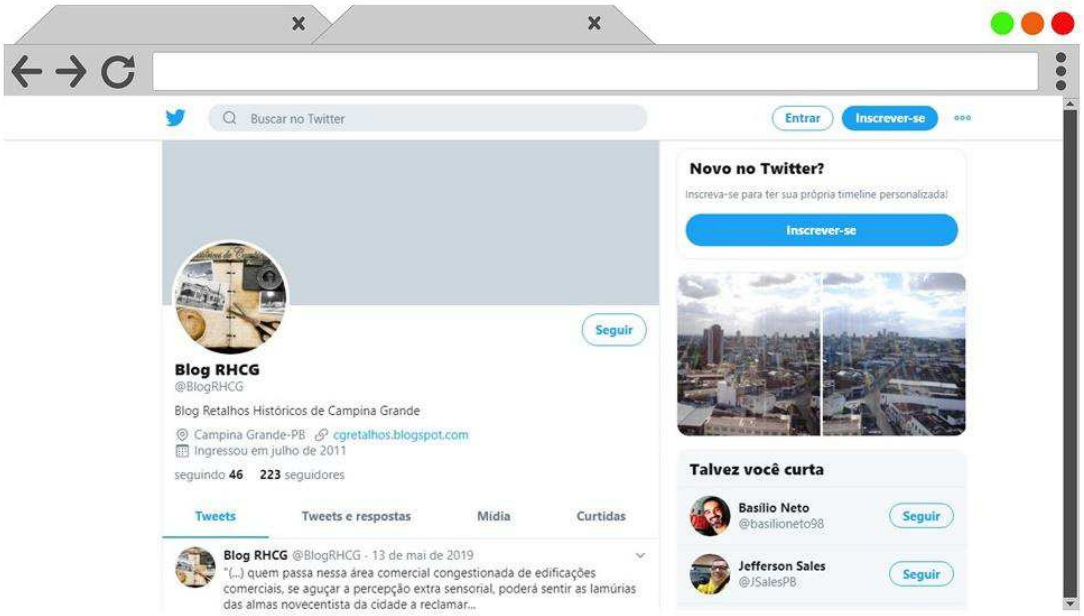
A emersão desse novo formato, de acordo com o idealizador, assumiu uma posição de atualização da proposta inicial do *Retalhos Históricos de Campina Grande*, adaptando-se a um contexto em que os *blogs* começaram a cair em desuso e o *Instagram* passou a ser uma das principais formas de interatividade. Todavia, a maior parte do conteúdo publicado nessa rede social não é inédito, constituindo uma adaptação de parte do acervo localizado na ilha principal. O idealizador complementa sua fala, afirmando que:

> Hoje em dia, como estou mantendo só o Instagram, a minha necessidade é a de todo dia trazer um assunto interessante. Pela manhã, ao chegar no escritório eu vou ler as notícias e depois disso eu vou buscar no que já tem no acervo de postagem, aquilo que pode ser interessante para ser trazido hoje, como curiosidade de hoje. Então mesmo sendo coisas que já estão postadas lá [...] para esse novo público agora que está se engajando pelo Instagram é novidade. Então não deixa de ser uma pesquisa naquilo que já está postado, é sempre uma rebusca daquilo que já está lá (SOUSA, E. 2020).

A essas três extensões soma-se uma quarta, manifesta sob o formato de uma conta do *Twitter*. Vale ressaltar, todavia, que o formato desse espaço não se ajustou a proposta do *RHCG*, conseguindo durante quatro anos de postagens (2016-2019) pouco mais de duzentos seguidores. O material publicado na página do *Twitter* se resume ao compartilhamento de *links* que

direcionam, por meio da hipertextualidade, a conteúdos lançados no *blog*, não havendo visível interação com o público (observadas por meio de curtidas, do hábito de "retuitar" e de comentários), o que pode simbolizar numa investida que não deu certo.

Figura 32: Homepage do Twiter do *Retalhos Históricos de Campina Grande*



Fonte: *Twitter* do *Retalhos históricos de Campina Grande*, 2020. Acesso em 15 abr. 2020.

Essa busca por uma reestruturação do projeto não decreta a substituição total do *blog*, já que as postagens nesse espaço não foram encerradas, mas um *update* no formato pensado inicialmente por Adriano e Emmanuel. Houve uma diminuição do fluxo nesse espaço principal, mas não o abandono dele. Eles não poderiam descartar o trabalho realizado por eles e pela comunidade e, por isso, buscaram alternativas que solucionassem as dificuldades enfrentadas na ilha principal.

Essa ilha se apresenta como tal, justamente por compor a maior parte do material disponível, além de ser o primeiro formato do projeto. Nela, encontramos um contador de visualizações que apontam que a página já recebeu, em julho de 2020, três milhões e duzentas mil acessos. Ao nos depararmos com esses dados, provavelmente o leitor tenha ficado surpreso, já que essa quantidade representa quase oito vezes a população da cidade de Campina Grande que é de 410 mil, segundo o senso demográfico de 2019. Esse desnível expõe algumas fragilidades desse método de contagem. Esses números quantificam a quantidade de páginas acessadas e não a quantidade de pessoas que as visitaram, já que não leva em consideração para

a contagem os dados relativos ao *Internet Protocol address*, mais conhecido como endereço IP[103].

É importante pontuarmos também que a página possui algumas limitações estéticas por conta da baixa qualidade das ferramentas disponíveis pela plataforma *Blogger*, cujas atualizações são bem tímidas. O designer da página possui como *template* o tema *Minima Black*, criado por Douglas Bowman em 2004, cujo fundo da página apresenta uma tonalidade preta e as letras em branco[104]. Na mesma, as publicações podem ser acessadas de quatro maneiras: na primeira é só executar o comando básico de rolar a página até o fim e clicar em "postagens mais antigas"; na segunda, existem *links* que podem direcionar os usuários para um assunto específico, mas estes não contemplam todas as publicações da página; na terceira é possível acessar as produções de acordo com o ano e mês; por fim, é possível utilizar uma caixa de busca para procurar por palavras-chave, todavia, esse mecanismo não consegue localizar de maneira eficiente as palavras pesquisadas, indicando muitas vezes postagens de outros temas, apenas por possuir as palavras pesquisadas no corpo do texto. Mesmo sendo produzida no ambiente virtual, podemos identificar certa linearidade na organização dos textos publicados, o que apresenta um uso limitado das possibilidades disponíveis na *web*.

O *blog* disponibiliza ainda um atalho onde é oferecido a ferramenta "multilinguagens", no qual, ao selecionar a bandeira indicativa de um país, a página inteira é traduzida para o idioma escolhido. Trata-se de uma ferramenta disponibilizada pelo *Google Translate* e inserida no código-fonte[105] da página, permitindo a tradução literal de todo texto disponível, todavia isso acaba possibilitando erros de interpretação. Essa tentativa representa uma investida em prol da superação das barreiras linguísticas, que dificultam o acesso das informações locais por pessoas que não falam o idioma. Seu código-fonte é *XHTML - CSS*[106], possuindo como *meta*

---

[103] Trata-se de uma identificação numérica a qual todos os dispositivos conectados à internet possuem, funcionando, metaforicamente, de maneira similar. Disponível em: <https://canaltech.com.br/software/o-que-e-ip/>. Acesso em 23 jul. 2020.

[104] Existem uma série de *sites* que apontam, muitas vezes baseando-se em estudos acadêmicos, que o *designer* de uma página é um fator preponderante para o sucesso desta. Tomamos por exemplo aquilo que é dito na maioria dos *sites*: fundo preto e letra branca, presentes no *Retalhos Históricos de Campina Grande*, não são atrativas para os leitores. Identificamos com muita facilidade um erro na *template* da página. Para mais informações sobre a *webdesigner*, consultar: <http://criarteblogs.com.br/blog/layouts-para-blog/>. Acesso em 03 abr. 2019.

[105] Código-fonte é uma linguagem de programação, onde um conjunto de palavras ou símbolos escritos de forma ordenada, com instruções, de maneira lógica, com o objetivo de organizar os dados, garantindo o funcionamento de programas e *sites.* Disponível em: <https://www.codigofonte.com.br/artigos/o-que-e-codigo-fonte>. Disponível em 01 jan. 2020.

[106] O XHTML, ou *eXtensible Hypertext Markup Language*, é uma reformulação da linguagem de marcação HTML (*Hypertext Markup Language*), no qual se define os caracteres estruturais dos endereços virtuais. A extensão do HTML possibilita o acesso a um endereço por meio do uso dos mais variados aparelhos (computadores, *smartphones, smart TV*, etc.), adaptando o conteúdo da página a diversidade de suportes existentes. O CSS (*Cascading Style Sheets*) define como serão exibidos os elementos contidos no código de uma página da

tags[107] os termos: Campina Grande, Fotos, História, Fotos Históricas, Fotos Antigas, Documentário e História de Campina Grande. Essas palavras-chave possibilitam a localização desse endereço nos buscadores de *internet* (Google, *Bing*¸ *Msn*, etc.), facilitando sua localização no ciberespaço e permitindo um maior alcance.

Conhecendo esses múltiplos contornos, torna-se possível para nós refletirmos sobre o alcance de seu conteúdo. Enquanto que a história apresentada pelo *SESI Museu Digital* só pode ser acessada no prédio que guarda seu acervo, o museu virtual do *RHCG* se inscreve sob diversas roupagens na *internet,* podendo ser acessado em qualquer lugar do mundo. Essa configuração do projeto empreendido por Adriano e Emmanoel, acaba possibilitando uma maior interatividade do público no processo de fabricação do passado campinense no ciberespaço, diferenciando-se do *SESI Museu Digital*, onde o público interage, mas não participa do processo de produção de informação.

Essa conexão, todavia, não acontece apenas entre as diversas roupagens que o *RHCG* toma para si, mas também com os sujeitos que o visitam e/ou contribuem com sua proposta. Muitas vezes essa colaboração possibilita a estruturação de uma rede de cooperação estabelecida entre diversas páginas, a exemplo do História Esperancense, do História de Cuité[108] e do Blog Taguaçú. Esse diálogo é feito a partir da linguagem hipertextual, com a finalidade de indicar a visitação a ilhas parceiras. Os donos dessas páginas costumam trocar divulgações, tecer generosos elogios uns para os outros, enviar textos de sua autoria para serem publicados nos blogs parceiros, evidenciando uma intensa rede de relações e de fortalecimento do conteúdo da página. No caso do *blog*, podemos perceber que ele "[...] pode atuar como líder de opinião, podendo induzir comportamentos e exercer influência sobre grupos diferentes do seu" (HOPPE; REINELT, 2010, tradução nossa). Um exemplo desses laços pode ser encontrado na figura a seguir:

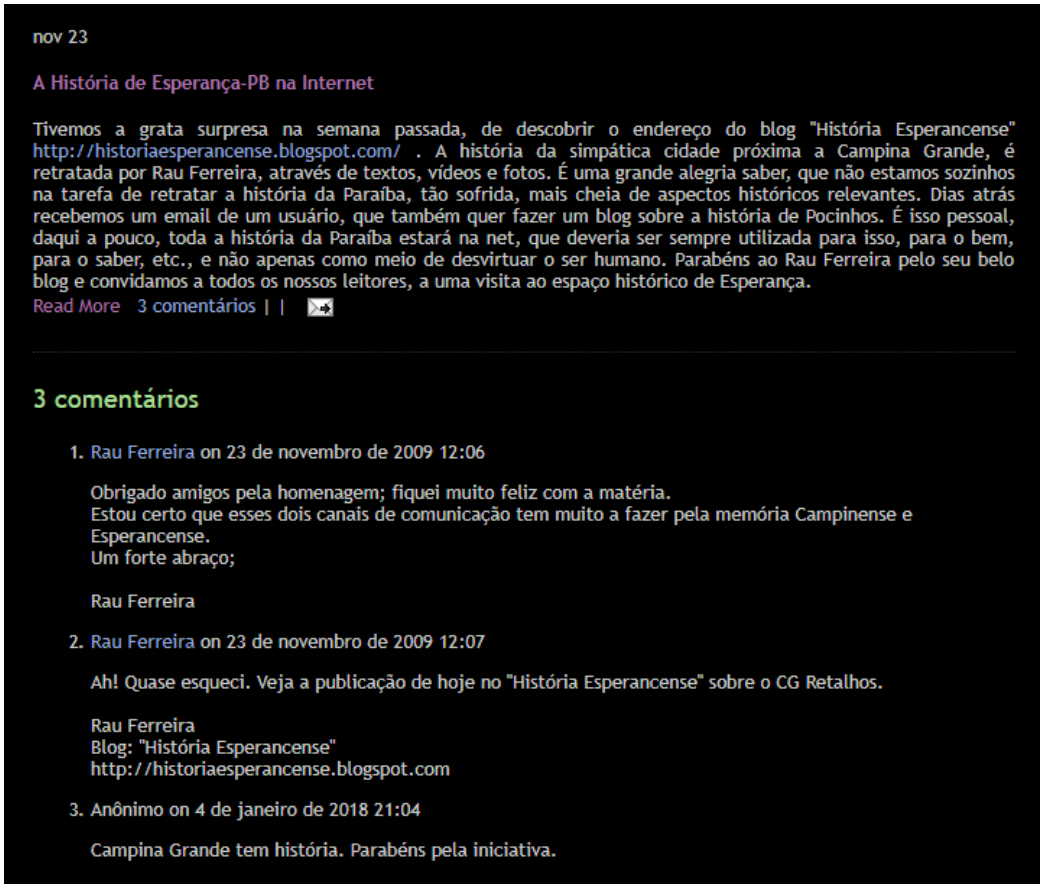
---

internet, formatando a linguagem empregada. Disponível em: <https://www.tecmundo.com.br/programacao/2705-o-que-e-css-.htm>. Acesso em 01 jan. 2020.

[107] O termo tem o mesmo significado de "Palavras-chave", servindo um facilitador para as ferramentas de busca. Ao pesquisar os termos em questão, no *Google* por exemplo, existe uma probabilidade maior do *Blog* ser encontrado. As *meta tags*, porém, não devem ser confundidas com as próprias *tags*, utilizadas no corpo do endereço virtual para facilitar a busca por um conteúdo comum. Por exemplo: em um site sobre a história da arte, um administrador publicou um artigo sobre a arte surrealista, deixando em destaque o nome de alguns artistas do movimento; ao clicar sobre ele, o leitor é direcionado a outro artigo que trata desse. As *tags* nesse caso estariam perpassadas pela própria linguagem hipertextual. Para mais informações, visitar: <https://www.tecmundo.com.br/navegador/2051-o-que-e-tag-.htm>. Acesso em 01 jan. 2020.

[108] Mesmo permanecendo *linkado* no *blog* como um parceiro, a página do História de Cuité não se encontra mais acessível, tendo sido deletada.

Figura 33: Divulgação do *Blog História Esperancense* no *RHCG*



Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2009. Acesso em 19 mai. 2020.

Na captura de tela, podemos observar que os administradores do *Retalhos Históricos de Campina Grande* divulgam o blog *História esperancense* como uma página semelhante, percebendo que não estão "sozinhos na tarefa de contar a história da Paraíba". Além disso, fazem uma autorreferência ao atribuir a si um dos modos de "correta utilização da net", convidando seus leitores a visitarem o endereço do blog da outra cidade. Esse princípio de referencialidade institui diante desse grupo de "portadores do passado", um poder que emana da posse do saber e que se apresenta diante da população comum, com uma linguagem mais acessível que as leituras produzidas no seio das academias.

Nos comentários, podemos ver um usuário de nome Rau Ferreira agradecendo a menção no *RHCG* e, logo em seguida, indicando o *link* de uma publicação em seu blog. Ao selecionarmos o endereço apresentado, somos direcionados a página do História Esperancense, o qual podemos observar na captura a seguir:

Figura 34: *Blog História Esperancense* divulga o *RHCG*

Retalhos da memória campinense

- novembro 23, 2009

Descobri esta semana um ótimo espaço de cultura e memória. Trata-se do blog "***Retalhos históricos de Campina Grande***", que agora apresento para os nossos leitores.
O blog é uma criação de Adriano Araújo e Emmanuel Souza e uma das grandes revelações deste ano.
Com pouco mais de quatro meses de vida, tem garantido muito sucesso e já chamou a atenção até do **Jornal da Paraíba**, que publicou uma matéria assinada por Astier Basílio em seu caderno "***Vida & Arte"*** (25/11/09, p. 3).
O site tem um visual elegante e confiável e vem prestando um ótimo serviço à memória de Campina Grande/PB, razão pela qual foi chamado de "***Museu Eletrônico***".
Suas matérias, todas bem fundamentadas, vão desde as origens da cidade até fatos mais recentes; passeando por entre as figuras populares e pitorescas da cidade, constituindo-se numa boa ferramenta de pesquisa para estudantes e um deleite para nós amantes da história.
O seu acervo é invejável. Possui inúmeras fotografias históricas, além de vídeos e músicas relacionadas a Campina Grande.
Quem desejar conferir visite o seguinte endereço eletrônico: http://cgretalhos.blogspot.com/
E boa leitura!
Rau Ferreira

Fonte:
- http://almacorsaria.blogspot.com/: blog retalhos no "Jornal da Paraíba", 25/10/09;
- http://cgretalhos.blogspot.com/;
- Jornal da Paraíba, Caderno "*Vida & Arte*", 25/10/2009, p. 3.

Fonte: *História Esperancense*, 2009. Acesso em 19 mai. 2020.

Na imagem, podemos observar que, no mesmo dia da publicação *do Retalhos Históricos de Campina Grande*, houve uma resposta do *blog* pertencente a Rau Ferreira. Nela, podemos observar que não há economia nos adjetivos, mencionando inclusive que o *RHCG*, com apenas quatro meses de existência, já havia sido alvo de uma matéria no Jornal da Paraíba. O *blog* esperancense reforça ainda que a página campinense possui "um visual elegante e confiável e vem prestando um ótimo serviço a memória de Campina Grande/PB, razão pela qual foi chamado de **Museu eletrônico***"* (JORNAL DA PARAÍBA, 25 de out. 2009, grifo nosso).

O texto produzido pelo administrador do *História Esperancense* se inspira na matéria publicada pelo jornal campinense, de autoria de Astier Basílio. O título dessa reportagem considera o *Retalhos Históricos de Campina Grande* como um museu virtual sobre a história da cidade, fortalecendo ainda mais a nossa percepção de que esse espaço virtual exerce uma função museal perante a comunidade campinense. O projeto de Emmanuel e Adriano é considerado "um verdadeiro baú de cultura e memória", onde são compartilhadas "verdadeiras preciosidades" sobre a história da cidade.

Na postagem apresentada pela Figura 34, Emmanuel se dirige até a caixa de comentários da página da seguinte forma:

> É um prazer figurar um post no seu blog, Rau. Na certeza de que estamos colaborando com o resgate histórico de nossos berços, tão esmaecidos com o descaso com que se mantêm a História de forma física. Em nosso cotidiano quase não temos mais

> arquitetura histórica a ser contemplada em nosso passeio urbano. Da mesma forma, elogiamos tb seu trabalho de resgate da nossa querida cidade vizinha de Esperança (SOUSA, E. 2009).

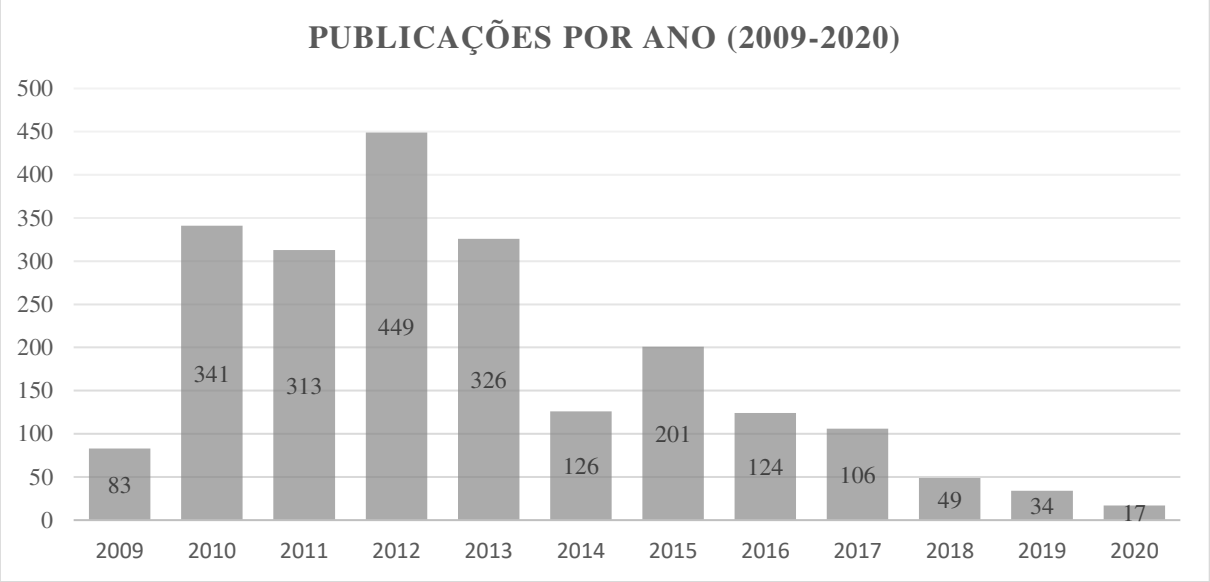
Ele aproveita o espaço para agradecer a menção, ao passo que também frisa a importância desempenhada pelos *blogs* na manutenção do passado das cidades tematizadas. Essa importância carrega consigo também uma crítica ao descaso do poder público com a preservação da história de Campina Grande. Essa relação entre os espaços se mantém até os dias de hoje, sendo Rau Ferreira um dos maiores colaboradores do museu virtual campinense, tratando de temas diversos, a exemplo do futebol, personagens influentes no município, eventos, leis, etc.

Ao pesquisarmos sobre o administrador do blog esperancense, identificamos que ele é graduado e pós-graduado em Direito. Todavia, não restringe sua atuação a área de formação, debruçando-se também sobre a escrita do passado, sendo sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Campina Grande, colaborador do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba e autor de diversos livros, cordéis e poemas que tem como pano de fundo a história da cidade de Esperança. Seu lugar social interfere diretamente no modo como ele concebe o passado (CERTEAU, 1994). Seus escritos possuem uma estruturação comum na maior parte de suas publicações no *RHCG*, apresentando trechos de jornais, entrevistas e demais documentos transcritos, acompanhados de elementos descritivos com finalidades contextuais. As fontes são monumentalizadas, como se estas fossem capazes de representar o passado, tal qual ele acontecera (LE GOFF, 1996).

Nessa ilha principal, podemos observar, ainda, a existência de 2167[109] publicações que contam com diversas temáticas, fontes e formas organização, característica de um acervo construído a muitas mãos. Essa variedade temática é outro elemento que diferencia esse espaço do *Museu Digital*, já que essa primeira nasce como uma proposta colaborativa, que reúne o olhar de todos aqueles que desejam contribuir. Notável também é que o ciberespaço é capaz de comportar uma quantidade significativamente maior de dados, o que permite ao *RHCG* reunir uma quantidade expressiva de contribuições. No gráfico a seguir, podemos observar a distribuição desse material de acordo com o ano de publicação no *blog*:

[109] Dados coletados até o dia 20 de julho de 2020.

Gráfico 1: Distribuição das publicações no blog *Retalhos Históricos de Campina Grande*



Fonte: elaborado pelo autor, 2020.

Como podemos observar, existe nos últimos anos uma queda no nível de publicações da página, elemento que já fora mencionado e que agora se expressa com mais efetividade diante da exposição dos dados. Os números reforçam os indícios de uma gradual substituição do *blog* para outro suporte e que são confirmados por Emmanuel:

> [...] nos últimos anos a gente tem "preferido" manter o Facebook mais atualizado do que o blog, porque os leitores não correspondem mais. **Então quem é que tem ido ao blog hoje em dia? É o pesquisador, estudante, imprensa**. Então não tem mais aquele público ávido que tinha em 2010, 2011 e 2012, de todo dia abrir um blog para ler [...]. Então, por conta disso, ao longo dos últimos anos, essa plataforma blog foi um pouco esquecida. O nome foi mantido, o conteúdo tá lá mantido, mas não interessante mais a gente manter, até porque sentimos também que o público não tinha mais a avidez que tinha antigamente de buscar a informação lá (SOUSA, E. 2020, grifo nosso).

Percebendo as transmutações recorrentes da própria composição da internet, os idealizadores do espaço iniciam um processo de adaptação, assumindo os formatos já mencionados no tópico anterior. Todavia, o que nos chama a atenção na fala de Emmanuel é justamente a percepção de que o *blog* deixou de ser frequentado pelo grande público, mas que ainda interessa aos pesquisadores, estudantes e a imprensa. Isso reforça a importância social desse lugar de memória, reunindo documentos que estariam inacessíveis se não fosse por sua atuação e publicização para toda a rede. Esse perfil de visitação apresentado pelo idealizador, todavia, se baseia em pura intuição, não recorrendo a nenhuma coleta de dados com vistas a identificação de seus frequentadores.

Retomando o Gráfico 1, podemos notar uma variação estatística no ano de 2014, onde identificamos uma queda brusca na quantidade de postagens. De janeiro a junho desse ano, encontramos apenas 23 publicações que foram enviadas para o espaço. A resposta para essa variação pode ser encontrada em uma de suas postagens:

> [...] justamente por conta de divergências entre uma coisa e outra, no ano de 2014 a gente encerrou o blog. Então praticamente foi dado baixa no trabalho. E foi a partir daí que a gente sentiu o tamanho do trabalho e a necessidade que havia de que aquilo não se encerrasse. Foi como se a gente precisasse ter passado por aquela experiência, foi preciso ter levado a lapada que levou. Todo mundo que nos encontrava, cobrava, perguntava e dizia que não. **E todo mundo começou a mandar e-mails, mandar correntes de positividade para que o trabalho não fosse encerrado. Então, sentimos ali que havia uma necessidade de que aquele trabalho não fosse encerrado, que ele fosse continuado e acima de tudo, que a parceria não fosse desfeita.** Eu tenho certeza que aquele trabalho não vai se manter nunca se depender só de mim ou só dele. Tem que haver essa coparticipação. A partir dali nós retomamos as atividades [...]. Então, a partir dali, o trabalho foi mantido. E aí eu repito e lamento, não com a constância de pesquisa que a gente fazia antes, não com a constância de postagens de novidade que a gente tinha antes, **mas o trabalho está mantido, a fonte de pesquisa está mantido e ainda nos envaidece muito saber que é um poço onde muitos vão beber daquela fonte** (SOUSA, E. 2020, grifo nosso).

Em meio a conflitos provenientes de qualquer atividade coletiva, o *RHCG* foi encerrado em 2014. Seu retorno se deu em decorrência dos pedidos dos frequentadores do espaço, que deixou em evidência a importância social desempenhada por aquela iniciativa. Todavia, o ritmo investigativo e de postagem foi reduzido, como podemos observar no Gráfico 1, sendo mantido a posição do *blog* como espaço principal para armazenamento de dados.

Ao passo que conhecemos as múltiplas composições do *Retalhos Históricos de Campina Grande* e também compreendemos o modo como ele se relaciona entre si e com outros espaços de memória do estado, torna-se possível avançarmos nossa visita para o interior dessa ilha. Sigamos as pegadas de nosso guia, ele nos conduzirá a uma discussão em torno do modo como a história de Campina Grande é produzida e difundida por esse museu virtual.

3.3 História "pública" no *RHCG*

Assim como fora mencionado, o *RHCG* possui mais de 2 mil publicações em seu endereço principal, tematizando sobre diversos assuntos que reunidos compõem a colcha de retalhos pensada no/pelo ciberespaço. Esses materiais possuem contornos muito fluídos, englobando, em uma mesma matéria, mais de um conteúdo, dificultando a sistematização dos dados. Todavia, utilizamos para catalogação dessas informações a análise documental pensada por Bardin (1977, p.45-46), tornando possível o trabalho qualitativo a partir de dados quantitativos. A aplicação dessa concepção permitiu dividir as publicações em 53 temas

(conforme Apêndice B) e que foram reunidos em oito eixos temáticos e destacados na Quadro 4:

Quadro 4 – Eixos temáticos do *RHCG*

EIXOS TEMÁTICOS	TEMAS
1º Eixo: Urbanismo e suas metamorfoses	Açudes, Arquitetura, Arquivos Públicos, Bibliotecas, Bairros, Cemitérios, Escolas e Universidades, Feira, Fundação da Cidade, Hospitais, Indústria e Comércio, Meios de Transporte, Praças, Preservação e Denúncia, Saneamento e Abastecimento.
2º Eixo: Política	Desfiles Cívicos, Memória Política e Personalidades.
3º Eixo – Memórias e costumes	Álbuns e histórias de famílias, Costumes e Curiosidades, Crimes e Tragédias, Homenagens diversas, Memória militar, Memórias diversas, Prostituição.
4º Eixo – Imprensa e propaganda	Documentários, Entrevistas, Meios de Comunicação, Propaganda, Rádio e Televisão.
5º Eixo – Manifestações artístico-culturais	Cinema e Teatro, Divulgação de Artistas e Poetas Contemporâneos, Grémios e Associações, Maçonaria, Museus e Música.
6º Eixo – Esporte	Esportes variados, Futebol.
7º Eixo – Festividades	Boates e Casas de Show, Carnaval, Festas Diversas, Festas Juninas, Micarande.
8º Eixo – Religiosidade e filantropia	Borboletas Azuis, Catolicismo, Protestantismo, Testemunhas de Jeová e Instituições Filantrópicas.
9º Eixo – Documentos avulsos	Autorreferências do blog, Pré-história, Recortes avulsos e Século XIX.

Fonte: Elaborada pelo Autor, 2020

Evidentemente, esse processo apresenta uma série de riscos que podem ser cometidos no momento da condensação dos dados. Todavia, torna-se importante sinalizarmos que a pesquisa levou em consideração as características principais de cada postagem, afunilando e sistematizando as informações encontradas, para que fosse possível analisarmos um espaço com uma quantidade expressiva de documentos. Assim como já fora sinalizado anteriormente, esses conteúdos não são exclusivos de seu endereço principal, por isso, também estaremos nos valendo também de suas manifestações em outros formatos (*Facebook, Instagram*, etc), hiperlinkando no corpo do texto informações complementares.

Essa visita conduzida pelo nosso guia, toma caminhos metodológicos comuns aqueles realizados no capítulo anterior, onde a comparação tornou possível defrontar ambos os museus

(o digital e o virtual), permitindo a iluminação recíproca, proposta por Barros (2007), em que as características próprias são postas em evidência. A distribuição temática do *RHCG* sob formato de eixos também facilitou esse processo comparativo, visto que seria muito mais difícil traçar um trajeto para cada arquivo disperso.

Nesses termos, vale a pena reforçar que a questão dos dados produzidos pelo *RHCG* se apresenta de forma diferente da proposta pelo *SESI Museu Digital*. Enquanto que o que é produzido pela primeira pode ser acessado em qualquer lugar do mundo, graças à *internet*, o da segunda só pode ser feito presencialmente, em sua estrutura física. Sendo assim, a história produzida por esses espaços possui diferentes contornos, já que o *Museu Digital* representa uma manifestação de história local, enquanto que o *Retalhos Históricos de Campina Grande* se configuraria como uma história glocal. Esse formato interconecta o local e o global e se apresenta por toda a ilha, mesmo que inconscientemente, já que a característica glocal é gestada pelo próprio ciberespaço (NOIRET, 2015).

Fisicamente suas fronteiras podem ser bem definidas, desenhadas, expostas. Virtualmente, tal definição se torna uma tarefa um pouco difícil, já que o advento da internet se apoia na noção de desterritorialidade. Por exemplo, é possível estar em Tóquio e visitar virtualmente o Açude Velho em Campina Grande. A ferramenta *Google Street View* é um recurso oferecido pelo *Google Maps*, aonde vistas panorâmicas de cidades são apresentadas em 360°. Tal tecnologia permite o estreitamento das fronteiras físicas, possibilitando a visita virtual a todos os usuários da web. Em alguns casos, permite aos sujeitos a capacidade de viajar virtualmente a determinados lugares do mundo sem gastar praticamente nada. No entanto, isso não muda as delimitações espaciais de um determinado local, mas sim as formas de vê-lo, senti-lo, enxergá-lo, rememorá-lo, uma educação dos sentidos para perceber o espaço e suas dimensões (LARROSA, 2002).

Podemos supor que muitas pessoas utilizem essa ferramenta também para visitar espaços importantes em sua trajetória de vida, geograficamente distantes, mas virtualmente próximas. Tal experiência traz à tona uma gama de sentidos e sensações ligadas a memória afetiva. Desse modo, esses sujeitos estariam rompendo, de certa maneira, as fronteiras físicas que o separam de um ente ou espaço querido. Evidentemente, nada substitui as sensações provocadas pelo contato direto, mas as possibilidades oferecidas pelo mundo virtual acabam por provocar reações análogas, construindo novas maneiras de sentir e pensar.

O *Retalhos Históricos de Campina Grande* possibilita sensações semelhantes, ao oferecer registros fotográficos da cidade. Além da espacialidade, as fronteiras temporais são

rompidas, provocando emoções e trazendo à tona memórias individuais inseridas em um contexto de coletividade. De acordo com Noiret,

> Usa-se hoje a web para suprir a ausência de uma comunidade física presente in loco para coletar memórias e os testemunhos destas comunidades dispersas no tempo e espaço. [...] o digital permite superar as barreiras espaço temporais para conectar públicos e interlocutores "semelhantes, favorecendo assim o transnacional, o global e a comparação das diversas – ainda que similares – realidades locais" (NOIRET, 2015, p. 43).

As representações sobre o passado de determinado local acabam por tomar proporções internacionais, rompendo barreiras espaciais. Isso pode ser observado no exemplo da discussão em torno da fotografia de uma antiga residência, situada à Rua Peregrino de Carvalho, que estava destinada a ser demolida. Inicialmente a fotografia citada foi publicada no perfil pessoal do *Facebook* de Walter Tavares, funcionário da Secretária de Cultura da cidade e frequente colaborador do blog *Retalhos históricos de Campina Grande*. Graças a uma série de compartilhamentos da publicação, o registro viajou milhares de quilômetros, chegando até a Suíça, onde a médica campinense Vânia Barbosa reside a algumas décadas.

Diante da notícia da demolição do prédio, a médica foi até o perfil do *Facebook* do Walter Tavares e enviou um texto relatando suas lembranças sobre a casa e lamentando o descaso do poder público diante de um patrimônio histórico. Sobre o imóvel, Vânia diz o seguinte:

> Eu quando pequena subi nessa muralhinha da frente, mostrada nesta foto, e um dos colegas de rua empurrou minha cabeça na direção dessas pontas de ferro, o que me rendeu um ferimento na região submandibular que foi prontamente sanado com uma sutura rápida feita por papai. Tenho a pequena cicatriz até hoje.

O contato com a fotografia foi responsável por provocar uma série de sensações na depoente, que viu sua infância "passar novamente" diante de seus olhos. Outras tantas memórias vieram à tona, onde ela relata as experiências vividas naquela rua, destacando o nome de pessoas que moravam próximas a ela, a exemplo de Ronaldo Cunha Lima. Sobre a sua vivência, relata as brincadeiras, as festas, as brigas, enfim, a vida em uma comunidade relativamente pequena onde todos se conheciam e se relacionavam. O texto enviado pela médica e o contexto de sua produção foram captados pelos administradores do *Retalhos* que logo publicaram em seu blog, conforme observamos no trecho a seguir:

Figura 35: Postagem destacando o descaso estatal

Fonte*:* *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2018. Acesso em 15 mar. 2019.

O *RHCG* acaba assumindo múltiplas funções: como serviço de Utilidade Pública, atuando na preservação e divulgação das memórias da cidade, ao passo que também parte da defesa dos patrimônios materiais, como fora observado no exemplo citado; como um arquivo digital, servindo como ferramenta e fonte de pesquisa para investigadores acadêmicos ou não; e como meio de construção e exposição de uma memória glocal.

O exemplo citado diz respeito a um relato memorialista que só se tornou possível graças ao caráter transnacional da rede mundial de computadores. Teríamos então uma narrativa sobre o local, mas que, ao ser compartilhada no ciberespaço, se tornaria "glocal". Nas palavras de Noiret:

> A virada digital e a rede foram as primeiras a abrir, e logo a responder, às necessidades prementes da sociedade de proteger as identidades, a cultura e as memórias coletivas locais e promove-las globalmente. Desse modo, a história digital com frequência se tornou também vetor de conhecimento "glocal". [...] Graças à história digital, com a versatilidade da rede e das tecnologias digitais que permitem promover globalmente um passado comunitário local, a história pública nacional alcança diversos tipos de públicos internacionalmente (2015, p. 42).

A perspectiva glocal compreende a cultura como um encontro de valores globais e locais, atribuindo novas formas de sentir e pensar a cultura. Tal versatilidade, permite uma percepção mais ampla dos comportamentos locais frente a uma realidade global. Nesse

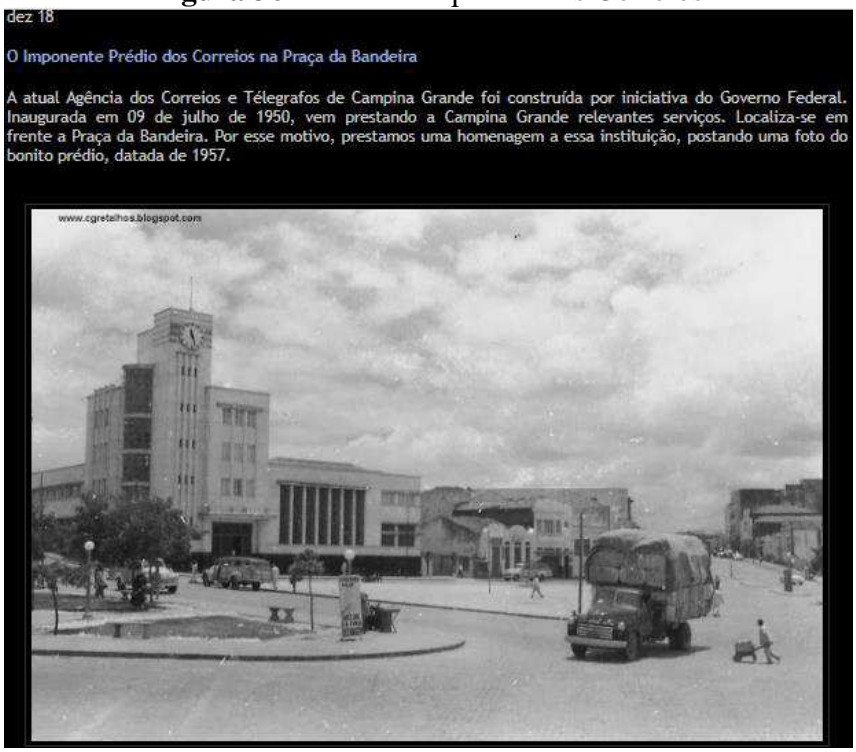
contexto, seria difícil pensar em uma história local em meio a essa cultura informatizada globalizante. Barreiras espaciais e temporais são rompidas por uma história pública, que se reinventa no ciberespaço, impulsionando a difusão dos registros de si (BRITTO; CORRADI, 2018). Reconhecendo tais sinais, torna-se mais seguro o processo de análise dessa ilha, investigando os elementos que caracterizam os eixos temáticos citados na Quadro 4.

3.3.1 Narrativas digitais do passado campinense no RHCG

A diversidade temática existente no *RHCG* nos conduziu a um oceano de informações que precisavam ser sistematizados, permitindo a análise dos dados disponíveis. Sendo assim, agrupamos algumas postagens de acordo com sua aproximação temática, reunindo conteúdos que se aproximam e que se conectam de alguma forma, seja por formato, estrutura ou a própria interação das postagens. Efetuando esse processo, fez-se necessário selecionar algumas postagens que exemplificassem os eixos apresentados, nos conduzindo a valores aproximados do formato de seu conteúdo. Alguns serão analisados, enquanto que outros apenas *Hiperlinkados*, permitindo ao leitor construir outras possibilidades de leitura e análise. Tal perspectiva permite uma ênfase dos valores qualitativos, inseridos na esfera quantitativa, expondo características comuns e a própria concepção de história perpassada pelo espaço. Também é importante sinalizar que mantemos a grafia original dos comentários, visando uma maior fidelidade ao formato em que esses dados foram coletados.

O **1º Eixo** – Urbanismo e suas metamorfoses – reúne 679 publicações, correspondendo a 31% das postagens do *blog* e simbolizando o maior eixo. Como pode ser observado na Quadro 4, essa seção reúne diferentes temas, a exemplo das narrativas sobre a fundação da cidade, sobre as transformações urbanas, comportando também matérias relacionadas a denúncia sob o descaso com um determinado patrimônio. Seria difícil, se não impossível, escolher uma única postagem que reunisse todas essas características. Nesse cenário, optamos por selecionar uma matéria que exemplificasse bem a proposta do *RHCG* ao tratar do urbanismo, que, como vimos no Capítulo 2, permeia o debate de praticamente todo o *SESI Museu Digital.* Observemos a imagem a seguir:

Figura 36: O “bonito” prédio dos Correios



Fonte*:* *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2009. Acesso em 07 jul. 2020.

Talvez o leitor questione o porquê da escolha de uma publicação tão curta e que tenha como objetivo “homenagear” o trabalho dos Correios. Todavia, sua maior riqueza consiste justamente na fotografia exposta e nos sete comentários tecidos pelos leitores, onde apenas um deles parece ter sido atraída pelo título da postagem. Sobre os Correios, Almira (7 jul. 2019) diz: “Uma Empresa que tem e faz História❤”. O enfoque dos demais se concentra na fotografia e no que ela permite dizer sobre Campina Grande.

Em um deles, um Usuário Desconhecido (18 dez. 2009), afirma: “Observações: A rua Getúlio Vargas ‘começava’ na Marquês do Herval, pois a praça era dividida ao meio. Não existia ainda os edifícios Lucas e Rique. O espeho d'água e a estátua de JK ainda não existiam. Vejam o cartaz de cinema no poste da esquina! ”. O olhar desse usuário percebe a ausência de prédios e monumentos que encontramos no espaço nos dias de hoje. Ele também nota a presença do cartaz de um filme, no entorno da Praça da Bandeira. Informação complementada por uma Usuária Desconhecida, que produz não só um comentário, mas também um ego-documento ao escrever a si própria em um comentário (BRITTO; CORRADI, 2018), tornando público uma experiência individual:

> Eu tinha dez anos nessa época e andei muito nessas "marinetes" que faziam linha para os bairros. Veja o cartaz do cinema: um filme de tarzan, nessa época o Tarzan era John Weissmuller... Víamos nas matinais de domingo no Capitolio, onde eu levava

> um monte de gibis já lidos pra trocar na porta por outros. Menina, com dez anos, e já envolvida em atividades midiáticas! ;-))) Meus pais não gostavam disso! Gibis de Rocky Lane, Hopalong Cassidy... Saudade (AUTOR DESCONHECIDO, 19 dez. 2009).

A fotografia conduziu a usuária a uma viagem imaginativa pela sua infância, rememorando experiências que foram preservadas por sua memória. “Rememorar é muito mais do que trazer o passado para o presente, trata-se de um instrumento para reavaliações, revisões, autoanálise, autoconhecimento e é por este caminho que a memória alcança a identidade, sendo fator chave em sua (re)construção” (SOUZA, 2014, p. 115). Podemos observar essa rememoração em todas as linhas desse comentário, que se encerram com uma nostálgica “saudade”.

As primeiras informações apresentadas correspondem a uma descrição exata de sua idade na época, seguida do fato de ter andado muitas vezes em marinetes - antecessores dos ônibus. O veículo pode ser encontrado na parte centro-esquerda da fotografia, abaixo do prédio homenageado, e que, mesmo não compondo os elementos centrais da fotografia, chamou a atenção dessa visitante, criando uma outra realidade (KOSSOY, 2001) que se assemelha aquela vivenciada por ela no passado. Também são destacadas suas vivências no cinema e nas trocas de gibis, que expunham um comportamento considerado inadequado, sob a ótica de seus pais. O filme propagandeado pelo cartaz localizado na esquina da Praça é *Tarzan e a fúria selvagem* (1952). Ele teria sido exibido no Cine Capitólio, conforme a autora do comentário, marcando sua memória a ponto de ela lembrar o nome do ator que interpretava o personagem.

Como podemos observar, o museu virtual do *RHCG* oferece outras possibilidades de imersão no passado campinense, estimulando os sentidos por meio de rememoração de experiências vivenciadas em outros tempos, conduzindo o navegador a produzir relatos de si, movimento esse que também é estimulado pelo *SESI Museu Digital*, já que quem visita o espaço também pode ser tocado por suas lembranças, mesmo que elas não sejam registradas e publicizadas.

Outro comentário é apresentado por Jobedis Magno (12 jul. 2010) colocando em pauta questões relacionadas aos aspectos urbanos da cidade e de seus vínculos com as atividades econômicas. Ele afirma que:

> [...] primeiramente a cidade foi lugar de repouso para tropeiros, em seguida se formou uma feira de gado e uma grande feira geral (grande destaque no Nordeste). Posteriormente, a cidade deu um grande salto de desenvolvimento devido à cultura do algodão. Nesta foto vemos um caminhão carregado de fardos de Algodão), quando Campina Grande chegou a ser a segunda maior produtora de algodão do mundo (MAGNO, 12 jul. 2010).

Observemos que o olhar de uma cidade atrelada ao desenvolvimento econômico está em consonância com a proposta do *SESI Museu Digital*. Esse ponto de vista também se relaciona – em diferentes proporções – com as duas Gerações Historiográficas que Mencionamos existir na cidade. Em uma delas temos a atribuição da economia a um papel preponderante nas transformações vivenciadas pela cidade, em especial nas áreas centrais, expondo as conexões existentes no arquipélago da História Pública Digital de Campina Grande. F. Sousa (2003, p. 64) afirma que "como as áreas centrais eram os lugares que mais se valorizavam, sendo centro comercial e, até um certo momento, local de moradia das elites proprietárias, estas investidas têm uma dimensão tanto sanitária quanto econômica e de segregação social". Essas transformações urbanas, atreladas a fatores econômicos, baseiam-se em premissas modernizantes que, como vimos, estavam conectadas a um projeto progressista que concebe Campina Grande como GRANDE.

Mesmo o comentário sendo anterior a fundação do *SESI Museu Digita*l, ele comporta as principais características encontradas no Tropel, nos Ciclos Socioeconômicos e no Mapa Digital. O que fortalece a premissa de que os espaços dialogam entre si, ao passo que também oferecem apontamentos sobre a visão do passado campinense compartilhadas por sua população e, consequentemente, por seus lugares de memória. Ampliando esse debate sobre os aspectos urbanos no *RHCG*, torna-se importante frisar que ela é representada, de maneira geral, como uma cidade que estava em processo de transformação, onde o progresso e a modernidade são exaltados. Discurso esse partilhado também pelo *Museu Digital*. Podemos exemplificar esse olhar modernizante, para além da postagem alvo de análise com o "bonito prédio dos Correios" (2009), com o trecho de uma publicação biográfica sobre Vergniaud Vanderley:

> Foi responsável por um **grande plano** de urbanização em Campina Grande, transformando principalmente o centro da cidade, **modernizando-o**. **Foi alvo de muitas críticas, todavia, seu arrojo nos anos seguintes foi finalmente compreendido, já que a cidade estava em crescimento constante e sem dúvida, tal medida foram necessárias** (RHCG, 12 set. 2009).

A reforma empreendida pelo então prefeito, já citada neste trabalho, é compreendida pela maioria dos historiadores da cidade como um processo violento, destruindo diversos prédios históricos e desalojando as famílias pobres que viviam no entorno do centro da cidade (SOUSA, F. 2001), tudo isso em prol de uma modernização estimulada pela sua elite econômica e política e justificada pela elite intelectual da época (PIMENTEL, 1958) como um passo necessário em direção ao progresso. A postagem ainda utiliza um texto que seria de autoria do historiador Josemir Camilo Melo, inserido na Segunda Geração, para conduzir o leitor a

acreditar nas afirmações sobre a importância das reformas urbanas para a cidade, recortando trechos descritivos e ausentando os debates críticos, movimento semelhante ao que foi realizado pelo *Museu Digital* na seção Signos no Moderno.

O 2º **Eixo** – Política – representa 13% do total de publicações da ilha principal, com 292 postagens, caracterizando-o como o segundo tema mais abordado. Vale a pena mencionar, de antemão, que o *SESI Museu Digital* não aborda essa temática de maneira explicita, estando nas entrelinhas de praticamente toda a exposição. Esse posicionamento talvez almeje para o espaço uma tentativa de não tomar partido frente as questões políticas da atualidade, focando-se nas realizações do passado como eventos necessários para o desenvolvimento da cidade.

Já o *RHCG* reúne matérias relativas a apresentação de eventos políticos, a história de personalidades políticas, como também o registro de eventos pátrios. Tais temáticas aparecem sob a ótica de uma almejada "neutralidade", que busca evitar conflitos e o desenvolvimento de juízo de valor (SOUSA, E. 2020). Sendo assim, as publicações são mais descritivas que analíticas.

O olhar do *RHCG* possui uma forte influência dessa historiografia política, presente principalmente no perfil traçado por Emanuuel Sousa para si próprio, ao se apresentar como o grande responsável pela maioria das postagens com a temática. Ele afirma que:

> [..] toda a vida fui muito interessado na história de Campina Grande pelo lado político. Quando eu era criança, lá em casa papai tinha os livros de **Josué Sylvestre**. Quer queira, quer não, **é um historiador de Campina Grande**. **Ele também não é historiador de formação, mas a história de Campina Grande pelo lado político ele contou.** Da década de 30 para cá, o que você procurar sobre a história política de Campina Grande vai estar lá e no contexto você vai entender o que acontecia na cidade naquela época também. **Eu era apaixonado por esse tipo de história**. Então tudo que me levava ao assunto política, me chamava a atenção por isso, porque por eu ter esse acesso aos livros dele, eu me sentia parte interessada no assunto. Aquilo ali chamava a minha atenção também (SOUSA, E. 2020, grifos nossos).

Esse trecho deixa em evidência sua principal influência historiográfica: Josué Sylvestre. Vale salientar, como fora pontuado no Primeiro Capítulo, que esse autor não é um historiador, mas um jornalista e que produz suas narrativas a partir de seu lugar social, estando inserido na Primeira Geração da historiografia campinense. Seu olhar carrega consigo a própria crença de registrar sob o formato de texto a realidade vivida, típica da linguagem jornalística. Seus escritos estão longe de apresentarem qualquer forma de neutralidade – até por ser algo impossível –, tornando-se uma ferramenta de discursiva em prol de determinados agentes políticos. Ele compreende a história da cidade sob a ótica de uma dicotomia política, em especial na década de 1950, que contrapõe o nacionalismo – "moderno", "avançado" e inovador –, ao qual ele fazia parte, com o das reminiscências de um coronelismo local – "atrasado",

"rude" e "personalista" –, que concentrava o poder sobre as mãos de alguns segmentos da tradicional política campinense (DOS SANTOS, Fabrício, 2014). Sendo importante salientar que essa divisão não se dava em torno dos partidos políticos da época de maneira generalizadora, direcionando suas críticas a determinados agentes políticos, a exemplo de Severino Cabral, considerado pelo jornalista como um coronel, por conta de práticas paternalistas e autoritárias (SYLVESTRE, 1988).

Em um contexto de forte tensão política, em 09 de julho de 1950, houve a inauguração do novo Prédio do Correio e Telégrafos, visto no **1º Eixo**. O evento aconteceu na Praça da Bandeira, sob o formato de um "Showmício" – contemplando não só a fala dos políticos, mas também algumas apresentações musicais –, onde o então candidato a governador da Paraíba Argemiro de Figueiredo, filiado à época a União Democrática Nacional (UDN), iria discursar em prol de sua candidatura. Em seguida aconteceria apresentações de artistas renomados, a exemplo de Luiz Gonzaga.

Em um determinado momento, membros da oposição, vinculados ao Partido Social Democrático (PSD) teriam invadido o palco e começado a discursar, provocando uma reação acalorada que terminou em pancadaria. Desse evento, resultou-se um total de três mortos e mais de 20 pessoas feridas. Tal evento foi apresentado pelo *RHCG* sob a ótica de Josué Sylvestre, como podemos observar na imagem a seguir:

Figura 37: Entrevista com Josué Sylvestre2

Fonte*:* *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2012. Acesso em 08 jul. 2020.

Na postagem, notamos alguns elementos de referencialidade ao próprio museu virtual, que direciona o visitante a acessar antigas considerações feitas sobre o tema, supondo, inclusive, que talvez elas tenham inspirado a emissora televisiva TV Borborema a desenvolver uma entrevista com Sylvestre com o tema "Tragédia da Praça da Bandeira de 1950". O primeiro *hiperlink* não funciona, levando a crer que a postagem tenha sido deletada. O segundo apresenta uma descrição narrativa do evento, contendo três fotografias que representam a multidão participante, todas retiradas do livro de Sylvestre (1982), seguidas de um texto explicativo.

Na entrevista exposta pelo vídeo, o diletante campinense cita diversas vezes o termo "veracidade", deixando em evidência a sua compreensão a respeito da descrição dos eventos, capazes de comportar a "verdade dos fatos". O *Retalhos Históricos de Campina Grande* afirma que o vídeo expõe o **entendimento** de Sylvestre em relação aos fatos, resguardando-se de qualquer responsabilidade.

Temos então uma exposição dos relatos sem nenhuma forma de análise dos dados, característica que aproxima as narrativas do museu virtual muito mais da memória do que de uma escrita histórica, que configuram os contornos desse lugar de memória digital. "A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais. A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história uma representação do passado" (NORA,1993, p. 9). As memórias depositadas nesse museu virtual dotam a lembrança de uma aura sacralizada, que configuram as reminiscências do passado a partir de olhar absoluto, unindo os grupos que por ela transitam a partir de sua (re)configuração.

Esse é um padrão tomado para a postagens sobre política, que resume sua fala a descrição dos eventos e, quando necessário, a mediação de possíveis conflitos que possam surgir. Compreendendo essas características de sua manifestação no campo político, nossa pesquisa pode então se dirigir ao próximo campo temático.

O **3º Eixo** possui 247 publicações que tematizam sobre as memórias e os costumes do passado campinense, simbolizando 11% das postagens do *blog*. Ele reúne álbuns de famílias, curiosidades, tragédias, homenagens e diversas memórias, possuindo como característica principal a presença maciça de ego-documentos que publicizam as vidas arquivadas nesses registros (BRITTO; CORRADI, 2018). Memórias privadas, tornadas públicas e, assim, metamorfoseadas em coletivas. Tal qual pode ser observada na imagem a seguir, expondo uma captura de tela de uma postagem do *Facebook* do *RHCG:*

Figura 38: Registros de si no *RHCG*

Fonte: *Facebook* do *RHCG*, 2019. Acesso em 09 jul. 2020.

A fotografia apresentada na postagem cria (ou reproduz) uma das tantas representações sobre a praça Clementino Procópio no decorrer da história, espaço esse que fora visitado virtualmente no capítulo anterior. Como a própria legenda sugere, são registros de "encher os olhos de qualquer saudosista", provocando a rememoração, a nostalgia, a imaginação e, talvez, a experiência pensada por Larrosa (2002), relacionando-se a uma educação dos sentidos.

Essa mesma publicação é postada no *blog* e no *Instagram* do museu virtual do *RHCG*. Todavia, são as reações no *Facebook* que nos chamam mais a atenção, justamente por ter uma participação bastante significativa na caixa de comentários. Essa imagem registra uma Campina Grande dos anos 1930, antes das reformas empreendidas pelo prefeito Vergniaud Wanderley, momento em que os registros fotográficos eram raros e por isso precisavam ser bem ensaiados, tal qual podemos observar na imagem compartilhada.

O envio da foto para o *RHCG* fora feito por Iris Diana (26 mai. 2019), filha da mulher representada na fotografia. Essa colaboradora se dirige a caixa de comentários comparando a imagem de sua mãe com uma sua, perguntando se os espaços representavam o mesmo plano de fundo em tempos distintos. Outro frequentador do endereço virtual comenta que se trata de outro espaço, situando-a espacialmente. Observemos que, talvez, o fato dela ter compartilhado as fotografias de sua mãe na rede, tenha feito com que ela revisitasse seus antigos álbuns, relembrando vivências, experiências e memórias. É importante mencionar também, que a resposta oferecida para sua pergunta não fora elaborada pela página, mas por outra pessoa que, assim como ela, frequenta o espaço, reforçando o papel colaborativo dessa história pública

digital campinense, não no que se refere a uma narrativa produzida pelos profissionais, mas uma crônica atrelada a memória de sua comunidade (NOIRET, 2015).

A administradora da página do *RHCG* nessa rede social – Soahd Arruda (25 mai. 2019)– comenta a partir de sua conta pessoal: "Iris Diana França de Oliveira, que recordação linda, esses detalhes pequenos que fazem a história urbana da cidade, parabéns, e obrigado por compartilhar suas recordações, CG agradece". A citada Iris Diana (25 mai. 2019) aproveita a ocasião para compartilhar uma foto de seu pai ao lado de uma placa de rua, indagando se alguém sabia onde ela se localizava. A página responde por meio do *Google Maps*, compartilhando o *link* da localização e apresentando uma descrição espacial do entorno. Podemos observar nesse contexto que "a lembrança é passado completo em sua reconstituição a mais minuciosa. É uma memória registradora, que delega ao arquivo o cuidado de se lembrar por ela e desacelera os sinais onde ela se deposita, como uma serpente sua pele morta" (NORA, 1993, p.15). O cuidado demonstrado pelo lugar de memória é o que produz sobre ele a própria relação de confiança com o seu público.

Sergio Felix (24 mai. 2019), outro visitante da imagem, comenta

> Graças por encontrar esses registros aqui, pois com tantas coisas ruins nas redes sociais, absurdos e uso inadequado para a vaidade tosca e irresponsável de muitos, vocês contribuem com imagens e registros historiográficos, sociocultural de grande importância para a preservação da Memória das identidades e da nostalgia saudável que sim, nos dá saudosismo mesmo sem ter vivido tais épocas!!Grande exemplo de inteligência, maturidade e compromisso com a Sociedade.

Como podemos observar, o trecho tece generosos elogios para a atividade desempenhada pela página, que faria um "bom uso" das redes sociais. A página seria responsável pela preservação da memória e das identidades, provocando uma saudável nostalgia daquilo que não foi vivido. Eis que entra em cena novamente os indícios e uma imaginação histórica, que permitem ao leitor uma viagem pelas tramas do passado da cidade, fazendo-o se imaginar diante daquela realidade, mesmo que por milésimos de segundos.

O espaço virtual, permite movimentos impensáveis para uma instituição de memória com estrutura física, a exemplo do *Museu Digital*, oferecendo possibilidade de compartilhar experiências e registros de vida, em documentos que comportam fragmentos de um passado inalcançável, mas experimentável, imaginável, que se multiplica ao passo que outros documentos são oferecidos. Além dessa constatação, é importante reforçar também o papel desempenhando por esse espaço virtual na coleta e compartilhamento de documentos que estariam indisponíveis para a comunidade e para a própria pesquisa histórica, se não fosse por essa iniciativa.

Continuando nossa visita por esse museu virtual, nos deparamos com o **4º Eixo** – Imprensa e Propaganda –, onde encontramos 189 postagens relativas a trajetória da imprensa e da propaganda na cidade, o equivalente a 9% do total. Analisaremos a seguir uma postagem compartilhada pelo *Instagram* do *RHCG* e que também pode ser encontrada, com outros contornos, no *blog*. Nela, encontramos uma entrevista com o cantor e compositor Gilberto Gil no Programa *A Palavra é Sua*, da TV Cabo Branco, em 1988 (e que, por sinal, compõe a epígrafe desse capítulo). A seguir, podemos observar a captura de tela da postagem na rede social:

Figura 39: Entrevista com Gilberto Gil

Fonte: *Instagram* do *RHCG*, 2020. Acesso em 08 jul. 2020.

Temos a disposição nesse espaço o vídeo da entrevista, emoldurado na *template* utilizada pelo museu no *Instagram*, onde encontramos um trecho em que o compositor apresenta uma definição para Campina Grande:

> Esse sentimento cosmopolita que Campina Grande tem, essa vontade, esse anseio de querer ser Nova Iorque. Essa característica de entreposto, de eixo, de carrefour, de cruzamento do Nordeste. Cidade que recebia fluxos de todas as regiões. Cidade da feira. Cidade do mercado, do negócio. Onde tudo se troca, onde tudo se vende. Onde tudo tem valor e nada tem valor. Já símbolo da modernidade, essa essência, essa volatilidade, essa capacidade de tudo ser e não ser ao mesmo tempo, típico do cosmopolitismo que Campina Grande tem (GIL, 1988).

O olhar apresentado pelo artista coloca a cidade como um espaço de sociabilidade – de encontros e desencontros -, mas também a representa como um lugar característico de atividades econômicas – determinadas pela geografia dos espaços –, atraindo diversas pessoas, fazendo clara referência aos tropeiros. Todavia, esses elementos tomam por base uma visão ufanista (PESAVENTO, 2004), que busca representar Campina Grande sob o formato de uma cidade que está na dianteira da região, a ponto do cantor comparar esse espaço com Nova Iorque

– por conta de um ar "cosmopolita" dado como próprio dessa cidade, relacionada a um **símbolo de modernidade**. Essa narrativa está em consenso com os projetos socioculturais executados pela família Cunha Lima, que, como vimos, se esforçava para transformar a cidade em um polo cultural, justificando a "grandiosidade" de suas festividades a partir de uma visão historiográfica evolucionista e modernizante (SANTOS, 2016) herdada da Primeira Geração. Aqui, encontramos uma característica que permeia a maior parte da historiografia pública digital campinense e que interliga – por meio dos rizomas – seus diversos lugares de memória (NORA, 1993).

Evidentemente, as postagens inseridas no eixo *Imprensa e propaganda* não se resumem a conteúdos que visam o engrandecimento da cidade, havendo também o compartilhamento de antigos anúncios, postagens que apresentam a trajetória do rádio e da televisão na cidade, a disponibilização de trechos de antigos programas que fizeram sucesso, gravações das antigas contagens regressivas das Vésperas de Ano-Novo etc. Isso representa uma plasticidade dessa temática, que dialoga em diversos momentos com os outros eixos do espaço. Pontuado essas indagações, partamos para o próximo espaço virtual.

O **5º Eixo** – Manifestações artístico-culturais – possui um total de 188 postagens, que equivalem a 9% do material total disponível no *blog*. Algumas postagens desse agrupamento já fora mecionado diversas vezes no capítulo anterior, sob a forma de *hiperlinks* e para a execução da proposta comparativa (BARROS, 2007). As manifestações artísticos-culturais aparecem no *SESI Museu Digital*, sendo também trabalhadas pelo *RHCG*, que se vê favorecido pela facilidade de adicionar novos arquivos a seu acervo, frutos da escrita colaborativa, configurando-se como um espaço mais fluído.

Para exemplificar esse eixo temático, estaremos analisando outra postagem do *Instagram* do *RHCG*. Dessa vez, trazendo não um vídeo, mas um registro fotográfico do Cine-Theatro Apollo. Essa imagem é encontrada no *blog* em uma postagem relativa aos diversos cinemas existentes na cidade no decorrer de sua história. Não seria interessante compartilhar todas essas fotografias em uma única postagem do *Instagram*, porque assim, estaria disponibilizando tudo de uma única vez, perdendo a chance de fazê-lo em outro momento e de prender a atenção dos interessados na temática por mais tempo. Por isso, Emmanuel Sousa, responsável pela administração da página, opta por utilizar apenas uma, estimulando a imaginação dos seguidores para rememorar como eram os prédios de Campina Grande no começo do século XX. Abaixo podemos observar a captura de tela da postagem:

Figura 40: Cine-Theatro Apollo na década de 1920

Fonte: *Instagram* do *RHCG*, 2020. Acesso em 08 jul. 2020.

A curiosidade parece ser o maior estímulo empregado para provocar o envolvimento dos seguidores. Diante da exposição de um antigo cinema e do Mercado Novo, seguidos de um curto texto descritivo, temos os seguintes comentários (mantivemos os *hiperlinks* das contas do *Instagram* dos autores dos comentários, diante da possibilidade de manter o princípio de referencialidade, impossível de ser feito no *blog*, já que a maioria das contas não existem mais): tiberiomaxsousa (20 abr. 2020): "fantástico esse acervo fotográfico da nossa cidade; diante da constatação da não preservação do espaço ivoagra comenta: Campina Grande perdeu um grande centro histórico"; antoniopiresfigueiredo (20 abr. 2020) é perpassado pela curiosidade, comentando: "**acho** que não existe mais, o prédio" (grifo nosso). Esse último comentário é respondido pela página, que explica que os únicos prédios que teriam sido preservados na Rua Maciel Pinheiro foram o Casarão de Cristiano Lauritzen e o Pavilhão Epitácio.

Esse movimento realizado pelo administrador da rede social corrobora para a edificação do museu virtual como um espaço de práticas educativas, conduzindo seus seguidores a viagens imaginativas, ao passo que também orienta geograficamente o posicionamento de antigos prédios. No caso abordado, ele compartilha a informação da existência de um cinema na Rua Maciel Pinheiro que – juntamente com o Cine-Theatro Fox – representava uma das principais fontes de entretenimento para a população campinense nas primeiras décadas do século XX.

Observemos que esses espaços já foram visitados imaginariamente por nós no capítulo anterior, sendo mencionados diversas vezes e, no caso da rua, contando até com um vídeo explicativo sobre a trajetória do logradouro no Mapa Digital. O contato com esse passado

campinense parece se fundamentar sempre na personificação dos espaços urbanos, se apresentando como uma característica que conecta o *SESI Museu Digital* e o museu virtual do *RHCG*. Ambos os espaços buscam representar essas instalações como elementos de um passado glorioso e que, apesar de não terem sido preservadas, foram guardados por meio de registros visuais e que podem ser revisitados nesses ambientes museais. Diante de tais apontamentos, podemos seguir em direção ao próximo recorte temático.

O **6º Eixo** – Esporte – corresponde a 9% do conteúdo do *blog*, contando com 204 publicações. O principal assunto abordado nesse eixo é, sem dúvida, o futebol, registrando a trajetória do Treze Futebol Clube, do Campinense Clube e de diversos times amadores da cidade em 196 matérias. Temos também algumas matérias em referência ao lutador campinense Ivan Gomes, assim como também a corrida de *Kart* realizada no Centro de Campina Grande nos anos 1990. A maior parte desse conteúdo esportivo é de autoria de Adriano Araújo, já que antes de iniciar o projeto do *RHCG* ele já colecionava registros sobre o tema, em especial sobre futebol. Esse acervo transforma o museu virtual no principal arquivo público sobre a temática na cidade, sendo acessado por curiosos, amantes dos esportes, mas também por pesquisadores.

Utilizamos para amostragem do eixo uma publicação disponível no *Facebook* da página, mas que também pode ser encontrada no *blog* e no *Instagram*. Estaremos analisando a postagem sobre a corrida de *Kart* em Campina Grande, que atrai um público variado, seja pela curiosidade ou pela rememoração do vivido. A seguir, podemos observar a postagem a ser analisada:

Figura 41: Corrida de *Kart* em Campina Grande

Fonte: *Facebook* do *RHCG*, 2019. Acesso em 09 jul. 2020.

Esse exemplo apresenta relevância para compreender as postagens sobre a categoria esportiva, por que ela revela traços característicos de seu formato, tais como a apresentação dos dados e descrições narrativas, seguidas de títulos bem sugestivos. O vídeo apresenta a corrida apenas em um trecho da "pista", registrando batidas e perdas de controle da direção. As imagens são atribuídas a Marconi Alves, enquanto que a sonoplastia do vídeo é uma edição onde fora adicionada uma vinheta normalmente associada as corridas de Fórmula 1, provocando a sensação de estarmos diante de uma grande corrida, por meio de estimulos aos sentidos auditivo e visual. Na descrição da postagem encontramos também a apresentação das ruas percorridas, levando o leitor a traçar uma possível rota.

Acessando a matéria no *blog*, encontramos ainda três fotografias sobre o evento, que registram a corrida e os troféus que teriam sido dados ao vencedores. A descrição desse espaço é mais prolongada, trazendo informações relativas aos motivos do cancelamento do evento - provocado pelo tráfego de pessoas no interior da "pista". Contam com informações oferecidas pelo professor Marcos Vinicius Carneiro, que informa que essas corridas aconteciam na cidade desde os anos 1970. Um espaço em que as escritas se cruzam de maneira rizomática e/ou onde o nome de quem escreveu nem sempre é divulgado, pois, em alguns casos, não existe a preocupação de autoria da informação, sendo mais relevante a sua transmissão.

No *Instagram*, encontramos comentários de pessoas que dizem lembrar do dia apresentado pelo vídeo, podendo ter conduzido esses sujeitos a um desvio temporário de sua realidade, conduzindo-os a experiências sensíveis (LARROSA, 2002) sobre o seu próprio passado. É interessante perceber que o *RHCG* possui maiores possibilidades de provocar essas experiências por estar lidando justamente com registros enviados pelos próprios usuários, compartilhando espaços e eventos vivenciados por muitas pessoas, que as registraram por meio de uma memória tornada pública sob o formato dos registros de si (BRITTO; CORRADI, 2018). As experiências provocadas pelo *SESI Museu Digital* são protagonizadas por outros movimentos que, como vimos, toma por base as técnicas de imersão digital.

Quase todas as postagens relativas ao esporte contam com a intensa participação dos visitantes do espaço, seja para comentar ou para enviar algum tipo de documento. Essa temática ganha uma visibilidade que não é encontrada no *SESI Museu Digital*, que representa essa manifestação apenas no documentário *Jogo de olhares* – cujo enfoque não é dado ao futebol, mas a produção audiovisual produzida na cidade – e em um trecho do vídeo que encerra a visita ao espaço, no *Campina Grande da Grandeza*. Esse movimento comparativo permite fazermos

a *Iluminação Recíproca* pensada por Barros (2007), onde a confrontação de ambos os espaços permitem expor as peculiaridades de cada um.

Notando essas aproximações narrativas entre ambos os museus, partamos para uma visita ao segundo 7º **Eixo** – Festividades. Nesse recorte, encontramos 139 postagens que tematizam sobre Casas de Show, Carnavais, São João e a Micarande, correspondendo a 6% do total de publicações. Como o São João e a Micarande já foram investigados no capítulo anterior, optamos por escolher um outro enfoque. A imagem a seguir apresenta a captura de tela da postagem que visitaremos nesse eixo:

Figura 42: Relembrando a Boate Skina

Fonte: *Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2014. Acesso em 07 jul. 2020.

A matéria em questão apresenta a boate *Skina* como um dos principais pontos de diversão dos jovens de classe mais abastada da cidade nos anos 1980, sendo alvo de muitos pedidos de seguidores da página. Mas, por conta da inexistência de fotografias sobre o espaço, o museu virtual teria demorado a fazê-la. Analisando o conteúdo, temos a disposição sete fotografias do interior e exterior do espaço, assim como também de Fernando Lima – DJ do espaço durante os anos 1980 –, responsável pelo repasse dos registros. Ao compartilhamento desse material, soma-se a volumosa quantidade de 59 comentários, que complementam a

postagem mediante a exposição de suas memórias, curiosidade e até mesmo a busca por antigos amigos.

Em um dos comentários, Silvana Borba (16 ago. 2014) diz: “oi dancei mto ai.. encontrei um GRANDE AMOR nessa EPOCA ....”. Francy (24 jan. 2020) segue a mesma premissa ao afirmar: “Quantos momentos bons vivi nessa boite SKINA , quanta saudades como fui feliz , como e bom recordar ! até um marido eu arrumei la , estar comigo até hoje meu amor Tony !!”. Observemos como essa postagem foi capaz de requisitar a participação de diversas pessoas, muitas das quais se relacionam com ela por meio de lembranças aos amores vividos no espaço. As memórias afetivas estabelecem elos que estimulam a produção desses escritos de si, que muitas vezes expõe a face mais íntima dessas pessoas. Diferentemente de Francy, que afirma que conheceu seu grande amor na boate e que se casou com ele, Silvana Borba diz apenas que encontrou um “grande amor”, nos fazendo supor que esse amor ficou no passado, preservado em suas reminiscências.

Seguindo outro formato, Laíse Fernandes (14 ago. 2014) comenta: “nao sou dessa epoca, mas gostaria muito de ter ido a essa boate”, apontando uma outra possibilidade para a postagem: fazer quem não viveu aquele passado imaginar como ele funcionava. Sendo importante para nós percebermos que “a força da imaginação está presente no processo de reconhecimento do mundo a partir das sensibilidades” (PESAVETO, 2005, p. 129). Essa imaginação, tantas vezes mencionada nesse texto, nos acompanha durante toda viagem, como uma manifestação própria da experiência humana e que é estimulada pelos recursos disponíveis no ciberespaço.

Esse clima nostálgico é ainda mais reforçado pela página, quando, abaixo da apresentação do espaço, disponibiliza o acesso a música *D.I.S.C.O.*, interpretada pela dupla francesa *Ottawan* e amplamente tocada no período representado, estimulando por meio do sentido auditivo a rememoração de experiências vividas. Os mecanismos utilizados pela página, aliados ao próprio desejo expresso pelo público, fez com que a postagem fosse alvo de tantos comentários, fortalecendo a posição do *Retalhos Históricos de Campina Grande* como um lugar de memória em meio a oceanos digitais. Para Nora (1993, p. 12), “os lugares de memória são, antes de tudo, restos. A forma externa onde subsiste uma consciência comemorativa numa história que a chama, porque ela agora ignora”, revivendo e ritualizando a memória em um esforço provocar a identificação por parte dos sujeitos.

As antigas casas de show e boates não estão presentes no acervo do *SESI Museu Digital*, expondo um silêncio desse espaço sobre esse tipo de manifestação, assim como também

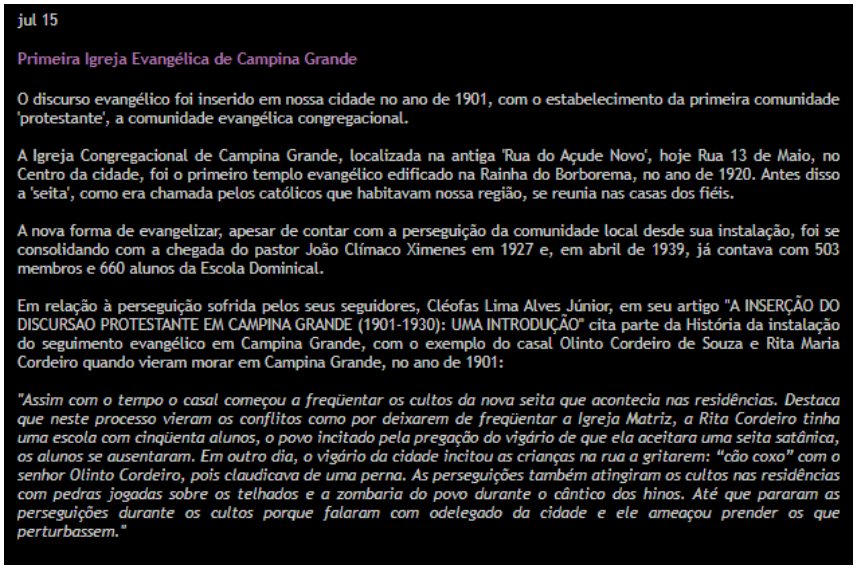
deixando em evidência, diante dessa prática comparativa, as características colaborativas do Museu Virtual do *RHCG*. Essa participação direta do público aumenta as possibilidades de produção de narrativas que comportem as temáticas que lhes são mais quistas.

Continuando nossa visita a esse museu virtual, encontramos reunidos sobre o **8º Eixo** – Religiosidade e Filantropia – elementos relacionados ao catolicismo, ao protestantismo, as Borboletas Azuis e as instituições filantrópicas, já que essa última normalmente aparece associada a uma manifestação religiosa. Esse eixo reúne 80 postagens, representando apenas 4% das publicações do *RHCG*. Essa temática não é abordada de maneira pontual pelo *SESI Museu Digital*, que parece construir para si uma proposta laica, dissociada de qualquer religião. A única menção acontece no trecho *Festas e Eventos*, quando é referido brevemente a existência de eventos religiosos na cidade.

No *Retalhos Históricos de Campina Grande*, as postagens sobre o Catolicismo se sobressaem em relação aos demais conteúdos, apresentando-se como figura central de 60 matérias. Esse fato coloca em evidência algumas hipóteses: 1º a maior parte dos colaboradores/visitantes pertencem a essa religião; 2º trata-se de uma preferência dos idealizadores do espaço; 3º esse movimento pode estar relacionado ao fato de que o Catolicismo assumiu durante muito tempo uma posição de religião oficial no Brasil, possuindo espaços demarcados e figuras que se preocupavam com a preservação de registros ligados ao sagrado. Um exemplo desse movimento pode ser encontrado na obra *A evolução do catolicismo na Paraíba*, de autoria de Câmara (2000), personagem atuante na Primeira Geração da historiografia campinense.

Essas indagações, todavia, correspondem apenas a alguns movimentos imaginativos, permitindo traçar alguns esboços para os perfis desse público. Escolhemos para compor nossa amostragem uma publicação sobre o protestantismo, com o objetivo de localizar outros indícios a respeito das preferências dos colaboradores do museu virtual.

Figura 43 – Primeira Igreja protestante de Campina Grande



jul 15

Primeira Igreja Evangélica de Campina Grande

O discurso evangélico foi inserido em nossa cidade no ano de 1901, com o estabelecimento da primeira comunidade 'protestante', a comunidade evangélica congregacional.

A Igreja Congregacional de Campina Grande, localizada na antiga 'Rua do Açude Novo', hoje Rua 13 de Maio, no Centro da cidade, foi o primeiro templo evangélico edificado na Rainha do Borborema, no ano de 1920. Antes disso a 'seita', como era chamada pelos católicos que habitavam nossa região, se reunia nas casas dos fiéis.

A nova forma de evangelizar, apesar de contar com a perseguição da comunidade local desde sua instalação, foi se consolidando com a chegada do pastor João Clímaco Ximenes em 1927 e, em abril de 1939, já contava com 503 membros e 660 alunos da Escola Dominical.

Em relação à perseguição sofrida pelos seus seguidores, Cléofas Lima Alves Júnior, em seu artigo "A INSERÇÃO DO DISCURSAO PROTESTANTE EM CAMPINA GRANDE (1901-1930): UMA INTRODUÇÃO" cita parte da História da instalação do seguimento evangélico em Campina Grande, com o exemplo do casal Olinto Cordeiro de Souza e Rita Maria Cordeiro quando vieram morar em Campina Grande, no ano de 1901:

"Assim com o tempo o casal começou a freqüentar os cultos da nova seita que acontecia nas residências. Destaca que neste processo vieram os conflitos como por deixarem de freqüentar a Igreja Matriz, a Rita Cordeiro tinha uma escola com cinqüenta alunos, o povo incitado pela pregação do vigário de que ela aceitara uma seita satânica, os alunos se ausentaram. Em outro dia, o vigário da cidade incitou as crianças na rua a gritarem: "cão coxo" com o senhor Olinto Cordeiro, pois claudicava de uma perna. As perseguições também atingiram os cultos nas residências com pedras jogadas sobre os telhados e a zombaria do povo durante o cântico dos hinos. Até que pararam as perseguições durante os cultos porque falaram com odelegado da cidade e ele ameaçou prender os que perturbassem."

Fonte*: Retalhos Históricos de Campina Grande*, 2011. Acesso em 07 jul. 2020.

A captura de tela apenas expõe fragmentos dos materiais dispostos nessa postagem, onde encontramos, além do texto, fotografias que registram diversas fases da existência desse templo. Uma fotografia representa o primeiro formato do espaço, enquanto que uma outra expõe sua primeira reforma. Sendo interessante mencionar que estas imagens teriam sido extraídas do endereço "http://cafehistoria.ning.com" e reproduzidas no *blog*. Esse *site* mencionado pela postagem corresponde ao primeiro formato do já mencionado Café História e que funcionava a época como uma rede social de história. Também é possível observar como a postagem se apropria de uma citação do historiador Freitas Júnior (2009) para expor as dificuldades vivenciadas pelos protestantes de Campina Grande no começo do século XX.

Passando-se um ano após a publicação, a postagem sofre uma atualização no corpo de sua narrativa, inserindo sete fotografias que representariam o funcionamento do espaço durante os anos 1980 e que teriam sido enviadas por Luana Moraes. Duas fotografias apresentam o interior do templo em meio a uma celebração; outra registra a realização de uma Cruzada Evangelística da Igreja Congregacional no Estádio Presidente Vargas, sendo a única menção a esse evento encontrada no ciberespaço; outras duas imagens apresentam a fachada do templo, uma com público e outra sem; a sexta foto registra a apresentação de um coral infantil, provavelmente em algum evento, já que todas as crianças se encontram muito bem vestidos, além de estarem segurando uma bola verde em suas mãos; por fim, temos o registro visual da inauguração do refeitório da igreja, onde uma fita verde e amarela e a bandeira da cidade são retiradas em sinal inaugural.

Esses registros comportam fragmentos de um passado ainda recente, onde grande parte dos sujeitos capturados pela fotografia ainda estão vivos, podendo provocar, dependendo do grau de relação, experiências que são capazes de descolar os sujeitos para uma outra realidade, vivenciada por meio da memória ou da imaginação. “A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca” (LARROSA, 2002, p. 21), nos virando do avesso, nos fazendo sentir com paixão. Nas imagens que registram o interior do templo durante a celebração, podemos perceber o fervor com que muitos endossam a sua fé e vivenciam aquela experiência espiritual, possibilitando experiências sensíveis a partir daquele documento. Esse documento/monumento, retomando a premissa apresentada por Le Goff (1996), parece cristalizar o passado, expondo o mesmo como algo a ser contemplado, características semelhantes aos cronistas campinenses.

Encontramos nesse espaço apenas três comentários, sendo dois Usuários Anônimos que utilizam a caixa “comentário” para expor pelas letras os seus vínculos com o espaço, informando quando passaram a frequentar o referido templo. O terceiro trouxe algumas características interessantes e que valem a pena serem apresentadas na íntegra:

> A Historiografia do Estado da Paraíba, mormente, a de Campina Grande, donde se destaca grandes historiadores que registraram fatos e personagens de épocas pretéritas da cidade Rainha da Borborema, foram omissos ao se negarem a juntar em seus escritos históricos as narrativas de fatos verídicos, substanciados por fotos e testemunhas, das perseguições extremadas sofridas por evangélicos que ousaram professar publicamente sua fé, perseguição, a bem da verdade dos fatos, incitada pelo pároco da Igreja Católica, em perfeita harmonia com os princípios da Contra Reforma. O leitor que tire suas conclusões.
> JOÃO BATISTA NUNES - Psicólogo, Teólogo e Acadêmico de Direito.
> www.jbnunes-vitrine.blogspot.com (NUNES, 15 jan. 2016).

O primeiro elemento a ser destacado no trecho é a linguagem, no qual o autor se apropria de um formato formal para construir a premissa de propriedade sobre o assunto. O comentário lança críticas a historiografia da cidade, que teria se negado a investigar as perseguições sofridas pelos protestantes na cidade. Sua retórica ainda acusa toda a historiografia da cidade de não incluir em seus escritos os “fatos verídicos” sobre o assunto, expondo uma visão ligada ao senso comum, que concebe a narrativa como uma representação exata do que fora vivenciado. Tal argumentação não se sustenta, se levarmos em consideração que a própria postagem se apropria do discurso acadêmico para expor tais perseguições, além de que existem diversos trabalhos que abordam essa temática o contexto campinense. Por fim, o autor apresenta seu nome, formação e o endereço de seu *blog* pessoal, no qual se torna possível observarmos o lugar social de sua produção, relacionando-se a uma atuação religiosa e que se autopromove ao apresentar “eloquência” em torno do conteúdo.

A religião nesse sentido, não é vista pela página como um elemento meramente sacralizado, passando a habitar também as relações sociais vivenciadas na cidade, atribuindo destaque, no caso do exemplo, aos conflitos vivenciados por essa experiência. Não deixa, contudo, de possibilitar outras formas de vivenciar, por meio do campo visual – sentido mais requisitado pelo espaço –, aqueles registros de outros tempos, já que "mesmo as sensibilidades mais finas, as emoções e os sentimentos, devem ser expressos e materializados em alguma forma de registro" (PESAVENTO, 2005, p. 132), possível de ser acessado por outras pessoas, permitindo ao mesmo tempo formas diferenciadas de sentir o vivido.

O **9º Eixo** possui 146 (7%) publicações que não se enquadraram em nenhuma das categorias definidas por essa pesquisa, comportando publicações sobre comemorações da página, sobre a Pré-história, documentos sobre o Século XIX e demais postagens aleatórias que podem ser encontradas. Sendo impossível encontrar uma publicação que reúna elementos de todos esses dados dispersos que permitissem uma análise amostral.

Finalizando esses debates em torno dos eixos, podemos perceber que o *RHCG* possui contornos bastante distintos do *SESI Museu Digital* no que concerne à elaboração e compartilhamento de informações, valorizando uma perspectiva mais coletiva da produção da história local, que dá visibilidade a uma história política da cidade, oferecendo registros sobre suas manifestações esportivas e culturais e permitindo também o protagonismo de memórias particulares. Todavia, esses espaços também comportam semelhanças, como a própria perspectiva evolucionista e factual da história, evidenciada com mais força no **1º Eixo**, justamente por se tratar de questões relacionadas ao urbanismo, tema que lhes é comum.

Diante dessas constatações destacadas, convidamos os leitores para se dirigir a próxima seção desse texto, onde o condutor dessa viagem retomará a pessoalidade, com vistas ao estabelecimento das considerações finais dessa viagem por essas duas ilhas, inseridas no arquipélago da História Pública Digital de Campina Grande. Retornemos a nossa embarcação e partamos!

Considerações finais?

Caro leitor – ou deveria chamá-lo de desbravador de ilhas e águas digitais? - no trajeto percorrido por esse texto, nos deparamos com diversas possibilidades de escrita e de análise. Todavia, tomei os caminhos que apresentavam maiores probabilidades de oferecer respostas para as indagações lançadas no começo dessa investida. Transitar por esse território não foi nada fácil, mas isso não me impediu de fazê-lo, seja navegando pela *internet* ou caminhando pelas ilhas visitadas.

Conduzi um processo comparativo de dois espaços com formatos e objetivos bem diferentes, mas que se encontram ao tematizar fragmentos do passado de Campina Grande por vias digitais, sobretudo a respeito do século XX. A essa forma de problematizar a história conferimos o sentido de História Pública Digital da cidade. Como vimos, diversas vezes o *Retalhos Históricos de Campina Grande* e o *SESI Museu Digital* comungam opiniões, carregadas de forte ufanismo e evolucionismo, que observam o município sob a ótica do progresso e de uma espécie de "Destino Manifesto", de uma cidade tecnológica que "almeja ser Nova Iorque", perpetuando discursos monumentalizados pela historiografia tradicional.

Nesse contexto, dividi a historiografia campinense em duas gerações: a primeira, produzida no início do século XX por diletantes, memorialistas e historiadores influenciados pelo IHGP, que concebiam a história a partir de uma concepção elitista, objetiva e cronológica; e a segunda, com a criação dos cursos de História na cidade, nos anos de 1970, mas fortalecida e difundida a partir dos anos 2000, com teses de doutoramento que tomavam a cidade como objeto e que negavam qualquer premissa evolutiva, questionando os discursos em torno de um passado harmonioso. Essa história, na maior parte das vezes, foi requisitada de maneira seletiva com vistas a fortalecer os discursos compartilhados pelos museus.

Nesses espaços (des)territorializados, encontramos memórias virtualizadas e digitalizadas, selecionadas e sistematizas no *Museu Digital*, livres e dispersas no museu virtual *RHCG*. Configurações próprias, mas que, à sua maneira, são capazes de seduzir o público, seja por "modernos" equipamentos e experiências imersivas ou por possibilitar o compartilhamento de arquivos pessoais, memórias afetivas, que quando publicizadas poderiam se tornar fontes históricas. Essas lembranças não são só registros de passado, mas também de vidas, que a própria existência humana (ARTIÈRES, 1998) reconfigura, nesta atual contemporaneidade, para o formato de *bytes.*

A memória, por si só, preserva uma grandiosidade de informações acessíveis a comunidade acadêmica nos lugares de memória (NORA, 1993), como os museus digitais/virtuais que reconfiguram as lembranças também para o domínio do universo digital. Esses espaços museológicos aqui trabalhados assumem a tarefa de guardar fragmentos do passado campinense, mantendo viva as memórias que narram uma trajetória histórica para cidade. Erros podem ser encontrados pelo percurso, mas não minimizam a importância social exercida por esses espaços, que oferecerem a comunidade conhecimentos sobre seu passado. Todavia, esse processo também apresenta alguns riscos já que produz uma memória inconsciente de si mesma, que conduz as origens míticas e heroicas de uma narrativa que relega ao silêncio as experiências e práticas individuais (NORA, 1993). Essa memória integrada parece buscar reconduzir um "passado glorioso" ao presente.

A imersão proposta pela linguagem digital, seja na *internet* ou fora dela, instaura outras possibilidades de experimentar o passado. Dinâmicas, fluidas, sedutoras, mas também perigosas, quando nos conduzem a equívocos e percepções anacrônicas sobre o passado, inviabilizando uma aprendizagem crítica da história.

Diante dessas questões, a História Pública Digital emerge com o objetivo de intermediar a produção do saber histórico na rede, atualizando os formatos de escrita e a compreensão do passado em ambientes digitais. Esse fazer histórico se modifica diante dos contornos culturais de sua sociedade, bem como pelas metodologias e teorias que fundamentam a operação histórica (CERTEAU, 1988). Nos museus aqui analisados, prevalece a influência da Primeira Geração, de uma história que perpetua a sociedade existente, compartilha narrativas grandiosas de um passado e cristaliza, na marcha do tempo, a inscrição de uma história da cidade sob a ótica de um desenvolvimento inato. Esses movimentos se diferenciam das propostas orientadas pela História Pública Digital, pois oferecem narrativas de passado já questionadas pela historiografia.

O texto que aqui trago se aproxima, o máximo possível, de uma ciberlinguagem, com *hiperlinks* que permitem ao leitor viajar para ambientes externos a essa narrativa. Dispõe ainda de imagens que fugiram aos "padrões" enraizados, tão comuns aos trabalhos acadêmicos. A ideia era propiciar ao leitor um texto fluido e interativo, tal qual uma página da *web*. Essa investida – ou deveria dizer ousadia? –, guarda as suas ameaças, uma vez que por se tratar de conteúdos que estão disponíveis na rede podem desaparecer com um clique. Essa fugacidade, bem própria desses mares digitais, revelam os desafios do fazer historiográfico em ambientes virtuais.

As sinalizações propostas pelos capítulos convidam para um oceano de informações, visitas guiadas pelos trâmites da operação historiográfica, que permitiram uma viagem comparativa em direção a história pública digital campinense, presente no *SESI Museu Digital* e no *Retalhos Históricos de Campina Grande*. No primeiro museu, investigamos as teias que conectam esse espaço às visões historiográficas sobre a cidade e que a representam sobre a ótica da modernidade. Narrativas produzidas por gerações de historiadores, que de forma diversa, dividem o espaço.

O segundo, por mim apropriado como museu virtual, é um espaço de preservação e compartilhamento de dados/memórias sobre a história desse município. Caracterizado pela presença ativa de seu público, que consome e colabora com o conteúdo divulgado, o espaço representa uma proposta pública de produção de narrativas virtuais sobre o passado. Permeado por sensibilidades, percebidas nas reações e construções presentes nos comentários compartilhados, admite a divulgação de ego-narrativas e ego-documentos, que ampliam as próprias possibilidades do fazer histórico, ao tornar público fontes que estariam destinadas ao desconhecimento coletivo.

Tais percepções se lançam diante de mim como uma provocação para propostas futuras, que viriam a preencher lacunas sobre a atuação de profissionais da história no ciberespaço campinense. Desejo que este texto seja lido, esmiuçado, criticado. Que provoque paixão ou ódio, mas que inquiete a cada leitura. Pelo menos enquanto for possível, já que, como toda produção humana, está fadado ao esquecimento e à atualização.

Referências Bibliográficas

AFONSO, Alcilia CARVALHO, Jully. Patrimônio industrial e território: Campina Grande e seu entorno. **Seminário Ibero-americano Arquitetura e Documentação**, 4. Anais. Belo Horizonte: UFMG, 2015.

AGUIAR, Joabe Barbosa. **Uma festa para a Rainha da Borborema**: O Centenário de Campina Grande (1960 - 1964). 2014. 192f. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/1926 >. Acesso em: 26 jul. 2020.

AGULHON, Maurice, CHAUNU, Pierre, DUBY, George. **Ensaios de ego-história**. Lisboa: Edições 70, 1989.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Albuquerque Júnior; RAGO, Margareth. **A invenção do Nordeste e outras artes**. Fundação Joaquim Nabuco, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **A arte de inventar o passado**. São Paulo, 2007.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. O espaço em cinco sentidos: sobre cultura, poder e representações espaciais. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nos destinos de fronteira:** História, espaços e identidade regional. Recife: Bagaço, 2018, p. 97-124.

ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1978.

ARANHA, Gervácio Batista. **Trem, modernidade e imaginário na Paraíba e região**: tramas político-econômicas e práticas culturais (1880-1925). Campinas. 2001. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/280684?mode=full>. Acesso em: 26 jul. 2020.

ARAÚJO, Silvera Vieira de. **Dispensando o feioso:** a construção da higiene estética em Campina Grande (1930-1960). 2010. 139f. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2010. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/3135>. Acesso em: 26 jul. 2020.

ARTIÈRES, Philippe. **Arquivar a própria vida.** Revista estudos históricos, v. 11, n. 21, p. 9-34, 1998. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2061>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BARBOSA, Aline da Silva Néto. Orkut: o espaço que possibilita a Visibilidade e a Imortalidade. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 32., 2009. Curitiba.

Disponível em: <http://www.intercom.org.br/premios/2009/AlineBarbosa.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BARDIN. Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Editora Edições 70, 1977.

BARROS, José D.'assunção. Histórias interconectadas, histórias cruzadas, abordagens transnacionais e outras histórias. **Secuencia**: revista de historia y ciencias sociales, n. 103, p. 4, 2019. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=6864798>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BARROS, José D'Assunção. História comparada: um novo modo de ver e fazer a história. **Revista de História comparada**, v. 1, n. 1, p. 1, 2007. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4813084>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BARROS, José D'Assunção. Histórias Cruzadas-considerações sobre uma nova modalidade baseada nos procedimentos relacionais. **Anos 90**, v. 21, n. 40, p. 277-310, 2014. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/anos90/article/view/42174>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BASÍLIO, Astier. Campinsenses criam, na internet, um museu sobre a história de CG. **Jornal da Paraíba**, Campina Grande, 25 out. 2009.

BAUMAN. Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Tradução: Vera Pereira. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. **Espaço e debates**, v. 34, p. 39-54, 1991.

BEZERRA, Marcos Antonio Alexandre; ARAÚJO, Eliany Alvarenga de. Reflexões epistemológicas no contexto do Orkut: ética da informação, sociabilidade, liberdade e identidade. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 16, n. 2, p. 50-66, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362011000200005>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BLOCH, Marc. “Por uma história comparada das sociedades europeias”. In: Idem. **História e Historiadores**. Lisboa: Teorema, 1998, pp. 119-150.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BORBA, Eduardo Zilles. Imersão visual e corporal: paradigmas da percepção em simuladores. in: Soster, D. e Piccinin, F. (Orgs.). **Narrativas Comunicacionais Complexificadas II** – A Forma. Santa Cruz do Sul: Edunisc, pp.239-258, 2014.

BORGES, Jorge Luis. **O jardim de veredas que se bifurcam**. Ficções. São Paulo: Globo, 1999.

BRANCO, Sérgio. **Memória e esquecimento na internet**. Arquipélago Editorial Ltda, 2017.

BRANDÃO, Cataline Alves. Luz elétrica em Campina Grande: melhoramento urbano na teia dos jornalistas e cronistas. URBANA: **Revista Eletrônica do Centro Interdisciplinar de Estudos sobre a Cidade**, 5(2), p. 236-265, 2013. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8635083>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BRASIL. Lei nº 11.904, de 14 de janeiro de 2009**. Institui o Estatuto de Museus e dá outras providências**. 2009. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2009/Lei/L11904.htm>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BRITTO, Augusto César Luiz; CORRADI, Analaura. Egodocumentos: os documentos que expressam a personalidade, intimidade e motivações dos titulares de arquivos pessoais. **Biblos**, v. 32, n. 2, p. 98-129, 2018. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/biblos/article/view/7968>. Acesso em: 26 jul. 2020.

BURKE, Peter. **História e Teoria Social**. trad. K. B. Gerhardt e R. V. Majer. São Paulo: Editora da UNESP, 2002.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade através de suas imagens:** uma experiência modernizante em Campina Grande (1930-1950). Tese (Doutorado em Sociologia). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.

CABRAL FILHO, Severino. A memória em disputa: o Museu do Algodão de Campina Grande-PB, 1973-2013. **Revista Memória em Rede**, v. 6, n. 11, 2014. Disponível em: <http://www2.ufpel.edu.br/ich/memoriaemrede/beta-02-01/index.php/memoriaemrede/article/view/258>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CABRAL FILHO, Severino. Campina Grande–PB (1930–1950): Modernização, cotidiano e cultura material. **Projeto História:** Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 40, 2010. Disponível em: <http://200.144.145.24/revph/article/view/6132>. Acesso em 26 jul. 2020.

CÂMARA, Epaminondas. **A evolução do catolicismo na Paraíba.** Campina Grande: Edições Caravela, 2000.

CÂMARA, Epaminondas. **Datas campinenses**. Campina Grande: Edições Caravela, 1998.

CÂMARA, Epaminondas. **Os Alicerces de Campina Grande**: esboço histórico-social do povoado e da Vila (1697-1864). Campina Grande: Edições Caravela, 2006.

CAMILLO, Paulo Souto. "Sinopse de uma cidade-exemplo". **Jornal da Paraíba**. Nº 4908, p. 4, edição do dia 03/09/1989.

CARDOSO, Ciro Flamarion; PERÉZ BRIGNOLI, Héctor. O método comparativo na História. ____. **Os Métodos da História**: uma introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social, v. 6, p. 409-419, 1983.

CASTELLARY, Arturo Colorado. A vez dos museus digitais. **Revista Galileu**, 2010. Disponível em: <http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI112876-17774,00-A+VEZ+DOS+MUSEUS+DIGITAIS.html>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CASTELLS, Manuel. **Sociedade em Rede.** Tradução de Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e terra, 1999.

CAVALCANTI, Silêde Leila Oliveira. **Campina Grande de (fl)vorada por forasteiros: a passagem de Campina patriarcal a Campina burguesa.** Imagens multifacetadas de Campina Grande. Campina Grande, PB: PMCG, p. 58-78, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do cotidiano**. 1. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. A operação histórica. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (org). **História: novos problemas**; tradução de Theo Santiago, Rio de Janeiro: F. Alves, 1988.

CERVANTES, Miguel**. D. Quixote de La Mancha** – Primeira parte. Edição: Ebooks Brasil, 2005. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/eb00008a.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CHAGAS, Mário de Souza. **A Imaginação Museal:** Museu. Memória e Poder em Gustavo Barroso, Gilberto Freyre e Darcy Ribeiro, Rio de Janeiro, Ministério da Cultura/IBRAM, 2009.

CHAGAS, Mário de Souza; NASCIMENTO JUNIOR. José do (org.). **Subsídios para a criação de Museus Municipais Rio de Janeiro**, RJ: Ministério da Cultura/Instituto Brasileiro de Museus e Centros Culturais/Departamento de Processos Museais, 2009. Disponível em: <https://www.museus.gov.br/wp-content/uploads/2013/09/manual-subsidio-para-criacao-de-museu.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural**: entre práticas e representações, trad. Maria Manuel Galhardo. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Autêntica: Belo Horizonte, 2010.

CHARTIER, Roger. A mão do autor. In: **A Mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora UNESP, 2014. p. 129-151.

DA SILVA, Beatriz Pereira. Ciência e vida moderna na dialética musical de Gilberto Gil. In: **Congresso Nacional de Linguística e Filologia**, 14., 2010, Rio de Janeiro. Anais eletrônicos... Rio e Janeiro: UERJ, 2010, p. 705 – 740. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/705-740.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DA SILVA, Edna Marta Oliveira. O letramento crítico e o letramento digital: a web no espaço escolar. **Revista X**, v. 2, n. 1, 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/revistax/article/view/46572>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DA SILVA, Tomaz Tadeu. Nós, Ciborgues: O corpo elétrico e a dissolução do humano. In: DA SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Antropologia do ciborgue:** as vertigens do pós-humano. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009, p. 9-15.

DE ALMEIDA, Fábio Chang. O historiador e as fontes digitais: uma visão acerca da internet como fonte primária para pesquisas. In: **Aedos**, n. 8, v.3, jan./jun. 2011. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/aedos/article/view/16776>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DE BRITO, Audrey Danielle Beserra. O discurso da afetividade e a linguagem dos emoticons. **Revista Eletrônica de Divulgação Cientifica em Língua Portuguesa,**

Linguística e Literatura. Ano, v. 4, 2008. Disponível em: <http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/2010/artigos_teses/LinguaEspanhola/artigos/art_audrey_brito.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DE MESQUITA, Ofélia Alencar; CASTRO FILHO, José Aires; RODRIGUES, Eduardo Santos Junqueira. Ciberconteúdos educativos e sua construção em rede. **Nuances:** estudos sobre Educação, v. 28, n. 1, p. 44-62, 2017. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/Nuances/article/view/4741/pdf_1>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs**. Capitalismo e Esquizofrenia. Vol. 1, São Paulo, Editora 34, 1995.

DIAS, Margarida Maria Santos. **Intrepda ab origine**: o IHGP e a produção da história local (1905-1930). João Pessoa: Almeida Gráfica e Editora Ltda, 1996.

DOLLAR, Charles M. O impacto das tecnologias de informação sobre princípios e práticas de arquivos: algumas considerações. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional. Vol. 7, n. 01/02, p. 03-38, Jan./Dez. 1994. Disponível em: <http://www.arquivonacional.gov.br/media/v7_n1_2_jan_dez_1994.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DOS SANTOS, Fabricio Pereira. **Representações sobre o prefeito Severino Cabral dentro de uma cultura política modernizante na cidade de Campina Grande (1958-1963)**. 2014. 126 f. (Dissertação de Mestrado em História), Programa de Pós-graduação em História, Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande - Paraíba - Brasil, 2014. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/xmlui/handle/riufcg/1934?show=full>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DOS SANTOS, Francisco Coelho dos; CYPRIANO, Cristina Petersen. Redes sociais, redes de sociabilidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 29, n. 85, p. 63-78, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092014000200005>. Acesso em: 26 jul. 2020.

DOSSE, François. História do tempo presente e historiografia - historyofthepresent time andhistoriography. **Tempo e Argumento**, v. 4, n. 1, p. 05-22, 2012. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180304012012005>. Acesso em: 26 jul. 2020.

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. [Tradução de Fátima Murad]. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009. Disponível em:

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France , pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 22. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012.

FREITAS JÚNIOR, Cleófas Lima Alves de. A inserção do discurso protestante em Campina Grande (1901-1930): uma introdução. In: **Anais do Encontro Estadual de História**, 13. Guarabira: UEPB, 2008. Disponível em: <http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2014%20-%20Cle%C3%B3fas%20Lima%20Alves%20de%20Freitas%20J%C3%BAnior%20TC.PDF>. Acesso em: 26 jul. 2020.

GAUDÊNCIO, Bruno. **Da academia ao bar**: círculos intelectuais e cultura impressa em Campina Grande – PB (1913-1953). Campina Grande: Editora Leve, 2019.

GIL, Gilberto. **Cérebro eletrônico**. Philips, 1969. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=JFAHDYEMHEE>. Acesso em: 26 jul. 2020.

GINZBURG, Carlo. **História na Era Google**. 2010. (15m.14s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?time_continue=57&v=wSSHNqAbd7E>. Acesso em: 26 jul. 2020.

GONDRA, José Gonçalves. A leveza dos Bits: História da Educação e as novas tecnologias. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org). **Arquivos, fontes e novas tecnologias** – questões para a história da educação. Campinas: autores associados, 2000, p. 3-17.

GUTIÉRREZ, Raúl Tabarés. El inicio de la Web: historia y cronología del hipertexto hasta HTML 4.0 (1990-99). ArtefaCToS. **Revista de estudios sobre la ciencia y la tecnología**, v. 5, n. 1, p. 57-82, 2012. Disponível em: <http://campus.usal.es/~revistas_trabajo/index.php/artefactos/article/view/12423>. Acesso em: 26 jul. 2020.

HERÁCLITO. **Fragmentos.** Tradução: José Cavalcante de Souza. Editora Nova Cultural: São Paulo, 1996.

HOBSBAWM, Eric. **A invenção das tradições**. Trad. Celina C. Cavalcante. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008.

HOPPE, Bruce; REINELT, Claire. Social network analysis and the evaluation of leadership networks. **The Leadership Quarterly**, v.21, p.600-619, 2010. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1048984310000901>. Acesso em: 26 jul. 2020.

HUIZINGA, Johan. **Homo ludens**: o jogo como elemento da cultura. São Paulo: Perspectiva, 2007

KIRSCHENBAUM, Matthew. G. What is digital humanities and what's it doing in english departments? **ADE Bulletin**, v. 150, n. 7, p. 55-61, 2010. Disponível em: <https://www.ade.mla.orag/content/download/7914/225677>. Acesso em: 26 jul. 2020.

KIRSCHNER, Paul A.; DE BRUYCKERE, Pedro. The myths of the digital native and the multitasker. **Teaching and Teacher Education**, v. 67, p. 135-142, 2017. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0742051X16306692>. Acesso em: 26 jul. 2020.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. 2. ed. rev. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LARROSA, Jorge Bondía. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. In: **Revista brasileira de educação**. Rio de Janeiro: ANPEd: Autores Associados, n. 19, p. 20-28, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento e "Memória". In: **História e Memória**. São Paulo: UNICAMP, 1996.

LEMOS, André. Ciber-socialidade: tecnologia e vida social na cultura contemporânea. **Logos**, v. 4, n. 1, p. 15-19, 1997. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/14575>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. – São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual**. Tradução de Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

LIMA, Maria do Carmo Ferreira; JESUS, Simone Batista. Administração do tempo: um estudo sobre a gestão eficaz do tempo como ferramenta para o aumento da produtividade e work life balance. **Revista de Gestão e Secretariado**, v. 2, n. 2, p. 121-144, 2011. Disponível em: <https://revistagesec.org.br/secretariado/article/view/48/109>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LISBOA, Eliana Santana; COUTINHO, Clara Pereira. Redes sociais e currículo: uma reflexão sobre o potencial educativo do Orkut. In: **Colóquio sobre Questões Curriculares; Colóquio Luso-Brasileiro**, 5., 2010, Porto. Anais eletrônicos. Porto: Editora da Universidade do Minho - Centro de Investigação em Educação (CIEd), 2010, p. 4505 – 4517. Disponível em: Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/11062>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LUCCHESI, Anita. A história sem fio: questões para o historiador da Era Google. **Anais do XV Encontro Regional de História da Anpuh-Rio**, 2012b. Disponível em: <http://www.encontro2012.rj.anpuh.org/resources/anais/15/1338518449_ARQUIVO_Ahistoriasemfio-AnpuhRJ-Textocompleto-AnitaLucchesi-31.05.12final.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

LUCCHESI, Anita. **Digital history e storiografiadigitale**: estudo comparado sobre a escrita da história no tempo presente (2001-2011). 2014. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

LUCCHESI, Anita. Histórias no ciberespaço: viagens sem mapas, sem referências e sem paradeiros no território incógnito da Web. **Cadernos do Tempo Presente**, n. 06, 2012a. Disponível em: <https://orbilu.uni.lu/bitstream/10993/31137/1/Lucchesi%20-%202014%20-%20Histo%CC%81rias%20no%20ciberespac%CC%A7o%20viagens%20sem%20mapas%2C%20sem%20r.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MARCUSCHI, Luiz Antônio et al. **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. Boitempo Editorial, 2015.

MAYNARD, Dilton Cândido Santos. Passado eletrônico: notas sobre história digital. **Acervo** - Revista do Arquivo Nacional, v. 29, n. 2, p. 103-116, 2016. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/44800>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MELO, Josemir Camilo. **Modernização e mudanças**: o trem inglês nos canaviais do Nordeste (1852-1902). Tese de Doutorado em História, UFPE, 2000. Disponível em: <http://ftp.editora.ufrn.br/handle/123456789/574?mode=full>. Acesso em: 26 jul. 2020.

MURRAY, Janet H. Imersão**. Hamlet no Holodeck**: O futuro da narrativa no Ciberespaço, p. 101-126, 2003.

NEITZEL, Adair de Aguiar. Hipertexto: que texto é esse?. **Anuário de Literatura**, v. 10, n. 10, p. 73-90, 2002. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/download/5267/4649>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NOIRET, Serge. História Pública Digital | Digital Public History. **Liinc em Revista**, v. 11, n. 1, 2015. Disponível em: <http://revista.ibict.br/liinc/article/view/3634>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NOIRET, Serge. Internationalizing public history. **Public History Weekly**, v. 2, n. 34, Sept. 2014. Disponível em: <http://cadmus.eui.eu/handle/1814/38392>. Acesso em: 26 jul. 2020.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 10, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 26 jul. 2020.

OLIVEIRA, José Cláudio Alves de. O museu digital: uma metáfora do concreto ao digital. **Comunicação e Sociedade**, v. 12, p. 147-161, 19 dez. 2012. Disponível em: <https://revistacomsoc.pt/article/view/1393>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PALFREY, John Gorham; GASSER, Urs. **Nascidos na era digital**: entendendo a primeira geração de nativos digitais; tradução: Magda França Lopes; revisão técnica: Paulo GilenoCysneiros. – Porto Alegre: Grupo A, 2011. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=lang_pt&id=LBQwDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA1&dq=palfrey+%26+gasser+&ots=yanUNELKgJ&sig=fWT-q0zhKZ_D45zvWw7GBzg1rcY#v=onepage&q=palfrey%20%26%20gasser&f=false>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Ressentimento e ufanismo: sensibilidades do Sul profundo. In: BRESCIANI, Stella; NAXARA, Márcia (orgs.) Me**mória e (res) sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: UNICAMP, p. 223-238, 2004.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & história cultural**. Autêntica, 2013. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=g2KkAgAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT2&dq=sandra+pesavento+2013&ots=zihD4lIDQE&sig=TSiCXx6QSZCl4a9zBVnC9YLjQkQ#v=onepage&q=sandra%20pesavento%202013&f=false>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. **Revista Tempos Acadêmicos**, v. 1, p. 127-134, 2005.

PIMENTEL, Cristino. **Mais um mergulho na história campinense**. Campina Grande: Edições Caravela, 2001.

PIMENTEL, Cristino. **Abrindo o livro do passado:** Pedaços da história de Campina Grande. Livraria Pedrosa, 1958.

PINHEIRO, Patricia Peck. **Direito digital**. São Paulo: Saraiva Educação SA, 2016.

PRENSKY, Marc. **Digital Natives, Digital Immigrants**. 2001. Disponível em: <http://www.marcprensky.com/writing/Prensky%20-%20Digital%20Natives,%20Digital%20Immigrants%20-%20Part1.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

PRETTO, Nelson De Luca. **Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões**. EDUFBA: Salvador, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/25327/1/Educa%C3%A7%C3%B5es%2CCulturas%20e%20Hackers-Nelson%20De%20Luca%20Pretto.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

RAMOS, Márcia Elisa Teté. O estudante de Ensino Médio nas comunidades virtuais "eu amo história" e "eu odeio história" e uma questão antiga: para que serve a história. **Antíteses**, v. 5, n. 10, p. 665-689, 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/antiteses/article/view/13333>. Acesso em: 26 jul. 2020.

RAPOSO, Thiago Acácio. História no Paint: o ensino de história a partir de menes de Facebook. In: **Congresso Nacional de Práticas Educativas**, 2017, Campina Grande. Anais do COPRECIS. Campina Grande: Editora Realize, 2017. v. 1. Disponível em: <https://docplayer.com.br/73379517-Historia-no-paint-o-ensino-de-historia-a-partir-de-menes-de-facebook.html>. Acesso em: 26 jul. 2020.

RECUERO, Raquel da Cunha. Teoria das redes e redes sociais na internet: considerações sobre o Orkut, os weblogs e os fotologs. In: **Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. 27. 2004. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/242520436>. Acesso em: 26 jul. 2020.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Raquel_Recuero2/publication/259328435_Redes_Sociais_na_Internet/links/0c96052b036ed28f4d000000/Redes-Sociais-na-Internet.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

REIS José Carlos. **A história entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Editora Ática, 1996.

RIBEIRO, Hortensio. O nível intelectual campinense instituindo entre nós um centro de cultura. **Voz da Borborema**, Ano I, Nº 47, 22 de dezembro de 1937, p.1.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Unicamp, 2007.

RUSHDIE, Salman. **Internet, Borges e a literatura**. 2018. (3m26s). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sUpvUfDL340&t=1s>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SANTANA, Diego Leonardo; MAYNARD, Dilton. O PORTAL METAPEDIA: REVISIONISMO HISTÓRICO E NEGACIONISMO NO TEMPO PRESENTE. **Revista TransVersos**, n. 11, p. 23-41, 2017. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/transversos/article/view/31586>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, muitos significados: alguns comentários sobre a história pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; DE ALMEIDA, Juniele Rabêlo;

SANTHIAGO, Ricardo (org.) **História pública no Brasil**: sentidos e itinerários. São Paulo: Letra e Voz, p. 23-36, 2016. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=lr5YDwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA11&dq=ricardo+santhiago+2016&ots=YD3if1Nf4U&sig=ytbQTMT8JtWm-pAsSI_GUOCLmC8#v=onepage&q=ricardo%20santhiago%202016&f=false >. Acesso em: 26 jul. 2020.

SANTOS, Wagner geminiano dos. Michel de Certeau: a História como campo de invenção de novos cotidianos historiográficos. In: **Encontro Estadual de História** - ANPUH - PB, 16. 2014, Campina Grande. Anais Eletrônicos do XVI Encontro Estadual de História - ANPUH - PB, 2014.

SANTOS, Wagner Germiniano dos. **Enredando Campina Grande nas Teias da cultura**: (des)inventando festas e (re)inventando a cidade (1965-2002). Jundiaí: Paco Editorial, 2016

SARTRE, Jean-Paul. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

SELWYN, Neil. The digital native–myth and reality. In: **Aslib proceedings**. Emerald Group Publishing Limited, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/00012530910973776>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SILVA, Bento Duarte da. O poder transformador das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC). **Jornal Redes Educativas e Currículos Locais**, v. 5, n. 24, p. 1-5, 2016. Disponível em: <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/52198>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SILVA, Eliana Figueiredo da. **Blog Retalhos Históricos de Campina Grande**: um lugar de memórias da cidade no ciberespaço. 2016. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/11759>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SILVA, Francisco Ribeiro da. **História local**: objectivos, métodos e fontes. 1999. Disponível em: <https://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/8247/2/3226.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SIMÃO NETO, Antonio. **Metáforas Aquáticas**: uma proposta para interface entre espaços virtuais de aprendizagem. TC, 2005. Disponível em: <http://www.abed.org.br/congresso2005/por/pdf/169tcc3.pdf>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOARES JÚNIOR, Azemar dos Santos; ANDRADE, Vivian Galdino de (orgs.). **Escritas do sensível**: experiência, história cultura e práticas educativas. João Pessoa: Idea, 2018. Disponível em: <https://www.academia.edu/38027321/SOARES_JR_Azemar_GALDINO_Vivian_Orgs_Escritas_do_sensivel_Experiencia_historia_cultural_e_praticas_educativas>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOUSA, Emmanuel. Retalhos de história – representações do passado campinense no ciberespaço. [Entrevista concedida a] Thiago Acácio Raposo. **Blog Retalhos Históricos de Campina Grande** 21 jan. 2020. Disponível em: <http://cgretalhos.blogspot.com/2020/01/retalhos-de-historia-representacoes-do.html>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOUSA, Fabio Gutemberg Ramos Bezerra de. Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 46, p. 61-92, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-01882003000200004&script=sci_arttext>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra de. **Cartografias e Imagens da Cidade**: Campina Grande-1920-1945. 2001. Tese de Doutorado. Tese (Doutorado em História)–Universidade de Campinas, Campinas. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/280993>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SOUSA, Fábio Gutemberg Ramos Bezerra. Cristino Pimentel: cidade e civilização em crônicas. In: DO Ó, Alarcón Agra et al. **A Paraíba no Império e na República**: Estudos de História Social e Cultural. 2. Ed. João Pessoa: Ideia, p. 133-184, 2005.

SOUZA, Mariana Jantsch. A memória como matéria prima para uma identidade: apontamentos teóricos acerca das noções de memória e identidade. **Revista Graphos**, v. 16, n. 1, p. 91-117, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/graphos/article/view/20337>. Acesso em: 26 jul. 2020.

SYLVESTRE, Josué. **Da Revolução de 30 à queda do Estado Novo**: fatos e personagens da história de Campina Grande e da Paraíba, 1930/1945. Senado Federal, Centro Gráfico, 1993.

SYLVESTRE, Josué. **Lutas de vida e de morte**: fatos e personagens da história de Campina Grande-1945 - 1953. Senado Federal, 1982.

SYLVESTRE, Josué. **Nacionalismo & coronelismo:** fatos e personagens da história de campina grande e da Paraíba 1954-1964. Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

VASCONCELOS, Edson Carlos de. **Ah, Campina!** Campina Grande: Santa Marta, 2014.

VEYNE, Paul. **Como se escreve história e Foucault revoluciona a história.** Brasília, DF: EdUnB, 2008.

APÊNDICE A – PERSONAGENS DO CAMPINA GRANDE ACOLHEDORA

CAMPINA GRANDE ACOLHEDORA	
Nome	***Links***
Francisco de Assis Benevides Gadelha	https://fiepb.com.br/fiep/noticia/reconhecimento-presidente-da-fiep-e-homenageado-pelo-poder-legislativo-de-campina-grande-e-de-joao-pessoa
Maria de Lourdes Nunes Ramalho	https://www.paraibacriativa.com.br/artista/lourdes-ramalho/
Pedro Cancha	https://www.jornaldaparaiba.com.br/cultura/retrato-do-ultimo-boemio.html
Laudiceia Aguiar	https://www.youtube.com/watch?v=ppab6-1N42U
Tião Lima	https://reporterjunino.com.br/2017/06/15/gente-nossa-apresenta-tiao-lima/
Lana Débora	https://portalcelinoneto.com.br/lana-debora/
Roberto Moraes	https://www.youtube.com/watch?v=j0xaGlUSDfA
Genaldo Cardoso	https://portalcelinoneto.com.br/jantar-genaldo-cardoso/
Adriana Melo	https://paraibaonline.com.br/2020/03/medica-campinense-da-duro-recado-sobre-a-quebra-do-isolamento-social/
Flávio César Capitulino	https://www.youtube.com/watch?v=NQDzZPpRqAM
Johannes Derks	http://www.andifes.org.br/ufcg-produz-equipamentos-de-protecao-em-parceria-com-outras-instituicoes/
Janeide Costa	https://janeidecabeleireiras.com.br/
Denise Belmiro	https://campinagrande.pb.gov.br/semana-da-mulher-encerrada-com-sucesso-no-sine-municipal/
Acessos em: 20 jul. 2020.	

APÊNDICE B – TEMAS PRESENTES NO BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE

TEMA	QUANTIDADE
Açudes	70
Álbuns/ História de famílias	11
Arquitetura	110
Arquivos públicos/ biblioteca/Institutos	3
Bairros	16
Boates/casas de show	37
Borboletas Azuis	6
Carnaval	24
Catolicismo	60
Cemitério	7
Cinema/Teatro	36
Costumes e curiosidades	65
Crimes/Tragédias	59
Desfile cívico	14
Divulgação de artista/literato contemporâneo	31
Documentário	6
Entrevista	3
Escola/Universidade	77
Esporte (diversos)	8
Feira	19
Festa (diversas)	10
Festas juninas	49
Fundação da cidade	3
Futebol	196
Grémio/associação	11
Homenagem (diversas)	72
Homenagem ou promoção do blog	73
Hospital/posto de saúde	14
Industria/comércio	95
Instituição filantrópica	8
Maçonaria	3
Meios de comunicação	13
Meios de transporte	27
Memória militar	8
Memória política	106
Memórias individuais/coletivas	21
Micarande	19
Museu	14
Música	96
Personalidades	172
Praça	50
Pré-história	1
Preservação/Denúncia	39

Propaganda	63
Prostituição	8
Protestantismo	5
Rádio	58
Recortes avulsos de documentos	37
Rua/avenida	68
Saneamento e abastecimento	81
Século XIX	35
Televisão	46
Testemunha de Jeová	1
TOTAL	2164
Dados atualizados em 20.07.2020	

ANEXO A – RECONHECIMENTO DO SERVIÇO DE UTILIDADE PÚBLICA

ESTADO DA PARAÍBA
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE
GABINETE DO PREFEITO

LEI Nº 5.096 **De 24 de novembro de 2011.**

RECONHECE DE UTILIDADE PÚBLICA O "BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE" E DÁ OUTRAS PROVIDÊNCIAS.

O PREFEITO MUNICIPAL DE CAMPINA GRANDE, faço saber que a Câmara de Vereadores aprovou e eu sanciono a seguinte,

L E I

Art. 1º - Fica reconhecido de Utilidade Pública, o BLOG RETALHOS HISTÓRICOS DE CAMPINA GRANDE.

Art. 2º - Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º – Revogam-se as disposições em contrário.

VENEZIANO VITAL DO RÊGO SEGUNDO NETO
Prefeito Municipal